COBRA CAPELA



J.W. ROCHESTER

COBRA

CAPELA

médium
Wera Krijanowskaia
espírito
J. W. ROCHRSTF.R
“Cobra Capela

J. W. Rochester
médium
Wera Krijanowskaia

© Copyright - 1999 - 2ª Edição
3.000 Exemplares

Lúmen Editorial Ltda.
Rua Espírita, 34
São Paulo 01527-040 SP - Fone/Fax: (011)270-1353

Capa — 6B Estúdio Tradução - Dimitry Suhogusoff Editoração Eletrônica - Ricardo Baddouh Revisão - Maria Carolina C. Silveira e Joaquim Antonio Pereira Sobrinho Fotolito da Capa - PostScript Fotolitos - Fototraço Ltda. Impressão - Gráfica Palas Athena

fale com a Lúmen
e-mail lumened@uol.com.br



Contracapa

“Realmente, durante a sua carreira artística, Rafaela desenvolveu muitos talentos. O palhaço espanhol, com quem ela aprendeu a sua língua, ensinou-a a cantar, tocando o bandolim. Não raras vezes, mademoiselle Capela arrancara ruidosos aplausos, cantando no palco e vestida de espanhola. Nos longos meses de miséria, Rafaela ganhava o pão de cada dia interpretando cançonetas picantes e árias napolitanas.

Jamais ela cantara com tanta vibração e expressividade diante de numeroso público, como fazia, agora, diante de um único ouvinte deslumbrado, cujo olhar incandescente e respiração ofegante eram a prova de que ele se encontrava sob seus feitiços poderosos.

Sim, de fato, de todo o seu ser parecia emanar um encanto diabólico. A própria Rafaela parecia ter-se transformado. As faces, habitualmente pálidas, ficaram rosadas; os olhos esverdeados lançavam chamas, enquanto as madeixas acobreadas, qual uma auréola, emolduravam' sua cabeça. Naquele momento, ela encarnava a própria luxúria...”

I

Era início de abril de 1875.

O sol espargia seus raios outonais pelas ruas estreitas e precariamente pavimentadas da cidadezinha letã. Uma recente chuva torrencial transformara os resquícios da neve em um enorme lamaçal, formando uma infinidade de poças de água.

Já desde os primeiros contornos da cidade, beirando a rua pessimamente conservada, estendiam-se velhos casebres aparentemente habitados por gente humilde. Tudo ali fazia sobressair as genuínas características campesinas: os animais domésticos, as galinhas, os cães e os porcos a correrem soltos; os patos a nadarem nas poças; os bandos de crianças, brincando na estrada suja.

O último prédio da rua era um sobrado de alvenaria, cujo aspecto imponente se diferenciaria ainda mais das casas semi-arruinadas, se ele não ficasse escondido dos olhos dos passantes por uma alta cerca de madeira, pontilhada por enormes pregos. Atrás dela, viam-se as árvores desnudadas do pomar. Ao lado tio portão, com frente para a estrada, havia um banco de madeira.

O portão abriu-se dando passagem a um homem idoso, magro, todo engelhado, que se dirigiu até o banco.

Vestia uma longa e gasta peliça de panejado marrom. Uma *écharpe* vermelha, lanosa, cingia a gola levantada, posto ser intenso o frio e soprar um vento penetrante do rio que arrastava pequenos blocos de gelo, boiando em seu leito.

A aparência daquele velho era pouco simpática, embora seus traços fossem bastante comuns. O nariz aquilino, com o passar dos anos, tornou-se adunco; os pequenos olhos negros brilhavam de malícia maldosa por debaixo das densas sobrancelhas; a boca desdentada denotava crueldade e rispidez; a barba era desgrenhada e as madeixas de cabelos brancos escapavam do velho gorro de pele, tão sovado que se via o couro cru.

Após cobrir uma parte do banco com um guardanapo de papel de borda vermelha, o velho sentou-se e apoiou no banco seus pés calçados em galochas de cano longo. Em seguida, tirou do bolso um cigarro grosso, acendeu-o e pôs-se a tragá-lo com visível satisfação, se bem que um apreciador de bom tabaco teria fugido aterrorizado daquele odor a se espalhar em fumaça espiralada, rapidamente dispersada pelo vento.

Por cerca de um quarto de hora, o fumante manteve-se sentado, esquentando-se ao sol e deleitando-se com seu cigarro, quando, no fim da rua, apontou um cabriolé, em cuja boléia se divisavam uma mulher de meia idade e um menino com cerca de treze anos. Pela roupa molhada nos grandes cestos, podia adivinhar-se que ela era uma lavadeira voltando do rio.

Ao passar ao lado do homem sentado no banco, ela fez o cavalo parar. Fitando por uns instantes o fumante, exclamou:

— Oh! E o senhor Kunrad!? Graças ao bom Deus, vejo que o senhor está gozando de perfeita saúde!

O velho levantou-se; seu rosto abriu-se num sorriso. Estendendo a mão à mulher, ele disse prazenteiro:

— Josefina! Que grata surpresa, achava que a senhora ainda morasse na cidade! Permita-me retribuir o elogio. Já náo nos vemos há sete anos e a senhora nada mudou - continua bela, formosa e ativa.

Um sorriso deleitável cobriu as faces afogueadas da lavadeira.

— Bajulador! - fez ela, dando um tapinha um tanto forte no ombro do velho. — Estou vendo que o passar dos anos influiu tanto em seu vocabulário como na minha aparência. Oito anos e meio já se passaram desde que eu abandonei o velho ninho, logo depois daquele acontecimento que custou a vida da minha mãe, quando fui morar em Riga. Olhe só para o meu pequeno Hugo! Na época ele contava cinco aninhos, agora é um rapaz de treze anos. Oh, por quantos sofrimentos passei desde aquela época!

— Se a senhora dispõe de tempo, minha boa Josefina, sente-se aqui e conte-me tudo o que aconteceu e o que a fez voltar para nós. Nunca me esqueço do seu maravilhoso café e dos deliciosíssimos paezinhos que a senhora me servia. Desde então, nada provei igual.

— Oh, espero mimoseá-lo com paezinhos bem melhores! Peguei em Riga uma receita fantástica. - E você, Hugo, deixe de ser tonto e dê a mão ao senhor Kunrad; depois, sente-se naquela pedra e aprecie os patos nadando! Mais tarde, se quiser, você pode desenhá-los - ordenou a lavadeira, querendo, pelo visto, que o filho ficasse longe dela.

O velho interferiu.

— Que idéia estranha é essa, minha boa Josefina, mandar um menino tão grande apreciar os patos? Vou chamar minha netinha; ela deve estar brincando com as crianças com um barril vazio e poderá levar Hugo até seus amiguinhos. Rafa! Rafa! — gritou ele em voz penetrante.

Quase imediatamente, do grupo de crianças brincando de rodar um enorme barril destacou-se uma menininha de uns seis anos, que correu em direção ao velho.

Era uma criatura macérrima e miúda, vivaz, graciosa e incrivelmente bonita, apesar de suas pernas salpicadas de barro e azuladas de frio. Um saiote curto e um velho lenço tricotado guarneciam, displicentemente, o seu peito.

Os densos cabelos ruivos e brilhantes, naturalmente encaracolados, desciam feito uma obra de arte desleixada, abaixo dos quadris. Os traços claros e corretos do rosto da menina lembravam um camafeu romano. A pequena boca, muito bonita, tinha uma expressão soberba e obstinada. Mas o que mais lhe destacava a beleza peculiar do rosto eram os grandes olhos verde-escuros, quase pretos, que pareciam dardejar faíscas elétricas. Os cílios negros arqueados, quase a se juntarem na base do nariz, conferiam àquela fisionomia pueril uma expressão de energia lúgubre. A tez era de brancura ímpar, mas, em sua cútis acetinada, não se viam as sardas tão características nas pessoas ruivas.

A figura marcante da menina fascinou a lavadeira.

— Que criança linda! Onde *é* que o senhor a achou? - indagou ela, admirada.

— Já lhe disse: ela *é* minha neta. — Rafa! Este é Hugo - filho da minha grande amiga, a senhora Josefina Reshberg. Vá brincar com ele, enquanto eu converso com a mãe.

Sem se fazerem de rogadas, as crianças deram-se as mãos e correram em direção ao velho barril vazio — seu brinquedo.

Josefina sentou-se no banco e observou:

— E assim, essa linda menininha é a filha de Tereza? Onde anda a mãe? Se não me falha a memória, um ano antes da minha partida ela empregou-se na casa de uma ricaça, segundo me falaram... Conte-me o que aconteceu?! Sem dúvida, ela deve ter casado?

— Oh, Tereza fez uma bela carreira! sustentou o velho, fugindo da resposta direta. - Sabe como foi? A madame, em cuja casa a minha filha se empregou, era uma artista famosa. Ela se apresentava num circo, dançando em um cabo de aço e aos seus pés curvava-se toda a nata de Petersburgo. Num belo dia, aconteceu uma fatalidade: ela caiu do cabo e quebrou a perna. Impedida de andar sobre o cabo, tornou-se cantora de um café. Foi então que a sorte sorriu para Tereza. O dono do café interessou-se por ela, achou sua voz muito

bonita e a fez estrear como cantora. Seguiu-se um sucesso estrondoso; sua ex-patroa ficou verde de inveja.

Um conde, que servia na guarda imperial cavalariana, fez de Tereza a sua amante. Ele lhe arrendou uma magnífica casa, presenteou-a com um belíssimo guarda-roupa e muitos brilhantes. Sua beleza, porém, produziu tanta sensação, que ela começou a ser assediada por um príncipe italiano e por um marquês, que eram — se não me engano — embaixadores. A seus admiradores, logo se juntou um rico banqueiro.

Justamente nesse ano nasceu Rafa. Nem Tereza soube me dizer quem era o pai: o conde, o príncipe ou o marquês. Todos os três eram generosos com a menina. Tereza conseguiu convencer o banqueiro de que a pequerrucha era sua filha. Até hoje ele ajuda monetariamente o seu sustento e nós vivemos com bastante conforto; além do mais, sou responsável pela educação da menina. Para Tereza era bastante constrangedor ficar com a filha, assim, ela optou por deixá-la comigo.

O velho afagou, com ar de satisfação, a barba emaranhada; seus olhos miúdos e espertos fitaram, penetrantes, a lavadeira.

Por menos exigente que fosse Josefina no cuidar de crianças, a visão das nuas e enregeladas pernas de Rafa, e dos andrajos que a cobriam, fê-la duvidar da correção da escolha de Tereza quanto ao tutor de sua filha; ela, contudo, nao achou prudente tocar no assunto e só disse respeitosa mente:

— Claro, claro! Quem melhor do que o avô pata cuidar da pequerrucha? Depois de crescida, a mãe garantirá para ela uma posição brilhante. Com sua beleza, Rafa, sem dúvida, saberá buscar a felicidade, casando, na pior das hipóteses, com um príncipe. Nos dias de hoje, isso não é raro. Na casa onde fiquei, o filho do patrão era amigo de um barão, o qual despo sou uma moça humilde e muito bonita, uma ex-comediante; esta, por sua vez, tem uma amiga, uma reles cigana, que casou com um príncipe e agora vive andando de carruagem com ares de dama de alta-roda.

— Deus a ouça, Deus a ouça, minha boa Josefina, que as suas profecias se realizem! Tudo é possível nos dias de hoje; a origem nobre nada significa, apenas se valorizam a beleza e os talentos. A propósito, Tereza também anda de carruagem e vive com o banqueiro, que prometeu casar-se com ela. No ano passado, ela me convidou para visitá-la em Riga, onde vive atualmente, e até enviou-me dinheiro para roupa nova. Hi-hi-hi! Mas eu não estava bem de saúde, acabei gastando tudo e não viajei.

Josefina sacudiu ameaçadora o dedo indicador e disse:

— Confesse, Kunrad, o senhor preferiu guardar o dinheiro! Eu sei como o senhor é econômico!

— É verdade! Odeio gastos supérfluos - considerou o velho sovina, soltando uma risadinha de contentamento. - Mas, voltando ao assunto, minha boa Josefina, conte-me as suas aventuras.

— Oh! Estas não são tão glamourosas como as de Tereza e contá-las não leva muito tempo. Logo no primeiro ano de mudança para a cidade, sobreveio a desgraça - morreu o meu marido e eu tive de vender tudo. Graças ao bom Deus, consegui um lugar de lavadeira numa casa rica, onde me permitiram ficar com Hugo. Como me sobrava algum tempo dos afazeres e eu tentava economizar algo, comecei a lavar a louça para um pintor, que morava na mesma casa.

O pintor e a sua esposa são gente ótima. Como não tinham filhos, interessaram-se por Hugo e o deixavam brincar em seu jardim; mais tarde, afeiçoaram-se tanto a ele, que começaram a presenteá-lo com roupas, balas e brinquedos.

A boa patroa, com problema nos pés, ensinou Hugo a ler e a pintar; seu marido, ao ver em meu filho um grande dom para a pintura, também começou a lhe dar aulas.

Agora que acabo de receber uma casa de herança, após o falecimento da minha tia, e, querendo me estabelecer aqui definitivamente, o pintor com a esposa anunciaram-me que eles

cuidarão do futuro do meu filho, de tanto haverem se afeiçoado a ele. No outono, quando a pobre patroa retornar das águas medicinais, para onde irá tratar dos pés, eles ficarão com o menino e dele farão um pintor.

Que Deus os abençoe por todo o bem que fizeram pelo pobre menino! Com o tempo, ele terá seu salário e para mim será um grande alívio livrar-me das despesas de seu sustento, pois tenho de alimentar e educar mais dois filhos: uma menina de quatro e um menino de dois anos.

— Mais dois filhos! Ah - ah! Estou vendo, minha boa Josefina, que a senhora não perdeu tempo na viuvez - observou o velho, desfechando uma risadinha irônica e lançando- lhe um olhar malicioso e significativo.

A lavadeira ruborizou.

— O que fazer, senhor Kunrad? O espírito é forte, mas a carne é fraca. Por três anos permaneci fiel à memória do meu marido, mas quando o jardineiro do senhorio começou a me falar de seu amor... eu fraquejei. Gregório era um belo homem e teria cumprido a sua promessa de se casar comigo, se não tivesse subitamente falecido de pneumonia. Aliás, ele era um homem tão probo, que deixou para os meus filhos todas as suas economias: trinta rublos.

Viúva pela segunda vez, decidi voltar para cá de vez. Estou aqui há uma semana e já fui contratada pelo dono de uma fábrica de tecelagem. Já estou pensando em contratar duas moças para me ajudarem, pois não quero que Hugo, logo um homem feito, lide com esse trabalho sujo. Deixei-o me ajudar só por hoje.

Bem, está na hora de ir! Até logo, Kunrad! Visite-me algum dia desses! Pode ser no domingo depois da missa. Venha provar meu café com doces de açafrão, para depois dar a sua opinião sobre eles.

— Com muito prazer, minha boa Josefina! Irei no domingo. Já é hora de chamar Rafa para casa. Está ficando frio e ela pode se

resfriar. Deus me livre que isso aconteça! Guardo-a feito menina dos olhos, pois, de qualquer forma, sou responsável por ela diante da mãe.

— Que nome estranho é esse - Rafa!

— E que o seu nome verdadeiro é Rafaela; dei-lhe este apelido para simplificar. Hi-hi-hi! Bonito nome, mas muito comprido.

Os adultos chamaram pelas crianças, despediram-se novamente e, minutos depois, o cabriolé, abarrotado de roupa, perdeu-se no fundo do povoado. O velho Kunrad e sua netinha entraram pelo portão; o velho o trancou com cuidado e colocou o ferrolho.

No enorme quintal, uma trilha volteava o gramado circular, conduzindo à entrada da casa. Uma grade de bronze protegia o pomar nas laterais do prédio.

Tudo era, outrora, rico e gracioso. Nos dois lados da entrada, viam-se grandes lanternas, agora encardidas de poeira. Um terraço envidraçado levava ao vestíbulo, do qual uma escada conduzia ao andar superior. A escada iluminava-se por um vitral gótico.

Em todos os quartos estampava-se o abandono e a triste za. Tudo era vestígio de luxo e antigo conforto. Ali pendia do teto, sobre a corrente, um lustre vermelho de Pompéia; em um vaso de mármore saltavam aos olhos, feito um feixe de varas, os talos de uma planta ressequida. Em outro cômodo, divisava-se um sofá sem pés, tão carcomido por traças que era impossível dizer de que tecido era guarnecido. Ali mesmo estava um bufê de carvalho, magnificamente trabalhado, mas com as portas arrancadas; havia também algumas cadeiras de tamanhos variados, dois bancos e, junto à janela — duas poltronas com o estofamento surrado.

No centro, em uma mesa branca e sem toalha, viam-se pratos fundos rudimentares, algumas colheres de estanho, garfos, pedaços de pão preto e uma garrafa de cerveja.

Enquanto Kunrad tirava suas galochas e pendurava a pe liça, Rafa sentou-se na poltrona e, cerrando o cenho, entregou-se a divagações profundas. Ela pensava sobre a sua conversa com Hugo, que lhe despertou uma corrente de novas impressões e pensamentos confusos.

O menino, acostumado a entretenimentos mais sérios, logo ficou enfadado de rolar o barril. Ele chamou de lado a sua nova amiguinha, sentou-se ao seu lado e encetou uma conversa.

Hugo contou sobre a sua vida com o pintor, falou de seus planos para o futuro e completou:

— Quando eu crescer, Rafa, vou pegá-la de modelo e farei retratos de Madalenas, como o tio Andrei, pois as Madalenas devem ter cabelos ruivos, iguais aos seus.

— E quando você fará isso? - interessou-se Rafa, com os olhos faiscantes.

— Daqui a alguns anos. Vou lhe pagar por hora de trabalho e, então, você poderá comprar um par de tamancos para nao andar descalça como agora.

— Eu poderia comprar tamancos hoje mesmo, se o velho sovina de meu avô não roubasse todo o dinheiro que a minha mãe me manda. Eu sei que todo mês ela me envia dinheiro, roupa e comida, enquanto ele me obriga a andar descalça. Os doces e as outras coisas gostosas ele vende à judia Minna, que tem uma venda ali, junto àquela casa vermelha, e eu passo fome.

Na voz da criança soavam raiva, desprezo e muita indignação, enquanto o olhar, lançado em direção ao avô, fulgia de ódio, não condizente à sua idade.

— Quando você estiver com fome, passe lá em casa, nós sempre temos leite, torradas e outras coisas gostosas — propôs Hugo, em tom afável.

— Obrigada! Irei sem falta, pois aqui em casa só temos batata e arenque — queixou-se Rafa, amuada.

O chamado dos familiares interrompera aquela conversação. Esperando pelo jantar, a menina ficou imaginando: o que seria um retrato e modelo, e por que é que todas as Madalenas deveríam ser ruivas?

A vinda da magra e corcunda empregada com uma tigela de schi{1} colocada sobre a mesa, fez a menina voltar à realidade. Em dois pulos, Rafa se viu à mesa, acompanhando com os olhos vorazes o quanto de sopa o avô colocaria em seu prato.

Ambos, com a avidez de porcos, começaram a sorver o jantar minguado. O avô, sempre observando desconfiado sua netinha, gritava-lhe a cada momento:

— Fominha! Não coma todo o pão! Não enfie os dedos na sopa! Não vai deixar nenhum pedaço de carne para mim?

O jantar acabou rápido. Rafaela comera muito, ainda que a sensação de fome não passasse. Ela acompanhou com o olhar soturno o avô cruzar vagarosamente os numerosos quartos vazios, para trancafiar-se naquele que ele ocupava bem no fundo da casa, “para repousar” — como o velho normalmente dizia; “para contar o dinheiro” - como afirmava a criada, que se referia muito mal ao seu patrão.

Depois da empregada ter limpado a mesa e se retirado para lavar a louça, Rafaela a acompanhou para a cozinha e sentou-se amuada junto à mesa.

— Truda! Sabe que estou com fome; já não agüento mais essa vida de cachorro! — disse de súbito.

— Eu sei, Rafa! Se eu pudesse, já teria largado este lugar - disse Gertrudes, suspirando pesadamente.

— Vamos fugir, Truda! Podemos ir a pé a Riga - coisa mais fácil! Lá nós contaremos para minha mãe como o velho nos rouba e ela

dará uma bela lição nele - propôs a pequerrucha, animada.

A corcunda, para a qual a vida sempre foi uma madrasta, suspirou pesado.

— Não é má idéia! Só que Riga fica longe! Com meus pés e as costas sempre doentes, levaremos dois dias para chegar lá.

— Grande coisa! Levaremos dois dias, mas poderemos descansar no caminho.

— E o que vamos comer? - revidou Gertrudes.

Pega de surpresa por aquela simples pergunta, a menina fitou a criada com um olhar atônito.

Neste instante, três leves batidas na porta da cozinha interromperam aquela conversação cheia de seduções.

Levemente alarmada, pois sempre receava bisbilhotices do patrão, Gertrudes correu para abrir a porta. No limiar surgiu um homem com um cesto e uma carta nas mãos.

— É aqui que reside Leopoldo Kunrad? - indagou ele.

Ao obter um resposta positiva, ele entrou e depositou, sobre a mesa, o cesto.

— Sou irmão do porteiro da casa onde vive madame Tereza Kunrad, artista de Château de Fleur. Aproveitando a visita que fiz aqui à minha irmã doente, madame Tereza enviou para a sua filha Rafaela este cesto e uma carta a seu pai.

Gertrudes e Rafa trocaram olhares inquietos. Ambas estavam tão absortas em seus pensamentos, que nem sequer notaram que o homem que trouxera as coisas tinha saído.

— Truda, quero ver o que há no cesto. Aposto que são guloseimas e não vou deixar que me roubem — anunciou a menina, toda pálida da agitação.

— Se ele descobrir que abrimos o cesto, vai nos matar — observou Gertrudes, assustada.

— Se ele me bater, eu o mordo! O cesto é meu! — exclamou Rafaela, furiosa.

Acalmando-se um pouco, acrescentou:

— Vamos ao pavilhão do jardim, ele nunca vai lá.

— Diabos, é verdade! Já que a encomenda não veio pelo correio, ele jamais saberá dela — ajuntou Gertrudes, vencida pela curiosidade e cobiça.

A criada pegou o pesado cesto, ordenou a Rafaela que apanhasse uma faca afiada para cortar o barbante e ambas se dirigiram ao pavilhão, onde se trancafiaram zelosas.

Era uma pequena construção, composta de um cômodo e cozinha, que antes servia de residência ao jardineiro. Como tantas outras construções, estava em ruínas, não obstante haver ainda uma mesa velha, toda corroída por brocas, sobre a qual o cesto foi depositado.

Seu conteúdo deixou a corcunda e a menina extasiadas. No cesto havia meias, sapatinhos, um vestido vermelho de lã, um chapéu e uma *echarpe* de pelúcia.

— Meu Deus! Que mãe generosa que você tem! Como ela a ama! - repetia Gertrudes toda vez que tirava alguma coisa nova e a passava para as mãos trêmulas de Rafaela.

Por último, foi retirado um pequeno pacote embrulhado em papel de seda. Dentro dele, havia um pequeno estojo de apetrechos de toalete e uma carteira com cinco moedas de ouro.

— Todo este dinheiro também lhe pertence! Voe deve guardá-lo bem — exclamou, atordoada, Gertrudes.

— Com ele podemos alugar um cabriolé para nos queixar à mamãe - anunciou Rafaela com olhar incendido. - Agora, Truda, olhe aquela caixa que ocupa quase a metade do cesto! Quer apostar que *é* comida?!

A menina não se enganara. Na caixa, encontravam-se biscoitos, um bolo, balas, queijo, sardinhas e salsichas.

Ambas lançaram-se sobre aquelas provisões e puseram-se a comê-las como nunca haviam feito antes. Decidiram esconder os restos da comida no pavilhão e, no dia seguinte, quando Kunrad fosse sair, elas transfeririam tudo para a casa, trancando-os junto com a roupa e o dinheiro dentro de uma gaveta com chave, casualmente descoberta por Gertrudes. Mister acrescentar que a corcunda e a menina ocupavam quartos separados, atravancados por uma imensidão incrível e caótica de móveis velhos e objetos dos mais variados. O velho Harpagão{2} jamais ali metia o seu nariz.

Todas as coisas foram diligentemente acomodadas no cesto. Embrulhando os restos do bolo, Gertrudes notou uma carta, esquecida em seu afã de comilança.

— O mais certo é destruir a carta também; já que o velho a ignora, ele não vai procurar por ela - anunciou Gertrudes, à qual as lautas iguarias conferiram uma coragem inusitada.

A corcunda rasgou decidida o envelope e abriu a carta; mas, à medida que a lia, uma expressão de inquietação e medo se estampava em seu rosto magro e murcho.

De fato, a carta de Tereza não poderia ser ocultada, uma vez que tudo seria descoberto de qualquer forma. A propósito, eis o que ela dizia:

“Fiquei adoecida por todo o inverno. Como o médico me prescreveu um tratamento sério e repouso absoluto por alguns meses, decidi passar o verão com você. Sei que toda a casa está um caos, de modo que em duas semanas mandarei um forrador de

paredes, irmão da minha camareira, para que ele deixe a casa em ordem e a mobilie conforme quero.

“Estou acostumada ao conforto, tanto mais Alfredo - o pai de Rafaela. Uma vez que ele quer rever a filha, estará me acompanhando. Espero ver tudo bem arrumado para a data de nossa chegada. Estaremos aí no fim de maio. No próximo fim-de-semana estou viajando para a Itália. Alfredo faz tudo para que eu fique boa.”

— Felizmente sua mãe não faz menção ao cesto. Pedirei ao meu sobrinho para escrever um outro envelope — declarou Gertrudes em tom decidido, cobrindo a cabeça com um lenço e calçando as galochas.

À noite, na hora do jantar, Kunrad achou sobre a mesa a carta da filha e a abriu, sem nada desconfiar. Depois de lê-la, ficou tão confuso e preocupado, que nem notou o fato de Rafa não haver comido batata nem arenque. Ele nem sequer tocou em sua garrafa de cerveja, indo direto para o quarto.

No dia seguinte, bem cedo, o velho saiu e, para enorme surpresa de Gertrudes e Rafa, dois dias depois voltou com uma mulher, que se pôs imediatamente a fazer uma faxina geral na casa. Durante mais de oito dias ela esfregou e lavou o chão, as janelas, as portas, as escadas; varreu teias de aranha e verdadeiros montes de pó e cacos, que entulhavam todos os cantos da casa.

O grosso da sujeira por sorte fora eliminado, quando chegou o forrador. Este inspecionou toda a casa, deu de ombros e anunciou:

— Aqui não se trata de alguns reparos, mas de uma reforma geral. O senhorio não vai querer morar neste buraco.

Sei que eles não se preocupam com os gastos e, assim, terei de falar com eles para pedir novas instruções.

— Por favor, meu caro, vá até lá e faça tudo como quer a minha filha! Sou um homem pobre e não posso me permitir qualquer luxo,

mas entrego a casa à sua inteira ordem. Só quero deixar para mim o quarto no fim do corredor, que peço não tocarem. Ele é totalmente isolado, tem uma entrada independente, de forma que não atrapalharei ninguém.

Dias depois, o forrador retornou, aparentemente munido de mais amplos poderes, pois logo iniciou uma reforma geral. O piso foi trocado, as paredes foram rebocadas, a casa recebeu nova pintura e os quartos tiveram nova forração nas paredes. Logo, de Riga, vieram diversas carroças com móveis e caixas. E, diante do olhar fascinado de Rafaela, surgiram tesouros jamais vistos por ela, que imediatamente mudaram o aspecto dos quartos, deixando-os irreconhecíveis.

Foram pendurados reposteiros, cortinas rendadas e de seda. O dormitório de Tereza foi guarnecido de móveis, forrado de crepe branco salpicado de rosas; as toaletes — drapejadas de rendas. No *boudoir,* os móveis foram cobertos de seda azul. Os tapetes foram esticados; os espelhos — pendurados; as elegantes estantes com seus adornos caríssimos — instaladas; o lavatório - arrumado.

O jardim também mudou de aspecto. Os canteiros foram limpos, o chafariz foi consertado e até os bancos foram repintados. Resumindo: o buraco sujo transformou-se numa vila elegante e confortável.

Rafaela vivia conjo em um sonho. Ela não arredava o pé de perto dos operários, estava presente em todos os momentos em que se desembrulhava algum vaso ou reles bibelô; a imagem da mãe, dona de todos aqueles tesouros, assumia em sua imaginação infantil proporções fantásticas.

Finalmente, perto do fim de maio, tudo eslava pronto. Era aguardada apenas uma carta do senhorio, anunciando a data da vinda. Antônio, como era chamado o forrador, deu início à contratação de empregados para a casa; o cozinheiro era a sua maior preocupação.

— Eu mesma posso assumir o lugar de um cozinheiro. De repolho, batata e arenque, nem o próprio Cristo faria um almoço decente - asseverou, ressentida, Gertrudes, quando Antônio a esta se dirigiu buscando uma opinião.

Decidiu-se, então, que Gertrudes conservaria seu lugar e que se contrataria mais uma empregada para os serviços gerais e que ajudasse, quando necessário, a arrumadeira. A lavagem da roupa, graças às insistências de Kunrad, ficaria a cargo de Josefina, cujo filho ficou amigo de Rafaela e passava dias inteiros com ela. Tanto quanto a menina, a decoração da casa cativou o espírito do menino.

II

Finalmente veio a tão aguardada carta, em que se participava a chegada do senhorio dali a oito dias. Os últimos retoques foram ultimados com sucesso. Truda encomendou para si dois vestidos novos e alguns aventais brancos; Antônio viajou para Riga e, na volta, trouxe de furgão vinhos e uma infinidade de gêneros alimentícios. Gertrudes não se cabia de satisfação quando se pôs a arrumar, orgulhosa, nas prateleiras do armário, os sacos com cereais e farinhas, tigelas de manteiga, caixas de conservas, açúcar, café, geléias, licores e assim por diante. Finalmente ela se tornara uma cozinheira de casa grande! Já não precisaria temer os gritos nem os impropérios por algum ovo ou pedacinho de açúcar, utilizados sem a permissão especial do patrão.

A venerável Josefina participava ativamente de tudo o que acontecia na casa. À noite, Gertrudes e Rafa ficavam conversando com a lavadeira. Esta última contava histórias infindáveis do passado de Tereza, celebrando favores que ela, Josefina, prodigalizara a mãe de Rafa. Ela até conseguira arrumar um vestido rosa à jovem para que esta pudesse comparecer diante da nova senhora, onde se empregara, visto que o seu pai — o velho avarento — nunca lhe dera sequer um tostão para o guarda-roupa.

— Oh, ele continua um pai monstruoso! A senhora acha, dona Josefina, que ele está feliz com o fato de a filha estar rica? Nem um pouco. Fica trancado em seu buraco, feito um eremita, e nem ao menos sai para ver como anda a decoração da casa. Come também em seu quarto. A senhora acha que ele me agradeceu, quando, ao invés do repolho, batata e o invariável arenque, eu lhe levei ovos cozidos, presunto e um assado de carne com pepinos? Vá

esperando! Ele lambeu os pratos... e é *só.* Oh, ele é um homem impossível!!

Enquanto as duas mulheres se instruíam com esses assuntos, Hugo e Rafa, por sua vez, divertiam-se soltos. O menino não só tinha alguns belíssimos livros com ilustrações, como também uma pequena máquina fotográfica — presente do pintor, seu protetor. Ele tinha as fotos da mãe, da irmã, do irmão e até de todos os recantos da casa; entretanto, os instintos artísticos de Hugo eram, principalmente, insuflados pela beleza de sua nova amiga; Rafa agora era o seu modelo preferido. Ele a filmava em forma de Madalena — deitada na grama com um livro aberto ou, ainda, em forma de Margarida - sentada diante de um velho tear drapejado por uma surrada cortina.

Rafaela estava no sétimo céu. Os contos de fadas, entre os quais o de “Mil e uma noites”, que lhe lia ou contava Hugo, atiçavam já a fértil imaginação da menina e povoavam a sua alma de excitamento indefinido, sede de riqueza, grandeza e de fantasias extraordinárias.

De manhã, no dia da chegada do senhorio, a casa estava engalanada de coroas de flores. Diante da entrada, desfraldava-se uma bandeira vermelha com inscrição em letras brancas: “Bem-vindos”. Todos trajavam roupas de festa.

Josefina, equiparada à sua situação pela velha amizade, viera tomar parte da recepção com os três filhos. Seu vestido verde e a touca com fitas vermelhas eram visíveis de longe. Hugo, empunhando um enorme buquê de flores, postou-se na rua ao lado de Rafa — decididamente encantadora em seu vestido azul de gola larga rendada, ostentando um vivo rubor nas faces miúdas e transparentes, em consequência da inquietação da espera.

Por último, chegou Kunrad. Ele também se ataviou para recepcionar a filha famosa; em sua camisa limpa, colete violeta, gravata preta com quadradinhos amarelos, ele tinha o aspecto de um operário em um dia de festa. De todo aquele traje seu,

entretanto, recendia um cheiro forte e sufocante de cânfora e naftalina.

Toda a companhia, com exceção de Antônio, que já na véspera fora à cidade para encontrar o senhorio, acomodou-se no banco, pregando os olhares na grande estrada.

Finalmente, por volta de uma hora da tarde, apontou uma carruagem fechada, carregada de baús e pacotes. A carruagem aproximava-se lentamente, puxada por magras éguas do correio.

Todos saltaram do banco para recepcionar os recém-chegados. Assim que a carruagem parou, Kunrad precipitou-se para abrir a portinhola; mas, para a decepção geral, ao invés de Tereza, de dentro saiu Antônio, seguido de sua irmã Marieta, vestida faceiramente, com guarda-chuva na mão.

Era uma moça assaz bonita, maneiras de raposa, nariz empinado e olhar malicioso. Ela admirou-se ruidosamente da beleza de Rafaela e beijou-lhe a mãozinha. Em seguida, em companhia daquele séquito, adentrou o quarto a ela reservado, onde acrescentou às suas vestes um avental branco de batista e uma pequena touca plissada, anunciando que o senhorio não viria antes das cinco e, sendo assim, ela tomaria, de bom grado, uma xícara de chá antes de desembrulhar as coisas.

Truda, num piscar de olhos, preparou o chá e o café. Marieta desatou o nó do cesto trazido, abarrotado de *pirojki* ![{3}], biscoitos, e de outras guloseimas apetitosas, oierecendo-os a todos para a degustação.

No momento em que Antônio abriu mais uma garrafa de licor, a alegria foi total. Todos riam e falavam alto, mas a heroína do festim era, indubitavelmente, Marieta. Ela era inesgotável em suas narrativas sobre a ama, cuja generosidade e sucesso enaltecia orgulhosamente, empregando as expressões sempre no plural: “nós fomos, nós recebemos, nós escrevemos”, etc...

Do banqueiro disse pouco, conquanto — dando a entender indiretamente - ele, graças a Deus, não era o único benfeitor.

O tempo passava tão aprazível e as horas corriam tão imperceptíveis, que todos se retesaram ao ouvirem batidas no portão da cerca.

A companhia lançou-se para a rua, a fim de receber o senhorio, vindo um pouco antes da hora prevista. Somente Hugo corria de um lado a outro, tentando achar o buquê perdido. Por fim, achou-o no parapeito da janela da cozinha e arremessou-se, feito um furacão, em direção ao pátio.

O portão estava bem escancarado. Do landau que acabara de entrar no pátio, saiu uma mulher elegantemente vestida e um homem alto, bem conservado, de uns cinqüenta anos. De sua barba já irrompiam fios brancos; seu olhar aquilino, porém, fulgia como o de um jovem.

Tereza era uma mulher muito bonita, ruiva como a filha, de um ruivo, porém, diferente.

Ao ver Rafaela, Tereza soltou um grito de admiração. Estendendo os braços num gesto teatral, ela atraiu ao peito a menina e a cobriu de beijos. Em seguida, voltando-se ao seu acompanhante, disse, carregada de emoção:

— Olhe, Alfred, se não é um verdadeiro anjo a nossa filha!

A beleza rara da menina massageou o ego paterno do banqueiro. Cobrindo-se de um leve rubor, ele ergueu a menina, beijou e fitou-a longamente perscrutador. Estaria ele procurando nos traços da menina alguma semelhança com ele? Oprimia-o alguma dúvida nidificada em sua alma quanto à sua paternidade? Quem poderia sabê-lo? Mas, pelo visto, a beleza arrebatadora de Rafaela venceu todo os receios do banqueiro e ele tornou a beijá-la nos lábios purpúreos e disse carinhosamente:

— Ame-me, minha querida criança, como a amo, e que Deus a abençoe e guarde!

Neste ínterim, Tereza deu um ósculo no pai, mal lhe tocando os lábios e balbuciou:

— Meu Deus! Como a sua roupa fede!

A seguir, ela cumprimentou Josefina secamente, aceitou o buquê de Hugo e, sem dar a mínima atenção para as outras duas crianças, que não paravam de fazer mesuras, dirigiu-se ao terraço. O banqueiro seguiu-a, levando pela mão Rafaela e examinando surpreso e curioso aquela estranha comitiva - parentes e amigos de sua amante. Com um leve menear da cabeça, ele respondeu às mesuras de Kunrad e Josefina e, quando estes fizeram menção de segui-los ao quarto, o banqueiro, com uma leve, mas bastante significativa inclinação do busto, deu a entender que eles estavam dispensados.

Rafa pôs-se a observar curiosa seus pais trocarem as roupas de viagem por outras mais confortáveis. Quando Tereza ordenou à camareira servirem o almoço, a menina, então, encheu-se de coragem para saber da mãe se Hugo e Josefina também iriam comer juntos.

Tereza deu de ombros.

— Como se pode, filhinha, permiti-lo a estas pessoas, quando estamos em família? Marieta! Diga à cozinheira para dar de comer à boa mulher e a seus filhos. E que Antônio lhes dê também duas garrafas de vinho. Meu pai pode comer no seu quarto. A nossa companhia apenas constrangería o velho. Você, Rafaela, pegue esta nota de três rublos e a dê ao menino que me trouxe as flores. Depois volte para almoçar comigo e com o seu pai.

A menina correu para a cozinha no momento em que Marieta acabava de transmitir as ordens da ama. Naquele instante, ali se encontravam Kunrad e Josefina, levemente indignados com a recepção dispensada.

Ao saberem queTereza simplesmente os mandava para a cozinha, a lavadeira ofendeu-se e anunciou que voltaria imediatamente para casa.

— Essa idiota, essa aventureira depravada, esqueceu-se de como eu a vestia e alimentava e, agora, ela nos humilha! Não! Isso não vai ficar assim! Vou lhe dizer o que eu penso dela! — gritava Josefina, vermelha de raiva, andando de um lado a outro e procurando por seu xale e pelos gorros das crianças.

Gertrudes e Antônio seguravam-na, tentando convencê-la de que não valia a pena ofender-se por aquelas tolices e de que Tereza, sem dúvida, os teria convidado à mesa, caso ali não estivesse o banqueiro - um homem orgulhoso e sensível. De qualquer forma, o almoço deles era magnífico e seria até um pecado deixar de comer só por causa de um tolo orgulho, impróprio para uma cristã.

Kunrad não interferia na conversa e nem sequer esboçou qualquer protesto contra todas aquelas ofensas e ultrajes por parte da filha. Toda sua preocupação se concentrava em ter de almoçar no quarto. A determinação não lhe era do agrado, pois a arguciosa Truda era capaz de deixá-lo só com uma parte dos pratos. Assim, ele anunciou inesperadamente que também desejava almoçar na cozinha, junto com todos.

Sem dúvida, ele deveria ser parabenizado pela previdência, já que o manjar servido por Gertrudes era de fato magnífico, sem falar da carne assada de novilho, inicialmenie preparada para o jantar do senhorio. Antônio, autorizado a trazer duas garrafas de vinho, trouxe quatro e aproveitou para pegar uma garrafa de limonada para as crianças. A festança tornou-se ruidosa e logo todas as afrontas ficaram momentaneamente esquecidas.

Por outro lado, Rafaela sentia-se deslocada junto à companhia elegante do pai e da mãe. Esta lhe servia comida lautamente; mas Rafaela, habituada a comer com as mãos, ficava em descompasso com a sucessão dos pratos e continuava faminta. Sua vontade era

chorar e, no íntimo, ela invejava Hugo e as outras duas crianças, a se regalarem de comida na cozinha.

Na hora da sobremesa, o banqueiro deu a Rafaela um prato cheio de balas e frutas cristalizadas e permitiu que ela fosse brincar. A menina não se fez de rogada e imediatamente saiu correndo da sala.

— Ela é encantadora, não é? — disse Tereza, assim que ficou a sós com o banqueiro.

— Sim, jamais vi uma criança tão bonita! - ponderou o banqueiro, acendendo um charuto e acomodando-se numa cadeira junto à janela. - No entanto, ela é rude e as suas maneiras são horríveis - o que, aliás, *é* desculpável em vista do ambiente em que ela vive. Devo lhe dizer, querida Tereza, que você se descuidou imperdoavelmente da educação de sua filha. Eu lhe dou recursos mais do que suficientes para a educação decente da criança. Você me assegurou que o seu pai tem se dedicado plenamente a Rafaela, contudo, está patente que ele tem cumprido muito mal a responsabilidade assumida.

Tereza cobriu-se de rubor. Como ela iria confessar estar retendo, para as suas próprias necessidades, mais de três quartos daquele dinheiro que o seu amante lhe dava para a educação de sua suposta filha?

— Não seja tão severo com o meu pai; ele é um homem simples e não entende muito de educação. Ele fez o que pôde! - sustentou, em tom conciliador, Tereza. — Aliás, o mal ainda pode ser reparado. Rafaela só tem seis anos e, esperta como é, em algumas semanas poderá aprender tudo o que lhe falta.

Tereza aconchegou-se ao banqueiro, cingiu-lhe carinhosamente o pescoço com os braços e beijou-o na face.

— Dê-me instruções precisas para educar Rafaela, escolha uma boa governanta e tudo será fielmente cumprido. Você sabe, Alfred, seu desejo para mim é sagrado!

Visivelmente amolecido, o banqueiro abraçou pelos quadris a jovem e retribuiu-lhe o beijo.

— Obrigado por aturar minhas vontades, querida! Amanhã eu volto a Riga e mandarei uma governanta. Quanto ao resto, estou feliz por você ficar aqui; a casa é confortável e o ar é maravilhoso. Assim, repouse, fique boa e nada negue para si! E escute bem: quando eu voltar, não quero ouvir mais essa tosse!

Tereza suspirou e repousou a cabeça no ombro do amante.

— Se você soubesse o quanto é difícil me separar de você por tanto tempo! Não deixe de me escrever para eu saber que você chegou bem!

— Minha querida! Eu sinto tanto ter de ir a Nova Yorque justamente agora. Mas é necessário. Prometo-lhe não ficar por mais de três meses. Por outro lado, se tudo correr bem, como imagino, quando voltar, cumprirei aquela velha promessa: a de legalizar o nosso relacionamento. Eu quero garantir a Rafaela uma situação respeitada quanto à minha paternidade.

Tereza soltou um gritinho e, jogando-se no colo do banqueiro, ciciou:

— Oh, meu amor! Você é o mais nobre, o mais generoso dos homens! Você sabe que eu nada exijo, aceito tudo como se fosse uma dádiva, pois a minha maior felicidade é o seu amor. Poder dizer a todos abertamente que lhe pertenço, que Rafaela *é* sua filha — oh, quanta bem-aventuninça! Com que orgulho vou ostentar o seu nome!

A emoção parecia embargar-lhe a voz; apenas uma chuva de beijos apaixonados enunciou o arroubo de sua gratidão.

No dia seguinte, o barão viajou após uma despedida comovente de sua amante e de Rafaela.

Ao ficar a sós, Tereza levou a filha ao quarto e inquiriu-a longamente sobre a vida que esta levava; absteve-se, no entanto,

de qualquer comentário ao conhecer alguns detalhes de sua triste existência.

À tarde, a jovem mandou chamar Josefina. Tereza presenteou-a com um lindo corte de tecido para vestido e com um xale de seda; depois de lhe oferecer café e conversarem intimamente, elas se despediram como boas amigas, sem qualquer resquício de mágoa por parte da lavadeira. Na mesma noite, Tereza teve uma conversação séria com o pai; ela o repreendeu severamente pelos modos indignos com que ele tratara Rafaela. O velho avarento ficou justificando-se e mentindo cinicamente ao relatar que a sua enfermidade o obrigara a gastar todo o dinheiro destinado para a manutenção da neta, e terminou por se queixar dos preços extorsivos cobrados por alimentos. Por fim, essa conversa desagradável encerrou-se em paz.

Alguns dias mais tarde, veio de Riga uma governanta enviada pelo banqueiro, trazendo uma infinidade de brinquedos para a filha e diversos presentes para Tereza. Esta recebeu, sobranceira, a tímida e descorada moça e delineou-lhe os projetos da educação de Rafaela — um programa complexo que seria acompanhado pessoalmente pela mãe —, o que, aliás, não a impediu de instalar a educadora com a sua pupila no andar inferior, o mais longe possível de seus apartamentos.

Passaram-se algumas semanas, sem nada digno de atenção. Amélia Wilde - a nova governanta — pôs-se, diligentemente, a educar Rafaela, esforçando-se em corrigir suas maneiras grosseiras e subsidiá-la com alguns conhecimentos elementares, já que a menina estava tão largada, que nem conhecia o abecedário. Rafaela tolerava os estudos, sabedora de que a governanta lhe queria bem. A menina esforçava-se para vencer seus maus modos e moderar-se no uso de expressões chulas, empregadas tanto em ocasiões próprias como impróprias. Hugo Reshberg também aproveitava as aulas e a sua presença era um excelente meio de instigar a vaidade da menina, que se esforçava em aprender a ler e escrever tão rápido quanto ele.

Tereza deixou de se preocupar com a filha. No início, a jovem se distraía visitando a lavadeira ou recebendo esta em casa, mostrando-lhe seus vestidos ou contando-lhe as histórias mais escabrosas de suas andanças em Petersburgo e Riga. O resto do tempo, ela passava comendo, dormindo ou conversando com Marieta - sua confidente.

Mas essa vida monótona logo a enfastiou. Ela comprou um pequeno cabriolé com pônei, dirigido por ela mesma, e começou a fazer excursões pelos arredores. Seus passeios tornavam-se cada vez mais demorados e, por vezes, duravam o dia inteiro. Certa tarde, ela recebeu, inesperadamente, a visita de um homem jovem, muito distinto, que ficou em casa até tarde; as vindas dele, desde então, tornaram-se freqüentes. Ele sempre aparecia vindo a pé ou a cavalo. Ninguém da vila lhe conhecia o nome e, tampouco, de onde ele era.

Rafaela e a sua governanta receberam ordens de não saírem enquanto aquela visitação durasse; de suas janelas, porém, elas viam o momento da chegada do desconhecido. Amélia não se enganava quanto à natureza daquelas vindas e tinha pela patroa um profundo sentimento de desdém e repugnância.

Certa feita, a governanta recebeu uma carta da prima, também exercendo as funções de educadora em Petersburgo. A missiva dizia que os pais de sua pupila estavam passando o verão em sua propriedade de Curlândia[4] e que ela, a prima, veio a descobrir, havia algumas semanas, ser vizinha de Amélia. No fim da carta, a prima convidava Amélia com sua pupila para visitá-la naquela propriedade.

No dia seguinte, Amélia pediu permissão a Tereza para ir até a parenta, levando Rafaela, pois que Taíssa — filha da condessa Argunova — contava apenas sete anos, assim se constituindo em uma bela coleguinha de sua pupila.

O semblante de Tereza nublou-se ao ouvir o sobrenome da condessa. Por alguns instantes ela refletiu, de cenho cerrado e

mordiscando o lábio inferior; mas, sobrepujando os outros sentimentos, e, talvez, imaginando que sua filha pudesse se tornar uma amiga da condessa, ela anuiu ao pedido da governanta.

Após o desjejum, Amélia e sua pupila puseram-se a caminho. Até a propriedade da condessa era uma hora a pé; o dia, entretanto, era tão maravilhoso e o caminho tão sombreado e pitoresco, que nenhuma delas sequer se cansou e logo se viram num magnífico parque e, por uma alameda bem cuidada, subiram a colina, em cujo cimo estava um gracioso palacete em estilo do século 18. Seu interior não desmerecia o aspecto externo. As visitas foram recebidas pelo mordomo de libré, anunciando que a condessa se ausentara, mas que mademoiselle Taíssa e a sua governanta se achavam em seus apartamentos, para onde ele as levaria.

Cruzando os luxuosos quartos, repletos de móveis e objetos valiosos e raros, em meio a verdadeiros bosques de plantas, Rafaela se sentia um tanto acanhada. Involuntariamente ela se inibia, por causa do enorme contraste daquela tranquilidade aristocrática e a vulgaridade ruidosa de sua casa. Finalmente, o mordomo foi substituído pela criada; esta as levou para um espaçoso quarto com saída para um terraço, onde estava sentada uma mulher de uns trinta anos, de vestido preto. Junto a ela aconchegava-se uma menininha, ocupada em tecer coroas para as suas bonecas. As primas se abraçaram efusivamente e, depois, apresentaram as meninas, que se examinaram mutuamente. Taíssa Argunova, ainda que fosse seis meses mais velha que Rafaela, era menor de estatura e destacava-se por uma compleição mais delicada e tenra. Os grandes olhos de azul acinzentado, emoldurados por densos cílios negros, fulgiam de doçura e tranquilidade da inocência. Os cabelos escuros, encaracolados, caíam-lhe abaixo dos quadris; toda a sua figura respirava aquele ar de dignidade e charme, que só uma educação esmerada poderia proporcionar.

Ao notar que Rafaela se comprimia afogueada e inibida à governanta, Taíssa estendeu-lhe a mãozinha fina e disse em tom

afável:

— Venha comigo ao jardim! Se mademoiselle Vérter permitir, eu lhe mostrarei os cisnes e a minha cabritinha Rosabelle.

Obtida a permissão, as crianças desceram ao jardim. Durante o passeio, Rafaela sondou o ambiente. No início, as meninas alimentaram os cisnes e a cabrita que pastava no cercado, depois elas brincaram de bola no pavilhão chinês e de balanço de corda. A visão de todas aquelas maravilhas inusitadas causou a admiração e a inveja daquela criança abandonada, que, há apenas três meses antes, vivia correndo descalça pela rua, sempre faminta, e punha em execução todos os expedientes para se livrar das doloridas palmatórias do velho Kunrad.

Após o término do passeio, almoçaram. Depois, as meninas se enfurnaram no quarto de crianças diante do enorme armário de Taíssa, repleto dos mais variados brinquedos, enquanto as primas se instalaram no quarto contíguo para, finalmente, desabafarem.

Amélia confiou à parenta o quanto lhe era difícil viver numa casa suspeita, na qual se empregara por necessidade. Vérter prometeu tentar colocá-la na casa dos parentes da condessa, cuja governanta ia casar-se. Por sua vez, Vérter elogiou o seu próprio lugar, muito bem remunerado e agradável em todos os sentidos.

— O conde deve ser muito rico - observou Amélia.

— Ele, não! Todo o patrimônio pertence à sua esposa. Ela é nascida baronesa Rodenberg. Seu avô ocupou um alto posto na corte. Os pais da condessa morreram ainda jovens e ela foi educada pela avó. A condessa foi à casa dela, pois a avó está doente. O casamento da mãe de Taíssa não é dos mais felizes. Ela ama seu marido e, de fato, ele é um homem bonito, mas é um pândego e dissipador. Ele vive traindo a esposa e dilapida seus bens. Não o suporto; em seu olhar há algo de falso e cínico, que me repele. Ademais, gosto muito da condessa, uma pessoa boníssima, que esse patife logo levará ao túmulo, pois toda essa situação

angustiante já lhe abalou a saúde. Ela sofre do coração e os médicos acham perigosos seus repentes de completa apatia para exacerbação tresloucada.

— Pobre mulher! Tão rica e nobre e, ao mesmo tempo, infeliz. Talvez ela seja feia e o conde tenha se casado por dinheiro? — aventou Amélia.

— Feia? A condessa? - exclamou Vérter, rindo. - Não, minha amiga, ela é bela feito um anjo! Canta e toca piano como uma verdadeira artista. É a própria perfeição! Um devasso, feito o conde, como pode gostar de gente honesta? Venha comigo! — prosseguiu ela, ao se certificar que as crianças estavam folheando um livro com ilustrações. - Enquanto elas estão retidas, quero lhe mostrar o gabinete da condessa. Lá existem os retratos dos dois.

Ambas cruzaram o corredor, o banheiro, o dormitório e entraram no *boudoir,* decorado no estilo de Pompadour. As paredes estavam cobertas de retratos em molduras douradas.

— Esta é a condessa com a avó - disse Vérter apontando para um grande quadro, no qual estava representada uma senhora de meia-idade, vestida de preto, e uma jovem encantadora, muito parecida com Taíssa, de aspecto altivo e sobranceiro, atributos que à sua filha, por enquanto, faltavam.

— E verdade, ela é linda! Taíssa será sua cópia fiel - observou Amélia.

— Sim, a mãe e a filha são muito parecidas e têm uma verdadeira paixão uma pela outra. A condessa mima demais a criança, mas ela é tão boa, que isso não afeta o seu caráter. Você nem imagina como é gratificante ter uma pupila tão obediente, respeitosa e meiga! Amélia suspirou. - Infelizmente não posso dizer o mesmo da jaguatirica da qual tomo conta. Jamais imaginei que pudesse existir uma criança tão abandonada, esperta, cínica, gulosa e explosiva. Oh, é uma responsabilidade terrível tomar conta de Rafaela!

— Olhe, este é o conde - disse Vérter, levando a prima até a escrivaninha e apontando-lhe um retrato. Mal Amélia lançara-lhe o olhar, um grito abafado soltou-se de seu peito.

— Meu Deus! E aquele senhor que não sai de nossa casa; eu logo achei que ele era amante da patroa, pois Rafaela me contou que sua mãe ganhara dele um chapéu muito lindo - disse ela, visivelmente indignada. O rosto de Vérter contraiu-se em ira e desprezo.

— Ah, então é ali que ele some por dias inteiros, enquanto sua pobre esposa vagueia feito uma alma penada! Precisamos conversar seriamente sobre isso outra hora. Farei tudo para que você largue essa cortesa. E, agora, vamos até as crianças! Agora já tenho medo de deixar Taíssa por tanto tempo sozinha com sua Rafaela. Não a traga mais aqui! Ela pode encontrar o conde e dizer coisas que não deve.

Continuando a conversar, as duas mulheres retornaram ao quarto de Taíssa. Ali, enquanto elas estavam ausentes, o céu deveras anuviou-se. A primeira divergência surgiu por causa do livro com as ilustrações. Rafaela, folheando as páginas, umedecia os dedos com a saliva; Taíssa percebeu e disse que aquilo era proibido. Enfurecida consigo mesma, Rafa afastou o livro e aproximou-se do armário com os brinquedos. Acostumada a ser amável e acautelada em relação às visitas, Taíssa começou a tirar caixas e caixas de uma verdadeira coleção de bonecas; mas Rafaela, procurando algo que lhe pudesse descarregar o mau humor e morrendo de inveja da infinidade daqueles tesouros, tirou-as todas e deixou amontoadas num canto; em seguida, sem conseguir despir uma boneca, ela arrancou-lhe o espartilho.

Incendida, com o cenho carregado, Taíssa, no início, ficou observando calada a aniquilação de seus brinquedos; mas, quando ela viu que o vestido de baile de sua boneca preferida ia se transformando em farrapos, ela gritou:

— Não pode rasgar os vestidos das bonecas! Mademoiselle Vérter não permite isso.

— Eu estrago e rasgo o que eu quero! Minha mãe permite isso e diz que o banqueiro pode me comprar bonecas novas — retrucou Rafaela.

Depois, atirando a boneca ao chão, ela acrescentou rispidamente:

— Você acha que eu não vi nada melhor que essa porcaria? Tenho em casa uma linda boneca com vestido de cetim branco. Eu já o sujei todo e ninguém me disse mula.

Nesse ínterim, entraram as duas governantas e, ao primeiro olhar, notaram que a concórdia não mais existia; temendo o retorno do conde e da condessa, Amélia anunciou que era hora de elas voltarem para casa.

Depois de amarrar o chapéu de Rafaela, Amélia despediu-se de Taíssa e da prima. Rafa estava tão enfurecida que não quis se despedir de ninguém; virou as costas e saiu correndo do quarto.

— Você é tão rude e mal-educada, que fico vermelha por você. Nem ao menos se despediu delas e tampouco agradeceu Taíssa por lhe mostrar os brinquedos — repreendeu severamente Amélia, assim que ambas se viram na alameda.

— E por que deveria agradecer? Ela não me deu nada e, para olhar, não se paga - objetou a pequena megera insolente.

Amélia deu de ombros e ambas continuaram o caminho. Enquanto a governanta pensava sobre a sua descoberta, Rafaela rememorava o que ela tinha visto. O coração da menina transbordava de ódio e inveja de Taíssa, rica e mimada, que jamais andara descalça, roera restos de pão ou tivera de comer o arenque, e sempre vivera naquela magnífica casa em nada parecida com a sua.

Retornando para Casa, ela correu para o quarto da mãe e, com as faces afogueadas, começou a narrar as maravilhas vistas. Tereza

ouviu-a com interesse crescente e fez muitas perguntas. Por fim, despachando a criança, ela mergulhou em divagações profundas.

III

Passaram cerca de duas semanas após o acontecimento narrado. A condessa Argunova acabara de voltar da casa da avó, visitada diariamente, ainda que esta praticamente estivesse recuperada da doença.

A jovem, pálida e triste, deixou-se despir apaticamente, envolveu-se num largo e confortável penhoar de batista, orlado de rendas, e deitou-se no sofá. A criada aproximou-lhe a mesinha e deu-lhe um livro e uma almofada para acomodar melhor a cabeça.

A velha Maria era para a condessa antes uma amiga do que uma criada. Ela servira a sua mãe por quinze anos e, quando esta morreu, alguns meses depois de casada, começou a trabalhar para a condessa.

Oito anos passaram-se desde então. Durante todo esse tempo, Maria foi testemunha de todas as decepções de sua jovem patroa, uma testemunha silenciosa do tormentoso matrimônio, em que, enquanto um sacrificava todo o seu coração, o outro ostentava apenas a ilusão do amor, palavras vazias e banais, e aquela aparente ternura que disfarçava a indiferença e a traição, mas que não conseguia enganar por muito tempo um coração que amava de verdade.

Nos dois primeiros anos, Argunova, dilacerada por suspeitas e ciúmes, rendia-se aos repentes de um selvagem desespero, pois, por mais que o conde fosse hábil na arte de encobrir as suas aventuras, por mais que fosse eloquente em suas justificativas, a verdade sempre vinha à tona. Até que a condessa simplesmente deixou de acreditar no marido. Ela já não se iludia com os seus fingidos arrulhos. Depois de passar por todos os estágios de ciúme, desespero e fúria impotentes, ela, soturna e apática, fechada em si

mesma, protegendo dos olhares estranhos o ferimento no coração, só buscava a felicidade e consolo em sua filhinha.

Essa luta estafante dos sentimentos engalfinhados que ela não conseguia dominar abalou finalmente a saúde da pobre jovem. O médico constatou problemas no coração e um estado de neurose. A condessa passava da apatia generalizada à fúria insana toda vez que alguma punhalada traiçoeira lhe abria as chagas, ou lhe incitava o ciúme indomável. Debalde ela tentava se imbuir de que o seu pérfido e inconsequente marido não valia nem lágrimas nem piedade, e que, por amor à filha, ela deveria evitar aquelas perturbações perigosas para a sua saúde; o coração desobediente nada ouvia e abafava a voz da razão.

Naquele dia, a partir do qual reiniciamos a nossa narrativa, ela estava especialmente nervosa e irritadiça. Como de hábito, não encontrou o marido em casa; sabia que já no decorrer de algumas semanas, sobretudo a partir do adoecimento da avó, ele raramente parava em casa, desaparecido em algum lugar. Pelo visto, aquilo seria mais um capítulo em sua nova paixão. Mas com quem? Ela não tinha a mínima idéia.

A chegada da pequena Taíssa interrompeu seus pensamentos lúgubres e o palrear da criança distraiu-a. A jovem sempre hauria nos olhos meigos e límpidos da filha a tranquilidade e o esquecimento.

Mãe e filha tagarelavam e riam, discutindo o plano de ida à casa da avó, e a surpresa que elas preparavam pela ocasião de seu restabelecimento, quando Maria adentrou o quarto, trazendo uma carta na bandeja.

A condessa pegou apaticamente a carta e a abriu. Mal havia percorrido com os olhos as primeiras linhas, empalideceu feito um cadáver. Seus olhos cerraram-se, a cabeça recostou-se frouxa sobre o espaldar da poltrona.

— Mãe, mãe! O que houve? Você está passando mal? - começou a gritar Taíssa, assustada, abraçando-a.

A condessa não estava desmaiada, ela acabara de ter uma crise cardíaca extraordinariamente forte. Ao ouvir os gritos e o choro da filha, cheios de desespero, ela se esforçou para dominar a dor lancinante e conseguiu se erguer um pouquinho. Maria, com a rapidez de um relâmpago, precipitou-se até o criado-mudo, onde ficavam os calmantes. Em seguida, obrigou a patroa a tomar algumas gotas, levou-lhe para cheirar um frasco de sais e começou a esfregar suas têmporas e as palmas das mãos com as essências.

A condessa sentiu alívio. Tentando esboçar um sorriso, ela abraçou Taíssa e disse:

— Acalme-se, querida! Simplesmente passei mal, agora estou bem. Só preciso descansar um pouco; Maria me fará uma compressa fria. Vá brincar com mademoiselle Vérter. Na hora do chá, estarei boa e nós o tomaremos juntas.

Tranqüilizada com o sorriso e a promessa da mãe, Taíssa correu ao quarto da governanta. A condessa deitou-se no sofá, enquanto Maria ficou preparando a compressa fria. Quando esta a colocou na condessa, balbuciou em um tom indeciso:

— Minha querida senhora! Pense na criança e no que lhe disse o médico a respeito de fortcs emoçoes. Que novidades poderia lhe trazer essa maldita carta?

— Tem razão, Maria! Esta carta demonstra mais uma patifaria, mas, pelo menos, ela me servirá para tomar uma decisão definitiva. Não quero nem posso aguentar mais esta vida de mentiras, falsidade e traições diárias. A amargura e o rancor sufocam-me; ele volta dos braços da cortesã e depois me beija e fala de amor. Decidi me separar dele, irrevogavelmente. Ele que viva como quiser! O que eu soube, ajudar-me-á a desmascará-lo e acabar, de uma vez por todas, com suas mentiras e contradições. Agora, minha boa Maria, deixe-me sozinha! Tenho muito o que analisar. Cuide para que, às

nove em ponto, nos seja servido o chá no *boudoir*, e que, às dez, Pedro leve ao portão do jardim um cavalo selado, e que ele também se apronte para acompanhar-me. Prepare-me o vestido de amazona; depois de tomar chá com Taíssa, eu vou me trocar.

— Nossa Mãe! A senhora vai sair montando depois dessa crise? O médico lhe proibiu montar a cavalo! - prorrompeu-se Maria, empalidecida.

— Sei melhor que você o que devo e o que não devo. Peço-lhe para fazer o que mandei — retrucou a condessa.

A criada retirou-se calada. Ela sabia por experiência que qualquer persuasão seria inútil toda a vez que na testa da ama se formava uma prega umbrosa e em seus olhos fulgia uma chama febril.

Depois do chá, a condessa saiu do *boudoir* calma e aparentemente alegre. Presenciou Taíssa arrumando-se para dormir e só depois que a menina adormeceu, feliz e tranquila, a jovem foi ao gabinete, trocou-se com a ajuda de Maria e desceu apressadamente ao jardim.

Não longe dos portões do parque, aguardava-a Pedro, segurando pelos arreios dois cavalos. Ele, calado, ajudou-a a montar em um deles. Assim que saíram dos portões, a jovem inquiriu se ele conhecia a cidadezinha e a casa de um tal Kunrad.

— Sim, condessa, conheço o lugar. A casa de Kunrad é o primeiro prédio, entrando na cidade. Podemos chegar lá direto, tomando esta estrada.

Apesar das dores que lhe causavam as sacudidelas, a jovem incitou o cavalo ao galope. Aliás, em sua forte excitação, ela pouco se importava com o seu estado doentio, todos os seus pensamentos se concentravam na carta anônima, denunciando uma relação de seu marido com uma artista famosa, pela qual ele nutria uma paixão tão ardente, que a esposa se lhe tornara um peso enorme, tal qual os grilhões para um escravo.

Quem teria enviado aquela informação? Ela, positivamente, perdia-se em suas conjeturas inúteis; jamais lhe passaria pela mente que a responsável pela denúncia era a própria Tereza, e a culpada inconsciente daquela atitude - Rafaela.

As descrições da menina sobre o luxo nababesco da casa dos Argunov, seus jardins magníficos, o grande número de criados e todo aquele prédio grãfino, cujo valor fora instintivamente estimado por Rafa, despertaram na alma ambiciosa e devassa da cortesã uma inveja sem igual. Por que não aproveitar daquilo que tem o conde, ainda mais por ele lhe nutrir uma paixão tão louca? Era preciso apenas tirar do caminho, legalmente, a condessa que estava agarrada a ele.

Que ódio ela nutria por aquela condessa que ousava comprazer-se no usufruto daquela casa grãfina, a qual, por direito, deveria pertencer a ela, Tereza, e à sua filha! Ela não sossegaria enquanto o conde não a expulsasse e não se separasse dela. Desejava ser uma condessa, queria frequentar a corte e a alta-roda! Com sua beleza e charme seria falta de senso desposar um banqueiro velho, que apenas lhe poderia proporcionar riqueza, mas não conseguiria engalaná-la com um título nobre e abrir as portas da aristocracia.

Cada vez mais entusiasmada com os seus grandiosos planos, Tereza vivia sonhando com títulos, recepções na corte e homenagens diversas. O banqueiro inspirava-lhe apenas um desdém irônico. Seus sonhos eram um fato consumado. Em sua fantasia circunscrita, ela se esquecia de que a fiha de um agiota provinciano, que iniciara a sua carreira como criada, e à qual as contingências da prostituição propiciaram uma dúbia situação financeira, para sempre permanecería um pária para os soberbos representantes da aristocracia, e de que o próprio conde, que lhe jurara amor, teria rido em sua cara, se soubesse de suas intenções de candidatar-se para esposa.

Tereza desconhecia um pormenor importantíssimo: que praticamente todo o patrimônio pertencia à condessa. Por alguns

desígnios do destino, ela soube que Argunova era uma mulher muito ciumenta e baseou, nessa circunstância, todo o seu plano de ação.

Após muitas reflexões, Tereza chegou à conclusão de que a melhor forma de separar o casal seria provocar um escândalo. Se a condessa tivesse em mãos as provas irrefutáveis da perfídia do marido, sem dúvida não se conteria e aprontaria uma cena terrível; ela, Tereza, então aproveitaria a ira do conde para um desfecho decisivo. O resto seguiría o curso natural.

Ao optar por esse plano, Tereza escreveu e despachou uma carta anônima, que faria com que Argunova fosse à sua casa. A idéia de que o adúltero seria pego em flagrante pela esposa legítima nem sequer a perturbava, pois o sentimento de vergonha ou de dignidade própria era alheio a Tereza. Ela sabia a importância que teria o cônjuge testemunhar a cena, tanto mais em sua própria casa, o que lhe garantia vantagens adicionais.

Aos poucos, a condessa foi diminuindo o galope do cavalo. Seu coração palpitava dolorosamente, cada nervo vibrava e fremia. Seus devaneios foram interrompidos pela voz do cavalariço, que, apontando para uma construção circundada por cerca de madeira, falou:

— Aquela é a casa de Kunrad!

Argunova parou o cavalo, ordenou que o cavalariço a ajudasse a apear e instruiu-o para aguardá-la, junto com os cavalos, sob as árvores que emolduravam a estrada. Em seguida ela se dirigiu ao portão, encontrando-o destrancado. No pátio, a condessa parou um pouco, tentando se orientar. Neste instante, ela divisou uma mulher corcunda que se aproximava com um cesto na mão. Era Gertrudes, que apesar da hora tardia (já eram duas e meia da madrugada), queria levar o resto do jantar a Josefína.

Ao topar com a mulher desconhecida, Gertrudes estacou, surpresa, mas a condessa colocou-lhe na mão uma moeda de ouro

e perguntou baixinho:

— Diga-me onde posso encontrar a patroa e o homem que está com ela?

A moeda de ouro inspirou a Gertrudes bastante respeito. Momentaneamente perpassou em sua mente a idéia de que aquela charmosa madame, tão lívida, de olhar incendido, empunhando um chicote, poderia criar algum aborrecimento a Tereza. Gertrudes regozijou-se; sua ríspida e cruel patroa vivia atormentando-a sempre que podia e escarnecia abertamente de seu defeito.

— Lá, minha senhora! Entre no vestíbulo, suba a escada e depois vire à direita. A senhora verá uma grande sala de estar, depois o *boudoir,* onde normalmente fica a patroa, se ela não estiver no dormitório. Vá sem susto! A senhora não encontrará ninguém no caminho, pois a camareira está na cozinha.

Gertrudes fez uma reverência meio desajeitada e dirigiu-se apressada para o portão, atrás do qual sumiu.

Leve, feito uma sombra, a condessa passou pelo vestíbulo e subiu a escada. A sala de estar estava vazia; mas, sobre a mesa, junto da lâmpada, jazia o chapéu do conde. No *boudoir* também não havia ninguém, somente do dormitório ouviam-se vozes e risos sonoros.

A condessa esgueirou-se pela porta e levantou cuidadosamente o reposteiro. Diante dela se descortinou o dormitório da cortesã. Sobre um sofá baixo, ao pé da cama de casal, estava sentado o conde e em seu colo - Tereza, de négligé pictórico. Ao lado, sobre a mesa, viam-se garrafas de champanhe e confeitos em vasos de cristal. As velas acesas em candelabros de cinco braços, ladeando um enorme espelho, iluminavam vivamente os rostos afogueados dos colocutores.

Febricitante, mal conseguindo respirar, a condessa fitou o seu marido, que neste momento lhe parecia um homem estranho. Jamais no semblante daquele jovem amável, precavido e

equilibrado, por qual ele se passava, ela vira uma fisionomia tão apaixonada nem ouvido um riso tão cínico; a bacante seminua que ele abraçava era a própria personificação da luxúria.

Os dois já tinham bebido bastante. Enlaçando o pescoço do amante com suas grossas tranças ruivas, Tereza ora levava a taça de champanhe aos lábios dele, ora aos seus.

— Então, Adrian? Você jura casar comigo assim que se livrar da idiota de sua esposa? — inquiriu Tereza, dando um sonoro beijo na face do conde.

— Juro o que você quiser! Mas diga-me, minha deusa, que mosca a mordeu hoje? Desde que cheguei você não para de falar do desquite, do casamento e de outras tolices, que não têm nada com o nosso amor.

— Eu exijo que você se separe, porque o adoro e quero tê-lo sem precisar dividi-lo com outra. Além do mais, quero ser uma condessa e ocupar ao seu lado a posição que me pertence por direito, pois você ama unicamente a mim e não àquela criatura tonta, à qual se acha preso.

— Há muito tempo para falar disso; por enquanto basta lhe dizer que você é mais amada que todas as condessas juntas.

— Não, eu quero que você me prometa formalmente desquitar-se da esposa e casar comigo.

— Está bem! Prometo-lhe isso com a condição de...

O conde interrompeu a fala; seu olhar parecia pregado no espelho que ficava em sua frente. Nele se refletia a silhueta da esposa. Ela estava parada no umbral da porta, lívida feito cadáver, olhar flamejante e uma expressão estranha, que ele jamais vira antes.

Mas, antes que ele pudesse juntar as idéias e dizer algo, ele viu um rubor escuro espalhar-se pelo rosto da condessa e ela lançar-se em direção a Tereza, que, de costas para a porta, prosseguia em sua oratória, sem perceber, ou sem condições de perceber o estado

de seu amante. Subitamente, ela soltou um grito agudo. Um golpe violento do chicote estampou um risco púrpuro em seu ombro desnudado e uma voz rouca e sibilante gritou-lhe no ouvido:

— Antes de se tornar uma condessa, receba algo que você merece, sua cadela desprezível!

A conversa ouvida pela condessa teve o efeito de um choque elétrico. Já por si só doente e com os nervos à flor da pele, ela parecia ter perdido a noção de tudo. O sangue lhe afluíra ao cérebro com tal intensidade que, por cerca de um minuto, ela viu tudo como que através de uma cortina. Movida por um desejo indefinido, mas selvagem, de aniquilar a mulher que se atrevera a sugerir sua separação, ela se atirou sobre Tereza e uma chuva de golpes de chicote desabou sobre o pescoço, costas e cabeça, atingindo também as mãos do marido, que não conseguia se desvencilhar da coquete, pois as suas grossas tranças envolviam o pescoço dele.

Finalmente, ele conseguiu se desvencilhar rudemente, empurrou Tereza, que zurrava feito animal selvagem, e atirou-se na direção da esposa, que parecia ter perdido total mente o tino.

— Júlia! Pare! Pare, pelo amor de Deus! gritou, agarrando as mãos da esposa.

A jovem voltou a si rapidamente e deu um passo para trás. Seu olhar turvou-se, ela cambaleou feito ébria e teria caído no chão, se o conde não a amparasse.

Mas a Tereza também voltara a presença de espírito. Feito *F*úria[{5}], ela saltou até a mesa, apanhou um garfo e, agitando-o, partiu em direção à condessa, tentando atingir-lhe o pescoço. Mas o conde desferiu-lhe um soco, atirando-a para longe, e gritou:

— Para trás, desgraçada! Chega de brincadeiras!

Tereza cambaleou, perdeu o equilíbrio e caiu, levando consigo a mesa, na qual tentou se segurar.

Toda ensanguentada, espumando pela boca, Tereza levantou-se em meio a cacos de vasos e garrafas, frutas e confeitos esmigalhados. Difícil seria prever o que poderia ter acontecido, se, neste instante, não surgissem de um lado Marieta, o cocheiro e a lavadeira e, de outro — Rafaela com Amélia. Os gritos desatinados e o barulho da louça quebrada puseram de pé a casa toda.

— Ivan! Segure essa louca desvairada! Vou recompensá-lo bem por isso - gritou o conde, erguendo a esposa desmaiada e dirigindo-se à porta.

— Covarde! Traidor! Mentiroso! Frouxo! - rugia-lhe atrás Tereza, tentando se livrar das mãos do cocheiro.

Mas o conde já havia desaparecido. Como um furacão, ele desceu a escada e só parou para tomar fôlego depois que o portão se fechou atrás dele.

Por alguns instantes, ele se apoiou na cerca para descansar e juntar as idéias. E agora? Como levar para casa a esposa, desfalecida em seus braços?

Neste minuto, vinham chegando duas mulheres. Parecia que ambas estavam muito preocupadas, apressando-se para entrar na casa. Ao notarem junto do banco o conde, amparando uma dama cuja cabeça pendia inânime, elas estacaram assustadas. Era Gertrudes com Josefina, açodadas em saberem o que estaria acontecendo, pois a cozinheira confiara à amiga a vinda de uma mulher misteriosa, que, pelo visto, queria flagrar o moço, que, sem dúvida, aquela desgraçada da patroa estava depenando e separando da família.

Josefina foi a primeira a recuperar o controle. Então, a catástrofe se consumara! Que sorte sua de conhecer os personagens principais daquele episódio!

— Ah, meu bom senhor! O que aconteceu à sua dama? Talvez eu possa lhe ser útil? - perguntou ela com sofreado interesse, segurando a cabeça da condessa.

— Minha esposa passou mal durante o passeio. Gostaria de deitá-la em algum lugar e esperar que ela volte à consciência - respondeu o conde.

— Minha casa é logo ali. Eu o ajudo a carregá-la; lá a gente faz ela voltar a si - prontificou-se Josefina.

Em seguida, apareceu Pedro ao reconhecer a voz do patrão. Atendendo às ordens do conde, ele amarrou os dois cavalos à árvore e ajudou a levar a condessa até a casa de Josefina, onde ela foi colocada na cama da lavadeira. Josefina desabotoou-lhe o vestido e pôs-se a esfregar suas têmporas e as mãos.

Entrementes, o conde tomou uma decisão. Naquele dia, de manhã, ele tinha ido almoçar na casa de um fazendeiro vizinho. Ao voltar, ele deixara seu cabriolé no pátio de uma taberna localizada no lado oposto do povoado, sob o pretexto de deixar os cavalos descansarem; na verdade, ele ia visitar Tereza, que lhe enviara um bilhete urgente.

Assim, ele ordenou que o cavalariço pegasse um cavalo e fosse o mais rápido possível buscar a equipagem.

Após expedir a ordem, ele voltou para o quarto, **onde Josefina, com as diligências da prestimosa Gertrudes, continuava a cuidar de sua esposa. O conde estava pálido, seus dentes tiritavam de nervoso, todo o corpo tremia como que de febre. A lavadeira, que o observava de soslaio, notou que as mãos dele estavam arranhadas e uma, inclusive, estava bem inchada. O escândalo devia ter sido dos bons!**

Finalmente, após muitos esforços, a condessa abriu os olhos e em voz quase inaudível pediu água. Josefina trouxe-lhe um copo de água e a ergueu sobre as almofadas. Uma vez que Josefina lhe tinha tirado o espartilho e era difícil abotoar o vestido, a lavadeira trouxe um enorme xale vermelho de lã e nele envolveu a moça, tiritando de frio.

O conde continuava sentado junto à janela. Os consortes não trocaram uma palavra sequer.

Quando chegou o cavalariço e anunciou que o cabriolé aguardava junto à entrada da casa, o conde se levantou, depositou em silêncio um monte de notas bancárias e, aproximando-se da cama, disse em voz baixa e rouca:

— Está se sentindo bastante forte, Júlia, para voltar para casa?

A condessa fez um sinal afirmativo com a cabeça. Então, o conde a ergueu nos braços, agradeceu Josefina com um gesto de cabeça e levou a esposa até a equipagem, onde a acomodou o melhor possível e sentou-se junto.

Assim que o cabriolé desapareceu na escuridão, Josefina, finalmente, rompeu o silêncio forçado; erguendo os braços para cima, ela exclamou:

— Que história! Que escândalo! Meu Deus! Quanta pena eu sinto dessa madame, tão bela e charmosa! E que vestido maravilhoso que ela usa! Batista da gema e renda verdadeira! - disso eu entendo. Tenho pena também do conde; ele é uma pessoa generosa - acrescentou ela, contando as notas. - Se bem que suas tendências de adúltero merecem um corretivo. Que ele tenha recebido uma parte de castigo — foi por merecimento! Suas mãos estão todas arranhadas e as mangas da camisa sujas de sangue. Vamos ver, Truda, o que sobrou de Tereza após a batalha!

Ao ouvir a porta do vestíbulo fechar-se atrás do conde, o cocheiro soltou Tereza. Esta se lançou sobre de feito fúria, deu-lhe algumas bofetadas e anunciou que ele estava desempregado. Este ato de vingança esgotou definitivamente as suas forças e ela se deixou cair no chão, continuando a cobrir o conde com verdadeiras torrentes de impropérios, ofensas e palavras de baixo calão, cujo teor semântico faria corar um estivador de porto.

Nesse instante, no umbral da porta, surgiu a figura do velho Kunrad. Calçava chinelos rotos e vestia um robe indiano, todo cheio

de buracos, dos quais escapavam chumaços de algodão; a cabeça envergava um barrete de papel listrado. Nas mãos, ele segurava um castiçal de cobre azinhavrado, com um toco de vela.

As pernas do velho tremiam e seu rosto estava assustado. O barulho foi ouvido até no seu quarto afastado; ele imaginou estar sua casa sendo invadida por ladrões e que logo eles chegariam até ele e às suas economias. Dominado pelo terror, enfiou debaixo das axilas o máximo de notas bancárias possível e fugiu do quarto.

O linguajar costumeiro da filha fê-lo compreender a real situação das coisas. Convencido de que a questão se resumia a um simples escândalo familiar, o velho tranqüilizou-se, mas enfurecido por causa de seus receios à toa, gritou em tom ríspido:

— Pare com esse palavreado, sua cadela ingrata, que sai com o primeiro que lhe cruza o caminho, em vez de aguardar fiel por seu benfeitor. Se o banqueiro souber de suas aventuras, ele a porá na rua e você morrerá de fome.

— O que você tem com isso, seu velho facínora, a quem eu sustento? Como se atreve a me ensinar o que devo ou não devo fazer? - rugiu Tereza. - Eu arrancarei os olhos daquela doida! Vou colocá-la atrás das grades, o conde obterá a separação e eu me caso com ele. Ele me jurou isso. Tenho mais direitos de ser condessa do que aquela depravada que fica vigiando pessoas decentes e briga feito mulher de cabaré.

Kunrad deu uma risadinha.

— Idiota! Se você tivesse me consultado, nada disso teria acontecido. Ele jamais largará a esposa por sua causa. O que faria sem ela, já que não tem um tostão. O palacete e as duas casas em Petersburgo pertencem à condessa. Sei disso porque conheço o administrador deles, muito meu amigo.

— Ah! Mentiroso, bandido, vagabundo! Prometeu-me rios de dinheiro, enquanto vive às custas da esposa! - vociferou Tereza, indignada.

Imediatamente, recuperando-se, acrescentou:

— Está falando sério?

— Não lhe custa nada confirmar. Sugiro que agora você trate de seus ferimentos. Passe arnica; é bom para prevenir hematomas. E não se esqueça de uma grande verdade popular: mais vale um pássaro na mão do que dois voando!

Depois dessa conversa instrutiva, Marieta, auxiliada pela lavadeira, levantou a patroa e deitaram-na no sofá. Em seguida, a camareira pôs-se a lavar e fazer curativos nas feridas, enquanto outra criada começou a tirar do chão os cacos de vidro e a enxugar o vinho derramado. Rafa recolheu as frutas e os confeitos espalhados, que, a seu ver, ainda poderíam ser aproveitados.

Apenas Amélia estava imóvel junto da porta. Com um misto de desdém e nojo olhava o que acontecia em volta. Ela resolvera deixar aquela cloaca já no dia seguinte. Como não precisava mais cuidar de Rafaela, a governanta retirou-se ao seu quarto para começar a arrumar as malas.

Sem dar qualquer atenção aos gritos, choro e maldições de Tereza, cujas costas, pescoço e braços, sulcados por cicatrizes ensanguentadas, estavam sendo atados, o velho Kunrad esgueirou-se até o espelho, onde entre os candelabros ele divisara uma carteira, cuja tumescência lhe atestava o fausto conteúdo. Com a habilidade de um ladrão profissional, Kunrad dela se apoderou e a escondeu no bolso do roupão. Em seguida, apanhando uma garrafa de champanhe que se salvara, saiu do quarto.

Em vez de ir diretamente ao quarto, o velho foi até a sala de jantar, tirou do bufê um enorme pedaço de torta salgada fria, algumas sardinhas, um prato com peixe refogado, pirojki e mais uma garrafa de vinho, que pegou no quarto da criada. Ele já estava pronto para apanhar ainda uma garrafa de licor e uma lata de mostarda, quando sentiu alguém lhe puxar pela mão e ouviu-se então a voz irritada de Rafaela:

— O que você está roubando aí? Isso tudo pertence à minha mãe!

O velho voltou-se em sua direção como que mordido por cobra.

— Como, sua víbora? Você ousa vigiar seu avô e ensinar-lhe o que lhe pertence ou não? — gritou, furioso.

Uma sonora bofetada desabou sobre a face da menina. Agarrando-a pelos cabelos da nuca, ele chutou-a para fora do quarto.

Chorando alto e copiosamente, Rafaela correu para se queixar à mãe; mas esta não tinha tempo para os queixumes. Ali estava Josefina, tentando convencer Tereza, ainda atirando ameaças, que seria mais razoável evitar qualquer escândalo, para que o banqueiro não viesse a descobrir nada... mas Tereza não lhe dava ouvidos. Rafaela, enraivecida, correu lacrimosa para o quarto.

Entrementes, Kunrad voltou ao seu aposento c trancou-se à chave. À luz de seu toco de vela, ele esvaziou o cesto e pôs-se a saborear as iguarias surrupiadas.

— Que despojos que me trouxe essa batalha! Um verdadeiro jantar imperial! E esse vinho madeira! Que torta maravilhosa! - balbuciava ele, cortando um outro pedaço da torta salgada e enchendo o segundo copo de vinho.

Depois ele contou as notas na carteira e ciciou em tom de bem-aventurança:

— Como ganha bem essa tola descuidada! Sim, o amor dá dinheiro! Eu que o diga! Se a velha comerciante de tecidos não possuísse, apesar de seus sessenta e cinco anos, um coração tão fogoso, eu nunca teria dado o início à minha riqueza. Hi-hi-hi! É verdade, na época eu só tinha vinte e cinco anos e não era de se jogar fora. Se ela não tivesse morrido antes de fazer o testamento, hoje eu teria uma banca. Com toda certeza: o amor manda em tudo!

IV

Durante a viagem, o conde e a condessa não trocaram sequer uma palavra. Ela estava deitada de olhos cerrados; ele refletia, amassando nervosamente o lenço com o qual atara a mão mais ferida, que ardia dolorosamente.

Finalmente, seguindo as instruções recebidas, o cocheiro parou junto ao portão do jardim, de onde saía uma alameda que conduzia diretamente ao terraço em frente às janelas da condessa. O conde, calado, ajudou a esposa a descer do cabriolé e levou-a aos seus aposentos. A pequena sala de estar, o *boudoir* e o dormitório estavam iluminados. Tudo naquele espaço respirava tranquilidade e opulência. Um aroma suave e tênue recendia no ar. Nenhum dos consortes tomou conhecimento do ambiente ao redor; cada um estava absorto em seus pensamentos.

No umbral do *boudoir*, acolheu-os Maria, pálida e preocupada. Bastou um olhar para a lívida e exausta patroa, que se deixou cair frouxamente na poltrona, para o rosto desfigurado do conde e para a sua mão ensanguentada e tumefata, para a fiel criada deduzir que algo de muito grave havia ocorrido.

— Traga-me água e um pano! — ordenou Adrian Petrovitch, em voz surda.

Maria obedeceu prontamente. Ela ajudou o conde, que já tirara o casaco, a arregaçar as mangas da camisa e lavar-lhe o ferimento da mão.

Ao ver que o conde se sentou à mesa e, com cenho carregado, começou a fazer compressas na mão, Maria sussurrou algumas palavras no ouvido da condessa e levou-a para o dormitório. Ali, ela tirou-lhe o xale de Josefina, vestiu-a com o penhoar, escovou os cabelos e deu-lhe algumas gotas de calmante. Em seguida, a

camareira retirou-se humildemente, prevendo que logo haveria uma explicação tempestuosa entre os cônjuges.

Entretanto, cerca de meia hora se passou em silêncio completo. Por fim, o conde com visível impaciência, trocando as compressas, levantou-se e foi para o dormitório. A condessa continuava sentada diante do espelho, com a cabeça deitada nos braços.

Ao perceber a presença do marido, ela se empertigou e o mediu com olhar sombrio e hostil. Adrian Petrovitch era um homem belo, de estatura mediana, com os contornos do rosto nitidamente delineados, olhos grandes e brilhantes, cabelos negros qual asas de corvo e barba da mesma tonalidade. Apenas uma prega característica no canto da boca e algumas rugas precoces traíam a sua incorrigível boêmia.

Naquele instante, um palor cobria-lhe o rosto, seus lábios tremiam de nervoso; ele parou diante da esposa e disse em voz entrecortada:

— Devo dizer, Júlia, que estou muito indignado com seu comportamento selvagem. Com base numa denúncia anônima, uma mulher de seu status e educação esquece de tudo e vai à toca de uma coquete, chegando ao extremo de molestar aquela criatura. Não quero me justificar. Eu mereci sua ira e censuras. Mas você podería pôr tudo em pratos limpos ou expressar a sua raiva aqui, debaixo deste teto, e não fazer de nossas desavenças um escândalo público de cabaré, o qual, em uma semana, será do conhecimento de toda a província. Não, não! O que você fez não tem justificativa, pois aquela mulher não está à sua altura e não pode ser considerada sua rival. Ela é, simplesmente, uma materialização de uma travessura, um capricho. Que homem de minha idade e posição não frequenta, às vezes, essas cortesas? Precisava você, uma mulher legalmente casada, chegar à humilhação de espionar e fazer um escândalo com aquela criatura libertina? Será que você realmente pensou que eu poderia amar aquela selvagem?

A condessa ouvia a fala do marido sem interrompê-lo. Um rubor febril cobriu-lhe as faces. Agora que a sua explosão insana já havia passado e o sangue aderido ao cérebro refluira ao coração, exigindo a razão às suas prerrogativas, ela se envergonhou de si mesma. Ela deplorava implacavelmente o seu comportamento. Ele, o responsável por aquele episódio indigno, estava certo: ela se humilhara ao se colocar no mesmo nível da criatura devassa, que se entregava a quem lhe pagasse, disputando um marido pérfido.

A condessa, enxugando com gesto nervoso o seu rosto afogueado, e dominando-se a custo, respondeu em voz baixa e trêmula:

— Você tem razão! Meu ato foi indigno. Foi um repente vergonhoso e, ao mesmo tempo, uma explosão inopinada — resultado de meus nervos abalados e de todo o meu organismo doente, dilacerado por oito anos de decepções amargas e uma luta interna constante. Tenho sofrido tanto com suas eternas traições, mentiras e vida arruinada, que as minhas forças e a paciência se esgotaram. O episódio de hoje me convenceu definitivamente de que, se eu não quiser ficar louca e não ser mais responsável por meus atos, devo pôr um termo à nossa vida conjunta. Amanhã mesmo nós nos separaremos. Eu é Tíssa mudaremos para a casa de minha avó. O acontecimento de hoje é motivo suficiente para abrir o processo de divórcio. De minha parte, não quebrarei o pacto pré-nupcial e você receberá tudo que foi estabelecido em caso de minha morte.

O rosto do conde assumiu um aspecto terroso, retratando nitidamente ódio e surpresa, causados por aquela decisão inesperada da esposa.

— Não necessito de sua generosidade, nem lhe peço nada! - revidou ele, em voz entrecortada. - Sugiro apenas que pense bem no que vai fazer. Não é difícil iniciar um processo escandaloso, mas a que custo? Você se esquece que temos uma filha, que me ama tanto quanto a você; no entanto, você quer nos separar. Você afirma

amá-la, mas quer arruinar-lhe a infância com a nossa separação, tornando-a vítima inocente de toda essa história e expondo-a à vexação do pai.

Lívida feito cadáver, a condessa cambaleou e apoiou-se na penteadeira. Uma dor estranha e penetrante atravessava seu cérebro; as têmporas pulsavam fortemente; o coração parecia partir-se em pedaços. O que a fazia sofrer tanto? A dificuldade daquele momento difícil ou a perspectiva da separação do homem que ela já não respeitava, mas que o coração obstinado amava.

— Você, com suas palavras, demonstrou todo o seu egoísmo, toda a crueldade de seu coração — disse ela, em voz minguada. — Você me fala dos deveres maternais, no entanto - eu pergunto - cumpriu você os seus? Você se atreve a dizer-me que aquilo foi um divertimento, um passatempo de homem probo com uma coquete; foi é mais uma infidelidade sua, e é só. Já lhe passou pela cabeça que não suporto mais a conspurcação do meu amor, de ser-lhe apenas um simples fardo e que cada ausência sua se reveste de traição e cada carícia sua encobre uma mentira? Amei-o com todas as fibras do meu ser, no entanto, tremo de nojo, quando os seus lábios, que ainda ardem dos beijos da cortesã, encostam nos meus. Já não tenho mais forças. Já não consigo suportar este inferno diário e viver com um homem, separada por um abismo. Quero ficar longe de você, quero ser livre! Não perca seu lempo protestando. Você nada perde, pois já não me ama há muiio tempo, se é que me amou algum dia.

A condessa calou-se extenuada. O conde, que a ouvia perturbado, queria dizer algo, mas, de súbito, a condessa soltou um grito, deu alguns passos cambaleantes, agitou no ar os braços e desfaleceu sobre o tapete, como atingida por um raio.

O conde, assustado, ergueu e deitou-a no leito e correu para chamar Maria. Todas as tentativas de fazer voltar a jovem à consciência mostraram-se inúteis; um quarto de hora depois, dois mensageiros partiam a todo galope: um — para enviar um

telegrama da primeira estação com o pedido da vinda de Riga dos melhores médicos; outro — para avisar a velha baronesa Rodenberg sobre a gravidade da doença da neta.

Os médicos constataram que a condessa estava com uma inflamação no tecido cardíaco, complicada por uma febre nervosa, e davam poucas esperanças para sua recuperação. Apesar de a baronesa Rodenberg ter acabado de se restabelecer de uma enfermidade grave, ela veio cuidar de sua neta querida. Maria e uma Irmã de caridade ajudavam-na. A fiel camareira participou à velha baronesa aquilo que sabia sobre o ocorrido, e esta, ainda que nada tivesse dito abertamente, começou a tratar o conde com tanta frieza sobranceira, que ele evitava entrar no quarto da esposa doente.

De todos, a mais infeliz era Taíssa. Ela tinha pela mãe verdadeira adoração. Aqueles dois seres se completavam. A menina sabia e sentia que ela era tudo para a mãe; e esta, ao menor indício de indisposição da filha, deixava de frequentar os eventos mais brilhantes só para não largá-la sozinha. A ausência do pai, uma visita rara no lar, jamais amargurou a criança; algumas horas, entretanto, passadas longe da mãe, pareciam-lhe uma eternidade.

Agora, quando no decorrer de dez dias lhe proibiram de ver a mãe, Taíssa andava como perdida. Ela nada comia, não brincava, chorava constantemente; descorou e emagreceu a tal ponto, que começou a inspirar preocupação a todos.

No décimo dia da doença da condessa, Taíssa não pregou os olhos a noite inteira. Seu coraçãozinho estava estranhamente ansioso. A menina ignorava que os médicos estavam desesperançados quanto ao estado da enferma; mas, talvez, ela sentisse instintivamente que, a poucos passos dela, estava se extinguindo a mais pura e a mais leal criatura que a amava e que ela jamais seria amada tanto por alguém. A criança não chorou. Em sua cabecinha amadurecia um plano de chegar perto da mãe, a qualquer custo, usando a força ou qualquer expediente que fosse;

ela esperava pacientemente a oportunidade certa para pôr o plano em ação. O relógio acima da lareira bateu duas horas e meia da noite. A menina se empertigou e lançou um olhar perscrutador para a cama da governanta. Mademoiselle Verter havia passado o dia inteiro com enxaqueca e agora dormia um sono profundo. Taíssa desceu silenciosamente da cama, calçou pequenos chinelos de pelúcia e saiu do quarto. Deslizando pelo tapete feito sombra, ela deu no *boudoir*, sem encontrar ninguém.

Sobre o sofá dormitava a pálida e exausta avó, à qual o médico receitara pelo menos duas horas de repouso. No dormitório fracamente iluminado por uma lâmpada sob abajur escuro também não havia ninguém. Somente pela porta entreaberta do banheiro, ouvia-se o sussurrar contido de duas vozes. Eram a Irmã de caridade e Maria, que preparavam as compressas.

Com a rapidez de um raio, Taíssa viu-se ao lado da cama, subiu no sofá e inclinou-se sobre a enferma. Ao ver aquela terrível mudança ocorrida com a condessa, deitada imóvel de olhos fechados sobre as almofadas, um arrepio nervoso percorreu o corpo da criança e lágrimas graúdas espargiram de seus olhos. Premendo os lábios à mão emagrecida da mãe, a menina balbuciou:

— Mamãe! Abra os olhos! E sua Taíssa.

Um tremor trespassou os membros da condessa. Ela abriu os olhos e um fulgor de felicidade iluminou suas feições debilitadas.

— Meu anjo querido! Não a deixaram vir para cá, mas você veio e me trouxe a última alegria deste mundo - murmurou ela.

Subitamente, a pobre jovem ficou dominada por um violento desespero ao pensar que ela morria e deixava a sua querida filhinha nas incertezas do futuro, e tudo por causa daquele desprezível adúltero e da mulher de rua. Com uma força terrível que não se poderia imaginar nela, a condessa apertou Taíssa ao seu peito sufocante.

— O que eu fiz? Por egoísmo tolo tornei-a órfã, esquecendo que você precisa de mim e que o meu dever sagrado é viver para você — balbuciou ela, aflita.

Seu olhar, de súbito, ficou fixo, as mãos descerraram-se, a cabeça tombou sobre a almofada, soltando um ruído surdo e sibilante.

Taíssa deu um grito estridente e, agarrando-se à mãe, prorrompeu:

— Mamãe! Mamãe! O que há com você? Não morra!

No mesmo instante, acudiram ao quarto Maria e a Irmã de caridade; simultaneamente apareceu a baronesa, lívida e desorientada. Taíssa, a gritar e a se debater feito louca, foi arrancada da mãe e levada ao quarto de crianças e, só então, verificaram que a condessa estava morta.

Um silêncio lúgubre estabeleceu-se na vila, tal como ocorre quando na casa jaz um morto. A baronesa trancafiou-se no quarto, enquanto a Taíssa ministrou-se um calmante e uma dose fraca de sedativo, após o que a menina dormiu profundamente.

Pálido e desconsolado, o conde foi ver a defunta, saindo rápido, pois que o aspecto lívido e imóvel do rosto da esposa era por demais perturbador para ele. Um demônio brincalhão parecia ter transfigurado aquela cabeça imóvel e, à sombra das pregas da cortina, ela se lhe assomava toda radiosa e sorridente, tal qual ele a vira no dia do casamento, encimada por coroa, e aqueles olhos, que se cerraram para a eternidade por sua culpa, fitavam-no trasbordantes de amor, confiança e candura inocente.

A alma seca, frívola e egoísta do conde não amadurecera ainda para sentir remorsos. Havia algo inexprimivelmente desagradável que se agitava em seu ser e o afastava para longe daquele leito fúnebre, causando pensamentos incômodos que perturbavam a sua paz.

Quando, no dia seguinte, Taíssa novamente viu a mãe, parecia que entre elas se interpusera uma estranha barreira — aquele algo estranho que sempre cerca os despojos de qualquer ser humano.

Bela e delicada feito uma haste de flor quebrada, jazia a jovem mulher, vestida de branco, como uma noiva coberta por flores. Em seus lábios, parecia ter-se congelado uma expressão de solene tranquilidade e de felicidade enigmática por ter alcançado os mistérios.

Tremendo toda, a pequena Taíssa olhava atemorizada para aquela mãe, tão estranha e indiferente, que já não lhe tinha mais sorrisos, nem carícias; ela estava surda aos clamores e às lágrimas de sua filhinha mimada. A menina perguntava triste à avó e à governanta se era verdade que a sua mãe havia morrido e por que razão.

— Porque ela era boa demais e amava cegamente! - respondeu rispidamente a baronesa, lançando para Adrian Petrovitch um olhar severo, cheio de ódio.

A velha senhora tratou o conde, como sempre, de modo frio e hostil. Em seu longo véu de luto, a baronesa, como um terrificante *memento mori,* parecia ainda mais imponente e garbosa ao lado do catafalco. Ela abraçou carinhosamente Taíssa ao peito, secou com os beijos suas lágrimas e tentou reconfortá-la.

— Não chore, meu anjo, meu precioso legado da querida Júlia! Enquanto eu viver, você não ficará sozinha. Você vai morar comigo e nós sempre falaremos de sua mãe. Aquele retrato grande dela nós penduraremos em seu quarto; ela mesma vai orar por você no céu - consolava a avó, alagando a cabecinha encaracolada da órfã.

O enterro da condessa realizou-se com grande pompa no castelo herdado pelos Rodenberg, onde vivia a baronesa e se encontrava o jazigo familiar.

Todos os fazendeiros das circunvizinhanças participaram da cerimônia; não era um, mas vários olhares curiosos, hostis ou

debochados à socapa, que se dirigiam ao conde, a projetar-se gracioso em roupa de luto, disposto definitivamente a desempenhar o papel de viúvo inconsolável. O passamento de Argunova produziu uma enorme sensação e ocasionou diversas conversas. Os mexericos mais incríveis corriam por conta das razões da morte da condessa: supostamente em face de um escândalo do casal por causa de uma coquete, e assim infinitamente.

Após o enterro, toda a família retornou à vila para determinar algumas diligências antes de abandoná-la. A baronesa decidira deixar a neta consigo e ocupar-se pessoalmente de sua educação. Ela queria partir ainda naquela noite, mas antes resolveu se explicar com o conde. Com esse objetivo, ela enviou por Maria um bilhete lacônico, pedindo-lhe que a procurasse depois do almoço, quando, então, seriam discutidas algumas providências.

Aguardando por aquela conversa, a baronesa foi pôr em ordem os apartamentos da falecida. Tudo ali deveria permanecer intocável. Até o bordado iniciado e um livro aberto foram deixados no lugar e cuidadosamente cobertos contra o pó. Depois a baronesa fechou as venezianas internas, desceu as cortinas e trancou a porta à chave.

— Chegará um dia em que Taíssa terá esses quartos como sagrados e como a mais cara lembrança - balbuciou a baronesa, largando as chaves dos quartos no bolso.

A vila pertencia a Taíssa. A baronesa planejava fechá-la e ia sugerir ao conde que ele se mudasse para qualquer outro lugar, pois ela não aceitava a idéia de que aquele carrasco morasse lá, onde matara sua querida Júlia. Nos quartos de Taíssa e da governanta a desordem era geral e a atividade — febril. Tudo ali estava sendo empacotado apressadamente sob a direção de mademoiselle Verter, enquanto a menina, pálida e com os olhos vermelhos de tanto chorar, errava triste por entre os baús e caixas, que agora abrigavam seus vestidos, brinquedos e livros, ou seja, tudo que lembrava da mãe e de suas brincadeiras e conversas. Com todas essas recordações, o coraçãozinho de Taíssa comprimiu-se e ela foi

tomada de tanta angústia, que saiu sorrateiramente do quarto e correu ao aposento em que sua querida mãezinha passara os últimos dias na vila.

O catafalco, os castiçais e o pano negro já haviam sido retirados; mas as flores, as palmas, a murta, a espirradeira, que envolviam com a massa densa o leito fúnebre da falecida, ainda permaneciam no quarto e estavam negligentemente amontoados num canto. Justamente naquele monte, enfurnou-se Taíssa, olhando com pavor mudo para aquele lugar, onde antes ficava o catafalco.

De chofre, no quarto vizinho ouviu-se um barulho. Cadeiras foram arrastadas e, subitamente, ouviu-se a voz sonora do conde:

— A senhora queria falar comigo, baronesa? Estou às suas ordens!

— Sim, conde! Precisamos discutir tudo o quc se refere ao futuro de Taíssa. Gostaria de informá-lo da última vontade de Júlia. Pressentindo seu fim prematuro, ela fez um testamento espiritual. Eis a cópia dele!

Taíssa enchafurdou-se nas flores o mais fundo possível. Ela tinha medo de sair e ser pega ali, justamente no momento em que a sua avó parecia estar muito zangada. Jamais sua voz profunda e sonora soara tão estranho. De que eles falavam, ela só entendia pela metade; contudo, ela apurou, temerosa, os ouvidos, pois a voz de seu pai, rouca e alterada, soava também estranha.

— Tenha a bondade, baronesa, de anunciar-me as determinações, às quais, é claro, obedecerei.

— Conto com isso, conde, principalmente depois que a minha neta quis pedir o divórcio, e com todo o direito, depois daquele episódio escandaloso, do qual nem quero falar. Assim, a situação é a seguinte. Primeiro, Júlia lhe deixa uma herança bastante substancial. Logo que ficarem cumpridas todas as formalidades legais, o senhor poderá entrar na posse do capital, depositado no banco estatal. Por outro lado, ela achou por bem tirar-lhe a tutela da

filha e confiá-la a mim; administrarei também todos os bens de Taíssa, juntamente com o tio dela, o senador. Já que é esse o desejo da falecida, levarei Taíssa para minha casa hoje mesmo. Para o senhor, ela seria apenas um peso a mais, e a casa de um solteiro, tão... sociável, não seria recomendável para uma mocinha. Mas o senhor poderá visitar a criança, se assim o desejar. A menina não sabe que o senhor matou a mãe dela de uma forma que não é punida por lei, tornando-a órfã. Aliás, esse homicídio moral é uma questão para sua consciência, se é que o senhor a tem — acrescentou a baronesa sarcasticamente.

Taíssa se retesou, tremendo-lhe o corpo inteiro, lodo o sangue lhe afluiu ao coraçãozinho. Sua avó acabara de dizer que o pai matara sua mãe e ela ficou órfã - esta última palavra que tanto ouvira nesses três últimos dias! Não! Isso seria impossível, no entanto, a avó nunca mentia.

— Respeito a sua dor, baronesa, e lhe perdoo as ofensas que a senhora me joga na cara. Da mesma forma como a senhora, eu choro a morte prematura de minha esposa, apesar de ela infernizar-me com seus insuportáveis ciúmes. Sem dúvida, sou culpado e nem quero me justificar daquela insânia triste que causou a catástrofe; mas chamar-me de assassino — isso eu não aceito. Aliás, já fui punido suficientemente com aquele inferno que suportei na agonia de Júlia.

— O senhor é muito indulgente para consigo mesmo - disse, em tom de deboche, a baronesa. - Mas para mim e para todos os que conheceram Júlia de perto, o senhor sempre será um assassino.

— Não vou me humilhar para rebater tal acusação, que eu desprezo — retrucou o conde, tremendo de ódio. - Pode ficar com Taíssa. Confesso que me seria difícil cuidar dela, mas não permitirei que a senhora me torne um estranho para ela. Insisto em meu direito inalienável de visitá-la, quando quiser. Além disso, ela deverá passar duas vezes por ano comigo, três semanas em cada vez.

— Está bem! Seja como o senhor quiser! - fez a baronesa.

No fundo de sua alma, ela estava convencida de que todo aquele carinho pela filha logo se volatilizaria e que aquele dissipador inveterado jamais teria tempo para ela, nem, tampouco, um lugar em casa, onde sem dúvida logo instalaria alguma cortesã famosa.

Os interlocutores já haviam deixado há tempos a sala de estar, mas Taíssa continuava sentada no monte de flores. Ela estava pálida feito um cadáver e tremia incontrolavelmente.

Então era verdade! A avó repetiu duas vezes. O papai matou a mamãe! Com esse pensamento, algo abrasante se avolumou nela contra o pai, o qual era antes mais temido do que amacio. Suas idéias embaralhavam-se e ela, paralisada, continuava senta=da, cobrindo o rosto com as mãos. Em seguida, após ter dominado o medo, levantou-se e, feito um furacão, desembestou para o seu quarto. Ali, lançou-se ao colo de Maria, abraçou-a convulsivamente e balbuciou em voz entrecortada:

— Oh! Foi o papai que matou a mamãe!... Minha avó disse!... Nunca, nunca mais eu quero vê-lo!...

O choro convulsivo impedia-a de falar. A camareira tentou inutilmente acalmar a criança. A menina teve uma crise nervosa e acabou por perder os sentidos.

Nesse instante, entrou mademoiselle Vérter. Ao notar a ausência de Taíssa, foi procurá-la e não a encontrando, voltou inquieta e decepcionada. Ao ver a criança que jazia desmaiada, mandou Maria buscar a baronesa e contou-lhe o que a menina disse.

Quando Taíssa recuperou os sentidos, a avó explicou-lhe que ela havia entendido mal as suas palavras: sua mãe morrera de doença cardíaca e Taíssa deveria esquecer aquela tola e ofensiva acusação contra o pai, o qual, como todos, chorava a morte da querida mãe.

Taíssa não protestou, como, aliás, não acreditou naquelas explicações. O instinto do coração infantil sussurrava-lhe que a avó não teria falado assim com o pai, se ele não tivesse feito algum mal à sua adorada mãe, ainda que não a tivesse matado.

À noite, ela foi insistentemente aconselhada a se despedir do pai; só após redobrados esforços, ela permitiu à governanta levá-la ao seu gabinete. A despedida foi carinhosa por parte dele, mas muito fria e desconfiada por parte da criança.

No dia seguinte, o conde também deixou a vila e viajou para Petersburgo, onde ele servia como oficial. A permanência na casa, onde de cada canto os olhos embaçados de Júlia o fitavam, tornou-se-lhe odiosa e, apesar de todo o seu egoísmo e leviandade, ele se sentia deslocado naquele ambiente em que tudo falava da falecida.

Já durante a viagem, o conde recuperou-se de todas as inquietações vividas. Como todos os devassos de coração frio, ele possuía um caráter flexível e era o produto genuíno da época materialista e da decadência de costumes, quando um matrimônio já não era considerado um liame sagrado.

“A viuvez faz o homem ficar vinte anos mais moço”, dizia um amigo de Adrian Petrovitch, que, no decorrer de dez anos de tentativas, acabou enterrando a esposa. Quando, então, alguém aludiu maledicente que a esposa merecera finalmente a paz, o marido exemplar redarguiu cinicamente que graças a ele, ela fora direto para o paraíso.

Paulatinamente retornava ao conde o seu bom humor e ele se deliciava antecipadamente nos gozos da liberdade. Não haveria mais cenas de ciúme, nem toda aquela espécie de queixas e repreensões. Ele não precisaria mais, feito um gatuno, esconder as suas brilhantes conquistas e tecer uma verdadeira rede de mentiras para encobrir os encontros amorosos e suas idas aos banquetes, que frequentava em rodas bem selecionadas, e dos quais a sua esposa maçante nem sequer participava.

Nada mais o constrangia, já que a herança de Júlia lhe propiciava uma independência invejável. Ademais, o seu prestígio parecia ter aumentado já na cerimônia fúnebre, pois, nas palavras de conforto das mulheres presentes, ele sentira mais do que um tom cálido,

fulgindo em seus olhares uma vontade sincera de reconfortá-lo na dor.

Lembrando-se disso, nos lábios do conde surgiu um sorriso prazenteiro e a sua vaidade sussurrava-lhe um porvir maravilhoso; o episódio escandaloso com Tereza, em sua essência, fora-lhe muito proveitoso!

V

A notícia da doença da condessa chegou até Tereza e trouxe-lhe uma enorme satisfação.

Com o rancor e a torpeza que a caracterizavam, ela desejava os piores males para a pobre mulher, a qual indispusera contra si voluntariamente. Essa hostilidade, cheia de ódio, alcançava seu apogeu toda vez que ela tinha de trocar os emplastros e examinava no espelho as longas cicatrizes vermelhas, a cobrirem-lhe o pescoço, as costas, os braços e até uma das faces.

A notificação da morte de Argunova fez reacender, no coração da cortesã, novas esperanças. O conde, então, estava desimpedido e ela seria muito tola se deixasse escapar aquela bela oportunidade de legalizar a situação e tornar-se uma condessa. Ademais, isso era indispensável, já que seu relacionamento com o banqueiro ameaçava ruir. O episódio escandaloso afluiu à tona e um de seus amigos poderia dar com a língua nos dentes. Em grande parte, a divulgação do escândalo deveu-se à boa Josefina. Sob a condição de se guardar um silêncio absoluto, ela confiou todos os detalhes do incidente à vendedora de pão, ao carteiro, à leiteira e, finalmente, a todos que encontrava. Dessa forma, suas histórias, adornadas e completadas por comentários, chegaram às cozinhas e mais tarde se espalharam pelos salões.

Tereza ansiava por encontrar-se com o conde; ela escrevera-lhe até um bilhete, mas não recebeu a resposta. Estava disposta, inclusive, a ir até ele, mas seu rosto ainda estava muito machucado para se mostrar na rua.

Além disso, sua presença na vila não seria conveniente, ainda que Adrian Petrovitch nao aparecesse em outros lugares. Por fim,

no segundo dia após o enterro, Tereza não estava mais em condições de conter sua impaciência. Cobrindo cuidadosamente o rosto com um véu, ela foi pessoalmente à vila e informou-se com a criadagem. Difícil imaginar a fúria e a decepção da cortesã, ao saber que o conde, já de manhã, partira para Petersburgo.

Colérica, voltou para casa; porém, Tereza não era uma mulher de desistir facilmente. Após dois dias de reflexões e discussões com Marieta, que não lhe aprovava os planos, partiu também para a capital, prometendo ao pai mandar o dinheiro, e ordenando que ele lhe reenviasse imediatamente as cartas do banqueiro e a avisasse por telegrama, se o último a notificasse de sua vinda.

Entretanto, passou um mês inteiro e Tereza não deu qualquer notícia. O banqueiro também não dava sinais de vida. O velho Kunrad começava já a se inquietar, quando recebeu da filha uma carta e dinheiro, destinado à manutenção de Rafaela.

Na carta, Tereza cobria o conde com uma chuva de títulos honoríficos impublicáveis. Dizia que ele a traíra desprezívelmente, estava com uma amante, mas que ela, graças a Deus e à sua beleza e charme, não carecia de homens.

Ela estava noiva de um príncipe tcherkassiano; logo iria com ele a Odessa e de lá para Tbilissel{6}, onde se casariam. Tornada uma princesa, ela viría buscar Rafaela, de cuja educação cuidaria pessoalmente.

Kunrad lia a carta soltando risadinhas sarcásticas. Ele guardou o dinheiro no bolso e pôs-se a esperar o desenrolar dos acontecimentos. Na casa, retornou o antigo estilo de vida. Quando se esgotou a ultima provisão deixada por Tereza, todos tornaram a comer batata e arenque.

Rafa, entregue à própria sorte, voltou a brincar na rua. Como única recordação da época brilhante, sobrou-lhe o aprendizado de ler em russo e alemão e escrever o abecedário em duas línguas. Ela continuou a desenvolver ambas as habilidades, lendo e relendo os

livros existentes, e escrevendo sobre um quadro-negro, durante as longas horas de sua liberdade.

Assim se passaram mais de sete meses. De Tereza não vinham cartas nem dinheiro, e, desde a sua ida a Odessa, ela parecia ter sumido. Kunrad tornava-se cada vez mais soturno, preocupado e irritadiço. Gertrudes e Rafa experimentavam nas próprias faces e nas costas o mau humor do velho; para elas, foi um grande alívio quando, certo dia, ele anunciou que iria viajar.

Deixando para a cozinheira e para a neta exatamente tanto quanto seria necessário para não morrerem de fome, e, trancando à chave todos os quartos com exceção da cozinha e do quarto da empregada, o velho avarento partiu.

Suas investigações em Odessa revelaram resultados desanimadores. Tereza, de fato, estivera em Odessa com um príncipe tcherkassiano e, durante uma semana inteira, eles esbanjaram muito dinheiro. Depois, em uma bela tarde, o príncipe se matou com um tiro. Mais tarde se soube que ele torrou dinheiro do governo.

Tereza, ao que parece, ficou desesperada. Um senhor, hospedado no mesmo hotel, tentou consolá-la e, aparentemente, conseguiu fazê-lo, pois três semanas mais tarde eles paritiram de navio para Constantinopla. Quanto à petsonalidadc daquele novo protetor, as opiniões divergiam: uns diziam que ele era um armênio, outros - um judeu americano.

Continuar com as suas pesquisas, fundamentando-se em pistas fracas, seria uma loucura — nem o velho Kunrad pensava nisso. Muito possesso, decidiu voltar para casa. Deixava-o furioso principalmente o fato de ter de sustentar Rafaela. O que fazer com ela? Simplesmente largá-la na rua, ele não se atrevia.

Um acontecimento inesperado tirou-o da dificuldade. Numa das estações intermediárias, sentou-se com Kunrad um passageiro novo. Era um homem de nariz aquilino e olhar cruel e astuto. Os

homens se conheceram rapidamente. Da conversa, Kunrad soube que o seu interlocutor era o senhor Leonardo Trembellini — um empresário do circo de acrobatas - e que ele ia a Riga para cuidar dos trâmites de uma herança deixada para sua esposa.

Trembellini acrescentou que em toda aquela história só uma coisa o constrangia: a parenta falecida de sua esposa deixou uma filha legítima que tinha de ser incluída na trupe.

— Está certo: preciso de uma menina para o papel de anjo e gênio numa farsa. Todos os exercícios de acrobacia podem ser ensinados; mas essa que me oferecem, já é grande. Ela tem catorze anos, os ossos já se solidificaram e, para representar os papéis que eu tenho, ela passou da idade. Bem, ainda preciso verificar — acresceu, em tom preocupado, o senhor Leonardo.

Kunrad pôs-se em alerta. Ele podería dar Rafaela a Trembellini e dessa forma matar dois coelhos com uma só cajadada: livrar-se da menina e assegurar-lhe um excelente salário. Além disso, ele lhe abriría as portas para ser uma princesa, pois que com sua beleza e graciosidade ela teria muito sucesso na vida.

Sem perder tempo, Kunrad ofereceu Rafa para aprendiz do interlocutor. Após alguns questionamentos por parte do empresário, decidiu-se entre os homens que, terminando seus negócios em Riga, o senhor Leonardo visitaria Kunrad. Contudo, ele se recusou a dar qualquer resposta sem antes ver a menina.

Ao voltar para casa, Kunrad anunciou para os vizinhos e conhecidos o desaparecimento de Tereza. Ele cobriu a filha de impropérios e maldições, chamou-a de desavergonhada, que com suas aventuras escandalosas conspurcava o seu nome honesto.

A Rafaela, sob um juramento de silêncio, ele contou que talvez a aguardasse uma grande reviravolta na vida, pois, na viagem de volta, ele conhecera o diretor de um grande grupo artístico que queria contratar uma pequena menina para fazer papel de anjo e gênio e andar de pônei. O diretor, um senhor italiano muito famoso,

viria vê-la. Se ele gostasse dela, sua felicidade estaria garantida. O velho descreveu pictoricamente qual sensação ela produziria sobre o público, ao aparecer vestida em roupa brilhante, coroa na cabeça e asas atrás das costas, ou montada num pequeno pônei. Ele falou de aplausos, flores, doces e jóias.

Rafa ouvia-o com o olhar extasiado e faces incendidas. Uma vez, ela esteve numa apresentação de acrobatas e viu uma menina dançar, vestida em cor-de-rosa, com asas de borboleta nas costas. A menina foi muito aplaudida. Rafa invejou-lhe o momento de agradecer ao público, os seus sorrisos e beijos no ar. Agora, ela também poderia gozar do mesmo sucesso!

Rafaela aguardava impaciente pelo empresário; de suas expectativas, entretanto, não falou a ninguém, pois, segundo lhe asseverou o avô, sua felicidade poderia ser alvo de inveja de algum vizinho, querendo colocar sua própria filha num lugar tão maravilhoso.

Quando Trembellini chegou, ficou fascinado pela menina que, com a graciosidade inata e membros flexíveis e elásticos, parecia ter nascido para o circo. Era uma aquisição e tanto! Leonardo revelou-se muito generoso e anunciou que estava disposto a pagar a soma desde que Kunrad abrisse mão de todos os direitos sobre a neta. O velho aquiesceu de pronto. O acordo entre os contratantes foi firmado na mesma tarde. À noite, o guarda-roupa de Rafaela foi arrumado e, ao amanhecer, ela, alegre e cheia das mais auspiciosas esperanças, partiu com o seu novo patrão. Na despedida da menina, apenas Gertrudes chorou. Ainda que ela não tivesse certeza a quem o velho avarento confiava a menina, sabia que seu futuro seria triste.

A viagem correu sem quaisquer incidentes. Leonardo mostrou-se gentil com Rafaela, comprava-lhe guloseimas e, vez ou outra, até*pirojki.* Mas, à medida que eles se afastavam, essas atenções tornavam-se mais raras e Rafaela era dominada involuntariamente

por pressentimentos um tanto indefinidos sob o olhar dos pequenos olhos cruéis de seu acompanhante.

Certa manhã, eles desceram numa estação e continuaram o caminho de carruagem. A senda era horrível e os violentos solavancos assustavam a criança.

Após alguns dias de viagem, chegaram finalmente ao local de destino — uma cidadezinha localizada nas cercanias de Podólia[7]. Duas meninas magras e pálidas brincavam com um gato diante de uma casa semi-arruinada. Ambas se puseram de pé. Uma delas correu para dentro de casa e gritou:

— O patrão veio!

Imediatamente saíram três rapazes e ajudaram a levar a bagagem para dentro. Em seguida, os viajantes adentraram um quarto grande, que também servia de cozinha. Ali, o senhor Leonardo apresentou Rafa à sua esposa como o mais novo membro daquela comunidade. A senhora Estela, uma mulher de idade mediana, examinou friamente a menina dos pés à cabeça e ordenou que ela se sentasse junto com os outros à mesa para jantarem.

O coração de Rafaela palpitou angustiado. Ela imaginava tudo diferente. Calada, a menina sentou-se no lugar indicado, ao lado de outras meninas.

A trupe consistia, além do diretor e sua esposa, de três rapazes - palhaços e equilibristas, duas moças de aspecto impudente e três crianças.

Após o jantar, Rafaela conheceu os membros quadrúpedes da trupe: alguns cachorros treinados, dois macacos, um bode, ratos brancos domesticados na gaiola, dois cavalos, dois pôneis e um jumento.

A depressão de Rafaela aumentava a cada hora. Tudo era sujeira e pobreza. O leito que lhe deram para dormir parecia mais um covil rústico e suas duas novas colegas eram tão magras e tristonhas,

que, positivamente, infundiam-lhe medo. De uma delas, Rafaela soube que a trupe normalmente descansava ali por alguns meses e depois iniciava viagens de apresentação em cidades e povoados, sobretudo onde ocorriam feiras.

No dia seguinte, Rafaela foi vestida com um velho tricô surrado e saia indiana, e o senhor Leonardo levou-a para um grande celeiro atrás da casa, onde havia um picadeiro cheio de areia, ladeado por um parapeito de madeira. O diretor anunciou à menina que ele a ensinaria a andar numa esfera de madeira e a fazer alguns exercícios físicos. A seguir, ele aconselhou-a a ser esperta, pois não era muito paciente e estava acostumado a punir a inabilidade ou a desobediência com golpes de chicote — um instrumento eficaz para obrigar as crianças e os animais a cumprirem os deveres.

Para dar mais persuasão às suas palavras, ele recortou o ar, aos silvos, com uma chicotada. Emudecida de pavor, Rafaela obedecia a tudo o que lhe era pedido e esforçava se ao máximo; mas a nova vida, iniciada a partir daquele dia, era um verdadeiro sofrimento.

Naqueles exercícios infindáveis, antes surrada do que alimentada, ela aprendia a andar na esfera, dançar sobre o cabo, andar a cavalo e pular por entre aros, tapados com papel.

Às vezes, ela gritava de medo e, por causa das quedas, seu corpo se cobria de hematomas; mas, sob a ameaça do chicote sibilante, que lhe provocava dores terríveis, Rafaela revelava destreza e habilidade incríveis. A graciosidade de seus movimentos, a leveza aérea de seu corpinho delicado e um talento mímico inato - tudo se desenvolvia com rapidez assombrosa. Entretanto, a menina sentia-se infinitamente infeliz e, quando à noite, alquebrada de cansaço, com os membros doloridos, ela caía desfalecida no leito, lágrimas amargas fluíam silenciosas por suas faces; em seu coraçaozinho, acumulava-se um ódio mortal por seu avô, que lhe mentira tão desavergonhadamente, e ao tirano que a fazia padecer tanto. Não raro, ela pensava em fugir. Mas, para onde iria sem um tostão no bolso e sem conhecer o caminho? Além disso, era por

demais pequena para arquitetar um plano ou se proteger das violências.

Meio ano depois, Rafaela adquiriu tanta habilidade, que lhe deixaram enfrentar o picadeiro, no qual ela obteve um sucesso estrondoso.

O grupo viajante já iniciara há algum tempo a sua vida de andarilho. Rafaela estreou numa grande feira. Apesar da pobreza do traje, a menina era tão bela, graciosa e hábil, que fascinou a todos. A partir daquele dia, o público vinha em massa, quando no cartaz aparecia o nome: “Mademoiselle Cobra Capela”![8].

Esse apelido se tornou sua marca de sucesso. O próprio diretor dera-lhe a alcunha, no dia em que, indignada por ter recebido um forte golpe de chicote, Rafaela, sibilando feito cobra, atirou-se sobre ele e o mordeu. Naquele minuto, os olhos esverdeados da menina parecia fosforizarem estranhamente. Neles, fulgia uma cólera tão forte e eles produziam um encanto tão terrível, que o senhor Leonardo ficou acabrunhado e nem sequer castigou Rafaela por seu ato inesperado.

O apelido pegou e a ele se acostumaram tanto, que teve o poder de expulsar o seu nome verdadeiro. Todos a chamavam de Cobra e ela atendia.

O diretor inventou uma pantomima especial para ela: “O passarinho e a cobra”.

Assim se passaram cerca de quatro anos. A trupe devia à menina a maior parte dos lucros. Tratavam-na agora melhor, mas Rafaela permanecia circunspecta e hostil, nutrindo por seus patrões desdém e ódio. Agora ela já sabia que o senhor Trembellini era um judeu de Podólia, cujo nome verdadeiro era Leib Trempeiman e que a senhora Estela era nascida Berditcheva; as duas meninas e o mais jovem dos palhaços eram crianças raptadas. Somente a sua inexperiência a impedia de pôr em ação o seu plano de vingança. Nesse ínterim, o destino de Rafaela teve uma mudança inesperada.

A trupe estava se apresentando em Moscou. Ali a viu, casualmente, o diretor de um circo de verdade e imediatamente entendeu os proveitos que poderia extrair daquela criatura encantadora, de raro talento inato, que já atingira a perfeição na arte e era bem superior à de suas coetâneas.

Ele entrou em negociações com o senhor Leonardo e, este, cobrando uma vultosa importância pela manutenção e educação da menina, concordou em se separar de sua pupila.

Usando o mesmo apelido de “Cobra Capela”, Rafaela se mudou para as instalações do seu novo patrão. Al i, a sua situação melhorou substancialmente. O salário também era melhor e as chicotadas rarearam. O diretor começou a mstruí-la pessoalmente na arte de equitação, ministrar-lhe exercícios mais apurados e até a obrigou a terminar a escola primária. Seus trajes eram novos, elegantes, e calculados de forma a delinearem com maior relevo sua figura original.

Apesar de todas essas vantagens, Rafaela sentia-se infeliz. Os exercícios que era obrigada a fazer eram extremamente cansativos. Além do mais, ela já não tinha a antiga liberdade; a velha parenta do diretor, feito Argos{9}, vigiava-a, sem sequer a deixar sozinha com as colegas.

Assim, Rafaela alcançou a idade de catorze anos. Agora ela já era praticamente uma mocinha, alta e esbelta, ágil feito lagartixa, tez incrivelmente pálida, cabelos ruivos e bastos a lhe caírem abaixo dos joelhos.

De fato, ela era dona de um talento cênico invejável. Essa trágica artista natural sabia sempre se sobressair em seu papel nos espetáculos feéricos e conferir-lhe um caráter totalmente novo e original.

A antiga pantomima “O passarinho e a cobra” não foi completamente abandonada, apenas um pouco mudada: o passarinho agora era uma moça, sendo asfixiada no dia de seu

casamento, pela rival - um vampiro. O papel de vampiro era representado por Rafaela. Quando ela aparecia no vão da janela, vestida em malha negra e túnica de gaze a cobri-la feito névoa, com asas de morcego e cabelos soltos, e depois rastejava até sua vítima, serpenteando com todos os membros flexíveis como anéis de cobra, enquanto os olhos flamejantes esverdeados pareciam traspassar a presa — um tremor involuntário dominava os espectadores, de tão forte era a ilusão de algo sobrenatural, aparecendo naquela criatura do além, horripilante e terrífica tal qual o próprio demônio.

O grupo artístico, ao qual agora pertencia Rafaela, viajava por todas as províncias do império, mas já era uma companhia rica, que só se apresentava em cidades grandes.

Como já dissemos, Rafaela contava catorze anos, quando o circo viajante parou por dois meses em Riga.

A menção do nome dessa cidade produziu em Rafaela uma impressão indefinida de depressão. Ainda que ela já quase tivesse esquecido os primeiros anos de sua vida, esse nome despertou-lhe recordações imprecisas e fez surgir em sua memória as imagens de sua mãe, do senhor que a havia presenteado com uma maravilhosa boneca e, sobretudo, do avô, que ela odiava a tal ponto, que era capaz de matá-lo por asfixia. Ele devia estar morando por perto, onde moravam também Gertrudes, Josefina e outros vizinhos; mas ela quebrava a cabeça inutilmente, tentando se lembrar do nome da cidadezinha.

Aliás, ela não tinha muito tempo para divagações: as apresentações, os ensaios, o estudo de novos papéis e os exercícios diários mal lhe deixavam tempo para descansar.

Certa noite, um dos camarotes do circo estava sendo ocupado por um homem de meia-idade e uma mulher jovem. Ambos, com uma certa indiferença, acompanhavam a apresentação; mas, quando no picadeiro surgiu Rafaela, aquele senhor perturbou-se visivelmente,

fitou-a longamente com o binóculo, empalideceu, e parecia a muito custo manter a calma.

No dia seguinte, aquele homem retornou ao circo e expressou o desejo de ver o diretor. Este o recebeu no escritório e, bastante surpreso, perguntou-lhe o que queria. Quando o diretor soube que o homem queria ver Capela, ficou soturno. Ele veio a suspeitar de que aquele velho conquistador queria ter a sua pupila por amante. Neste caso, ele lhe mostraria aporta da rua, pois nada lhe era tao valioso como aquela menina.

— O senhor deseja conversar com Cobra? Poderia me dizer com que intuito? Ela não passa de uma menina - alegou o diretor, desconfiado.

— O senhor poderá presenciar o nosso encontro. Aliás, não creio que o senhor possa me impedir de ver essa jovem — replicou o visitante.

Após um minuto de reflexão, o diretor mandou chamar Cobra. Quando a menina veio, o senhor de meia-idade, que nada mais era que o próprio banqueiro, aproximou-se dela e disse emocionado:

— Rafaela! Será que você me esqueceu totalmente?

Atordoada, a mocinha estacou. Já passara muito tempo que ninguém a chamava por aquele nome, que soava estranho a seus ouvidos. Rafaela pôs-se a examinar o desconhecido, com um misto de temor e curiosidade. Subitamente ela se lembrou.

— O senhor é aquele que minha mãe chamava de Alfred. Oh! Diga-me onde está ela! - acrescentou, aproximando-se mais. — Meu avô, aquele maldito, entregou-me ao grupo de acrobatas. Oh, quanto eu sofri desde então!

Um choro convulso impedia que ela continuasse.

Ao ver que o assunto era uma velha amizade, o diretor sentiu-se sem jeito e, fazendo de conta que um compromisso o chamava

urgentemente, ficou parado atrás da porta para ouvir o que aconteceria.

— Pobre criança! Não chore! Já que o acaso me fez encontrá-la, jamais a largarei daqui por diante. O que aconteceu à sua mãe? Decididamente, não sei. Perguntei de você ao seu avô e ele me disse que foi a sua própria mãe que a levou embora.

— Mentiroso sem-vergonha! - interrompeu-o Rafaela.

— Sempre desconfiei de que ele mentia; procurei por você em toda parte, mas foi inútil: você sumiu sem deixar vestígios. Mas diga-me: você não está feliz com sua vida?

— Sinto-me terrivelmente inlcliz. Vivo estafada e quebrada. As vezes, depois de muitos exercícios de guiástica e equitação, fico tonta de cansaço. Oh! Liberte-me desta escravidao! Seja meu benfeitor! - suplicou ela, chorosa.

O banqueiro repousou a mão em seus cabelos ondulados.

— Pobre criança! Imagino quanta desgraça você suportou e por quantos dissabores passou. Estou decidido a pagar qualquer preço para libertá-la. Só que, Rafaela, devo lhe impor uma condição: você jamais poderá se dirigir a mim, nem pessoalmente, nem por carta, pois eu estou casado e a minha simpatia por você poderá arruinar-me a vida familiar e provocar em minha esposa suspeitas infundadas. Por esta razão, eu não poderei aceitá-la em casa, mas tentarei lhe arrumar um lugar, o melhor possível. Agora, vá! Logo você terá notícias minhas.

O banqueiro deu um beijo na testa da menina e esta se retirou feliz e cheia de esperanças.

As conversações do banqueiro com o diretor coroaram-se de êxito, visto que o primeiro não regateou e, sem pestanejar, pagou uma soma razoável, que lhe foi pedida como compensação pelas despesas da educação e aprendizagem da criança. O diretor abriu mão de qualquer direito sobre Cobra. Em seguida, ficou combinado

que, a partir daquele dia, ela não participaria de qualquer apresentação, mas continuaria a residir por algum tempo na casa do diretor, enquanto o banqueiro não lhe achasse um abrigo adequado.

Como num sonho, voltou Rafaela ao seu quarto, ocupado junto com outras colegas. A notícia sobre as mudanças que ocorreram em sua vida espalhou-se por toda a trupe, o pessoal feminino invejava-a sobremaneira.

Todos tentavam descobrir mais detalhes sobre o caso; Rafaela, contudo, era prudente e só dava respostas evasivas ou brejeiras. Ela não tinha amigas entre as suas colegas de trabalha, sempre tratadas com uma certa frieza, já que, no íntimo, considerava-se superior a elas.

Três dias depois, quando a noite já havia descido, Rafaela foi chamada ao gabinete do diretor. Ali, por ela aguardava uma senhora de meia-idade, toda de preto, que lhe anunciou que partiría imediatamente com ela. A seguir, a desconhecida tirou de uma sacola um paletó e chapéu, deu-os à mocinha e, dez minutos depois, esta abandonava a casa sem se despedir de ninguém.

A nova benfeitora de Rafaela era viúva, uma velha conhecida do banqueiro. Ela não tinha posses e suas duas filhas trabalhavam muito para garantir o sustento. Uma ministrava aulas de música, a outra era caixa numa farmácia.

Toda a família era muito reconhecida a Borkov (por este sobrenome era conhecido o banqueiro), pois ele educara ambas as moças e, após a morte do marido, dava à viúva uma pensão que lhe permitia viver modestamente.

No fundo da alma, Borkov se considerava o pai de Rafaela, já que Tereza lhe jurara isso. Ele até achava que a menina se parecia com ele. Não tendo filhos da atual esposa, ele se afeiçoou muito àquela criatura abandonada, que, segundo ele supunha, possuía sagrados direitos à sua proteção. Decidido a dar à menina uma educação decente e garantir-lhe o futuro, ele havia se dirigido à sua velha

amiga, senhora Gubner, pedindo-lhe para cuidar de Rafaela e prepará-la para um bom internato. Esta concordou de bom grado, feliz por retribuir com alguma coisa a generosidade do benfeitor, e recebeu contente Rafaela.

No início, a pequena acrobata não se sentia à vontade no ambiente simples e metódico, onde o destino a colocara. De qualquer forma, ela estava bem. A bondade e a tolerância com que a tratavam eram coisas a que ela não estava acostumada. Rafaela era por demais esperta para não entender que todos tentavam tirar-lhe, para o próprio bem dela**,** os maus modos adquiridos durante sua longa permanência no submundo da sociedade.

Não foi fácil à senhora Gubner disciplinar aquela natureza selvagem e refrear seus desatinos estouvados; mas, pouco a pouco, com paciência e doçura, ela conseguiu e, quando o banqueiro veio visitá-las, ele foi agradavelmente surpreendido com a mudança do aspecto externo e modos de sua protegida.

Visto Rafaela realizar progressos brilhantes, decidiu-se que ela passaria o verão na casa de Gubner, mas que no outono ela seria matriculada num internato em Revel{10}, cuja diretora era parenta e amiga da viúva. O banqueiro achava melhor afastar Rafaela de Riga, onde muita gente a tinha visto no circo, para não expor o seu passado e, ao mesmo tempo, assegurar-lhe o ambiente das melhores famílias burguesas.

Conforme ficou decidido, no fim de agosto Rafaela ingressou no internato com o sobrenome de Kunrad e, desde os primeiros dias, começou a se comportar com impressionante circunspecção e sensatez.

Oficialmente, Rafaela era uma parenta longínqua da senhora Gubner, cujos pais haviam falecido, deixando-a órfã desde a tenra idade. E essa menina, que acabara de fazer quinze anos, jamais, seja com um gesto ou uma palavra, traiu o seu passado repleto de aventuras, tampouco desmentiu por descuido a história bem montada de seus protetores.

Com a mesma habilidade que ela escondia o seu mau caráter, ela reprimia sua impulsividade e inveja em relação a todos que achava mais felizes, mais amados ou afortunados que ela. Era uma excelente atriz, que esperava por uma melhor oportunidade para dar asas às suas paixões e talento.

Com ardor febril, ela pôs-se ao trabalho e a rapidez de seus progressos surpreendia, decididamente, os professores. As ciências, as línguas, a música - tudo lhe era fácil. Ela parecia ser dotada de todos os talentos; a terrível disciplina, na base do chicote, sob a qual ela cresceu, agora lhe era um esteio nos seus esforços.

O banqueiro visitava-a raramente e sempre a cobria de presentes nos dias de festa. Ele pagou o internato adiantado por quatro anos - período que ela deveria ficar - e enviava-lhe mensalmente uma pequena quantia para gastos miúdos. A menina passava as férias na casa de Gubner.

Passaram-se três anos, sem qualquer acontecimento de importância. Rafaela se tornara uma moça de dezessete anos e era de uma beleza deslumbrante. O banqueiro, que sofria ultimamente de um mal cardíaco, ansiava por casá-la e, inclusive, tinha para ela um bom partido: um funcionário que trabalhava em seu banco, tido como uma pessoa de reputação bastante sólida, à qual ele poderia confiar, sem receios, o futuro de Rafaela, caso os jovens se dessem bem.

Previdente, ele depositou num banco estatal cinco mil rublos em nome da jovem, que seriam o seu dote. Ele planejava depositar ainda mais trinta mil rublos, mas sempre alguma circunstância nova o impedia de pôr o plano em execução. O mundo financeiro passava naquela época por uma crise difícil. Muitas famílias sólidas foram à falência. O próprio banqueiro, que participava de diversos empreendimentos, não conseguia separar dos investimentos uma soma tão significativa. Assim, ele decidiu adiar essa questão para uma oportunidade mais adequada. Rafaela se formaria só dali a seis meses e, até lá, ele tinha para receber uma grande importância na

venda de uma magnífica propriedade que ele tinha na Criméia, da qual se decidiu livrar para acertar todas as pendências.

VI

O castelo de Rodenberg era uma construção antiga, datada ainda da época dos cavalheiros letões. Daqueles tempos guerreiros, preservou-se uma torre redonda e maciça e uma ala quadrangular habitável com um pequeno pátio interno. Nesta parte do prédio, de paredes grossas, janelas estreitas e pequenos quartos abobadados, já havia dois séculos não morava qualquer de seus proprietários; no entanto, tudo era preservado como um monumento histórico. A parte moderna do castelo representava uma miniatura do palácio de *Versailles*. As decorações posteriores danificaram-lhe um pouco o estilo puro; mas, de um modo geral, aquela era uma residência magnífica de gente grã-fina, ladeada por um belo parque, cujo melhor ornato era um grande lago emoldurado por árvores seculares, e em cuja margem fora construída uma espécie de terraço guarnecido por balaustrada de mármore.

De um lado do terraço, alguns degraus conduziam a um pequeno ancoradouro, junto ao qual ancoravam alguns barcos, de tipos variados; do outro lado - uma escada parecida levava ao jardim. Desse terraço, abria-se uma vista maravilhosa. Através dos vãos deixados artificialmente por entre as árvores, entrevia-se o castelo antigo, o que conferia uma poesia toda especial àquela paisagem.

Naquele dia, em que nós prosseguimos com a narrativa, duas mulheres estavam sentadas no banco ao longo da balaustrada, sob a sombra de alguns densos carvalhos.

Uma delas tinha de trinta e cinco a quarenta anos. No rosto redondo e viçoso fulgia uma expressão de calma e contentamento. Naquele minuto, toda a sua atenção se concentrava numa renda, muito complexa, que ela fiava no tambor.

Sua companheira era uma moça de dezoito anos, que se distinguia por delicada beleza aristocrática. Era alta e esbelta, de tez pálida e bela cabeleira escura, cujas madeixas se enrolavam acima de sua fronte. A pequena boca purpúrea exprimia vontade férrea e um certo desdém soberbo. Os olhos grandes, de um cinza azulado, fitavam meigos e sonhadores o lago, onde, junto ao ancoradouro, nadavam doze cisnes, aos quais a moça atirava maquinalmente migalhas de pão e biscoitos. A moça vestia um vestido branco de musselina, de rendado caro, cingido no quadril por uma cinta azul de seda. Os devaneios pareciam dominá-la mais e mais, pois, esquecendo-se de seus amigos alados, ela ficou imóvel, largando as mãos nos joelhos e pregando o olhar no espaço.

Nesse instante, a mulher mais velha levantou a cabeça e olhou para a jovem, cuja pose e olhar exprimiam melancolia profunda. Abraçando-a, meigamente, censurou-a levemente:

— Taíssa! Você entregou-se novamente a seus pensamentos sombrios. Isso não é bom, minha criança, e ingrato de sua parte em relação à Providência, que a prodigalizou com tantas graças. Ou, talvez, você tenha outras razões para tantas amarguras? Então, diga-me o que é, e ambas tentaremos eliminá-las; você sabe o quanto eu lhe quero.

A mocinha endireitou-se e premeu afetuosamente a mão de sua ex-governanta.

— Claro, minha querida mademoiselle Vérter, eu não duvido de sua amizade e, se eu tivesse na consciência algo a me oprimir, teria confiado isso tanto a minha avó como a você. Mas, na verdade, nada há comigo e até me e dílícil explicar por que eu fico, às vezes, tão triste. Se bem que a saúde da minha avó me preocupe muito.

— Mas, meu bem, que tolice! A saúde da baronesa está bem, graças a Deus, e sua permanência nas cidades de Po e Beatriz restabeleceu-lhe as forças perdidas no inverno.

— Não, não! Não gostei da minha avó ontem. Ela estava pálida, dormiu mal e seu apetite estava tão péssimo, que ainda à noite eu telegrafei para Bogdan Karlovitch, pedindo-lhe para vir hoje sem falta. Acho que logo mais ele estará aqui.

— É claro, logo ele virá e, talvez, traga aquele jovem pintor que ele recomendou para pintar o retrato de sua avó.

— E possível! Ele elogiou demais o talento daquele jovem que ganhou a medalha de ouro no último concurso acadêmico. Mas veja! Lá está vindo Bogdan Karlovitch pela alameda! Vamos ao seu encontro! - gritou Taíssa, saltando do banco. Levantando o cesto, ela jogou todo o seu conteúdo aos cisnes e, feito gazela, desceu a escada e quase correndo foi na direção de um homem de idade mediana, que vinha sem pressa pela alameda.

Emparelhando-se a ele, Taíssa estendeu-lhe ambas as mãos e perguntou inquieta:

— E então, Bogdan Karlovitch, como o senhor achou a minha avó?

O velho médico e amigo da casa beijou com familiaridade paterna as mãozinhas de Taíssa.

— O estado dela é tão satisfatório quanto se pode exigir. Sua doença em nada piorou e, quanto à falta de apetite, isso são efeitos naturais de sua idade e da enfermidade. Assim, não se preocupe à toa, minha querida Taíssa Aleksandrovna! Se você não fosse a minha queridinha, eu a teria reprovado por haver me afastado de meus pacientes.

— Oh! Nessa questão Taíssa é impiedosa, Se ela pudesse, jamais teria deixado o senhor sair daqui - interferiu Vérter, que, ofegante, juntou-se a eles.

O médico soltou uma gargalhada. Em seu rosto redondo e viçoso surgiu uma expressão de bonomia e contentamento.

— A tirania da minha pequena Taíssa suportarei sempre com prazer. Hoje eu aproveitei a oportunidade e trouxe aquele pintor, do qual lhes falei. Tenho certeza de que seu trabalho será do agrado. Gostaria de avisá-las de que, se ele for pintar o retrato da baronesa, vocês terão de acomodá-lo por algumas semanas no castelo. Vir diariamente de Riga levará muito tempo e custará caro.

— Que bobagem, Bogdan Karlovitch! Ele é um pintor... E como é o seu nome?

— Hugo Reshberg.

— Fica acertado que o senhor Reshberg será nosso hóspede, enquanto durar o seu trabalho.

— Vocês não se arrependerão de oferecer-lhe essa hospitalidade. Ainda que Reshberg venha de gente simples, sua conduta é irrepreensível.

— No meu modo de ver, o talento vale mais do que um título de nobreza e, é claro, não será a ascendência do pintor que influirá na minha opinião sobre ele - argumentou Taíssa.

Conversando assim, o médico e as duas damas cruzaram as alamedas de carvalhos e de tílias que circundavam o velho castelo, e aproximaram-se rapidamente do amplo terraço com um toldo de pano listrado. Diante do terraço, numa grande poltrona estava sentada a baronesa de Rodenberg. Já havia três anos que ela não tinha movimento nas pernas e, agora, apesar de ser um dia quente, ela vestia um penhoar acolchoado, enquanto suas pernas doentes estavam cobertas por uma manta de pelúcia. A baronesa envelhecera muito. Suas costas estavam curvadas e as mãos cobriam se de rugas. Apenas os grandes olhos negros ardiam, como sempre, de energia e altivez.

Ao ver a neta, um sorriso alegre iluminou o semblante da velha baronesa.

— Finalmente você veio, Taíssa! Permita-me apresentar-lhe o senhor Hugo Reshberg. Ele vai fazer o meu retrato e também o seu, pois eu quero tê-lo, já que você era ainda pequena no seu último retrato.

Um olhar perserutador deslizou rapidamente por toda a figura do artista, que se levantou e se lhe curvou em reverência. O primeiro exame foi favorável ao pintor - um jovem de uns vinte e sete anos, alto e esbelto, de rosto agradável e simpático. Os grandes olhos escuros fulgiam de bondade e franqueza. Os densos cachos negros delineavam-lhe a testa larga. Quanto ao seu traje, ainda que fosse simples, distinguia-se por seu gosto irrepreensível.

Taíssa estendeu a mão e saudou-o alegre. Em seguida, curvando-se sobre a avó, abraçou-a meigamente.

— Se você assim o quer, eu atenderei ao seu desejo e pedirei para pintar o meu retrato, mas só depois do seu, pois - acrescentou ela em tom mais baixo - o seu será a mais valiosa lembrança de minha vida. E o meu, quem poderá querê-lo? Ninguém, que eu saiba!

Na voz da jovem soava uma nota tão amarga, que Reshberg, dono de uma audição apurada e que ouvira aquelas palavras, olhou-a com profunda surpresa. De que forma o amargor e a desilusão poderiam ficar espreitando a alma daquela tenra criatura, tão ricamente dotada pela natureza e destino? Mas o pintor não tinha tempo de refletir muito sobre isso, pois Taíssa se dirigiu a ele e entabulou-se uma conversa animada.

Ela sugeriu que Reshberg descansasse por algumas semanas no castelo, no ar fresco.

— Não receie enfastiar-se por aqui - acrescentou ela sorrindo. - Os nossos arredores são muito pitorescos e nós lhe asseguraremos várias opções de locomoção. O senhor poderá, se desejar, andar de barco, de equipagem, a cavalo ou de bicicleta.

Hugo agradeceu e explicou rindo que ele preferia a bicicleta e as excursões a pé, mais adequadas à sua posição.

Todos riram. Em seguida, passaram a falar do que interessava. Decidiu-se que, já no dia seguinte, Reshberg se mudaria para o castelo e imediatamente iniciaria o retrato da baronesa de Rodenberg.

— Eu queria lhe pedir que me desse aula de pintura, mas temo que isso seja um abuso da minha parte e que tomarei muito o seu tempo — disse Taíssa, corando levemente.

— Considerarei uma honra passar-lhe o pouco que sei. Qual é o seu gênero de pintura?

— Já estudei seriamente a aquarela, mas, quando há seis meses morreu o velho professor de pintura que morava conosco, não encontrei mais quem me orientasse nas aulas,

— Mostre ao senhor Reshberg as suas obras. Para uma amadora, elas, realmente, não são más - disse a baronesa.

— Com todo o prazer! Levarei o senhor Reshberg à minha oficina para mostrar-lhe os meus borrões. Por que você não joga uma partida de xadrez com Bogdan Karlovitch? Todos hoje almoçarão conosco — anunciou Taíssa, prazenteira.

Entretanto, a garota só propôs ao jovem pintor para acompanhá-la, depois que cercou a avó de todo o conforto e quando se iniciou a partida de xadrez. Ambos atravessaram uma verdadeira sucessão de quartos magnificamente mobiliados, localizados no andar de baixo; depois, através de uma escada com tapete, subiram ao primeiro andar.

— À direita são os apartamentos da minha avó; aqui — são os meus e de mademoiselle Vérter - anunciou Taíssa, intraduzindo o pintor numa espaçosa sala de estar decorada em seda japonesa, com o fundo rosa salpicado por desenhos florais. Aí havia duas grandes gaiolas com passarinhos. No centro do ambiente,

localizava-se um aquário. Ao lado daquele quarto, havia um pequeno *boudoir* azul, da cor de sempre-vivas. Os jovens adentraram, então, um salão enorme, iluminado por largas janelas-venezianas. O salão ficava na extremidade da casa e de lá se descortinava uma vista maravilhosa para o parque. Ali era a oficina de Taíssa. Estava mobiliada ao estilo renascentista. Junto a uma das janelas, encontrava-se o cavalete e todos os apetrechos de pintura a óleo; junto a uma outra, sobre uma grande mesa, jazia uma aquarela iniciada e uma caixa com as tintas. No centro do salão, numa mesinha redonda repousavam livros, revistas e álbuns.

Taíssa convidou o artista a sentar-se. Pegando do armário de madeira trabalhada uma pasta, ela a depositou em frente do jovem.

Hugo começou a examinar curioso diversas pinturas a óleo e aquarela. Não eram cópias tiradas, mas criadas com a mente imaginativa da condessa. Eram muito originais e tinham um traço todo especial.

Eram representações de cenários de ficção e mistério; elfos, gnomos, fantasmas e outros espectros animavam aquelas paisagens estranhas e originais.

Cada vez mais surpreso, Hugo examinava aquelas obras demasiadamente lúgubres para a mão de criatura tão jovem, como Taíssa. Três quadros pequenos assombraram, mais que os outros, o pintor. Um deles representava um cemitério rural. Velhas árvores ladeavam túmulos pobres; cruzes de madeira pensas eram decoradas çom coroas de flores. Por entre a folhagem densa, filtravam-se raios de sol poente. Junto ao pequeno morro verdejante, mergulhado em penumbra, estava parada uma mulher de negro, orando fervorosamente e com os braços cruzados no peito.

A expressão de louco desespero que se congelara no rosto daquela mulher foi traduzida magnificamente. Diante dela e de um pequeno túmulo, aparecia uma sombra translúcida de criança, que,

com um semblante pesaroso, enxugava as lágrimas que se vertiam pelas faces da mãe.

O outro quadro produzia uma impressão ainda mais comovente. Representava uma entrada a uma capela mortuária, ou melhor: um jazigo familiar. Sobre a porta de bronze via-se um grande brasão, decorado por coroa de baronato. Altos salgueiros plangentes e bétulas cercavam aquela construção tétrica, iluminada pelo luar pálido. Uma bandeira da porta estava escancarada. Nos degraus da escada, junto à entrada do mausoléu, estava sentada uma mulher jovem, vestida de branco, com uma coroa de flores murchas sobre os cabelos encaracolados. Nas mãos que repousavam nos joelhos ela segurava um buquê de flores emurchecidas.

Apenas a cabeça do espectro parecia viva, destacando-se em relevo no fundo escuro do jazigo; o resto da figura estava mal delineado, seus contornos eram indefinidos e perdiam-se numa tênue névoa. Mas o que mais assombrava o olhar do espectador, era o rosto da jovem. Nele se congelara a expressão de uma melancolia tétrica e, nos grandes olhos, levantados para o céu, cintilava tal arrebatamento a algo longínquo, que o coração involuntariamente se comprimia e se achava, então, que ali se estava presenciando a própria dor, meditando e lamentando-se no limiar daquele jazigo descortinado.

O terceiro quadro representava um quarto, ricamente guarnecido, iluminado de leve por uma lâmpada de cabeceira. Em um pequeno leito, drapejado por rendas, dormia uma menina parecida com Taíssa. Aos pés da cama, estava parada a mesma mulher que fora representada junto à entrada do mausoléu, olhando com amor infinito para a adormecida. Sobre a criança, pairava, feito borboleta, a representação fosfórica que se desprendia de sua mãe. O acabamento da obra distinguia-se por uma perfeição incrível. A translucidez dos seres fluídicos era transmitida com tanta perfeição, que através deles se podiam divisar os objetos no quarto. Entretanto, esse eleito era tão habilmente calculado, que tudo que

se via através dos membros transparentes nem sequer chocava os observadores.

Hugo ficou examinando longamente os quadros e, finalmente, disse:

— Bem, condessa, só posso elogiar as suas obras. Seu talento é indiscutível, pois a senhora consegue transmitir no papel aquilo que lhe nasce na imaginação; isso é mais difícil do que se pensa. Só lhe falta um pouco mais de segurança na técnica e uma maior exatidão no desenho — o que eu espero consertar, se a senhora me der a honra de ensiná-la.

— Ah! Como as suas palavras me alegram, senhor Reshberg! Se o senhor acha que eu tenho talento, trabalharei arduamente para me aperfeiçoar. É verdade! Às vezes, a minha mão não obedece à minha vontade e até eu percebo certa inexatidão em meus trabalhos, mas não sou capaz de corrigi-los.

— Repito-lhe: a senhora tem um dom especial, ainda que um tanto tétrico. Perdoe-me as palavras, mas todos os seus quadros só falam da morte, da vida além-túmulo e do mundo fantástico de seres inexistentes.

— Por que o senhor chama de tétrico tudo que diz respeito à vida além-túmulo? — revidou vivazmente Taíssa. — Que há muitas coisas que escapam aos nossos sentidos rudes, isso lhe pode provar o microscópio. Esteja certo de que os cemitérios estão povoados e de que os nossos sonhos parecem vazios e desprovidos de atividade, porque nós esquecemos de nossas incursões noturnas e de encontros e conversas com os entes queridos. Devo *inclusive* confessar que, quando eu sento para trabalhar, fico dominada por uma certa inquietação estranha. Parece-me que ao meu redor, pairando em atmosfera radiosa, de tonalidade violeta, movimentam-se estranhos seres aéreos. Aromas desconhecidos atingem meu olfato; sons harmônicos soam no ar; fico perdida, quando tenho de escolher os objetos que vejo.

— Isso é um estado provocado pelo sistema nervoso, condessa, que pode virar uma doença. A senhora precisa se tratar — observou o pintor, com a admiração de um artista, olhando para a figura esbelta de Taíssa.

Branca e translúcida, ela se parecia com uma visão, com seu semblante delicado e pensativo e os olhos fundos e melancólicos.

— Ah, senhores céticos! Como eles gostam de ver um estado doentio e alucinações em tudo que lhes escapa da análise e controle por instrumentos! - considerou arrebatada a jovem. - Bem, vou lhe contar um caso que prova que as minhas visões se baseiam, às vezes, em fatos estranhos.

Folheando rapidamente uma outra pasta, Taíssa tirou uma aquarela e a passou a Hugo. O desenho representava uma paisagem. Os rochedos musguentos eram cobertos aqui e ali por pinheiros e arbustos; entre as rochas precipitava-se, espumando, uma cachoeira, perdendo-se no abismo.

— Está vendo ali à esquerda um buraco negro? Ali é uma pequena gruta, em que mandei colocassem um banco. De lá, é possível acompanhar toda a queda d'água até o fundo do precipício, caindo em um rio revolto e muito fundo. Esse belo local se acha na floresta, perto do parque. Sempre gostei de lá, ainda que na infância eu fosse terminantemente proibida de ir, pois o caminho é muito íngreme e perigoso.

Quando completei quinze anos, deixaram-me fazer o que quisesse e eu comecei a freqüentar o local com um livro e uns lápis, para ler ou desenhar, ouvir os estrondos da água descendo. Logo, comecei a perceber que toda vez que eu ia lá, um certo torpor me dominava, seguido de um esquecimento que me impedia de me mover, ainda que aquilo não fosse um sonho. Ao contrário, meus sentidos pareciam adquirir uma certa acuidade doentia e todos os objetus a minha volta começavam a se fosforizar. Então, embaixo da correnteza, aparecia uma mulher em trajes de noiva. A água vertia-se de seu vestido branco, o véu estava rasgado e a coroa de fores

de laranjeira pendia de lado nos cabelos emaranhados. A mulher parecia infeliz e vivia chorando. Ela torcia as mãos e seus gemidos dilaceravam a alma.

No início eu ficava apavorada, mas depois me acostumei àquela visão e até tentei pintá-la; mas jamais dela comentei com alguém.

Certa vez, quando eu estava na gruta, desencadeou-se um grande temporal com uma forte chuva. Mais tarde, quando eu quis descer, a trilha estava tão escorregadia, que era impossível andar sem o risco de cair no abismo.

Eu retornei à gruta e comecei a esperar, certa de que alguém viria me procurar; algum tempo depois, eu vi o velho guarda-florestal, muito meu amigo. Gritei por seu nome e contei o que estava acontecendo. Ele subiu até onde eu estava e depois me ajudou a descer, reprovando-me pelo fato de eu sempre ir àquele lugar mal afamado.

— Meu Deus, Nikita! Aqui não há caçadores clandestinos - disse-lhe rindo.

— Isso é verdade, mas o local está cheio de almas penadas. Essa queda d'água está enfeitiçada - todos sabem disso.

Eu comecei a suplicar-lhe para ele me narrar a lenda daquele local. Ele me contou que, no castelo, há cerca de sessenta anos atrás, aconteceu uma história trágica. Um dos filhos do meu bisavô apaixonou-se pela filha do administrador e ela também por ele. Eles decidiram casar-se. Quando o meu bisavô soube daquele amor, ficou possesso. O filho foi imediatamente mandado para o exterior e ao administrador foi dito que ele seria despedido, se não casasse sua filha. Para aliviar a situação, meu bisavô deu um bom dote à jovem mulher e escolheu-lhe rapidamente um marido. Mas, no dia do casamento, a infeliz enlouqueceu de desespero. Imediatamente antes de ir à igreja, ela desapareceu e só mais tarde seu corpo foi encontrado no rio.

Assim, senhor Reshberg, como vê, as minhas visões nem sempre são simples alucinações - terminou Taíssa, com certa jactância.

— Deus me guarde afirmar algo semelhante! Em tais coisas sou um profano total, mas desejo sinceramente que me convençam - disse o jovem pintor sorrindo e olhando fascinado para o rosto encantador e animado de sua interlocutora.

A chegada de Vérter deu um novo rumo à conversa. Discutiu-se, então, o melhor lugar para acomodar o artista; Taíssa propôs que lhe pusessem à disposição o pavilhão localizado perto do castelo, construído por seu tio para servir de oficina fotográfica. O pavilhão era composto de três quartos e de uma oficina envidraçada.

— Eu espero, senhor Reshberg, que ali seja de seu agrado, embora o local não seja iluminado por luz elétrica.

— Oh! Não sentirei falta disso; ficarei bem em qualquer lugar que me derem - alegou Hugo, sorrindo. - Não sou estragado com mimos - acresceu. - Minha vida sempre foi pobre, cheia de trabalho e desprovida do mais simples conforto. Mesmo hoje, os meus recursos impedem-me de abrir um bom ateliê. Mas isso não me perturba. Com minha arte sou feliz até em mansarda e ninguém me atrapalha de criar nas telas os palácios mais majestosos, rodeá-los com jardins feéricos e mobiliá-los com o luxo de sátrapa. O que vale são as fantasias do artista!

— Tem razão, senhor Reshberg! A inspiração é uma companheira divina e é feliz aquele que consegue transmitir, para a tela, toda aquela beleza ideal que se assoma dianle de seu olhar mental e que só pode ser compreendida por um gênio! Esses seres privilegiados, em cuja fronte arde o feixe de gênio, não se misturam à turba, que não os entende e frequentemente os humilha. Para as suas obras, eles não necessitam de modelos vivos. Em suas almas habita um mundo totalmente diferente. Diante deles se revelam as imagens do grandioso, do majestoso e do ideal, inacessíveis ao olhar rude da turba, que eles, mais tarde, animam com a chama divina que transborda de seus seres. Será que o senhor acha que os artistas

só criam fantasias que lhes nascem no cérebro? Claro que não! A alma do gênio atrai para si, de esferas ignotas, os heróis de suas obras, trazendo uns das alturas de nosso límpido mundo, outros - dos sorvedouros lúgubres.

No decorrer de sua fala, a jovem animou-se. Um rubor febril cobriu-lhe as faces e os olhos brilhavam febricitantes. Mas Verter, que temia que a sua ex-pupila se excitasse demais, deu um novo rumo à conversa, mostrando a Hugo o retrato da condessa morta, pintado no exterior por um artista famoso; o jovem pintor convenceu-se, surpreso, que, para os quadros de Taíssa, servia de modelo, principalmente, a sua mãe falecida.

A conversa tornou-se genérica; todos, em seguida, desceram ao terraço para almoçar; nele, Bogdan Karlovitch terminava sua partida de xadrez com a baronesa. O almoço passou tão animado e alegre, que o jovem pintor poderia ser considerado um velho amigo da casa, e mesmo ele se sentia tão à vontade na companhia de mulheres amáveis e evoluídas, que via o pedido feito pelo médico como uma verdadeira felicidade.

Após a saída dos homens, Taíssa levou a avó ao seu quarto e só depois que a baronesa se deitou na cama, tomou o chá e adormeceu, a jovem retirou-se aos seus aposentos e despediu-se de Verter. Ela foi diretamente ao *boudoir* para examinar algumas contas que lhe trouxera o administrador.

Sobre a escrivaninha, ela encontrou uma carta e pela letra reconheceu que era do pai. A jovem abriu-a indiferente e com o olhar frio percorreu as linhas eivadas de amabilidades banais com que a tratava o conde. Em seguida, jogando-a na gaveta, recostou-se no espaldar da poltrona e entregou-se a devaneios. Tudo que se referia a seu pai lhe produzia uma impressão desagradável e reavivava invariavelmente em sua memória a cena entre ele e a baronesa no dia do enterro da mãe, desencadeando em sua alma infantil uma perturbação terrível.

Aqui, nós gostaríamos de fazer uma rápida retrospectiva dos fatos que ocorreram desde o passamento da condessa Júlia e dizer em algumas palavras como cresceu sua filha.

Alguns dias depois da morte da mãe, Taíssa adoeceu seriamente e sua vida correu muito perigo. A baronesa houve por bem telegrafar ao pai, mas este se preparava para viajar para o exterior e limitou-se apenas a expressar seu carinho paternal em cartas e telegramas. Ao ficar doente, Taíssa expressou a vontade de ver o pai e o seu não comparecimento, pelo visto, abalou a jovem, fato que tentou disfarçar.

A recuperação da doente foi bastante longa. Quando, no inverno, o conde veio no dia de seu aniversário e trouxe-lhe presentes maravilhosos, a menina permaneceu indiferente e circunspecta. O conde atribuiu os seus sentimentos hostis à influência da baronesa e, se isso ainda era possível, odiou-a ainda mais.

Ele partiu sob o peso de uma sensação desagradável e suas visitas tornaram-se cada vez mais raras. Taíssa jamais perguntou dele e, no fundo de sua alma, nutria por ele um amargo sentimento de hostilidade.

Entretanto, de sua adoração à mãe, ela criou um verdadeiro culto. O retrato da condessa falecida ocupava no quarto da menina um profundo nicho, sempre repleto de maravilhosas flores frescas. O nicho era toldado dos olhares indiferentes por uma cortina de seda.

Quando não havia o que lazer, a menina gostava, ao se enfurnar na poltrona funda, de meditar fitando o rosio da mãe.

Nessas horas um estranho estado se apoderava de Taíssa. Parecia-lhe que os olhos do retrato se animavam e a boca lhe sorria. Depois, a figura aérea saía da moldura em seu branco vestido rendado, aproximava-se da poltrona e afagava com seus dedos afilados as madeixas escuras da menina. Em seguida, descendo de joelhos aos seus pés, ela, como sempre o fazia antes,

beijava meigamente sua boquinha e a chamava por nomes mais carinhosos e tentava confortá-la em sua solidão.

Essas horas de devaneios silenciosos, acompanhadas com as visões da mãe, eram os melhores momentos na vida de Taíssa. Ela não experimentava um mínimo de medo; ao contrário, com um certo prazer mórbido recordava como a sua mãe morrera, segurando-a em seus braços, e que o seu último pensamento, o último beijo e o último olhar pertenciam a ela.

Apesar de sua grande afeição à avó e à governanta, Taíssa pouco lhes falava de suas visões e, certa vez, interceptando em seus olhares uma expressão de inquietude, ela parou de se referir a elas por completo.

Assim crescia ela, dócil de temperamento, mas enérgica, orgulhosa e introspectiva, pouco falante e como que estranhamente melancólica num ambiente de amor e luxo. Ela gostava de flores e animais, para cuja domesticação tinha uma habilidade incrível. Assim, os passarinhos vinham lhe bicar a comida diretamente das mãos, e até os peixinhos dourados no aquário subiam à tona, tão logo ela se curvava diante deles.

Taíssa recebeu uma educação brilhante. No inverno, em Petersburgo, davam-lhe aulas os melhores professores; depois, a baronesa de Rodenberg passou com ela um ano inteiro no exterior, para que ela pudesse aperfeiçoar as línguas. Aos dezoito anos, a moça dominava perfeitamente francês, inglês e italiano, sem contar russo e alemão. Além disso, ela pintava com muito talento, era uma excelente musicista e cantava bem.

Não com menos fervor, a baronesa de Rodenberg ocupou-se da educação prática da neta. Já aos catorze anos, a menina começou a ser instruída para administrar a casa e, aos poucos, todos os negócios passaram às mãos de Taíssa. A partir do momento em que a baronesa se privou da mobilidade das pernas e adoeceu seriamente, por três anos, todas as determinações partiam diretamente de Taíssa. Ela recebia e examinava todas as contas dos

administradores; ela dirigia todo o pessoal de serviço. Resumindo: Taíssa era uma dona-de-casa completa e sabia perfeitamente as quantias da receita e da poupança que eram depositadas no banco estatal.

Com receio de que o pai começasse a explorar Taíssa, caso ela, a baronesa, viesse a falecer, esta fez todo o possível para que a neta fosse independente e armada para a luta da vida, capaz de administrar seus numerosos bens — o que ela conseguia com bastante sucesso.

Frequentemente, a avó e a neta conversavam por longas horas sobre o presente e o porvir. Taíssa queria conhecer mais detalhes sobre a vida íntima da mãe, sobre os motivos de sua morte prematura. Agora ela já entendia melhor aquela acusação que a avó lançara ao pai, censurando-o pelo assassínio da esposa. Nessas conversas, a baronesa tentava fazer com que Taíssa compreendesse que a ilusão era um grave equívoco em questões de casamento, e que sua mãe caiu justamente como uma vítima das desilusões inevitáveis que acompanham uma vida marital.

— Sem dúvida, despojar do futuro marido aquela aura brilhante com que o cerca a noiva é uma operação muito difícil e muitas mulheres, à semelhança de sua mãe, tornam-se vítimas — acresceu a baronesa. — Só que, a meu ver, entregar-se a tal ponto aos sentimentos desconexos é unia fraques criminosa. Uma mulher razoável, ao se casar, não só deve cumprir zelosamente seus deveres e obrigações, mas, sobretudo, ser indulgente e não esperar por felicidade ideal, pois isso *é* pura ilusão. Ela deve tentar ser feliz à medida do possível, pois, minha criança, o amor do marido não é o objetivo único da vida de uma mulher. Ela não tem direito de pôr em risco sua vida só porque ele a trai, já que existe um outro amor, mais puro e sagrado - o amor maternal. Este amor é justamente a estrela que orienta o caminho na escuridão que envolve o coração em caos de sofrimentos. Ele é o talismã que acalma a indignação do coração traído. Os olhos de uma criança inocente possuem uma influência estranha: eles confortam e acalmam os sentimentos

tempestuosos do coração ultrajado. No sorriso de sua criança, a mãe haure o esquecimento de todas as ofensas, enquanto o conflito vai esmorecendo nesse sentimento tenro, que a tudo absorve, de tal forma que ela já consegue encontrar uma nova felicidade.

— Parece-me mais razoável simplesmente não me casar - dizia Taíssa.

— Por quê, minha querida? O matrimônio é um compromisso divino e o coração da mulher busca instintivamente o amor. Nada do que eu falei tem por objetivo condená-la a uma vida solitária, mas sim sugerir-lhe a razoabilidade. Você deverá escolher, após uma reflexão madura, o homem a quem confiará a sua vida, e sobretudo não incluir, em sua união, ilusões inexistentes e nem se imaginar sagrada para o seu marido. Deixe que, na sua vida marital, a sua razão fale em igualdade com o coração.

Taíssa tentava absorver as palavras sábias da avó, mas ela era demasiadamente nova e inexperiente para compreender plenamente o seu sentido. Quanto ao pai, ela jamais conseguia tratá-lo com indulgência, pois, certa vez, ouviu casualmente da camareira uma conversa com o criado, em que o último, inadvertidamente, contou a intriga entre o conde e Tereza, assim como a cena escandalosa que fora a principal causa da morte da condessa.

Lembrando desses fatos, um sentimento cruel e cheio de ódio assolava a alma meiga e harmônica de Taíssa e em seus ouvidos soavam as palavras da criada: “E por uma devassa miserável, originária da ralé, ele traiu a nossa ama - um anjo de beleza e virtude”!

Sua pobre mãe, a despeito de sua inteligência e beleza fascinantes, não pôde contentar o pai, e ele deu preferência a uma moça de rua. Isso era repulsivo!

Aos poucos, Taíssa começou a considerar o matrimônio como algo assustador, em que, sob a aparência de uma corrente de rosas,

espreitava-se uma serpente, sempre pronta a ferir o coração.

Felizmente, ninguém poderia obrigá-la a se casar. Ela era rica, independente e menos cega que a maioria das moças de sua idade e posição. Ela entendia perfeitamente que valor lhe conferia a sua riqueza e sabia que muitos homens iriam fazer o possível e o impossível para possuí-la e, aproveitando-se dos bens dela, dourar o seu brasão, enegrecido por dissipação e relacionamentos com mulheres perdidas. Só que ela jamais faria parte dessa especulação - já bastava que a sua mãe tivesse sido uma vítima disso!

Ainda que, em seus diálogos com a neta, a baronesa jamais tivesse abordado a importância que teve o dinheiro no casamento de sua falecida mãe, Taíssa tinha conhecimento de que o pai não possuía patrimônio próprio e que a maior parte de sua receita era por conta da herança deixada para ele pela condessa morta.

A jovem moça concluiu que o conde casara por conveniência e que a sua avó o desprezava por essa especulação ignóbil, que custara a vida de um ser puro e encantador que ele não soubera valorizar.

O quanto era possível, a baronesa evitava falar de Adrian Petrovitch e jamais disse algo sobre a forma de vida que ele levava. Bastava alguém tocar no nome do conde e o rosto da baronesa desfigurava-se em uma expressão ferina e severa. Durante os raros encontros do conde com a baronesa, sempre reinava uma gélida sisudez.

Todas essas circunstâncias criaram entre o pai e a filha uma barreira invisível, e a notícia de que o conde logo viria ao castelo de Rodenberg produziu em Taíssa uma impressão pesada, despertando uma série de recordações difíceis.

A moça, porém, acostumara-se à disciplina rigorosa. Empertigou-se suspirando e aproximou de si as contas do administrador. Ela deveria verificar e enviá-las de volta no dia seguinte. Taíssa pôs-se a trabalhar fervorosamente e logo tudo estava esquecido; só

pensava em cifras que deveria checar e esse trabalho sério a acalmou.

VII

Sentados em uma pequena carruagem aberta, que os levava até a estação ferroviária próxima, Hugo e o velho médico conversavam sobre o agradável dia passado no castelo de Rodenberg. O pintor estava fascinado. Ele não se cansava de elogiar a bondade e a sensatez da baronesa, assim como a beleza encantadora de Taíssa. Meio hesitante, ele acrescentou:

— Gostaria muito de lhe fazer uma pergunta, Bogdan Karlovitch, sobre a jovem condessa, mas não quero parecer indiscreto.

— Vá em frente! Pergunte! Se não puder respondê-la... ficarei mudo, mas continuaremos bons amigos.

— Estou de acordo. Se não for um segredo, por que é que a condessa Argunova parece tão infeliz? Ela é bela e rica. A vida lhe sorri, no entanto, todo o seu ser parece ulcerado de profunda tristeza; seus quadros tétricos são uma prova disso. Bogdan Karlovitch afagou pensativamente a barba.

— Sua observação é correta, meu amigo! A pequena tem um sistema nervoso abalado, cuja origem remonta ao passado.

Taíssa contava com sete anos, quando perdeu a mãe. A morte da condessa deu-se em circunstâncias trágicas. Ela, pelo visto, adorava o marido, mas este - deve-se dizer - era o maior canalha que Deus já criara.

Não conheço todos os detalhes da históna, sei apenas que a condessa flagrou o marido em companhia de uma certa coquete. Ficou tão passada, que teve superexcitação nervosa, da qual veio a falecer.

Taíssa logrou chegar até o quarto da mãe moribunda, e esta morreu abraçando a filha. O senhor deve entender que consequências isso teve sobre a mente da criança. Para cumular, a pequerrucha ouviu, casualmente, a conversa do pai com a avó, da qual ela inferiu erroneamente que o conde matara a mãe. Como resultado de tudo isso, Taíssa teve inflamação cerebral. Sua vida ficou por um fio. Tratei dela naquela época e achava que ela não resistiria. Foi a partir daquele tempo que se iniciou essa tristeza incurável e aqueles devaneios lúgubres, notados pelo senhor.

— E onde está o conde agora?

— Ele fixou residência em Petersburgo, onde serve no Ministério da Guerra. O conde permanece solteiro e leva uma vida dissoluta. Pobre Taíssa! Se a baronesa morrer — e ela não vai aguentar muito -, seu querido pai, sem dúvida, fará com que ela se case com algum pândego desavergonhado, tal qual ele.

— Que coisa! Sinto tanta pena dessa moça pura e inocente. Que contraste de nossas donzelas de alta-roda, na maior parte libertina.

O doutor desfechou uma gargalhada. Dando uns tapinhas no ombro de seu companheiro de viagem, ele observou maliciosamente:

— O senhor deve falar isso por experiência, Hugo Antonovitch? Ouvi dizer que o senhor desfruta entre as damas de um incrível sucesso e que até a baronesa Vick está louquinha pelo senhor. Que ingratidão! O senhor as chama de libertinas!

O pintor largou um sorriso.

— **Posso lhe jurar que não persigo esse sucesso!**

A família, na qual me eduquei e à qual devo o que sou, sempre levou uma vida regrada, atendo-se aos severos princípios de honra e dever. O meu benfeitor acompanhou rigidamente a minha vida e as leituras. Levei uma existência solitária, trabalhei muito e a minha arte substituía as demais

diversões. Por isso estou acostumado a uma vida solitária e ao trabalho sério. Aprecio, nas mulheres, a beleza ideal que flui da alma pura e harmônica. Por esta razão, são-me indiferentes as belas mulheres voluptuárias e provocantes que tive de pintar.

— Não diga! Nunca pensei que o senhor fosse Cato{11}, o estóico.

— Oh, também não é assim! Não sou nenhum santo e confesso, para vergonha minha, que já sucumbi várias vezes - revidou Hugo, rindo. - E que eu me recomponho a tempo; estou farto desse tipo de mulheres, despojadas de qualquer sentimento da própria dignidade, que se oferecem aos homens. Estou imensamente reconhecido, Bogdan Karlovitch, por ter me recomendado às Argunova. Agora posso rejeitar todas as outras encomendas e descansar por algumas semanas em companhia daquelas mulheres simpáticas e inteligentes.

A chegada à estação interrompeu a conversa e, ao desembarcarem na cidade, eles se despediram.

Pela primeira vez em muitos anos, Hugo estava passando o verão em Riga. Os estudos anteriores e o trabalho árduo não permitiam que ele deixasse Petersburgo. Depois, graças à medalha que havia ganho em uma exposição, ele passou, por conta do governo, dois anos no exterior: um - na Alemanha, outro — na Itália.

Durante a sua ausência, o seu benfeitor e a esposa morreram, deixando-lhe uma parte dos bens, não muito grande, mas que permitiu ao jovem uma certa tranquilidade. A exposiçao bem sucedida de um retrato propiciou-lhe muitas encomendas e até alguma fama.

Hugo tinha trabalhado muito e, naquela primavera, sentiu-se tão esgotado de corpo e mente, que se permitiu um descanso de algumas semanas na casa da mãe, que não via há cerca de doze anos. Ainda que se correspondesse com ela, as cartas limitavam-se, sobretudo, às felicitações de aniversário e outras festas; Josefina

respondia-lhe tão raramente e em termos tão superficiais, que o jovem pintor pouco sabia sobre sua família.

Abarrotado de presentes, com o coração repleto de bons e afetuosos sentimentos em relação aos entes próximos, com os quais se encontraria após tanto tempo de separação, Hugo viajou ao povoado, onde residia sua mãe. Mas a decepção já o aguardava nos primeiros minutos.

Josefina estava dando uma festinha de aniversário para seu filho caçula, aprendiz de padeiro. A vinda de Hugo constrangeu, visivelmente, todos. Um quarto de hora depois, o jovem convenceu-se de que se tornara um estranho na família, sentindo-se deslocado no meio daquela gente simples, cujo linguajar e modos o chocavam e afastavam.

Josefina continuava trabalhando como lavadeira. Ela envelhecera e sofria de reumatismo. O filho parecia-lhe um verdadeiro fidalgo; ela mal se atrevia a chamá-lo por “você” e o tratava com reverência cômica. Não obstante, ela logo atinou que Hugo se tornara um nababo e, candidamente, tentou lhe subtrair algum dinheiro.

Decorridos dez dias, Hugo anunciou a sua decisão de passar o verão em Riga, onde ele tinha algumas encomendas para terminar. Ele riu involuntariamente por dentro, quando viu a expressão de alívio da família com a notícia de sua partida.

Ao sc despedir, Hugoprontificou-sese a pagar os estudos da irmã, que queria ser figurinisia, e enviar mensalmcntc uma pequena quantia à mãe, a título de pensão, para que ela pudesse descansar. Suas promessas causaram alegria geral.

Antes de viajar, Hugo foi visitar o velho Kunrad, que morava na antiga casa. A desafortunada corcunda continuava a trabalhar para ele.

O velho asqueroso estava magro e sovina como nunca. Hugo perguntou-lhe da filha e neta. Kunrad respondeu-lhe que ele não tinha qualquer notícia de uma nem de outra e começou a xingá-las

por terem esquecido do pobre velho, que elas tinham a obrigação de sustentar e cuidar.

O pintor deixou-o enojado. Sua mãe lhe dissera que o desprezível avarento havia vendido Rafaela para um indivíduo desconhecido, provavelmente um acrobata, assim Hugo concluiu que ela já devia ter perecido como tantas outras crianças nesse ofício duro.

Em Riga, Hugo foi morar num dos subúrbios; alugou uma pequena casa mobiliada, cercada por jardim. Nela, ele instalou seu ateliê, aproveitando o cômodo de um fotógrafo que lá vivera.

A fama do jovem artista logo lhe propiciou novas encomendas e, ao invés de descansar, ele pintou alguns retratos femininos, pois as damas eram assaz benevolentes para ele.

Ao voltar do castelo de Rodenberg, Hugo passou a manhã inteira no afã de comprar telas, tintas e diversos outros objetos que lhe poderíam ser úteis. Ao retornar para casa, ordenou que lhe fosse servido o desjejum. Ele planejava, em seguida, fazer as malas e pegar o primeiro trem.

Ainda absorto em seu desjejum, veio a criada anunciar-lhe a vinda de uma dama, querendo lhe falar imediatamente. No cartão de visita estava impresso o nome da baronesa Vick. O semblante de Hugo carregou-se. As perseguições daquela mulher já há algum tempo o cansavam; agora ela vinha para sua casa! Após dar ordem de levar a baronesa ao ateliê, ele lavou as mãos, arrumou o traje e dirigiu-se para lá também.

Diante do cavalete onde repousava um quadro praticamente pronto, estava sentada uma mulher elegante, de vestido preto, com visível pretensão à simplicidade. Seu rosto não se destacava pela beleza, tinha traços maliciosos, e, nos grandes olhos negros, lia-se uma obstinação arrogante. Sem dúvida nenhuma, ela se considerava vitoriosa e conhecia seu preço.

Com a entrada do artista, ela levantou-se rapidamente e, em algumas palavras, prodigalizou elogios ao quadro no cavalete.

Pareceu não estranhar a gélida e cortês pergunta de Hugo:

— Em que posso ajudá-la, baronesa?

— Tenho um grande pedido, senhor Reshberg! Sei que o senhor está com muitas encomendas, mas espero que o senhor arrume um tempinho para mim e faça o meu retrato. Quero dá-lo de presente ao meu marido no dia de seu aniversário: 30 de agosto. Como é uma surpresa, se não for incômodo, gostaria de posar aqui mesmo — em seu ateliê. O senhor pode pedir o preço que julgar necessário.

Pelos lábios do artista escorreu um sorriso, cujo duplo sentido ele nem tentou disfarçar.

— Sinto muito, baronesa, porém não posso pegar o trabalho, pois me é absolutamente impossível executá-lo no prazo estabelecido. Ontem acabei de aceitar dois retratos e para fazê-los levarei de duas semanas a dois meses. Durante esse tempo, ficarei fora de Riga.

O rosto da baronesa assumiu uma expressão de desapontamento, seguida de birra.

— Que seja então para o Natal! Um retrato pintado pelo senhor é sempre um presente esperado. Estarei retornando a Petersburgo em 5 de setembro e até lá espero que o senhor tenha tempo de fazê-lo.

— Sem dúvida alguma, baronesa! farei o retraio assim que retornar à cidade.

Após uma breve e fútil conversa, a baronesa saiu. Assim que a porta se fechou atrás dela, Hugo, com gesto de nojo, atirou o cartão dentro do vaso de cristal no parapeito da janela.

— Sem-vergonha! - resmungou ele. - Isso que é jogar abertamente! Ela quer posar aqui! Deus me livre! Não quero fazer parte da surpresa ao barão. E se for destino pintar o seu retrato, fá-lo-ei em sua casa.

O jovem pintor lembrou-se, então, de Taíssa, de sua beleza pura e harmônica, de seu olhar límpido.

— Como ela é diferente dessas coquetes grã-finas! — pensou ele. - Duvido, entretanto, que ela venha a ter tanto sucesso no amor com os homens como essa bacante sem dignidade. Ela não seria compreendida com seus sentimentos delicados e suas virtudes consideradas tolas. Ah! Como é podre este mundo em que vivemos!

No dia seguinte, Hugo partiu para o castelo de Rodenberg, onde começou para ele uma nova vida, cheia de encantos. Ele não só era cercado por luxo e conforto, como também sentia-se ditoso com o tratamento amigável e predisposto. O período até o almoço era dedicado invariavelmente ao trabalho. Hugo pintava dois retratos simultaneamente. Levantando-se com o sol, trabalhava com tanto arrebatamento que as duas enormes telas já estavam em estágio adiantado. A baronesa posava sentada em sua poltrona de rodinhas no terraço; Taíssa - sentada na margem do lago com um cachorrinho bolonhês no colo. Ambos os retratos, executados com o pincel de mestre, tinham incrível semelhança com os modelos.

As tardes eram dedicadas aos passeios a pé ou de carruagem em companhia de Vérter, uma velha e querida companheira da pupila. As noites consagravam-se às leituras, à música ou, então, Hugo ministrava aulas de desenho a Taíssa, ou lhe dava exercícios técnicos para a próxima aula.

A baronesa de Rodenberg não criava obstáculos ao bom relacionamento dos jovens. O artista era tão respeitoso e reservado, sabendo sempre se colocar numa distância prudente, que a baronesa não temia por parte dele qualquer tipo de indiscrição. Sendo franco por natureza, ele não escondia suas origens humildes, tampouco quem o ajudou a se tornar um artista destacado.

Aliás, os seus modos e o tipo de educação jamais melindraram o salão aristocrático da baronesa. Durante a sua longa permanência no estrangeiro, Hugo aprendeu vários idiomas; falava fluentemente francês, inglês e italiano. Um instinto infalível permitia-lhe sempre

achar um tom adequado em qualquer circunstância imprevista. O jovem artista era um aristocrata por inspiração, já que não o era por nascença.

Hugo tornou-se a tal ponto favorito da baronesa, que ela deixou-lhe fazer algo que jamais permitiría a um outro artista: reproduzir os traços do rosto de Taíssa num quadro que ele planejava pintar para uma exposição. Certa vez, folheando um álbum de esboços que trouxera de Roma, Hugo mostrou para as damas o templo restaurado de Vesta e um esboço do quadro que ele sonhava em pintar com os motivos que lhe sugeria aquele local. Faltava-lhe, para executar aquela obra, um modelo adequado.

Hugo queria representar o templo de noite. Aos pés do altar dormitava uma vesta{12} de serviço, sem se aperceber que a chama sagrada estava prestes a se extinguir. Simultaneamente, surgia a própria deusa, protetora de sua servidora pura e casta, despertando-a para manter a chama.

Arrebatado por,uma inspiração súbita, Hugo esboçou a figura de Taíssa em trajes da vestal. Sob um longo véu branco, o rosto da donzela de fato tinha uma expressão divina de castidade virginal. Meio inquieto, meio súplice, ele estendeu a folha à baronesa. Esta examinou o desenho longamente, depois sorriu e deu a permissão aguardada.

Passou um mês desde que Hugo se instalara no castelo. Externamente nada mudara no relacionamento entre os jovens; ainda que, no íntimo de cada um, brotasse um interesse maior de um pelo outro, o que poderia tomar dimensões perigosas. Porém, nem a baronesa nem o olho vigilante de Vérter perceberam nada.

Convém esclarecer que a própria Taíssa estava consciente do profundo interesse que lhe infundia o pintor. Ela achava isso natural, visto o jovem ser-lhe simpático. Tinha admiração por seu talento, sentia-se bem ao seu lado - e nada mais.

Hugo, pelo contrário, sabia estar cedendo insensatamente a uma paixão irrealizável e tentava se convencer de que deveria sufocar um sentimento que lhe traria apenas sofrimento e humilhação. O filho da lavadeira jamais viria a se casar com a condessa Argunova - uma rica herdeira -, e, de sua parte, seria até criminoso perturbar a tranquilidade da jovem moça. Todas as noites, na quietude solitária, Hugo empreendia as decisões das mais sábias e enérgicas; mas, ao se encontrar com Taíssa — bela como o sonho de um artista -, simples, amável e bondosa, ele se esquecia do abismo que os separava e novamente se rendia a seus feitiços.

Tal era a situação até que, certa vez, quando todos estavam saboreando o desjejum, veio um telegrama em nome de Taíssa. A jovem abriu-o indiferente, mas, mal o percorreu com os olhos, corou e uma prega sombria entrecortou-lhe a fronte. Dirigindo-se para a avó, ela disse:

— Meu pai está chegando no trem das dezesseis horas. Ele vem acompanhado de um amigo, príncipe Ardagan, para quem devemos arrumar um aposento.

O rosto da baronesa anuviou-se.

— Príncipe Ardagan! — fez ela, aparentemente remexendo na memória. — Que estranha fantasia é essa de trazê-lo para cá? De qualquer forma, Taíssa, faça as determinações necessárias.

O repasto terminou em silêncio geral e todos se separaram. Taíssa foi expedir as devidas ordens, enquanto Hugo recomeçou o trabalho, que parecia não progredir em nada. Intimamente, o jovem estava desgostoso com a chegada inoportuna do conde, que lhe perturbaria a vida agradável. Irritava-o sobremaneira a vinda do príncipe - talvez um pretendente, cuja permanência teria de suportar.

Com o coração oprimido, o jovem artista vestiu-se para o almoço e, sentindo-se sem vontade para a leitura, decidiu dar uma volta no parque. Durante o passeio, viu um landau saindo do castelo para

buscar o conde. Ao se aproximar do terraço, encontrou Taíssa, que também veio para passear. A moça juntou-se a ele sem cerimônia e eles desceram a alameda de carvalhos e tílias. Ambos estavam calados. Em vista da visível irritação e mau humor de Taíssa, Hugo não sabia como começar a conversa. A jovem também trocara de roupa. Trajava um bonito vestido de musselina, com acabamento em renda e bordado, à cinta estava fixado um pequeno buquê de flores frescas.

Seu olhar, porém, era sombrio, a tez mais pálida do que de costume e nos lábios estampava-se uma expressão de amargura. Suas mãos brincavam com um pequeno leque japonês, pendurado na cinta.

Por fim, o silêncio começou a oprimir o pintor e ele observou:

— Seu pai está lhe fazendo uma surpresa agradável, condessa. Parece-me que a senhora não esperava por sua vinda.

Taíssa ergueu a cabeça e lançou para Hugo um olhar tristonho, misto de censura e descontentamento.

— Por que o senhor diz conscientemente uma mentira, senhor Reshberg? Já faz cerca de um mês que nós vivemos juntos como bons amigos, e o senhor deve saber perfeitamente que nada me é mais antipático que uma mentira intencional. O senhor sabe bem que a surpresa não foi agradável. Além do mais, o senhor é muito observador para não entender que não morro de amores por ele. De qualquer forma, não lhe responderei com uma mentira diplomática, e direi francamente que a sua vinda é simplesmente desagradável, já que o que o traz para cá não é sua afeição por mim ou algum desejo de me ver. Eu quase não o conheço e, para mim, ele é tão estranho como o príncipe que ele está trazendo, cuja visita certamente vai acabar em dissabores. Pressinto que esse estranho, que ele quer introduzir no nosso convívio familiar, não passa de um pretendente, protegido por meu pai, provavelmente algum dissipador arruinado, precisando do meu dote para acertar a situação financeira. Mas só que ele está redondamente enganado!

Jamais casarei com um inconsequente da alta-roda, que dorme de dia e às noites passa em farras.

A jovem silenciou visivelmente acabrunhada. A irritação interna fê-la dizer mais do que queria. Hugo, porém, nada percebeu. As palavras da jovem semearam em seu coração sentimentos ainda mais confusos.

— Entretanto, condessa, a senhora não pode deixar de escolher os homens de seu convívio — observou ele, indeciso.

— Sem dúvida! Mas espero encontrar um homem que eu possa respeitar; caso contrário, jamais me casarei! - contrapôs ela, apressando os passos, visto que, naquele instante, dois criados empurravam a poltrona da condessa para o terraço.

A baronesa também estava com aspecto abatido. A conversa não entabulava. Finalmente, interrompendo uma discussão sobre as diferentes espécies de orquídeas, a baronesa perguntou:

— Você não se esqueceu mandar a carruagem? Já são cinco e meia.

— Não, não esqucci. Se meu pai vier — você conhece a sua impontualidade ele estará aqui dentro de alguns minutos.

Mal Taíssa acabara de dizer aquilo, ouviu-se o ranger das rodas da carruagem pelo piso areento da alameda e, alguns minutos depois, no quarto vizinho, ouviu-se o barulho das passadas.

Pálida e nervosa, Taíssa ergueu-se e deu alguns passos em direção ao pai. Este correu-lhe ao encontro, premeu-a efusivo ao peito, cobriu-a de beijos e disse:

— Finalmente a vejo, meu anjo, minha filha querida!

Soltando-a, por fim, de seus braços, ele se aproximou da baronesa e beijou-lhe respeitosamente a mão.

O conde mudou pouco. Apesar de seus quarenta anos de idade era ainda um homem belo. Em seus cabelos negros, assim como na barba, não se via um fio de cabelo branco. Talvez por ficarem mais ralos, seus cabelos conferiam às faces um contorno mais agradável. De qualquer forma, como já dissemos, ele ainda permanecia bastante bonito e poderia, sem querermos lisonjeá-lo, fazer muito sucesso junto às mulheres.

— Permita-me, baronesa, apresentar-lhe o meu melhor amigo - o príncipe Leonid Dmitrievitch Ardagan - anunciou ele, apontando para o seu companheiro.

O último curvou-se respeitosamente sobre a mão estendida e, depois, voltando-se, fez uma reverência para Taíssa.

A figura do príncipe impressionou Hugo. O pintor não imaginava ver alguém tão diabolicamente bonito. Todo o seu porte era fascinante.

Leonid Dmitrievitch tinha um tipo oriental da região caucásica. Era alto de talhe, magro e flexível como um montanhês legítimo. Seu rosto levemente bronzeo destacava-se por uma brancura opaca e era iluminado por dois grandes olhos, de veludo negro, emoldurados por longas sobrancelhas curvas. Os cabelos e a barba eram da negritude da asa de corvo; os pequenos dentes afiados eram de um alvor ofuscante. Mas, de um certo modo, aquela fisionomia encantadora tinha algo de demoníaco. Se, em vez do uniforme de hussardo, ele fosse engalanado numa armadura escamiforme e guarnecido de asas escuras de anjo caído, o príncipe seria uma encarnação clássica do herói lermontoviano{13}.

Pouco depois, ao serem participados de que o almoço estava pronto, todos se dirigiram à sala de jantar. Graças ao conde e ao príncipe, a conversa foi animada e interessante. Ambos eram muito falantes e possuíam um estoque invejável de novidades.

Mais tarde, todos foram ao terraço para tomarem café. O conde se acomodou perto da baronesa e encetou uma conversa sobre

algumas famílias que ela conhecia e antes visitava, mas com quem perdeu contato. O conde relatou-lhe o destino de seus conhecidos e de seus familiares tão pictoricamente, que a baronesa demonstrou pela conversa um vivo interesse e palreou com o conde tão amigavelmente, como nunca o fizera antes.

Reshberg retirou-se, alegando a necessidade de trabalhar; na verdade, movido pela discrição e um amargo sentimento de ciúme. Taíssa e o príncipe ficaram sozinhos. A conversa continuou normalmente, pois Leonid Dmitrievitch era um grande artista na arte de entreter as mulheres. Ele entendeu imediatamente que Taíssa não pertencia ao rol de moças que se interessavam por anedotas picantes, fofocas de alta-roda ou amabilidades fúteis. Assim, ele logo passou a falar das belezas da natureza, admirar-se da localização pictórica do castelo e, finalmente, expressou o desejo de dar um passeio pelo parque.

— Então vou lhe mostrar o lago, uma ilas melhores atrações do parque, e aproveitarei para alimentar os cisnes - anunciou Taíssa, erguendo-se.

O príncipe revelou que adorava cisnes e ofereceu-se para carregar o cesto com os biscoitos. Em seguida, os jovens desceram ao jardim em companhia de Vérter.

O passeio deu-se num clima agradável. Os jovens visitaram os locais mais bonitos do parque e depois se dirigiram ao lago, onde descansaram e alimentaram os cisnes.

O príncipe parecia embevecido e, circundando o olhar extasiado, exclamou:

— Como a senhora deve ser feliz, Taíssa Adrianovna, por poder viver nesse paraíso terrestre, longe do barulho da cidade. Para nós, acorrentados ao trabalho na capital, isso é impossível; com poucas exceções, podemos usufruir de um breve descanso no campo.

— É verdade! Aqui é maravilhoso. Temos o conforto de uma grande cidade sem sermos perturbados por seu barulho e atividade

febril. Quando vou a Petersburgo, não vejo a hora de voltar o mais rápido possível. O senhor, por certo, ficaria entediado se tivesse que morar neste velho e isolado castelo, longe das diversões, às quais tanto se habituou - prosseguiu ela, sorrindo.

— Isso dependeria do que estaria me segurando aqui - tornou ele, em voz surda.

O profundo olhar flamejante do jovem fez ruborizar as faces de Taíssa. Ela sentiu uma espécie de aperto no coração. O olhar e as palavras do príncipe fizeram-na convencer-se de suas intenções de pretendente. É claro, ele era bonito, interessante e poderia facilmente seduzir o coração de uma mulher; entretanto, só de imaginar pertencer-lhe, um tremor gélido percorreu-lhe o corpo. A voz do instinto incorruptível sussurrava-lhe que ela nada tinha em comum com aquele homem, nem quanto aos gostos, nem quanto aos sentimentos. Todas aquelas manifestações extasiadas sobre a natureza e o sossego da vida isolada não passavam de uma mentira, ditada por circunstâncias, e que o amigo de seu pai só podería gostar de prazeres e diversões e da companhia de uma mulher libertina tal como ele próprio.

O príncipe lançou um olhar surpreso para Taíssa empalidecida, cujo rosto espelhava as mudanças de diversos sentimentos, acompanhadas por um tremor que lhe sacudia o corpo.

— A senhora está com frio? O sol está se pondo e, do lago, sopra um vento frio e úmido. Permita-me que eu lhe traga um xale?

Mas Taíssa já estava recomposta.

— Agradeço-lhe, Leonid Dmitrievitch! Por favor, não se preocupe! Verdade, estou com um pouco de frio e nervosa; gostaria de voltar para casa.

Ao voltarem, o conde e a baronesa continuavam a conversar na sala de estar. Reshberg estava com eles, mas parecia triste e folheava pensativo um álbum, sem participar da conversa.

O conde chamou Taíssa para perto de si, acariciou-a e prodigalizou louvores à sua beleza, da qual se orgulhava tanto. Depois, pediu que ela tocasse algo.

— Desde o nosso último encontro, você deve ter feito grandes progressos — acrescentou ele.

Taíssa não se fez de rogada e, com perfeição rara, tocou um noturno de Chopin.

— Bravo! - exclamou o conde. - Obrigado, Taíssa! Decerto você sabe acompanhar? Sim? Então, pediremos ao príncipe que cante para nós. Ele é um cantor de primeira!

— O senhor superestima as minhas habilidades; minha execução poderá se constituir numa decepção para as damas — observou o príncipe.

— Nao faz mal! Cante e nós iremos julgá-lo — propôs, prazenteiro, o conde. — Taíssa, você não tem alguma coisa do “ Demônio”{14}? Demônio é o seu remate.

— Tenho a ópera completa; pediría ao príncipe que escolhesse a ária de seu agrado - respondeu Taíssa, satisfeita, pois gostava muito de cantar.

Enquanto o príncipe folheava a partitura, Hugo se acomodou silenciosamente sobre um pequeno sofá, perdido entre as plantas, de onde podia, sem ser visto, observar o que acontecia perto do piano. Um ciúme amargo dilacerava o coração do artista. Ele pregou o seu olhar hostil na figura esbelta do príncipe, cuja palidez ficava mais ainda acentuada pela lâmpada, interceptando seus olhares demoníacos em direção de Taíssa e ouvindo o canto, eivado de palavras sedutoras, com que o demônio se dirigia a Tamara.

O conde não exagerou. Leonid Dmitrievitch cantava maravilhosamente e tinha uma bela voz.

O príncipe parecia estar incorporado pelo personagem que interpretava. Na representação e modulação de sua voz, algo soava demoníaco. De tez pálida, olhos flamejantes e olhar penetrante e enfeitiçador, ele parecia um genuíno espírito das trevas; Hugo compreendia que a influência daquele homem sobre as mulheres frívolas e sensíveis deveria ser enorme. Dele parecia emanarem-se correntes ignizantes, aguçando todos os instintos de paixão e atraindo a vítima para um círculo mágico.

O príncipe estava consciente de seu poder. Ele mirava Taíssa e, por vezes, em seu rosto, feito fogo fátuo, trespassava uma expressão lasciva e cruel. Ainda que inconscientemente, a natureza doentia e sensível de Taíssa submetia-se aos feitiços do príncipe. Ela continuava a tocar, mas estava lívida e um arrepio gélido percorria sua espinha. Sem mesmo entender, sentia como as pesadas e impuras ondas astrais se chocavam e a paralisavam, tal qual uma serpente paralisa um passarinho, abalando a harmonia pura de sua alma, insuflando-lhe novos sentimentos que, qual um veneno bem elaborado, penetravam- lhe na alma inocente, despertando-lhe uma mescla de ódio e arrebatamento, medo e fraqueza.

Aos poucos, essas sensações nervosas passaram à fraqueza física. As têmporas de Taíssa latejavam, os ouvidos rumorejavam, a cabeça tonteou e, diante dos olhos, projetaram-se círculos negros e vermelhos. Subitamente, suas mãos começaram a dedilhar exânimes o teclado, falseando as notas. A jovem cambaleou, cerrou os olhos e seu busto tombou para trás. Ela teria caído, se o príncipe não se lançasse em sua direção e a sustentasse nos braços.

Hugo pôs-se de pé. Ele tremia todo, mas não ousou aproximar-se, pois o conde já estava perto da filha e, ajudado pelo príncipe, transportou-a para o sofá.

— Não se preocupe, baronesa! Ela já está voltando a si - confortou o conde, curvando-se sobre Taíssa. — Foi o calor de hoje,

mais a emoção da minha vinda que a deixaram assim. Pobre menina - tão sensível!

O conde tomou das mãos de Verter o copo de água que esta trouxera e molhou as têmporas e os lábios de Taíssa. A moça estremeceu e abriu os olhos, mas encontrando o olhar flamejante do príncipe, parado a alguns passos, ela tornou a cerrá-los.

— Tive uma súbita vertigem, mas já me sinto melhor. Não se preocupem! - balbuciou. — Preciso deitar um pouco; amanhã estarei boa, deve ter sido o calor.

— Sim, minha querida! Você tem que deitar e descansar. Eu a carregarei agora ao seu quarto, como antes o fazia com minha pequena Taíssa - disse o conde.

Erguendo-a nos braços, ele a levou ao *boudoir.*

Taíssa recostou a cabeça no seu ombro. Sentia-se muito fraca, não podia se mexer; subitamente, um sentimento agudo e amargo premeu-lhe o coração. Ela recordou-se de um episódio de sua vida. Sua mãe, certa vez, sentira-se mal e o conde a levou para a cama. Sua cabeça também ficara repousando no ombro do marido. Ele parecia amá-la muito, pois dizia palavras carinhosas; no entanto, traiu e matou-a, não foi com punhal - é claro -, mas de uma forma ainda mais cruel. Depois, com um estranho ricochete, seu pensamento transportou-se para o príncipe. Aquele homem de terrificante canto, de crueldade gélida no olhar flâmeo, deveria também ser um mestre na arte de matar vagarosamente, queimar em fogo lento...

Vérter imediatamente deitou a moça no leito; logo a seguir veio a baronesa aflita. Mas Taíssa alegou que estava se sentindo bem e que só queria dormir. Quando, finalmente, ficou sozinha, sua tensão nervosa deu lugar a um pranto sem motivo e ela adormeceu em um sono profundo e restaurador.

VIII

O mal súbito de Taíssa estragou a noite. As damas se retiraram aos aposentos; o pintor também se despediu dos presentes e o conde convidou o amigo para descer ao andar inferior, onde lhe haviam preparado os quartos.

Dois quartos destinados ao príncipe eram contíguos aos do conde. Quando os homens se encontraram nos aposentos, Adrian Petrovitch ordenou que lhes preparassem um jantar e trouxessem um bom vinho e algumas garrafas de champanhe.

Quando o mordomo se retirou, o conde esfregou as mãos e disse:

— Agora, Leonid, podemos ficar à vontade. Vá vestir um robe e depois conversaremos, fumando um cigarro à espera do jantar. A baronesa tem um cozinheiro excelente; verdade seja dita! Vou tomar um banho e sugiro que faça o mesmo. E bom para se refrescar depois de uma viagem.

— Vou seguir seu conselho - anuiu Leonid Dmitrievitch, adentrando os seus aposentos.

Uma hora mais tarde, ambos os homens estavam sentados na sala de estar do conde, com vista para o jardim. As janelas estavam escancaradas e, através delas, bafejava, na sala, um tépido ar noturno e o aroma abafado das tílias em flor.

Aguardando pelo jantar, eles se esticaram em um grande e macio sofá turco e acenderam os cigarros.

— Então? Gostou da minha filha? - perguntou o conde, desejando entabular a conversa.

— Sua filha é simplesmente encantadora. É um pouco nova e ingênua para compreender o sentido da vida, mas tudo isso são

defeitos temporários que desaparecerão por si, se forem trabalhados. Ficaria infinitamente feliz, se pudesse depositar aos pés de Taíssa Adrianovna o meu coração e a mão; isso se ela os aceitar e eu merecer a sua benevolência, pois não se pode casar com uma mulher à força - considerou o príncipe, sorrindo.

— Ah, farsante! É impossível que o senhor não a agrade! Existiría algum coração feminino que pudesse resistir aos seus feitiços? Estou certo de que o seu canto produziu uma forte impressão na menina — exclamou, rindo alto, o conde.

— O senhor acha, Adrian Petrovitch, que a baronesa não se oporia aos nossos planos, já que mantém a jovem condessa enclausurada neste castelo isolado?

— E por que a baronesa de Rodenberg haveria de ficar contra o seu casamento com Taíssa? O senhor pertence à antiga aristocracia, é um oficial da guarda imperial, tem reputação ilibada e, consequentemente, é um bom partido. O importante é conquistar o coração da minha filha; sua avó jamais ficaria contra o seu desejo. Então, meu jovem amigo, ao ataque! O coração dela é de cera. Ademais, todas as vantagens estão a seu lado, Leonid Dmitrievitch, pois aqui o senhor não precisa temer os rivais; fosse isso na cidade grande, onde os caçadores de dotes fervilham feito abelhas em uma colméia, eles não dariam folga a uma noiva tão rica como a minha filha.

— Taíssa Adrianovna, que eu saiba, recebeu a herança da mãe... e a baronesa também lhe deixará algo?

— Oh! Ela legará um patrimônio significativo. Dois anos atrás, morreu seu último neto - um marinheiro que nunca se casou. Após sua morte, a baronesa refez o testamento, segundo o qual, depois de seu falecimento, tudo passa a Taíssa, com exceção de duas propriedades originárias da família. Estas duas propriedades não podem ser tomadas, pois pertencem à outra ramificação dos Rodenberg; mas isso é bobagem em comparação com o capital, três fábricas, propriedades e tudo o mais que a minha filha herdará.

Sem contar os brilhantes, a prata e as obras de arte que, por si só, já são uma verdadeira fortuna; não entrarão na partilha e os primos nem sequer cheirarão. Tudo isso - segundo sei - está cuidadosamente discriminado no inventário, anexado ao testamento. Desta forma, essas propriedades mencionadas ficarão bastante esvaziadas, quando os seus melhores ornamentos forem transferidos para cá ou para a vila de Taíssa, localizada perto daqui, onde faleceu a minha esposa.

O anúncio de que o jantar estava pronto interrompeu a conversa. O conde ordenou que fosse servido na sala de estar, na qual já se encontravam. Em um piscar de olhos, a mesa viu-se repleta de diversos pratos, vinho e mais algumas garrafas de champanhe, mergulhadas em potes de prata, cheios de gelo.

O conde, com ar de conhecedor, examinou o cardápio e ordenou aos criados que se retirassem e não aparecessem até que ele fosse dormir, pois queria conversar com o amigo sem testemunhas indesejáveis.

Ambos os interlocutores sentaram-se à mesa e renderam a devida homenagem ao jantar. O príncipe, estando no melhor dos humores desde o momento da enumeração dos bens de Taíssa, com um sorriso de satisfação que não parava de vagar em seus lábios, encheu a taça e, erguendo-a, pronunciou:

— Ao nosso futuro parentesco!

— Amém, meu querido genro! Que se realizem logo os nossos desejos! — brindou o conde, chocando a sua taça com a do príncipe.

Um minuto depois, o último disse:

— Então, a condessa morreu aqui, ainda jovem e bela! O senhor nunca me falou do que ela morreu.

O conde recostou-se no espaldar da cadeira e, sorvendo pequenos goles de vinho, observou suspirando:

— De que ela morreu? Por causa de seu caráter impossível. Por que essa surpresa, Leonid Dmitrievitch? Júlia era bonita, boa e possuía muitas virtudes; no entanto, infernizou-me a vida e abalou a sua saúde com apreensões infundadas. Deus queira que Taíssa não herde o caráter ciumento e desconfiado da mãe! Caso contrário, sua vida será um inferno e ela mesma será infeliz, pois, por mais encantadora que seja uma mulher, ela perde o seu encanto, se, diariamente, brinda o marido com cenas, queixumes, espionagem e escândalos.

— Como ela pôde ter tanta falta de senso? No retrato, ela parece tão inteligente, sedutora e, ao mesmo tempo, séria.

— Júlia era uma mulher inteligente e evoluída que me amava. Da minha parte, devo reconhecer que eu também a amava e sempre fui um marido meigo e atencioso; não obstante, seu caráter susceptível e seus ciúmes selvagens e cegos tornaram a nossa vida um verdadeiro inferno. Ela tinha pretensões absurdas de querer que eu ficasse preso à sua saia, sem ousar me distrair com uma daquelas aventuras passageiras, irrecusável para um homem de nossos círculos, caso não queira se tornar ridículo. Uma mulher inteligente não teria dado a menor atenção a esses pequenos casos com mulheres da noite ou a um inofensivo flerte, sem maiores consequências. Como qualquer marido, depois de tais aventuras esporádicas, eu retornava para o lar conjugal ainda mais apaixonado e carinhoso. Mas com Júlia não havia acordos. Ela a tudo conferia um caráter trágico, e um acontecimento bobo foi a causa de sua morte prematura.

O conde narrou sucintamente, de seu ponto de vista, a sua aventura com lereza, e acrescentou:

— A baronesa vivia indispondo-me com minha esposa e, após a sua morte, outorgou-me um estrondoso título de assassino. Devo dizer que ela me odeia e, infelizmente, possui uma influência nefasta sobre o meu relacionamento com Taíssa, mas... devido ao seu colossal patrimônio, devo me calar em benefício da filha.

— O senhor devia gostar muito de sua esposa, Adrian Petrovitch, já que não se casou depois - observou o príncipe.

— Não nego! Amava Júlia sinceramente, ainda que, ao ficar viúvo, tenha tido a impressão de me livrar dos grilhões de escravo. Depois daquilo, não quis mais perder a minha liberdade.

Leonid Dmitrievitch suspirou, encheu o copo com champanhe, e acrescentou com ar de tristeza:

— É! A perda da liberdade é a pior coisa do casamento. Alguns de meus amigos casados diziam se sentirem feito um cachorro na coleira, pois a consorte punha-se a imaginar que nela se concentrava todo o universo, nada existindo além dela, e que o marido, feito um pointer domesticado, não podia se afastar e devia servi-la a todo momento, empinado nas duas patas traseiras. Parece-me que há uma verdadeira ciência que abrange os mais variados estratagemas e expedientes para enganar a vigilância de sua cara-metade, ter fama de leal e fruir de uma pequena liberdade secreta.

Ambos desataram a rir; o conde, então, observou:

— O senhor já pode iniciar uma carreira de diplomata só com a prática que lhe proporcionou o seu caso com Olga Mikhailovna, que se divorciou pensando tornar-se a princesa Ardaganova. Imagine sua fúria ao ver os planos ruídos!

— Não tenho medo de sua fúria, tanto mais que ela não tem nenhum motivo legal para causar-me aborrecimentos - sustentou o príncipe. — Não exigi nem aconselhei a se divorciar. Jurei-lhe apenas o meu louco amor, mas nunca lhe falei da intenção de casar. Pressinto que o desfecho será hem tempestuoso. Sabe, Adrian Petrovitch, o que faria um bom sogro como o senhor?

— O quê, por exemplo?

— Um tipo de operação! O senhor poderia tentar conquistar Olga Mikhailovna. Ela, sem dúvida, cederia aos seus encantos e eu teria

um pretexto para cortar as relações.

O conde soltou uma sonora gargalhada.

— Que marido engenhoso terá Taíssa! O que é que não se faz para ajudar um genro? Está decidido! Vou flertar com a bela Olga e, quem sabe, ela diminua suas ambições de se tornar uma princesa e aceite ser uma condessa. Deixemo-la nessa esperança até a véspera do casamento de Taíssa, então arrumarei uma outra - concluiu ele, rindo a valer.

Os ilustres amigos não imaginavam que a conversa tivera uma testemunha, ouvindo, indignada, seus projetos infames.

Após a retirada das damas, Hugo voltou para o seu quarto, muito irritado e dilacerado pelos ciúmes. O amor a Taíssa, longamente reprimido no fundo do coração, assenhoreou-se com intensidade, fustigado pela emulação e pelo sentimento da própria impotência em enfrentar um rival tão perigoso.

O jovem tentou ler ou trabalhar, para afastar os pensamentos impertinentes. Mas seu olhar ou errava pelas páginas, sem que ele compreendesse o texto, ou o lápis esboçava no papel o rostinho encantador de Taíssa com seus olhos lindos e inocentes, de sorriso meigo e triste — fazendo o coração do artista disparar.

O coração estava opresso; a cabeça latejante. Por fim, ele largou o livro e o lápis e saiu para o jardim, na esperança de que o frescor da noite e a caminhada o acalmassem um pouco. Durante o passeio, aproximou-se do castelo e, casualmente, foi parar perto da janela do quarto do conde.

Ao reconhecer as vozes do pai de Taíssa e do príncipe, Hugo se escondeu nos densos arbustos e espiou o quarto. Os dois se preparavam para o jantar; toda aquela conversa foi ouvida pelo jovem pintor, pregado em seu lugar. Precavidos por causa da criadagem, eles falavam em francês, contudo se esqueceram do pintor.

Tremendo de nervosismo, ciúmes e revolta, o jovem voltou ao seu quarto e atirou-se sobre o sofá. Agora ele tinha certeza de que o príncipe viera como pretendente, apoiado pelo conde; Hugo já não duvidava do sucesso dos planos discutidos tao cinicamente e sem qualquer pudor.

Taíssa, jovem e inexperiente, seria facilmente ludibriada com a lhaneza extremosa e o amor fingido do príncipe, que ela pensaria serem autênticos.

Que sina desditosa da pobre moça! Que felicidade podería proporcionar a Taíssa — aquele ser puro e meigo — um homem dissoluto, já cansado dos prazeres da vida, cujo coração fútil e egoísta era incapaz de um sentimento e afeição genuínos. O que ele acabara de ouvir dizia claramente como seria a vida conjugal de Taíssa e qual era a opinião do príncipe sobre o casamento.

No entanto, ele, Hugo, deveria ficar calado, pois como poderia denunciar o pai para a filha? Como podería ele disputar o coração de Taíssa, enfrentando aquele homem, sórdido de corpo e alma, que estendia seus tentáculos? Mesmo que ele a amasse como amava, mesmo ele sendo uma pessoa decente, um artista talentoso com futuro brilhante e que com ela compartilhasse os mesmos gostos e opiniões — sempre permanecería sendo o filho de uma lavadeira; um abismo fundo o separava da jovem aristocrata, enquanto um depravado ímpio podia agarrá-la com as mãos imundas e sacrificá-la, como o conde o fizera com a mãe de Taíssa.

Passaram-se várias horas angustiantes. Jamais o jovem sentira esmaecerem-lhe tanto as forças morais; mas Hugo pos suía uma natureza enérgica, disciplinada, e estava habituado a dominar-se. O resultado do temporal que se desencadeara em sua alma foi a decisão de abandonar, o mais rápido possível, o castelo de Rodenberg.

— Devo fugir! — balbuciou. — Não posso salvar Taíssa da sina funesta que a ameaça. O encanto poderoso da figura do príncipe já exerce uma poderosa influência sobre a pobre criança. Não seria o

seu repentino desmaio um agouro da desdita iminente? De qualquer forma, aqui sou dispensável e cada dia que passar sob esse teto só aumentará os meus sofrimentos.

No dia seguinte, durante o desjejum, o pintor anunciou à baronesa e a Taíssa que uma carta, recebida de manhã, obrigava-o a voltar urgentemente a Petersburgo. Ele pediu desculpas por ter de comparecer, daquele dia em diante, somente para o almoço, pois queria trabalhar redobrado para que, no mais tardar até o fim da semana, os retratos ficassem prontos.

As damas lamentaram muito aquela partida inesperada; Hugo observou que Taíssa estava muito distraída e mais pálida do que o normal — angústia e ódio oprimiram, então, o coração dele.

Desde aquele dia, o pintor só vinha ao castelo para o almoço. Soturno e calado, pouco participava das conversas, observando com aversão os flertes do príncipe com Taíssa. Inquieto, ele olhava temeroso se a jovem estava aceitando todos aqueles esforços do príncipe em ser agradável.

Mas Taíssa não dava motivos para os ciúmes. Era invariavelmente fria e reservada com o príncipe, enquanto o pintor era tratado com o mesmo afeto; Hugo, eniretanio, andava tão amargurado e tristonho, que aquela deferência não conseguia acalmá-lo.

Ele terminou os quadros antes do dia esperado. Provocaram a admiração geral; contudo, os elogios do conde e do príncipe só lhe aumentaram a irritação. Após o almoço, quando os homens saíram para um passeio a cavalo, Hugo decidiu aproveitar a ausência deles para se despedir das damas e viajar naquela tarde mesmo.

Ele encontrou Taíssa sozinha no terraço. Meio deitada na rede, ela parecia muito triste. Seus olhos estavam umedecidos, como se tivesse chorado.

Ao ver o pintor, a jovem soergueu-se e, interceptando seu olhar preocupado, disse, corando:

— O senhor me encontrou em um minuto de fraqueza. A saúde da minha avó está me preocupando cada vez mais. Sua debilidade e sonolência não é um bom sinal. Não é por acaso que Bogdan Karlovitch está nos apressando para viajar ao exterior! Tudo isso me faz sofrer e o medo de ficar só me angustia sobremaneira.

— Esperemos que Deus, em sua misericórdia, prolongue os dias da baronesa! A senhora tem razão, condessa! Sem a baronesa, a senhora ficará sozinha e sem proteção contra todas as intrigas que, invariavelmente, medram em torno de uma criatura jovem, bela e rica - deixou escapar Hugo, com emoção na voz.

Trazendo aos lábios a mãozinha estendida, ele acrescentou:

— Venho despedir-me, condessa, e agradecer-lhe por ter sido tão boa comigo. Levarei do castelo as melhores recordações de gratidão. Espero que não considere um atrevimento, se eu lhe disser que: “Se algum dia a senhora precisar de um amigo, simples e pobre, mas leal e sempre pronto a servir-lhe em quaisquer circunstâncias e cumprir qualquer que seja a sua vontade — chame-me e esteja certa de minha ajuda e discrição”.

Taíssa ergueu para ele os belos e límpidos olhos e disse, premendo-lhe a mão:

— Obrigada! Jamais esquecerei sua promessa! Um verdadeiro amigo é um bem valioso, principalmente para uma criatura solitária e pobre, apesar das dádivas terrenas, prodigalizadas por Deus. Lamento muito por estar nos deixando; de qualquer forma, espero que, em outubro, quando formos a Petersburgo, o senhor nos visite e torne a me dar aulas, que me foram tão proveitosas.

— Quem sabe? Terá a senhora tempo para essas aulas no inverno? Até lá muita coisa pode acontecer, mudando o rumo de sua vida — considerou o pintor, evitando encarar a jovem.

Um vivo rubor cobriu as faces de Taíssa.

— Oh! Por favor, senhor Reshberg, não faça vãs conjeturas! Não pretendo fazer nenhuma mudança importante em minha vida e terei bastante tempo livre para aperfeiçoar-me no meu passatempo predileto. Além disso — acresceu, marota -, se eu tiver que apelar para a sua amizade em um momento difícil, o senhor terá de manter contato comigo.

— Está bem! Irei visitá-las assim que souber de sua chegada e nós retornaremos às aulas, se esse for seu desejo - prometeu Hugo, corando por sua vez.

— Agradeço-lhe! Agora vamos ver a vovó! O senhor não pode sair sem se despedir dela.

— A senhora se antecipou ao meu pedido. Se não incomodar a baronesa, gostaria de me despedir dela e agradecer-lhe por tudo que fez por mim.

A baronesa acabara de acordar. Ela recebeu o pintor com mais benevolência que de costume e expressou o seu desejo de que ele as visitasse em Petersburgo e continuasse com as aulas de Taíssa. A seguir, a baronesa entregou ao jovem um pequeno envelope e acrescentou sorrindo que ali continha os honorários dos dois quadros. Um quarto de hora depois, Hugo se des pedia das duas damas. Dispunha exalamente do tempo necessário para chegar à eslação e não se atrasar para o último trem.

Voltando ao quarto, Hugo abriu o envelope. Nele havia um cheque de mil e quinhentos rublos. Seu coração ficou empolgado. Aquela importância assegurava-lhe a liberdade e possibilitava que ele concluísse um grande quadro para a exposição, livrando-o do árduo trabalho em outras casas.

Após a partida de Reshberg, Taíssa aproximou a cadeira à poltrona da baronesa e sentou-se ao lado dela, deitando a cabeça nos seus joelhos. Reinou um silêncio bastante prolongado. A avó fitou com o olhar preocupado o rosto enérgico da moça que refletia inquietações internas e sentimentos opressivos a se digladiarem.

— Sobre o que está pensando, Taíssa? - perguntou, finalmente, a baronesa, acariciando com a mão a face aveludada da neta.

— Sobre muita coisa triste e desagradável que prevejo para um futuro iminente — respondeu Taíssa, beijando a mão gelada e ossuda da baronesa.

— Neste caso, os nossos pensamentos coincidem. Também penso sobre o futuro e um pressentimento angustiante me oprime o coração.

Taíssa ergueu-se célere e abraçou assustada a avó.

— Você está com os nervos abalados. Isso se reflete mal em sua saúde e lhe inspira pensamentos tristes. Entendo que a presença do meu pai a irrita e traz lembranças desagradáveis; farei com que ele compreenda a sua necessidade de repouso e que queremos acelerar a nossa ida ao exterior.

— Minha querida! Viajarei tão logo você queira. A mim não só perturba a presença de seu pai, como o futuro, pois eu sinto, minha adorada Taíssa, que logo eu a abandonarei... Não chore, querida! Talvez Deus, em sua misericórdia, ainda adie a nossa separação. Enquanto eu ainda tiver forças para falar, deveremos discutir muitas coisas. Você acabou de falar de seu pai... permita-me agora dar-lhe alguns conselhos. Tentei educá-la de forma que você ficasse independente e fosse capaz de administrar pessoalmente o seu enorme patrimônio. Preserve esta independência e jamais deixe que o conde interfira na administração de tudo. Os administradores de suas proprieda des são pessoas de caráter ilibado e de lealdade testada; o nosso encarregado de negócios já tem me servido por doze anos e será seu conselheiro, em quem você pode confiar. Ademais, por dois anos e meio que lhe faltam para a maioridade, você terá um tutor confiável e de peso na pessoa do meu velho amigo — o senador Munstenberg. O seu pai foi afastado da tutela, conforme o desejo de sua mãe. Assim, ele não há de interferir em seus negócios. Sem dúvida, ele a arruinaria se conseguisse pôr a

mão em seu dinheiro. O conde tem tendências extremamente perdulárias e suas amantes rapidamente dilapidariam seus bens.

— Oh, quanto a isso, você pode ficar tranqüila! Graças a Deus, eu posso administrar sozinha todos os bens e saberei afastar meu pai desses assuntos. Não quero virar pobretona, enquanto as suas amantes passeiam de carruagem. Além do mais, nunca esquecerei que fiquei órfã por causa dele.

— Você não se pode permitir ter esses sentimentos de ódio anticristão! Não deve se vingar dele, mas somente não deixá-lo lhe fazer mal. Também você não deve lhe negar ajuda, se ele pedir.

— Não negarei, mas logo colocarei certos limites — observou, em tom decidido, Taíssa.

— Excelente! Agora tratemos de um outro assunto, mais importante, ou seja: a questão de seu futuro... Não balance a cabeça! Uma moça rica e bonita, como você, sempre será assediada por pretendentes. Um já apareceu e seu pai o favorece. Diga, então, minha querida, se você gosta do príncipe Ardagan. Seus objetivos aqui são claros. Ele lhe faz a corte tão aberta, que, dia mais, dia menos, você pode esperar por suas explicações. Taíssa nada respondeu. Um rubor febril cobriu suas faces e a seus olhos afluíram lágrimas; os lábios tremiam nervosamente. Uma angústia profunda comprimiu o coração da baronesa.

“Oh, grande Deus! Ela não é indiferente àquele nojento! O que a faz lutar contra o nefasto feitiço: o instinto ou a razão?” pensou a baronesa.

Atraindo para os braços a jovem, ela disse meigamente:

— Seja sincera, querida criança! Diga-me o que sente e pensa. Você pode me confiar tudo, pois não existe um outro coração que a ame mais que o meu.

A jovem ergueu para a baronesa o seu olhar límpido, enuviado por lágrimas.

— Claro que eu lhe conto tudo; só que nem eu mesma compreendo os meus sentimentos. Às vezes, tenho a impressão de gostar dele. Indiscutivelmente ele *é* bonito e inteligente, sabe cantar como um grande artista. Mas, ao mesmo tempo, ele me inspira medo e me afasta. Tudo nele é falso e enganador: desde o seu amor fingido, até o seu olhar flâmeo, que disfarça algo frio e cruel, escondido em seus olhos. Por nada nesse mundo eu gostaria de amá-lo e ser sua esposa!

— Acalme-se, querida! Ninguém pode obrigá-la, se essa união lhe é aversiva — asseverou a baronesa, apertando as mãos frias de Taíssa. - Graças a Deus, o príncipe não é o único pretendente à sua mão! Se você quiser se casar, poderá escolher livremente alguém seguindo o coração, sem preocupar-se com o patrimônio de seu futuro marido. Não precisa se apressar com medo de ficar solteirona, você ainda é tão jovem! - acresceu a baronesa, tentando dar um tom de brincadeira às suas palavras.

A conversa íntima prosseguiu ainda por muito tempo e, finalmente, acalmou a jovem condessa. Até a presença do conde na hora do jantar não conseguiu abalar-lhe a tranquilidade espiritual. À noite, ao invés de dormir, Taíssa auscultou seu próprio coração e pesou todas as chances, os prós e os contras da união com o príncipe. Quando ela adormeceu, já tinha tomado uma decisão firme.

Dois dias se passaram. Tudo ia, aparentemente, de modo costumeiro; mas, na realidade, entre Taíssa e o príncipe estabcleceu-se um relacionamento pesado e tenso. A perturbação que deveria produzir a presença e as canções do príncipe, motivo de sua satisfação e vaidade, parecia não se manifestar, ou se manifestava superficialmente - o que o deixava intrigado. Aparentemente a jovem se policiava e tentava dominar os sentimentos.

O que poderia significar aquilo? Leonid Dmitrievitch ficou acabrunhado e inquieto. Julgando que a baronesa lhe estava

desarticulando os planos, ele decidiu, o mais rápido possível, pôr um termo naquela indefinição, explicando-se com Taíssa. Ele sabia que ela gostava dele; quebrar a resistência da moça parecia-lhe uma coisa simples.

Tomada a decisão, o príncipe procurou insistentemente uma oportunidade de ficar a sós com a jovem. Taíssa, no entanto, evitava-o, pois, no íntimo, tinha medo da conversa definitiva.

No terceiro dia, após o almoço, surgiu a oportunidade tão impacientemente aguardada pelo príncipe. De visita para a baronesa, chegou um velho pastor, com o qual esta gostava de conversar a sós, pois, por mais de trinta anos, o pastor fora o seu pai espiritual. Verter estava com enxaqueca. O príncipe aproveitou-se desta conjugação de circunstâncias favoráveis e propôs a Taíssa darem um passeio pelo parque. O conde logo intuiu aquelas intenções e anunciou que estava com muito sono, encarregando a filha de distrair a visita.

Apesar da aversão íntima, Taíssa não achou conveniente declinar do pedido. Sem nada objetar, ela pegou um guarda-sol e dirigiu-se em companhia do príncipe ao lago.

O coração da jovem palpitava angustioso. Chegou a hora da explicação tão temida por ela. O olhar de Taíssa percorreu a figura esbelta do príncipe. Oh, se ele fosse diferente, uma pessoa simples, sincera e honesta como Reshberg, por exemplo! Como ela seria feliz e com que segurança lhe teria entregue o seu futuro! Mas, como ele era — egoísta e ambicioso —, ele haveria de urdir-lhe a sina que tivera a sua mãe. Seria pérfido, teria suas amantes e a condenaria a milhares de sofrimentos. Oh, não! Por nada nesse mundo ela seria sua esposa!

Mergulhados em seus devaneios, os jovens seguiam calados; o príncipe, então, entabulou uma conversação sobre assuntos comuns. A conversa, porém, não fluía, pois cada um pensava em coisas diferentes. Leonid Dmitrievitch estava ansioso, mas não se decidia a iniciar o esclarecimento.

Dessa maneira, alcançaram o lago. Taíssa subiu ao terraço e trouxe alguns biscoitos para os cisnes. Ela já tinha tomado uma decisão.

“E melhor decidir de uma vez por todas. Vou deixá-lo explicar-se, para acabar logo esta tensão!” pensou ela, amassando nervosamente os biscoitos.

Ela sentou-se no banco como se quisesse contemplar os cisnes.

“Será que me tornei tão tolo, para deixar escapar esta oportunidade? E isso justamente com a menina que me ama, louca para se atirar em meus braços?” divagava, por sua vez, o príncipe.

Decidindo-se rapidamente, Leonid Dmitrievitch sentou-se ao seu lado e lhe tomou a mão.

— Taíssa Adrianovna! Sendo uma mulher, a senhora deveria saber o que se passa em meu coração — murmurou em voz trêmula e surda. - Será preciso expressar-me em palavras banais para revelar-lhe o meu amor e dizer-lhe que me é mais cara que a vida?

Ao notar que a jovem empalidecera e ficara perturbada, o príncipe se pôs de joelhos e, premendo sua mao aos lábios incandescidos, acrescentou:

— Taíssa! Minha adorada! Aceite ser meu anjo protetor, aceite ter-me por esposo e eu consagrarei a minha vida para torná-la feliz.

Por uns instantes, o coração de Taíssa parou de palpitar. A voz sensual e surda do príncipe a seduzia. Parecia-lhe uma felicidade inebriante responder-lhe: sim, eu o amo e quero ser sua. Mas, nesse ínterim, diante de seu olhar mental assomou-se a imagem da mãe moribunda. O olhar da condessa fitava-a com tanta angústia, e a própria visão era tão real, que a jovem estremeceu. Os feitiços estavam quebrados e entre ela e o sedutor genuflexo parecia ter-se formado um abismo profundo, prestes a engoli-la.

Tomada por uma deliberação inesperada, Taíssa se empertigou e disse em voz baixa, levemente trêmula:

— Levante-se, príncipe, e ouça sem se magoar o que lhe direi! Por mais que me seja lisonjeira a sua proposta, não posso me tornar sua esposa. Estou convencida de que assim será melhor para os dois.

— Por quê? Tenho direito de conhecer os motivos de tal recusa. A senhora duvida do meu amor? - inquiriu o príncipe, empalidecendo intensamente e erguendo-se dos joelhos.

— Sim, tenho dúvidas quanto ao seu amor - respondeu baixinho Taíssa. Ao notar um rubor intenso a cobrir as faces do príncipe, a jovem apressou-se em acrescentar:

— Entenda-me bem: não duvido de seus sentimentos neste exato momento, nem de seu desejo sincero de fazer-me feliz; mas não acredito que isso dê certo. Eu o considero incapaz de amar uma única mulher, amá-la por uma vida inteira e buscar a felicidade em um círculo estreito do lar; eu, no entanto, só seria feliz, vivendo sossegada com um marido que se contentasse apenas com minha companhia e que não considerasse essa união como um fardo. Na sociedade em que o senhor vive, príncipe, tal felicidade burguesa seria ridícula e o futuro se vingaria, por esse equívoco, de nós dois.

O príncipe ouvia Taíssa consternado e com os cenhos carregados. Ele se perguntava de onde aquela inexperiente jovem ingênua hauria a ponderação e a antevidência que lhe possibilitavam julgar tudo com tanto bom senso? Que a vida burguesa, sonhada por Taíssa, era-lhe ridícula e que ele não seria capaz de adorar por uma vida inteira, só a ela, ainda que a achasse encantadora - isso era a pura verdade. Apesar de tudo, algo no olhar e na voz da jovem revelava que lhe era difícil recusar a sua proposta, de forma que ele decidiu empenhar os últimos esforços para tentar vencer a resistência inesperada.

— Taíssa Adrianovna! Sou um homem e, consequentemente, sujeito a todas as fraquezas e erros humanos, tanto quanto a senhora. A tolerância mútua é a premissa básica para a vida conjugal, da mesma forma que o amor é o seu alicerce. Não posso

lhe jurar que serei cem por cento fiel pela vida inteira, mas posso jurar que a amo com toda a minha alma e que farei todo o possível para não magoá-la. Ninguém pode prometer mais que isso, e a senhora se engana ao sacrificar um amor sincero e profundo, por certos indícios que foram gerados por sua imaginação.

Ao notar que Taíssa baixou a cabeça e que os seus lábios tremiam nervosamente, o príncipe curvou-se para ela, tomou sua mão novamente e exclamou em voz entrecortada:

— Sua recusa *é* cruel, obriga a que ambos soframos! A senhora põe dúvidas no amor sem tê-lo experimentado! A senhora não pode dizer que lhe sou totalmente indiferente!

Um rubor escuro afluiu ao rosto encantador de Taíssa. Levantando altiva a cabeça, ela fitou o príncipe com seu olhar aberto e claro.

— Bem, e daí? Ainda que seja verdade, isso apenas significa que eu tenho mais uma razão para insistir na recusa, pois, quanto mais eu ame um homem, mais me é difícil a sua perda. O céu, Leonid Dmitrievitch, dotou-o com todas as qualidades que podem agradar a uma mulher; mas ao seu coração — tenho certeza disso - faltam sentimentos, que podem proporcionar-lhe a felicidade. O senhor é amigo de meu pai e, é claro, compartilha com ele dos gostos e opiniões. Ambos vivem naquele mundo, onde a vida é só banquetes, almoços e paixões passageiras. Quanto aos meus receios sobre o futuro, nao são indícios criados por minha imaginação, mas frutos amargos de uma experiência triste. Meu pai era, também, um homem sedutor, mas seu coração embruteceu e foi estragado pelos sucessos mundanos. Foi ele a causa de minha mãe ter falecido nó esplendor da idade. Não quero receber os mesmos ferimentos que levaram a minha mãe ao túmulo. E assim, por todas estas razões, a minha decisão **é** irrevogável: não posso ser sua esposa.

Por algum tempo reinou um silêncio opressor; então, com voz levemente perturbada, o príncipe disse:

— Suas palavras, condessa, deixam-me profundamente infeliz. Não tenho direito de insistir, mas não posso desistir de alguma esperança. Tenho certeza de que conseguirei granjear sua confiança e, então, o amor triunfará diante de todos os obstáculos que me tolhem o caminho à felicidade.

Taíssa nada respondeu. Triste e perturbada, ela desceu do terraço; o príncipe seguiu-a calado. Quando eles se aproximaram do castelo, Leonid Dmitrievitch despediu-se com mesura da jovem e dirigiu-se diretamente aos aposentos do conde, a dormitar sossegado num largo sofá.

A vinda do príncipe acordou o conde e, soerguendo-se, ele perguntou em tom de gracejo:

— E entao? Posso cumprimenta-lo pela corda no pescoço?

— Não há por que me cumprimentar. Taíssa Adrianovna recusou-me de vez, ainda que quase tenha confessado que não me é indiferente. Humm! O que o senhor me diz depois disso? - fez o príncipe, atirando-se na poltrona.

— De que está falando? Taíssa o ama e, ao mesmo tempo, o recusa? Não entendo positivamente nada. Que diabo a impede de casar? Não será a velha — só faltava essa - estar contra o matrimônio?

— Não, a questão é mais séria do que o senhor imagina - redarguiu o príncipe.

Sem omitir nada, ele transmitiu ao conde sua conversa com Taíssa.

Afogueado e furioso, o conde ouviu, mordendo os lábios.

— Não há nenhuma dúvida de que nós devemos à velha megera esta surpresa agradável! - exclamou o conde, irado. Antigamente, ela indispunha-me com a minha esposa, semeando a discórdia; agora ela enche a cabeça de Taíssa com idéias tolas, obriga-a a ter medo do casamento, calunia-me e desacredita-me aos olhos da

minha própria filha. Talvez a velha raivosa tenha vigiado a minha vida em Petersburgo e descobriu algo de minhas andanças. Com os diabos, não podemos viver como os monges afonsinos!

— Pode até ser isso, mas nada muda a situação - observou Leonid Dmitrievitch, abatido.

— Não se desespere, meu amigo; não acho que a partida esteja perdida. Amanhã eu mesmo falarei com Taíssa e descreverei os seus sofrimentos e o seu louco amor por ela. Não acredito que ela consiga resistir à minha eloquência, já que o seu coração ficou perturbado.

O príncipe ouvia, revirando na mão a corrente do relógio.

— Tente a sua eloquência, Adrian Petrovitch e Deus queira que triunfe! Eu quero viajar no último trem, pois é desagradável ficar aqui depois de tudo o que aconteceu. Além disso, preciso fazer uma pequena operação financeira.

— Entendo; os credores o estão pressionando. Connheço essa gente e suas perseguições! Oh, que pena que a menina teime tanto! Se soubessem que o senhor e o noivo da minha filha, todo esse bando ficaria dócil e obediente. Mas nada está perdido, meu amigo, e cuide para que ninguém saiba de seu fracasso de hoje.

— E claro, como hei de comentar um assunto tão íntimo? Se o senhor conseguir mudar a opinião de Taíssa Adrianovna, avise-me imediatamente, pois, confesso, este fracasso me feriu o coração e o amor-próprio. Verdade seja dita: a condessa é encantadora e, por mais que sejam ultrajantes as ponderações dela, chamá-la de minha seria uma felicidade deleitante.

— Fique tranquilo! Se houver boas novas, eu o avisarei por telegrama.

— Enderece para Chuvalovo, em nome da minha irmã. Estou indo para lá. Bem, até logo! Vou mandar fazer as malas.

IX

Taíssa retornou ao castelo desconsolada. A razão aprovava a decisão feita, o coração, porém, sofria; a sensação era a de que, em sua alma, formara-se um vazio. Ela tentou valorosamente lutar contra essa fraqueza, obrigar-se a ler, mas todos os seus esforços foram em vão: seus pensamentos estavam longe. Nesse estado de espírito em que se encontrava, a jovem agradeceu a Deus por ali estar o pastor, já que assim podia passar a noite sozinha.

Quando, mais tarde, o conde mandou transmitir-lhe que iria tomar o chá em seu quarto, Taíssa teve o pressentimento de que o príncipe os estava deixando. Quase instintivamente, ela saiu para um pequeno salão, cujas janelas davam para o pátio. De seu posto de observação, viu a entrada iluminada, diante da qual parou a carruagem e o cabriolé.

Surgiram dois criados; estes acomodaram uma mala e alguns sacos de viagem no cabriolé, após o que o veículo partiu, levando junto o mordomo do príncipe.

O coração de Taíssa batia acelerado e seu olhar parecia pregado ao alto talhe do príncipe que apareceu junto à entrada. Um minuto depois, Leonid Dmitrievitch estava dentro da carruagem.

A jovem apertou ambas as mãos ao coração palpitante e duas lágrimas amargas rolaram pelas faces pálidas.

— Estará indo embora minha felicidade ou desventura? - ciciou ela, comprimindo a testa à janela e observando com o olhar enuviado a equipagem, que sumia na escuridão da alameda.

“Sua desventura”, sussurrou-lhe no ouvido a voz interior. “Ele não lhe teria dado a felicidade almejada.”

Com o coração opresso e cabeça baixa, retornou Taíssa ao seus quarto. Ela sentia uma necessidade extrema de ficar sozinha para avaliar tudo e pôr as idéias em ordem. Depois de enviar uma mensagem à baronesa de que ela estava com dor de cabeça, Taíssa foi deitar-se. Após vestir o penhoar, dirigiu-se ao dormitório e pediu para que não a incomodassem.

Deitou-se no sofá e tentou concatenar as idéias, sem conseguir. Subitamente, deu-lhe uma vontade irreprimível de ver o retrato da mãe, guardado no gabinete, especialmente adaptado para isso. A entrada daquele cômodo era expressamente proibida a todos os criados, salvo à velha camareira Maria, que ajudava a jovem a manter limpo aquele sacrário de suas recordações.

Taíssa levantou-se, cruzou a biblioteca anexa ao dormitório, e abriu uma porta secreta. Trancando-a a seguir, a jovem apertou um botão, e uma luz brilhante inundou o pequeno abrigo, coberto de veludo violeta. Nos fundos, sobre uma pequena elevação, ficava o retrato da condessa morta, em tamanho natural, decorado por flores frescas. Em frente do retrato, havia uma poltrona baixa. Taíssa sentou-se e começou a examinar os traços amados do rosto sorridente da mãe.

Ali ela passava horas inteiras, sonhando e lembrando diversos acontecimentos de sua infância, em que a mãe constantemente desempenhara um papel importante- A jovem sempre tinha a impressão de que, ao filar o retraio, esle ganhava vida e os olhos da condessa encaravam na como se fossem vivos...

Taíssa acreditava na vida futura da alma. Sua inteligência serena e perscrutadora buscava, onde podia, a solução dos problemas importantes. De suas investigações, ela haurira uma convicção inabalável de que a morte não quebrava os elos do amor entre as pessoas e de que a difícil passagem, que tanto amedronta as pessoas, não é nada mais que uma libertação.

Quando a ansiedade tomava conta de sua alma, Taíssa vinha fruir tranquilidade e buscar coragem junto à pessoa a quem mais amava.

O retrato fora pintado um ano antes da morte da condessa; em seu rosto pálido e levemente magro, estampava-se uma profunda melancolia. A condessa posara sentada num sofá baixo. Trajava um vestido branco, orlado por rendas. Suas mãos, cruzadas nos joelhos, parecia brincarem displicentemente com um buquê de rosas e narcisos.

— Oh, como você é bela, querida mamãe! Ainda assim, não foi amada - murmurou Taíssa com expressão de veneração infantil. — Haverá alguma criatura mais bonita que você nesse mundo?! Quem era aquela infame, saída da ralé, que lhe subtraiu a felicidade e fez de mim uma órfã. Oh, se você pudesse dizer-me se eu agi bem hoje, se o meu sacrifício foi necessário, e se eu impedi o perigo, recusando o príncipe! - acrescentou ela, com veneração.

Um silêncio profundo reinava em volta. Aos poucos, a jovem foi se sentindo dominada por uma languidez aprazível, tantas vezes experimentada, que parecia transportá-la a um outro estado de existência. Em tais momentos, a sensação era que ela estava no limiar do mundo invisível e que sua audição era mais receptiva às palavras misteriosas daquela que já não se encontrava neste mundo. Mas jamais aquela sensação estranha fora tão densa e tão forte como naquele dia. O ar em sua volta parecia ecoar e trepidar; as flores recendiam aroma sufocante e fagulhas sulcavam a tela. Com um misto de bem-estar e curiosidade, Taíssa recostou-se no espaldar da poltrona e continuou a olhar para o retrato, que parecia ganhar lentamente vida. As flores estavam agora no chão. Subitamente, a condessa levantou-se vagarosamente do sofá, saiu do quadro e aproximou se da poltrona.

Taíssa sentiu o calor aromático de sua face, os lábios encostaram em sua testa, os braços a envolveram como antigamente e um olhar, cheio de amor, fitou seus olhos.

Taíssa não sentiu qualquer medo; ao contrário, uma indescritível sensação de paz e felicidade encheu-lhe a alma; seu corpo parecia estar paralisado e Taíssa não conseguia mover sequer um dedo.

— Você agiu bem, minha criança! - pronunciou uma surda voz harmônica. — Nem sempre é possível mudar o destino. A provação, pela qual teremos de passar, sempre nos alcança, apesar da nossa energia e das advertências sábias da razão; a luta contra a sina lapida a nossa força de vontade e inspira heroísmo à pobre alma vacilante, tão suscetível ao desespero.

Tempere sua força de vontade, Taíssa, triunfe sobre o mal que a dilacera e torne-se insensível à dor que talvez lhe atinja a alma. A fé, que conforta os mártires, a tornará invulnerável contra todas as vicissitudes da vida.

Não tive essa coragem, essa fé e vontade. Olvidei que Deus me deu você como dádiva, como consolo em minhas desilusões conjugais. Agora me desprezo pela fraqueza ignóbil que me matou e fê-la órfã. Eu sofro intensamente vendo-a sozinha, mas todo o meu arrependimento é agora inútil.

Seja, então, corajosa, minha Taíssa! Lute contra a correnteza, contra os obstáculos, consigo mesma e contra as nossas fraquezas — tais são as palavras de ordem do aperfeiçoamento. Sacudindo de nós o pó terreno, devemos almejai a luz e, durante essa ascensao difícil, ser nos á creditada toda a vitória, enquanto cada fraqueza se voltará contra nós mesmas, sofrimento e arrependimentos. Para que você não pense que viu e ouviu tudo isso em sonho, eu lhe deixo o meu medalhão — acrescentou o espectro, depositando na mão de Taíssa um objeto frio e brilhante. A jovem sentiu um beijo nos lábios, a visão esmaeceu e pareceu fundir-se com a tela do quadro.

Taíssa endireitou-se rápido.

O primeiro pensamento da jovem era que ela havia adormecido e tido um sonho; mas, no mesmo instante, seu olhar foi atraído para um pesado medalhão de ouro, pendurado em sua mão em uma fina corrente de ouro.

Ela estremeceu e profundamente perturbada o abriu. Dentro dele, havia um retrato do conde, ladeado por uma fina coroa de sempre-vivas, executadas em safira. Taíssa tinha uma lembrança vaga de tê-lo visto no pescoço da mãe. Ali se via uma estrela na tampa com um grande brilhante no centro. Um arrepio nervoso dominou-a. Levantando-se, saiu do gabinete e, quase correndo, foi ao quarto de Maria.

A velha camareira estava sentada junto à mesa e preparava-se para ler a Bíblia. Ao ver a jovem condessa, quis levantar-se, mas esta já estava ao seu lado.

— Olhe, Maria! Diga-me, este medalhão pertenceu à minha mãe? Em caso afirmativo, onde, então, ele estava desde a morte dela? - perguntou, indecisa.

Ao primeiro olhar, Maria estremeceu e ficou lívida como um cadáver.

— Sim, esse medalhão pertenceu à condessa falecida. Era um presente do conde, quando ele ficou noivo. Mas... não sei de onde ele apareceu - balbuciou a camareira, evitando o olhar da jovem.

— Maria! Você não sabe mentir e eu vejo que você esconde algo de mim. Diga-me a verdade! - gritou ela imperiosa.

— Não quero preocupá-la só porque tenho algumas suspeitas. Mas, já que a senhora insiste, digo-lhe que esse medalhão só pode ter sido pego no túmulo da minha falecida ama. Certa vez, ela medisse que queria levá-lo junto ao túmulo. Por isso, quando fui vesti-la, eu coloquei-o em seu pescoço. No dia do enterro, quando eu fui arrumar as flores no seu peito, eu apalpei o medalhão sob o seu vestido. Para consegui-lo, seria necessário roubar o túmulo. Mas quem ousaria tal profanação? Como vamos falar à baronesa desse crime hediondo? - ajuntou, terrivelmente nervosa, a camareira.

Um sorriso alegre iluminou o rosto de Taíssa. Então, a visão não foi um sonho e o medalhão era um presente da mãe, vindo do além-

túmulo.

— Acalme-se, Maria! Se você gosta de mim, não diga nada a ninguém sobre este caso. Ninguém violou o túmulo. Minha própria mãe quis que eu ficasse com o medalhão. E é só!

— Se o medalhão apareceu sozinho — isso é mau agouro — balbuciou Maria, empalidecida e tremendo toda.

— Não, não! Tudo que vem de minha mãe não pode ser de mau agouro - revidou alegre Taíssa, em tom de reverência.

Ao voltar para o quarto, Taíssa orou longamente, depois examinou e beijou o medalhão. Antes de dormir, colocou-o sobre o criado-mudo. A jovem adormeceu rápido. Suas inquietações deram lugar à paz e tranquilidade. Todo o seu ser agora estava repleto somente de sua mãe.

No dia seguinte, Taíssa estava em seu ateliê e trabalhava fervorosamente numa aquarela, tentando acabá-la rápido. De chofre, alguém bateu à porta e a voz do conde perguntou:

— Posso entrar?

— Claro, pai! Você é sempre bem-vindo — disse Taíssa.

O conde parecia estar no melhor de seus humores. Ele elogiou o trabalho da filha, beijou-a e, sentando-se perto da janela aberta, acendeu o cigarro.

Vim falar-lhe, minha querida! - iniciou ele, soltando uma baforada de fumaça. — Confesso que a sua atitude de ontem amargurou e surpreendeu-me. Por que você recusou o príncipe, aquele aristocrata de linhagem antiga? Ele é belo feito Apolo, terá uma carreira brilhante e, além disso, ama-a loucamente. E você menosprezou esse partido por simples capricho, pois, das razões por você alegadas, não quero nem falar. Diga-me como você pode saber de antemão que Ardagan a faria infeliz?

— Graças às minhas observações, eu cheguei à conclusão de que não poderei ser feliz com ele.

— Tss-tss-tss! Não diga tolices! O casamento, meu bem, é uma loteria, e a felicidade, na maior parte das vezes, depende da própria esposa. Toda mulher pode ser feliz, desde que seja razoável. E você recusou o pobre Leonid por causa de suas implicâncias tolas? Ele partiu terrivelmente desesperado.

Taíssa levantou a cabeça e olhou para o pai sorrindo.

— Espero que seu desespero não seja sério e ele logo se acalme! Existem tantas almas solidárias que ficariam felizes em confortar esse Apolo, e o príncipe não me parece ser algum cavaleiro de Toggenburg! Aliás, seu sofrimento pode até ser autêntico, visto a minha recusa destruir-lhe seus planos financeiros. Você, papai, provavelmente deve ter lhe descrito o tamanho de minha fortuna.

O conde fez um gesto de impaciência.

— Suas conjecturas não são apropriadas para uma moça de sua idade. Você está com dezenove anos e, praticamente, desconhece a vida, enquanto tenta despojar do amor toda a sua poesia.

— Mas, papai, tais conluios matrimoniais estão hoje na moda. O príncipe não seria o primeiro a casar por dinheiro com uma mulher e, mais tarde, dar-lhe as costas e esquecer todas as juras.

— Ah, minha querida! Vejo que sua avó a tem influenciado. Ela vive enchendo o seu coração e a cabeça com quimeras que nada têm com a vida - exclamou, irritado, o conde. Não acho que a baronesa queira que você fique para titia ou se torne uma monja. Ou ela lhe deseja um idílio pastoral que, cedo ou tarde, a enfastiará? Seja razoável, filhinha, e entenda que não estamos vivendo na Arcádia e que o marido não e um trovador que deve ficar a vida inteira aos pés da esposa, cantando-lhe poemas de amor. Não se pode encarar a vida e a sociedade do alto do terraço do castelo de Rodenberg, e imaginar que nada mudou nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Hoje em dia, tais sentimentalismos são risíveis.

Estamos vivendo a época do realismo e um Romeu, com o qual você sonha, seria tão ridículo como um homem que quisesse hoje sair viajando com a armadura de um cavaleiro medieval.

— Mas, papai, não estou contestando suas opiniões e o modo de pensar! Apenas, o realismo de hoje não me é simpático.

— Isso não basta, meu bem. Você deve entender que está tomando uma direção errada; você não pode ficar aqui feito uma bela adormecida na floresta encantada. Deve aceitar a vida como ela é. Uma mulher sensata pode viver feliz com seu marido, se não for exigente demais e suficientemente tolerante e capaz de perdoar as fraquezas humanas, como uma cristã.

Milhares de mulheres vivem assim. Aceitam as alegrias do lar e a felicidade conjugal como elas são. São bastante inteligentes para se calarem, quando ocorrem alguns deslizes do marido; sabem perfeitamente que um escândalo só pode piorar a situação e arruinar por completo sua relação com ele.

Existem tantas coisas que podem substituir a felicidade duvidosa do idílio, tais como: os bailes, o teatro, as viagens, os vestidos, a azáfama da vida social, o culto à beleza e à riqueza, a rivalidade das mulheres, causadas pelo jovem e belo marido, seu acolhimento respeitoso e cavalheiresco perante uma esposa boa e reconhecida, movida por amor e tato. Tulo isso, minha querida, são atributos que não devem ser desprezados. Mas, para entender isso, você deve sair deste castelo. Dentro da sociedade, a sua misantropia e as idéias tolas desaparecerão. Você irá gostar da vida e — quem sabe? — talvez você se penalize do príncipe Ardagan, que a ama sinceramente e não quer se casar com você apenas por causa de sua riqueza. Em Petersburgo não faltam noivas ricas, que ficariam felizes em desposá-lo; basta ele escolher.

O conde silenciou exausto, mas satisfeito com o seu discurso que deveria produzir uma forte impressão sobre a filha. Ele lhe dera a entender que existem muitos outros prazeres além de alimentar os

cisnes, de uma vida sem sentidos, e da decoração de árvores de Natal para crianças pobres.

Taíssa ouviu calada e sem interromper a improvisação brilhante do pai. Quando este se calou e acendeu um novo cigarro, ela colocou o pincel de lado e disse, com um olhar fulgindo de expressão indefinida:

— Você pintou um quadro sedutor fora do nosso ninho de coruja, cujos habitantes levam um vida simples, preservam opiniões ultrapassadas, consideradas retrógradas, e sonham com as virtudes irrealizáveis. Malgrado isso, você há de concordar que existem gostos e opiniões diferentes e que existe gente que não consegue encontrar a felicidade em futilidades mundanas.

Freqentar bailes, encontros, concertos e teatros, perseguir sem trégua sucessos pífios, rivalizar-se em guarda-roupa, viver de visitas, e sempre estar assediada de multidão estranha e hostil, traiçoeira e invejosa - será que isso pode ser chamado de felicidade? Não, digo abertamente que para mim seria mais fácil suportar trabalhos forçados do que não poder ficar sozinha e ter de fazer ou receber visitas o dia inteiro. E, para o cúmulo de tudo, estar casada com um marido que não teria qualquer escrúpulo em trair-me e considerar a minha obrigação de ficar calada sobre suas aventuras escandalosas. Saber-se presa, por toda a vida, a um homem que apenas me suportaria como um mal necessário e permanecer um estranho, obrigando-me a fingir, em nome da paz conjugal, estar feliz naquela atmosfera de mentiras, privada de amor e até de ilusões! Só de pensar nisso, eu tremo toda!

Taíssa estava exaltada. Suas faces afoguearam-se; os olhos brilhavam. Empurrando a mesa, ela se levantou e se aproximou do conde, a observá-la calado e surpreso.

— Sem dúvida, eu ainda não vi o mundo e não sei que tipo de infortúnios e desilusões me prepara esse caos ignoto - continuou a jovem, emotivamente. - Mas, papai, será que você não tem a consciência do seu cinismo? Eu devo, em sã consciência, casar

com um homem que você mesmo me apresenta como amoral, sabendo de antemão que eu deverei ficar surda e muda para não irritá-lo e manifestar-lhe amor e respeito, que já não existem! Não posso aceitar esse inferno! Eu ainda sou jovem. Não consigo acreditar que tudo está a tal ponto pervertido e que é uma insanidade esperar por uma pessoa honesta e boa, que possa me amar gratuitamente e não por meu dinheiro, sempre ser meu amigo e confidente, ao qual eu poderia abrir todos os meandros da minha alma e cada pensamento meu. Não tire de mim essa ilusão, pai, pois antes ficarei uma velha solteirona do que aceitarei esse tipo casamento - concluiu Taíssa.

Suas faces incandesciam e seus olhos enuviaram-se de lágrimas.

Um rubor escuro cobriu o semblante do conde. Não só pelo fato de que as palavras de Taíssa continham verdades desagradáveis, mas, porque ela, com aquela nitidez doentia, lembrava-lhe a esposa morta. Ela tinha a mesma expressão no olhar e nas pregas da boca. Nela brilhava algo puro e imalerial com que respirava todo o ser de Júha, algo que sempre afastava e irritava aquele perdulário, ávido por prazeres voluptuosos e arroubos de loucas paixões. Aparentemente, Taíssa era igualzinha à mãe. Ela jamais aceitaria uma existência desprovida de afeições e com os compromissos da vida social, tal como ele a compreendia. Não seria melhor deixar Taíssa como estava? A baronesa não iria durar muito e, então, quisesse ou não, ela teria de viver na capital. E ali, a sociedade libertina, cheia de vícios, talvez agisse favoravelmente sobre ela e lhe despertasse o gosto pelos prazeres.

Então seria a hora certa de o príncipe entrar em cena. Em um ambiente diferente, mais propício, ele saberia incutir-lhe novas idéias e despertar-lhe as fraquezas femininas.

Sim, agora ele precisava ceder e aguardar.

Essas reflexões não duraram mais de dois minutos. Com um gesto, denotando o amor paternal, o conde atraiu para si a filha e deu-lhe um beijo na testa.

— Não se perturbe tanto, minha louquinha! Será que você podería imaginar por algum segundo que eu quisesse lhe impingir um marido indesejável? Não, eu lhe dou a plena liberdade de escolher alguém de seu desejo. Graças a Deus, os pretendentes jamais lhe faltarão! Assim, chega de falar de Ardagan! Esta questão está encerrada, ainda que tenha muita pena de Leonid, uma pessoa muito honesta. Esse aristocrata orgulhoso nunca mais irá incomodá-la. Ele a ama de coração e não pertence ao rol dos caçadores vulgares de dote.

— Agradeço-lhe, pai, por não estar insistindo! Talvez eu seja por demais severa com o príncipe, mas a sua figura estampa o selo da frivolidade. E, depois, eu não acredito que ele me ame de verdade! Ele é muito mimado por ser alvo da adoração de coquetes, para se interessar por uma moça como eu, totalmente ignorante na arte de seduzir e incandescer um homem como o príncipe Ardagan.

O conde olhou para ela surpreso. Ele não conseguia entender como uma menina inexperiente podia ter adquirido conceitos tao acertados. Ela intuía coretameute que não era a sua translúcida beleza ou a inocência que atraíra aquele pândego inveterado, mas que a ele só interessava a enorme lortuna.

— Não vamos falar disso, minha querida! Repito, eu lhe dou a liberdade total de decidir o futuro e só lhe peço uma coisa: a de passar alguns meses em Petersburgo após voltarem do exterior. Eu gostaria que você conhecesse um pouco do mundo. Seu isolamento faz mal. Já que a sua avó quer ficar em Cannes só até novembro, você pegará justamente a estação de inverno.

— Sem dúvida, papai, farei o que me pede; a vovó também ficará feliz se eu espairecer um pouco — respondeu Taíssa, vendo, aliviada, a conversa findar.

Parecia para a jovem que ela se livrara de um enorme perigo.

Eles ainda conversaram sobre diversas coisas; depois, o conde anunciou que ele ia partir naquela noite, pois que as cartas

recebidas de manhã exigiam seu urgente retorno para Petersburgo.

Não longe da estação de Chumilovo, da ferrovia finlandesa, havia uma bela datcha{15}, construída em estilo russo.

Naquela elegante construção de veraneio, vivia Kira Dmitrievna Overbruck - irmã mais velha do príncipe Ardagan.

Bonita e inteligente, a princesa, que não tinha patrimônio, apesar de todos esforços inauditos, não conseguia arrumar um marido rico e nobilitado e, aos vinte e oito anos, ainda permanecia donzela. Ao ver a juventude passar, sem que o seu futuro estivesse definido, ela aceitou a corte de um rico banqueiro, de origem israelita. O banqueiro era batizado e tinha adquirido, na Áustria, o título de barão. Como todos os judeus que conseguiram sair da habitual mediocridade, o barão ansiava unir se em parentesco com a nobreza e penetrar na alta-roda. A princesa Kira pareceu-lhe, para tanto, uma esposa ideal.

A princesa de Ardagan era o produto genuíno daquela sociedade. Naquela época, as mulheres casavam com qualquer um, desde que fosse rico; enquanto os homens, escolhiam como esposa as judias, as cortesãs, e as demais oportunistas, aparentando-se prontamente com todas aquelas doidivanas prostituídas, sem se avexarem dessas uniões matrimoniais.

Kira Dmitrievna não recusou os cortejos do banqueiro judeu e casou-se com ele, sem se envergonhar da torpeza da transação. Nela já se havia atrofiado o orgulho e a dignidade da raça. Ela queria gozar a vida e ser rica; preferiu casar-se com um judeu, saído da imundície, a ficar solteirona.

Na frente dos amigos, a baronesa fazia o papel de vítima, dando a entender que desdenhava o marido e que se divertia tanto apenas para esquecer a sua desilusão. De fato, o matrimônio trouxe muitas desilusões e dissabores à pobre Kira. Primeiro, o barão Enoch Danilovitch era assaz suscetível em questões de fidelidade conjugal. Ele protestou energicamente contra os chifres com que a sua bela

consorte queria presenteá-lo. Não era de seu desejo que no sangue de seus descendentes se misturasse o sangue de gói{16}. Seus filhos deveriam ser judeus de puro sangue e a sua esposa haveria de se enquadrar naquele sistema, pois o barão não abria a sua carteira fácil. As roupas novas e as diversões dependiam de seu estado de humor e o seu cunhado titulado só recebia dele subsídios modestos.

Era um maravilhoso dia de junho. No amplo terraço da datcha do barão de Overbruck, toldado por tecido listrado e decorado em profusão com flores raras, estavam reunidos cerca de doze convidados.

O almoço já terminara e, no terraço, foram servidos a sobremesa e o café. Os convivas se dividiram em dois grupos. Numa das pontas do terraço, junto à mesa cheia de revistas, estava sentado o próprio anfitrião, ainda um homem jovem, com cerca de trinta e oito anos de idade, bem talhado. Pelo corte dos trajes e a maneira de usar os cabelos e costeletas, percebia-se que ele queria conferir à sua figura o aspecto de um inglês, mas a sua tez leitosa, o nariz aquilino e os traços característicos de seu rosto, traíam a sua origem; também destoavam os diversos anéis que lhe decoravam as falanges e um grande rubi, a cintilar na gravata. Mais quatro homens sentavam-se à mesma mesa. Seus narizes eram ainda mais aduncos e o tipo semítico - ainda mais acentuado; o jargão falado por eles lembrava o de uma sinagoga de uma pequena cidade lituana.

Eles conversavam bastante alto, com animação oriental. O anfitrião, que estava participando de uma grande transação financeira, ouvia calado e só uma vez ou outra fazia alguma observação. Seus olhos pequenos, negros e penetrantes não desgrudavam da esposa, sentada na outra ponta do terraço, que palreava animadamente com alguns homens.

Este segundo grupo era totalmente diferente. Era composto de dois generais velhos e dois oficiais jovens: um de cavalaria, outro -

um hussardo. O último estava sentado junto da baronesa e, de soslaio, lançava-lhe olhares doces.

A baronesa de Overbruck era muito parecida com o seu irmão. Era uma mulher muito bonita, esbelta e elegante, grandes olhos negros brilhantes, emoldurados por longos cílios, boca purpúrea e sensual e bastos cabelos negros qual asa de corvo.

Aproveitando o momento em que a conversa à mesa do banqueiro se tornou mais ruidosa, o hussardo inclinou-se para a baronesa e disse a meia voz:

— Meu Deus! Como a senhora pode, Kira Dmitrievna, aguentar em casa tal kâhâí{17} de judeus.

A baronesa deu de ombros.

— O que posso fazer? Enoch Danilovitch tem assuntos para tratar. Aliás, suas relações são puramente financeiras.

Um dos generais ouviu essas palavras e, em seu rosto enrugado, surgiu uma expressão de visível contrariedade. Era um pândego conhecido, que dissipara dois substanciais patrimônios e que agora tentava consertar a situação financeira tentando jogar na bolsa.

— Como pode ser tão retrógrado, Piotr Andreevitch? O senhor me surpreende — disse ele também a meia voz. — Em nosso século iluminado, não existe mais essa discriminação contra judeus. Os israelitas são pessoas como todas as outras, e Abraão Mavrikievitch é um homem inteligente, encantador e grande empreendedor. Ele está abrindo uma sociedade para explorar petróleo em Baku{18} com a ajuda dos capitalistas ingleses. Eu também fui convidado para participar do negócio. Ele não liga para seus conterrâneos. É um livre-pensador, que eu prezo e prefiro a muitos outros cristãos nossos.

O jovem fez uma careta quase imperceptível.

— Perdoe, general! Eu não tinha conhecimento de que Abraão Mavrikievitch pertencia ao seu rol de amigos e não discutirei mais suas qualidades encantadoras; mas, pessoalmente para mim, todos esses judeus são antipáticos.

— O senhor se engana, Piotr Andreevitch! Abraão Mavrikievitch não é meu amigo; eu apenas o respeito por suas qualidades morais, não por sua ascendência - retrucou o general em tom amargo. - Eu também sou um livre-pensador; não sou judeu nem cristão; não tenho outra religião a não ser a justiça e a verdade; isso me impede de tratar mal um homem que se distingue por sua grande benevolência; ele e membro de diversas instituições de caridade e nunca pergunta àquele que lhe pede ajuda se ele é judeu ou cristão.

— Ah, meus amigos! Não *é* hora de discutirem, resolvam isso mais tarde! Olhem! Lá vem vindo o meu irmão - interferiu a baronesa, apontando para a alameda pela qual se aproximava o príncipe Ardagan.

Alguns minutos depois, o príncipe galgou agilmente o terraço e beijou a mão da irmã. Em seguida, após saudar o cunhado e os presentes, ele foi novamente até a irmã.

— O que há com você, Leonid? Seu aspecto está horrível — disse, sorrindo, Kira.

— Estou com enxaqueca — respondeu o príncipe, pegando do criado uma xícara de café, mas recusando-se, categoricamente, a almoçar.

— Nesse caso, fique para pernoitar. Amanhã iremos ambos a Petersburgo, pois preciso fazer algumas compras.

O príncipe fez um sinal de anuência e, virando-se para o general, abordou com ele alguns assuntos militares.

Uma hora depois, os convidados se despediram; o barão Enoch acompanhou-os até a estação. Os irmãos ficaram a sós.

— Vamos dar uma volta no jardim! — propôs Kira, descendo do terraço.

O príncipe concordou e seguiu-a. Sem trocarem uma palavra, eles se encaminharam a um pavilhão isolado no centro do relvado, ladeado de flores.

A baronesa sentou-se no banco ao lado do irmão e disse:

— Diga a verdade! O plano do conde de casá-lo com sua filha não deu certo e isso é causa de seu mau humor. Sem dúvida, a mocinha está apaixonada por outro.

— Não! Não creio que eu tenha um rival. Ela simplesmente não me quer por marido. Admito que isto está me deixando possesso, pois ela não é apenas bonita, mas também muito rica - o que não é fácil de encontrar. E eu estava tão certo de que a fortuna da condessa estava em minhas mãos...! - prosseguiu, em tom visivelmente decepcionado, Leonid Dmitrievitch.

— Ela não o quis? Por quê? Não gostou de você? - perguntou, sinceramente surpreendida, a baronesa.

Kira amava muito o irmão e achava-o irresistível.

— Pelo contrário, acho que ela gostou de mim; apenas eu não atendo aos ideais dessa jovem psicopata, educada por uma velha megera idiota, que lhe encheu a cabeça com idéias ultrapassadas. Ela sonha com um marido que viva agarrado à sua saia, recite-lhe poemas, toque-lhe violão desde manhã até a noite e leve com ela um carneirinho de fita azul para passear no campo.

Kira rompeu em riso; o príncipe, apesar de seu péssimo humor, não conseguiu se conter e riu também.

— Devo dizer que você não preenche esses ideais. Entretanto, estou deveras surpresa por você não conseguir em um prazo de dez dias fazê-la apaixonar-se por você. Justo você - um mestre na arte de seduzir mulheres! - observou a baronesa, fitando o rosto belo e aristocrático do irmão, com um olhar cheio de orgulho e admiração.

Em seguida, afagando com a mão as madeixas bastas e negras de Leonid Dmitrievitch, ela adicionou:

— Será cega essa mocinha? Para recusar-lhe, ela deve amar um outro. Você nada notou nesse aspecto?

— Absolutamente nada! No castelo de Rodenberg leva-se uma vida monástica. E, na verdade, havia ali mais um jovem artista que estava pintando os retratos das duas damas, mas ele tinha uma personalidade tão obscura e mísera, que não deve ser levada em conta. Não, Kira! Repito: ela gosta de mim e, talvez, até me ame. Mas imagine só: ela tem medo de mim, acha que será infeliz comigo e me considera um pândego inveterado, incapaz de ser fiel e de amar de verdade. Resumindo, eu não correspondo ao ideal de idílio burguês com que ela sonha.

— Honestamente! Estou começando a me interessar por essa menina. Ela é muito perspicaz e conhece-o bem. Que você não possui nenhuma destas virtudes, isso lá é verdade - gracejou Kira, largando uma risadinha. - Mas isso não pode ser o motivo de sua recusa. Onde é que ela encontrará um marido assim? Todos são iguaizinhos a você. Isso ela deveria saber. Como gostaria de conhecê-la!

— Não será uma tarefa fácil. Taíssa é terrivelmente orgulhosa e, é claro, fará tudo para declinar da honra de conhecê-la, quando souber que você se casou com um Enoch bíblico. Posso lhe mostrar o seu retrato. Quando estive no castelo, tirei de seu álbum duas fotografias.

O príncipe tirou da carteira duas fotos. Em uma delas, estava representada só a cabeça de Taíssa; na outra — em toda a estatura, num traje de verão, com o cachorrinho preferido no colo.

— Oh! Ela é realmente encantadora! Se o seu patrimônio for como a sua beleza, vale a pena você lhe conquistar o coração.

— Oh! Seus bens são incalculáveis! Junto com a herança da avó, a renda é de vários milhares de rublos, sem contar prata, ouro,

brilhantes e outras jóias.

— Nesse caso, ela terá de ser sua esposa! Quanto a não me querer conhecer, isto é bobagem! Tem que saber tratá-la. Você verá, ainda nos tornaremos boas amigas e eu colocarei em ordem a sua cabeça. Basta que ela vá a Petersburgo!

— Agora ela e a sua megera avó estão partindo para o exterior; mas, no inverno, ela virá, sem dúvida, a Petersburgo. O conde conta com isso, e até quer instalar-se com Taíssa em sua maravilhosa casa na marginal Dvortsovaya. Então você poderá tentar convencê-la de minhas virtudes. Mas, confesso, há poucas chances para o sucesso. Por mais jovem que seja a condessa, ela tem um caráter decidido e um coração frio.

A baronesa mergulhou por um minuto em profunda reflexão; levantando a cabeça, disse em tom decidido:

— Aquele que quer atingir os objetivos, usa de todos os recursos disponíveis. Se eu não conseguir convencer Taíssa pelos meios habituais, lançarei mão das forças ocultas. Por esta região, mora uma mulher que conhece uma feitiçaria e possui uma poção de amor. Vou conversar com ela.

O príncipe fez um gesto de impaciência.

— Se você acredita nessas tolices, a causa já está perdida. Como você, uma mulher evoluída e inteligente, permite-se a tolices tão ridículas?

A baronesa meneou a cabeça.

— Nada há de mais fácil do que chamar de tolice algo que não se entende. Asseguro-lhe que as poções de amor existem e, como prova, revelar-lhe-ei um segredo que diz respeito a mim.

Kira aproximou-se do irmão e, inclinando a cabeça quase até o seu ouvido, disse em voz baixa:

— Você sabe, Lolo, que meu casamento não decolava? Estava desesperada, pois os trinta anos vinham chegando e a triste situação dos negócios... eu nem lhe preciso descrever. Nessa época, Enoch começou a me cortejar. Apesar de ele ser judeu, decidi conquistá-lo para ter alguma posição na vida. Imagine a minha raiva, quando tudo quase veio a ruir, pois Lisa Bubkova começou a disputar o barão. Fiquei tão irritada, que até as pessoas começaram a notar isso. Quando estive em Terijoki{19}, na casa de minha tia Sônia, a mulher do jardineiro me disse...

— É aquela Ustínia, que tem um monte de filhos que nós batizamos? — interrompeu Leoníd Dmitrievich,

— Ela mesma! Eu batizei seus três filhos e fiz muito por aquela família. Naquela ocasião, também levei muitos presentes aos meus afilhados. Ustínia, que gostava muito de mim e faria qualquer coisa para deixar-me feliz, disse-me em segredo que, nos arredores de Terijoki, em uma aldeia, vivia uma finlandesa. A finlandesa tinha poderes terríveis e poderia fazer qualquer trabalho. Ustínia prontificou-se a me levar até aquela mulher, visto a tia estar em Petersburgo. Eu concordei, pois a minha paciência estava nos limites. No dia seguinte, nós nos dirigimos à casa da finlandesa. Esta ficou a me olhar longamente, depois, atirando sobre a mesa um punhado de areia, ela borrifou-a com leite. Após examinar cuidadosamente os desenhos, feitos na areia pelo leite, ela me disse:

— Você quer se casar com um homem de cabelos pretos, de uma outra nacionalidade — e você casará com ele.

Ao notar a minha surpresa, ela fez uma careta que deveria representar um sorriso. Depois, disse-me para tirar uma meia e deu-me uma pequena vela acesa.

Após murmurar em finlandês uma fórmula — que eu não entendi —, tirou debaixo da mesa um frasco com um líquido escuro e estendeu-o para mim.

— Exatamente daqui a três semanas esteja em casa! Nesse dia chegará a pessoa de que tratamos. Então você lhe oferecerá um chá, café ou cerveja, despejando o conteúdo deste frasco. A partir desse dia, esse homem não encontrará paz. Seus pensamentos e o coração não a largarão e passarão muitos anos até que a paixão, que você lhe inspira, sossegue.

A minlia meia ninguém conseguiu achar. Pode imaginar como eu retornei para casa?

O dia marcado pela feiticeira foi três de julho. Você estava no acampamento. Eu estava sozinha em casa e, com um misto de desconfiança e impaciência, fiquei aguardando.

Não esperei muito. Veio o banqueiro e eu logo percebi que ele estava agitado. Brinquei com sua aparência de desânimo e, com ar de preocupação, servi-lhe um café, que ele tomou sem piscar. Depois disso a sua agitação aumentou ainda mais. O barão explicou que eu era o motivo de sua mudança; ele se pôs de joelhos e revelou seu amor, suplicando que eu não o afastasse por causa de suas origens, pois ele fora batizado.

Deixei que ele me rogasse, mas, depois, acedi às suas súplicas. O resto você sabe. Durante os quatro anos que estou casada, a paixão de Enoch não diminuiu nem um pouco, ainda que não me esforce para agradá-lo. Ele é ciumento feito um turco e, por vezes, tanto me enche, que eu até preferiría que ele me amasse menos.

O príncipe ouvia-a com interesse crescente.

— Se você acredita que o casamento se consumou graças, unicamente, à essa essência, eu também acredito — disse ele, após um breve silêncio. — Se essa finlandesa me ajudar a possuir Taíssa, eu a gratificarei bem.

— Vou informar-me se a velha ainda vive naquela aldeia. É bem provável que sim, pois esse tipo de gente dificilmente muda de casa. Só que você terá de ir sozinho até a feiticeira.

— Bem, e daí? Eu vou!

— Dê-me uma foto dela. Talvez seja suficiente. O mais importante, meu caro, é não se desesperar. Eu me arrumei; você também se arrumará. E, agora, vamos! Está na hora do chá.

X

Triste e desconsolado, Hugo Reshberg retornou a Petersburgo. Possuía, no entanto, uma natureza disciplinada, bem enérgica, e entendia perfeitamente que, se ele fosse se entregar ao sentimento irrealizável, simplesmente perecería. Por essa razão, ele procurou a cura numa atividade árdua e, imediatamente, pôs-se a pintar o quadro que pretendia mostrar em uma exposição, da qual falara para a baronesa Rodenberg.

Para a vestal adormecida, ele tinha um belo modelo no rosto deTaíssa. Sua delicada beleza era a própria encarnação da pureza e inocência. Mas, para o corpo da deusa, ele não conseguia achar nada adequado.

Certa manhã, quando ele trabalhava os esboços, sobre que nenhum ainda o agradava, veio um jovem pintor, seu amigo. Quando Hugo falou de suas dificuldades com a figura da deusa, o amigo exclamou, batendo a mão na testa:

— Acho que poderei ajudá-lo. Há alguns dias atrás, um colega meu ofereceu-me uma maravilhosa moça para modelo. Não entendo como essa moça, dotada de beleza estonteante, pôde decair a tal indigência, tendo de trabalhiar como modelo. Não preciso dela agora, mas acho que servirá perfeitamente para a deusa.

— Peço-lhe, Karl, mande-a para cá! Como é que ela é?

— Oh! É difícil de descrever! Você mesmo verá. É claro, você terá que mudar algo, pois a sua beleza é mais diabólica que divina.

No dia seguinte, quando Hugo trabalhava no seu ateliê, a criada anunciou que uma mocinha queria vê-lo.

Minutos depois, na oficina, entrou uma jovem de estatura mediana, trajada em vestido negro, com chapéu de palha na cabeça. O rosto pálido e transparente distinguia-se por uma regularidade clássica; os grandes olhos verde-escuros fitaram-no com olhar soturno e flamejante. Por trás do chapéu, escapavam bastas madeixas de cabelos ruivos.

Hugo olhou para ela pensativamente. Parecia-lhe ter visto aqueles olhos estranhos; mas onde? Ele não conseguia se lembrar. De qualquer forma, ele gostou do modelo e começou a conversar com ela sobre as condições das sessões. Como a moça era bem conciliadora e anunciou que estava livre, o pintor resolveu iniciar, imediatamente, a primeira sessão.

— Vista aquela túnica branca, coloque as jóias e solte os cabelos — disse ele, saindo da oficina.

Quando um quarto de hora depois Hugo retornou, ele estacou no umbral da porta, como que ofuscado por uma visão sedutora. De um simples casulo preto, saiu uma borboleta maravilhosa. A suave túnica de linho delineava, em relevo, a delicadeza vaporosa de suas formas; os colares e os braceletes de cobre acentuavam mais a brancura de seu colo e braços de contornos clássicos. Mas o mais espetacular eram os seus cabelos. Feito ouro fundido, eles caíam bastos e ondulados abaixo dos joelhos, envolvendo a jovem como que por um véu de seda.

Como enfeitiçado, olhava Hugo para a jovem à sua frente. Mais do que nunca, ela parecia-lhe familiar. Recordações vagas e remotas, aos poucos, tomavam formas mais definidas. Ele lembrou-se da longa, suja e poeirenta rua da cidade natal, da casa da mãe e do velho Kunrad. Em seguida, lemhrou-se de uma menina de cachos ruivos, que, feito uma gazela, corria pela casa em ruínas do velho avarento.

— Será possível que você seja Rafaela? — exclamou Hugo, hesitante.

A jovem estremeceu e num misto de curiosidade e surpresa olhou para ele... Seu rosto iluminou-se subitamente com um sorriso alegre e, por sua vez, ela exclamou, estendendo-lhe as mãos:

Hugo? E você?

Então, não estou enganado! É você, Rafaela! E eu a encontro, pobre criança, como modelo! - exclamou o pintor, levando a colega de infância ao quarto contíguo e fazendo-a sentar-se no sofá.

Meu Deus! Você se tornou maravilhosamcnte bela! disse ele, admirando a moça como uma obra de arte.

Passado um minuto, ele acrescentou.

— Você sabe que o seu sórdido avô, que a vendeu, ainda está vivo? Eu o encontrei há dois meses atrás.

Rafaela sacudiu sua crina ruiva e cerrou os punhos.

— Oh, o que eu sofri por causa dele, se você soubesse, Hugo... Desculpe! Eu queria dizer “senhor Reshberg”.

— Não, não, Rafaela! Continuemos a nos tratar como antigamente: por “você” - o que lembra tanto a nossa infância. Parece que encontrei minha irmã mais nova. Conte-me como você tem vivido desde que nos separamos.

Resumidamente, a jovem narrou todas as agruras e dissabores que tivera de suportar com Trembellini, e sua vida de artista de circo, até o momento em que encontrara o banqueiro- seu famigerado pai, quando ela foi matriculada no pensionato.

Rafaela contou que começou a fazer, nessa época, um brilhante sucesso e para ela se iniciava uma vida feliz e límpida, mas que, inesperadamente, uma desgraça fez ruir suas esperanças. O banqueiro teve morte súbita por infarto e, no banco estatal, ao invés da quantia prometida, verificou-se em sua conta apenas uma soma irrisória de cinco mil rublos.

Por pequeno que fosse o capital, ele despertou a cobiça de algumas pessoas. A tia de uma das colegas de Rafaela fingiu gostar muito desta, e convenceu a jovem de que com a sua beleza e talento ela nascera para ser artista. Uma vez que vivia em Berlim, convenceu-a a viajar para aquela cidade e dedicar-se seriamente à arte dramática, pois o seu capital lhe permitiria viver por alguns anos sem preocupações, até se engajar num palco germânico de renome.

Rafaela era por demais inexperiente para suspeitar da farsa, visto que seu antigo sucesso no circo lhe entregava a convicção de possuir um grande dom. Além disso, não era à toa que era filha de Tereza. Tinha gosto por aventuras, luxo e prazeres; quem melhor do que uma artista poderia disso usufruir?

A despeito de tudo, com sua costumeira astúcia, Rafaela não revelava seus planos para o futuro, pois que ninguém, além da senhora Gubner, poderia sacar o dinheiro depositado no banco. Que a senhora Gubner ficaria contra os seus planos - isso Rafaela já sabia -, mas ela não era daquelas que abandonavam algo planejado.

Assim, Rafaela foi morar temporariamente na casa da senhora Gubner. Tendo dinheiro na mão, ela fez da vida da pobre mulher um inferno, de modo que esta ficou feliz quando Rafaela foi embora. Uma vez que ninguém tinha direitos legais sobre a jovem, esta viajou para Berlim com a sua nova benfeitora. Mas, ali, por ela esperavam decepções amargas.

Rafaela caiu nas garras de uma estelionatária desavergonhada, tão esperta como ela, mas mais hábil e experiente. Aquela extorquiu da jovem o seu pequeno capital, envolveu-a em uma história suspeita e, depois, expulsou-a de casa.

Por alguns meses, Rafaela levou uma vida obscura, cheia de aventuras; mas, apesar de sua beleza e desenvoltura, nada conseguiu e ficou felicíssima com a oportunidade de podei voltar para a Rússia. Instalando-se em Petersburgo, começou a procurar um lugar de governanta, uma vez que tinha um diploma do

pensionato; dominava perfeitamente algumas línguas estrangeiras, incluindo espanhol - língua que aprendera com um palhaço do circo, onde trabalhara por dois anos. Mas a sua beleza estonteante era um entrave para arrumar um lugar. Ela produzia ciumeira por parte de todas as mães e cortes empolgadas dos maridos, irmãos, primos e até amantes. As damas despediam-na rapidamente; servir para recrear os homens, ela não queria.

A triste experiência adquirida em Berlim não foi inútil.

A jovem compreendeu que, se ela fizesse parte do rol das mulheres decaídas, seria difícil fazer uma carreira brilhante, isto ela almejava com todas as forças. Em uma certa época, ela pensou em entrar num circo, mas esse ofício era para ela positivamente asqueroso. Além disso, já não se exercitava havia cerca de quatro anos e perdera uma parte de suas habilidades.

Sem recursos para viver, a jovem endividou-se muito com sua hospedeira. Ela já não sabia o que fazer, quando a última lhe sugeriu servir de modelo junto a um pintor, seu amigo. Rafaela teve de aceitar. Esse pintor era justamente aquele que a recomendara a Hugo.

Sobre esse período sombrio de sua vida, Rafaela não contou todos os detalhes. Hugo soube apenas que muitos abusaram dela por causa de sua inexperiência, exploraram-na de todas as formas e a roubaram.

— Pobre Rafaela! Foi difícil a sua vida. Você precisa achar algo mais apropriado do que servir de modelo observou o jovem, emfático.

— Obrigada, meu bom Hugo! Ficaria tão feliz se você me achasse um trabalho! Você não pode imaginar como tenho sofrido com essa situação. A proprietária do cômodo, a quem eu já devo muito, é terrivelmente rude; meus vizinhos são estudantes, atores e funcionários miúdos. Toda essa gente me persegue e faz propostas

indecorosas. Ainda que eu aja como se eles não existissem, às vezes, é difícil mantê-los a uma distância razoável.

— Com a sua beleza, semelhantes assédios são naturais. De qualquer forma, você terá de mudar de lá. Vamos fazer um desjejum e, depois, eu a levarei à casa da amiga de minha mãe, senhora Valda, que trabalha em um bom restaurante. Ela tem uma bela casa e a alugará, de bom grado, a você. Se tudo der certo, hoje mesmo você pagará os aluguéis atrasados e, amanhã, mudará para a casa nova. Espero que você pose para o meu quadro!

— Sem dúvida!

— Bem, então venha para cá amanhã de manhã! Após a sessão, eu a levarei ao ponto do bonde.

— Como você é bom, Hugo! Não sei como agradecer — disse Rafaela, premendo-lhe as mãos.

— Deixe para lá e permaneça minha amiga! Agora, vista-se, enquanto eu vou preparar o desjejum. Você está por demais nervosa para posar hoje. Depois de comer, vamos à casa da senhora Valda.

Rafaela prestou as devidas honras ao desjejum frugal do pintor. Pelo visto, ela não era mimada; a magreza dos braços e rosto e a palidez doentia testemunhavam claramente que ela fora obrigada a manter um regime forçado.

Hugo ficou olhando para aquela criatura encantadora, a qual não parava de admirar, como artista, cujo destino funesto a atirou na rota dos vícios, obrigando-a a levar uma existência infeliz.

Durante o desjejum, Rafaela inquiriu o jovem novamente sobre o avô; o pintor contou-lhe a sua visita à casa do velho avarento. Além disso, ele informou-a de que sua mãe havia desaparecido sem deixar pistas.

Depois, eles contrataram um cocheiro e foram para a periferia da cidade. Chegaram a um restaurante luxuoso, frequentado por

pândegos ricos e damas, que apreciavam divertir-se longe dos olhos indiscretos da multidão curiosa. O tesraurante possuía vários ambientes faustosos e dois jardins. Um, o menor, zelosamente decorado, era destinado a um público seleto; para o outro, permitia-se o acesso de gente variada.

A senhora Valda acabara de voltar da cidade, onde fora lazer compras. Era uma mulher gorda, alegre, de uns cinquenta anos de idade. Em seus pequenos olhos cinza fulgiam astúcia e experiência de vida.

Valda recepcionou Hugo fazendo manifestações em voz alta, cheias de alegria e amizade. Agradecendo pela honra da visita, ela examinou com o olhar perserutador a acompanhante do artista.

— Ah! Então esta é a filha de Tereza! - disse ela, após o pintor lhe ter exposto o pedido. - Lembro-me da pequena Rafaela morando na casa do velho avarento Kunrad e terei prazer de oferecer-lhe um abrigo. Tenho um quarto livre, antes ocupado pela minha sobrinha, agora casada. Podemos vê-lo. Se servir, a jovem pode se mudar ainda hoje. Vamos! Aninha, enquanto isso, vai preparar café para servir com *pirojki.*

O quarto da senhora Valda produziu uma boa impressão sobre a jovem. Era bastante espaçoso; suas duas janelas davam para o jardim. Uma cortina de cretone florido dividia o cômodo em dois ambientes. O sofá e algumas poltronas eram também revestidos com o mesmo material. A mobília do quarto era completada com uma estante, uma cômoda, uma cama decente, um lavatório e duas mesas.

— Adorei o lugar! Ficarei feliz em ocupar este quarto - anunciou Rafaela.

— Quanto vai custar o aluguel? - perguntou Hugo.

— Não vai custar nada. O quarto está desocupado e não preciso dele - respondeu a senhora Valda. — Basta que Rafaela pague dez rublos por mês pela sua manutenção — para mim é suficiente. Se

quiser lavar a roupa, ela também não precisa pagar nada, pois a cada duas semanas são lavados para o restaurante as toalhas, os guardanapos, os aventais, os gorros dos cozinheiros, entre outras coisas. Aproveito para lavar, também, a minha roupa; se acrescentar a da jovem, ninguém irá notar. Por outro lado, eu creio que Rafaela não se recuse a me ajudar nas compras.

— Terei prazer em ajudá-la no que for preciso. Apenas terei de ir posar por algum tempo para Hugo. Eu lhe prometi isso.

— Oh, sem dúvida! Preciso de sua ajuda, sobretudo à noite. Tente se enfronhar com o serviço daqui e talvez eu lhe arrume uma boa colocação para ganhar vinte e cinco rublos por mês. Em novembro, vai se casar a nossa primeira garçonete e você poderia substituí-la. Seu lindo rostinho atrairía a clientela e o patrão ficaria grato por tê-la recomendado.

Um intenso rubor coloriu as faces de Rafaela. Servir de garçonete não atendia às suas ambições. De qualquer forma, ela agradeceu efusivamente à senhora Valda por sua bondade. O desjejum transcorreu em atmosfera cordial.

Duas horas mais tarde, despedindo-se de Rafaela, Hugo colocou em sua mão um envelope.

— É um pequeno adiantamento pelas sessões. Acomode-se e depois compre algo de que precise. Na segunda-feira, ou seja, daqui a três dias, venha ao meu ateliê às onze horas. Creio que, durante esse tempo, você conseguirá pôr em dia as suas coisas.

Rafaela, feliz da vida, voltou para casa, pagou sua dívida à hospedeira e anunciou que iria embora no dia seguinte. Após arrumar nas malas seu pequeno patrimônio, ela fez algumas compras e resgatou suas jóias de ouro na casa de penhores. No envelope, ela encontrara cem rublos e sentia-se rica.

Na manhã seguinte, mudou-se para a casa da senhora Valda e pagou-lhe adiantado dois meses de manutenção. Em seguida, pôs-

se a arrumar seus pertences, remanescentes da herança do banqueiro.

A rústica mesa de madeira foi coberta com um tecido branco de musselina, sobre o qual ela colocou um espelho e alguns frascos; na parede, pendurou alguns quadros de suas companheiras do pensionato. A estante e a cômoda foram isoladas pela cortina. O sofá e as poltronas foram dispostos de tal maneira que se formava uma espécie de *boudoir,* sobre a mesinha, colocou um abajur rosa, um álbum e uma pasta com papel de correspondência personalizado.

O quarto estava transformado totalmente e tinha um aspecto delicado, de modo que a senhora Valda ficou muito impressionada, quando veio visitar a sua inquilina após o almoço.

— Ficou simplesmente maravilhoso! Você tem bom gosto — elogiou ela.

Rafaela prontificou-se a descer ao piso inferior para ajudar, mas a administradora recusou a ajuda.

— Não, agora não *é* necessário, pois há pouco público. Descanse, abra a janela e ouça a música! Mandarei trazer um chá com torta salgada e um pedaço de frango.

Após um apetitoso jantar, Rafaela acomodou-se junto a janela aberta e começou a observar o que ocorria embaixo. Seu quarto se encontrava no segundo andar. Embora as janelas se achassem parcialmente ocultas atrás das árvores, por entre estas, podia-se divisar bem todo o jardim com as alamedas areadas, floreiras e mesinhas postas. No fundo do jardim, em um pavilhão iluminado, tocava uma orquestra militar.

Nesse dia, conforme dissera Valda, o público era muito pequeno. Já era bastante tarde, quando, no jardim, adentrou um homem com uma dama. Eles ocuparam uma mesa perto da janela de Rafaela. A dama era muito coquete e elegante; seu cavaleiro — um homem de meia idade, ainda bonito. Falavam francês. Do que Rafaela

conseguiu entender, o homem era um conde e sua acompanhante - uma artista de teatro francês. Mais tarde, alguns oficiais da guarda imperial a eles se uniram. Toda a companhia jantou animadamente.

Com o coração cheio de bílis e inveja, Rafaela não arredava da janela. Aquela mulher toda engalanada, comparada a ela, era feiosa; no entanto, estava coberta de brilhantes, trajava um vestido de seda com capa de veludo.

Todos a mimavam. Ela, Rafaela, no entanto, tinha de ficar naquela ratoeira, tendo por amigo apenas um pobre e insignificante pintor; o futuro dela seria vender licores e torradas com manteiga atrás do balcão.

Três semanas se foram sem nenhum acontecimento digno de destaque. Todas as manhãs, Rafaela ia posar no ateliê de Hugo para a figura de Vesta.

Ela demonstrou um grande esforço e era uma atriz tão competente, que conseguiu conferir ao seu rosto uma expressão de prepotência, própria da divindade. Vestida em uma túnica alva, quando ela se inclinava sobre a vestal adormecida, envolta nas madeixas encaracoladas da cabeleira ruiva feito uma mantilha majestosa, com uma expressão estranha e enigmática nos olhos esverdeados, impenetráveis como um mar profundo, a sua beleza tornava-se realmente algo fantástico.

No início, Hugo ficou cativado por Rafaela, como um artista; mais tarde, a jovem começou a inspirar-lhe um sentimento mais forte. O jovem não tentou resistir àquela paixão, esperando que ela o curasse do sentimento profundo, ainda que amargo e sem esperanças, em relaçao à Taíssa. Rafaela era de sua condição social; para a pobre jovem, com um passado duvidoso, ele se constituía um partido brilhante. A idéia de casar com a amiga de infância parecia lhe atrativa, desde que conseguisse reprimir suficientemente um sentimento condenado pela razão e, é claro, se Rafaela, por sua vez, também o amasse.

Astuta e perspicaz, Rafaela logo adivinhou o que se passava na alma do artista, exceto seu amor por Taíssa, de cuja existência nem sequer desconfiava, achando que ele amava apenas ela. Mas a paixão de Hugo e mesmo a possibilidade de casar com ele estavam longe de satisfazê-la. Ser esposa e patroa de um pintor pobre, concentrar-se na azáfama de cuidar de filhos e contas domésticas — oh, não, jamais ela aceitaria tal vida!

Ela desejava ter um marido rico, passear de carruagem, ostentar brilhantes, viver numa casa mobiliada como naquela maravilhosa vila que havia visto quando criança, cujas estátuas, vasos e reposteiros de seda lhe deixaram impressões indeléveis.

Aqui também, diante do restaurante fora da cidade, paravam carruagens maravilhosas com homens ricos e mulheres bem vestidas, que se divertiam até a madrugada. O champanhe jorrava aos rios e as gargalhadas alegres chegavam até a janela da espectadora solitária, trêmula de inveja.

As vezes, quando todos na casa já estavam dormindo, Rafaela despojava-se de seu vestido, soltava seus bastos cabelos e começava a admirar-se. Como?! Vou passar a vida vegetando com este meu corpo? Jamais! Ele merece riquezas e as terá, custe o que custar!

Então ela se atirava na cama e, em vez de dormir, repassava mentalmente o plano que lhe nascera, mas para cuja execução se interpunham algumas dificuldades.

Tudo se resumia em apresentar-se a um cliente rico, de forma a atrair a sua atenção. Seu alvo era justamente aquele homem que ela vira, na primeira vez, em companhia da artista francesa.

Com o passar do tempo, Rafaela veio a descobrir que aquele cliente era chamado de conde Argunov; era viúvo e muito rico. Seu gosto por mulheres jovens era patente. Se ela conseguisse conquistá-lo, seu futuro estava garantido. Mas como causar uma profunda impressão sobre aquele pândego insigne?

Após algumas noites insones, Rafaela solucionou o difícil problema. Justamente embaixo de sua janela fora esticado um arame grosso para ali serem penduradas as lâmpadas da festa de Veneza, que se daria algum tempo depois. O arame prolongava-se até um pequeno pavilhão, que, por sua vez, seria iluminado.

Com base naquele aparato, Rafaela fundamentou um plano audacioso, desde que ele fosse exequível. Antigamente, para ela - uma famosa dançarina no cabo —, seria uma brincadeira de criança atravessar aquela trilha aérea até o pavilhão, de fácil descida. Uma vez que suas antigas aptidões eram de todos ignoradas, ela se passaria por uma sonâmbula e, naturalmente, seria alvo da curiosidade e apreensão de todos. Expor assim toda a sua beleza não seria dificuldade. O único problema era saber se ela ainda preservara suficientemente toda a sua leveza e plasticidade, para ousar tal proeza, sem risco de quebrar um braço ou uma perna.

Para se convencer disso, Rafaela esticou à noite uma corda no quarto, à pouca distância do chão, e tentou realizar seus antigos exercícios. No início, ficava zonza e os pés tremiam; mas, usando de energia e persistência, seus esforços finalmente coroaram-se de êxito. Após oito dias de exercícios noturnos, ela arriscou atravessar o arame até o pavilhão — no que foi bem sucedida.

Tudo foi feito, quando a casa dormia, Confiante no seu plano, iniciou outros preparativos. Alegando fazer muito calor, ela comprou, bem barato, um tecido de batina branco e costurou um largo penhoar de mangas curtas e acabamento em renda.

Tudo preparado, aguardou por um momento oportuno.

Dessa vez a ocasião lhe foi favorável. Ela viu o conde chegar com alguns homens, ocupando uma mesa perto do pavilhão. Não havia mulheres com eles.

Naquela parte do jardim havia poucas pessoas, já que, no outro salão, travava-se um combate de confetes e a maioria dos clientes

acorreu para lá. A noite estava enluarada, favorecendo o plano de Rafaela, que resolveu pô-lo em ação.

Rafaela vestiu o penhoar de batista e soltou seus bastos cabelos ruivos. A seguir, saindo da janela para o arame, começou a descer lentamente pelo caminho perigoso.

Logo o conde e seus acompanhantes, assim como outros clientes, divisaram uma aparição mágica, que parecia escorregar pelo ar. Apreensivos, todos se levantaram de suas cadeiras.

— Sonâmbula! Sonâmbula! — ouviu-se de todos os lados.

— Silêncio! Não gritem nem a chamem, caso contrário ela acorda e pode despencar - sussurraram alguns.

Mas Rafaela não despencou. Sem qualquer dificuldade, ela alcançou o pavilhão e, pela tela do caramanchão, do lado em que podia ser vista por todo o público, desceu no chão. Com os olhos semicerrados, ela se dirigiu pela alameda, como que inconsciente, em direção à mesa do conde.

A notícia daquele estranho acontecimento chegou até o bufê. O dono do restaurante, a garçonete e a senhora Valda correram para o jardim.

Eles chegaram no momento em que Rafaela, como que vacilante, parou diante da mesa do conde e parecia tentar agarrar o ar com as mãos estendidas.

— Meu Deus! Que beleza! — murmurou o conde, devorando a moça com os olhos. — Que cabelos! Que braços! Que formas ideais! Quem é essa criatura celeste?

— E minha inquilina. Eu não sabia que ela era sonâmbula — adiantou-se Valda. - Acordem-na, antes que ela vá sei lá para onde! Rafaela! Rafaela! Acorde, criatura! - acrescentou ela, agarrando a jovem pelo braço.

Rafaela estremeceu e abriu os olhos. Suas pupilas esverdeadas vagavam alarmadas e surpresas pelos presentes e detiveram-se, finalmente, sobre o conde; num gesto de pudor encantador, ela cobriu o peito com as mãos.

— O que aconteceu? Como vim parar aqui? — disse em voz levemente trêmula.

— A senhora é um pouco sonâmbula e, feito uma aparição aérea, desceu até nós por aquele arame - respondeu delicadamente o conde.

Oferecendo-lhe um copo de vinho, ele acresceu:

— Tome um pouco! A senhora está pálida.

Rafaela enrubesceu, mas aceitou o vinho e sorveu alguns goles. A seguir, jogando para trás a cabeleira, ela disse, curvando-se levemente:

— Peço aos presentes desculparem-me pelo incômodo que causei involuntariamente. Sofro desta moléstia desde criança. Ultimamente não tenho tido estas crises, de modo que me considerava curada. Hoje eu estava ouvindo música junto à janela aberta e, depois, não sei como, adormeci e vim parar aqui. Mais uma vez peço desculpar-me!

Rafaela agarrou a mão da senhora Valda e saiu correndo, arrastando-a consigo.

— É um anjo! Como lhe faz jus seu nome angelical! - exclamou totalmente enfeitiçado o conde. - Palavra de honra, jamais encontrei na vida uma beleza tão perfeita!

Mais tarde, sob o pretexto de pegar algo no bufê, o conde foi procurar Valda e inquiriu-a longamcnte sobre a sua bela inquilina. A administradora informou que ela era uma orfã que vivia feito uma ermitã, ganhando seu próprio sustento na vida.

O conde anunciou que estava vivamente solidário com aquela criatura digna e interessante. Enfiando na máo de Valda uma nota de um rublo, ele acrescentou que viria no dia seguinte para saber, pessoalmente, se aquele episódio não teria acarretado consequências danosas; ele esperava obter autorização para visitar a jovem.

Na manhã seguinte, Adrian Petrovitch veio com um buquê de flores. Valda o acompanhou até o quarto de Rafaela, que trabalhava ativamente colando abajures encomendados.

Rafaela estava encantadora em seu vestido simples e elegante, cabelos maravilhosos divididos em duas tranças; mostrou-se amavelmente comedida. Sua conversa alegre e inteligente e seu coquetismo ingênuo conquistaram definitivamente o conde. Quando ele foi embora, estava perdidamente apaixonado por Rafaela e decidiu, custasse o que custasse, torná-la sua amante.

Nisso, o conde estava redondamente enganado. Rafaela não tinha a menor intenção de se tornar sua amante. A astuta e enérgica criatura estava consciente de que a paixão do velho pândego era uma oportunidade única de alcançar para si a situação tão sonhada. Ela queria tornar-se a condessa Argunova e gozar, finalmente, do luxo e honrarias a que sua beleza e inteligência faziam jus.

Com faceirice estudada, ela excitava a paixão do conde, procurando o momento em que ele amadurecesse suficiente mente para lhe aplicar o bote mortal. Além das ambições calculadas, o conde era do seu agrado. Apesar de seus quarenta e oito anos, Adrian Petrovitch era ainda um homem belo e seus galanteios lisonjeavam e inebriavam Rafaela. De sua expenência com os homens, ela não tinha boas recordações; até Hugo, que a tratava respeitosamente, nunca a obsequiou com cortejos e, aos seus olhos, mal poderia ser considerado como um homem de verdade. Seu amor a constrangia. Ela já sabia de seu amor e só temia que ele viesse a descobrir, antes do tempo, seu caso com o conde Argunov.

Certa noite, conversando com a senhora Valda, que patrocinava abertamente os cortejos do conde, Rafaela presenteou a administradora com uma bela caixa de bombons e acrescentou, beijando-a:

— Se a senhora soubesse, minha querida, a quantidade de perguntas que Hugo me fez por causa do buquê de orquídeas que eu esqueci no parapeito da janela... No fim, consegui tranquilizá-lo. Espero que, no futuro, a senhora me ajude a encobrir as visitas do conde! Está bem? Hugo é muito ciumento. Para que magoá-lo? A amizade de Adrian Petrovitch ainda nos pode ser útil.

— Nem diga! - fez a administradora com um sorriso malicioso. — Eu acho que falta pouco para a minha bela Rafaela se tornar uma condessa.

— Oh, cara senhora Valda! Não tenho tantas esperanças, mas acho que da minha parte seria ingrato e politicamente incorreto afastar essa amizade que ele tem por mim e que ainda pode ser útil na minha solidão e pobreza.

Ardendo de impaciência, Rafaela decidiu, se possível, acelerar o desfecho. Com esse objetivo, ela anunciou, um dia, que não estava se sentindo bem. Alegando estar com enxaqueca, vestiu-se no penhoar, soltou os cabelos e deitou-se no sofá, pedindo à senhora Valda para não ser incomodada pelo conde, cuja vinda era esperada. A esperta administradora compreendeu suas intenções e aquiesceu sorrindo. Quando Adrian Petrovitch chegou, ela acedeu por insistência e um belo regalo dado, e deixou o conde ir ao quarto de Rafaela.

O conde parou fascinado diante do sofá, onde dormitava Rafaela, graciosa e diáfana como Psique adormecida. Claídos até o chão em massa ondulada e sedosa, seus cabelos dourados, feito auréola, emolduravam-lhe o rosto.

A paixão do conde atingiu o apogeu. Ajoelhando-se junto ao sofá, ele agarrou as mãos de Rafaela e começou a cobri-las com beijos

ardentes. Quando a jovem se endireitou, como que acordada repentinamente, o conde confessou-lhe o seu amor louco e suplicou para não ser recusado.

A cena que se seguiu foi um chef-d'oeuvre, isto é, uma obra-prima do talento dramático de Rafaela. Surpresa, felicidade e amor se alternavam em seu rosto volúvel. Como que cedendo a um frenesi incontrolável, ela cingiu-o nos braços, comprimindo sua face aveludada no rosto dele, e murmurou, timidamente, amá-lo. Subitamente, ela empertigou-se, lívida e como que aviltada, afastou o conde e exclamou:

— Por que o senhor, Adrian Petrovitch, confessa-me esse amor? Isso me deixa feliz, mas, ao mesmo tempo, condena-me a sofrimentos terríveis, pois o senhor é de ascendência nobre e um homem rico, enquanto eu nada tenho.

O conde estremeceu. Apesar de cego de paixão, jamais lhe passou pela mente casar-se com uma moça de origem obscura e passado duvidoso. Recompondo-se rapidamente, ele disse que o amor solucionava todas as diferenças e que ele apenas queria propiciar-lhe uma vida segura. Ele lhe arrendaria uma bela residência, manteria uma carruagem, enfeitá-la-ia feito uma boneca e a levaria para o exterior, ou seja: seria seu escravo e atendería a todos os seus caprichos.

Rafaela ouviu-o sem interromper. Ela baixou a cabeça como que dominada pela tristeza; lágrimas escorriam silenciosamente pelas suas faces. Simultaneamente, ela ponderou:

— Não! Suas promessas não me seduzem. Quero gozar legalmente do luxo e dos prazeres que você me promete; mas, para possuir-me, você terá de passar pela igreja.

Vendo seu silêncio e lágrimas, o conde se inquietou. Postando-se novamente de joelhos, ele abraçou a jovem e cobriu suas mãos de beijos.

— Rafaela! Minha querida! Sinto muito se a magoei - balbuciou ele. - Mas ouça-me com calma e entenda bem, para depois julgar. O que lhe ofereço é um amor verdadeiro. Se nos unirmos em elo matrimonial, será o mesmo que clamar por uma tempestade, que nos arruinará a felicidade e estragará a nossa vida. Sou viúvo, é verdade, mas não sou livre em meus atos, pois tenho uma filha de sua idade e uma sogra megera — avó da minha esposa e velha aristocrata de orgulho e caráter diabólicos —, que tomaria por ofensa pessoal o meu novo casamento. Ela fará a minha filha e todos os parentes ficarem contra mim, fará de nossa vida um inferno, causando milhares de desgostos, e o nosso relacionamento não precisa sofrer nada disso. Pense no que eu lhe disse, minha adorada Rafaela! Não exijo que me responda imediatamente. Pondere tudo com calma e, principalmente, não pense que o que eu lhe ofereço *é* uma relação passageira e leviana. Não! Nossa união será por toda a vida, sagrada pelo amor mútuo e livre escolha. Sub entende-se que assegurarei o seu futuro de forma tão generosa como se nós fôssemos legalmente casados. Agora, minha querida, até breve! Escreva-me sobre sua decisão ou eu passarei daqui a dois dias para sabê-la.

O conde novamente cobriu de beijos as mãos da jovem e dirigiu-se à porta. Rafaela, sombria, permanecia sentada. Subitamente, ela se atirou nos braços do conde, beijou-o apaixonadamente nos lábios, empurrou-o para fora e trancou-se à chave.

Completamente inebriado, o conde quis voltar, suplicou que ela abrisse a porta, mas, sem obter resposta, teve de ir embora.

Assim que silenciaram os seus passos, Rafaela riu interiormente.

— As juras de um apaixonado valem tanto quanto as de um ébrio! Não sou tão tola para acreditar nelas — balbuciou com escárnio. — Não, meu caro conde! Quero ser adorada legalmente e, se conseguir me tornar a condessa Argunova, saberei me pôr a salvo das afrontas de sua filha e da megera da sua sogra. Agora é importante malhar o ferro enquanto está quente!

Após algumas reflexões, Rafaela pegou uma folha de papel e escreveu uma carta de seguinte teor:

“Conde!

“Não precisei pensar muito para responder-lhe, já que não há necessidade de repetir que o amo com todá a alma. Mas justamente esse sentimento é que inspira a minha decisão.

“Entendo a minha insignificância para ser sua esposa, entretanto, não suportarei todos os sofrimentos que inevitavelmente serão originados pela condição de ser sua amante. Viver sempre temerosa de perdê-lo, sofrer de ciúmes enquanto o senhor frequenta o grande mundo, cujo acesso me é proibido, e onde um homem tão belo e sedutor, como o senhor, a qualquer momento pode encontrar uma mulher cujas origens e virtudes a qualificariam para ser sua esposa; finalmente, estar sujeita, a qualquer hora, a ser abandonada, pois não passo de uma simples mulher sustentada — oh, não! Tal vida *é* além de minhas forças!... Assim, é melhor acabar com tudo, conde! Esqueça-me, mas fique certo de minha estima. Meu consolo é que o senhor jamais poderá dizer que Rafaela foi uma mulher amoral, que ficou seduzida por um guarda-roupa e luxo. Dou pouco valor a essas bobagens e seria feliz em pertencei-lhe nessa mansarda que agora habito, se não me detivesse a ignomínia de tal relacionamento. Quero o seu amor e não o ouro! Adeus, Adnan Rctrovitch! Não me procure nem perturbe a tranquilidade de minha alma. Em seu grupo seleto, será fácil ao senhor esquecer-me, e eu, até o fim da minha vida, suplicarei a Deus para que Ele lhe dê muita felicidade.”

“Rafaela”

Após fechar a carta e pôr o endereço, Rafaela levou-a à senhora Valda, pedindo-lhe entregá-la ao conde, quando ele viesse. Ela anunciou que, no dia seguinte, seria a última vez que posaria para o quadro de Hugo e, no outro dia, viajaria para Riga, onde ficaria por tempo indeterminado.

Rafaela pôs-se a arrumar a mala sem muita pressa. Estava convicta de que o conde não a deixaria partir e de que ele não aguentaria ficar dois dias sem a resposta.

Oscilando entre a preocupação e a ansiedade, Rafaela foi ao ateliê de Hugo. Dessa vez, a inquietação da jovem foi notada pelo pintor. Ele, porém, não fez qualquer comentário, pois o seu próprio estado de alma estava também indômito.

Sua intenção de casar com Rafaela, visando sufocar o amor por Taíssa, ao invés de proporcionar a paz, motivava mais apreensões. Apesar do enlevo de sua natureza artística pela beleza de Rafaela, esta esmaecia ao lado da figura pura e imaculada de Taíssa, sempre que ele olhava para a imagem ideal da vestal adormecida. Toda vez que ele recordava o prazer que sentia em conversar com Taíssa, aquela amabilidade elegante com que respirava todo o ser da jovem, a beleza demoníaca de Rafaela desbotava, seu linguajar e cinismo chocavam-no. Hugo compreendia perfeitamente que aquela condição humilde que ele poderia oferecer a Rafaela não iria satisfazer seu gosto pelo luxo e prazeres, aos quais se referia sem percebê-lo. Estando longe dela, sua razão despertava e ele dizia para si mesmo que era uma loucura desposar a perigosa sereia apelidada pelos colegas de circo com o significativo nome de “Cobra Capela”; mas, tão logo ela o fitava com aquele seu olhar estranho e enfeitiçador, ficava subjugado de novo.

Nem passava pela mente de Hugo estar sofrendo à toa; de pose no estrado, pela última vez representando a Vestal, Rafaela sonhava com outro pretendente.

Enquanto a jovem estava com o amigo de infância, o conde acabava de chegar ao restaurante. Ele não conseguiu esperar até a noite, tal era sua impaciência. O silêncio de Rafaela não era um bom sinal e isso o deixava inquieto.

Quando a senhora Valda entregou a carta, anunciando que a sua inquilina partiría na manhã seguinte para Riga, o conde alarmou-se.

Ele pediu à administradora permissão para aguardar o retorno de Rafaela em seu quarto; essa anuiu prontamente.

Ao ficar sozinho, o conde leu a carta. Parecia-lhe estar enlouquecendo só de pensar em perder a mulher tão desejada. Em sua cegueira insana, ele não alcançava, mental e conscientemente, as dimensões das hábeis manobras da aventureira para conquistá-lo, não percebia seu coquetismo dissimulado, tampouco as redes engenhosamente instaladas.

Pode-se dizer que o conde não pertencia àquela lista de pessoas que desistem de algo que queiram possuir; naquele momento, perdeu até a capacidade de raciocinar. Os cabelos ruivos de Rafaela e seus olhos verdes enfeitiçaram- no por completo.

A bem da verdade, o conde desconhecia o passado obscuro de sua amada e nem suspeitava de ter ela sido uma artista circense, cuja infância fora passada entre os acrobatas viajantes. Sabia que ela não era nenhuma santa, admitindo-lhe apenas alguns equívocos, por inexperiência, os quais ela mesma deplorava e esperava remir com uma vida austera.

Quando Rafaela voltou do ateliê de Hugo, o conde já estava totalmente maturado para a consecução de seu ato insano. Deu-se uma explicação emocionante. Duas horas depois, ao sair do restaurante, o conde já era noivo formalmente e o casamento era irreversível.

XI

Na noite daquele memorável dia, Adrian Petrovitch passou em casa, para melhor analisar a situação. Não estava arrependido do noivado, ainda que tudo devesse ser bem avaliado, de forma que, se possível, evitasse alguns aborrecimentos futuros.

Seu maior receio estava relacionado à baronesa de Rodenberg, com seus protestos contra aquela união. Mas a baronesa estava muito velha e doente. As cartas de Taíssa não deixavam dúvidas quanto à morte iminente. Era conveniente uao deixá-la saber disso. Quanto a Taíssa, esta era demasiadamente nova e tíbia para não se conformar com a madrasta, já que o fato seria consumado.

Tomada a decisão de manter tudo em segredo, os outros detalhes não ofereciam muitas dificuldades.

Ele decidiu casar-se na igreja o quanto antes e isso teria de ser feito no exterior. Lembrou-se de que o abade da igreja russa em Paris era seu conhecido e manteria o segredo até que fosse preciso. Lá vivia também um velho amigo seu, coronel aposentado, com um primo. Ambos poderiam ser as testemunhas. Era necessário ainda arrumar uma dama de posição distinta que pudesse fazer o papel de mãe adotiva de Ralada até a cerimônia.

Essa última circunstância era muito melindrosa, pois a pessoa em questão não poderia pertencer ao seu círculo de amizades. A despeito de tudo, após refletir muito, a solução foi encontrada.

Cerca de quinze anos atrás, ele gozava das boas graças de uma mulher, esposa de um funcionário no ministério. Era uma mulher volúvel e leviana, de passado agitado, embora elegante e de boas maneiras. Pouco depois de romper com ela, o barão Lung faleceu e a viúva abandonou a alta-roda. Não obstante, o conde sabia que ela morava em Petersburgo, encontrando-a já diversas vezes na rua.

A simplicidade de seus trajes atestava que os seus negócios não andavam bem e, mediante uma recompensa generosa e uma oportunidade de viajar para o exterior, ela concordaria em representar o papel de mãe adotiva de Rafaela.

Sem perda de tempo, o conde conseguiu o endereço da viúva e, já no dia seguinte, foi à sua casa.

A senhora Lung ocupava um pequeno apartamento de três cômodos no quinto andar, mobiliado sem pretensões de luxo, em uma rua de pouco movimento. As faces cheias de cosméticos e os cabelos pintados diziam também que ela não tinha pretensões à juventude.

Seu desapontamento foi visível, quando o conde, antes de expor os motivos de sua vista, fê-la jurar segredo absoluto. Porém, depois de acrescentado que ele lhe daria mil e quinhentos rublos e uma viagem de graça a Paris, o rosto da viúva abriu-se logo em um largo sorriso, aceitando, efusivamente, a missão. Eles se despediram como bons amigos. Madame Lung assegurou ao conde estar pronta para a viagem dali a dois dias.

A partir de então, tudo correu rapidamente. O conde conseguiu uma licença de dois meses. Em seguida, foi até Rafaela e pediu-lhe os documentos para certificar-se de que tudo estava em ordem. O conde nem ficou surpreso ao ver pelos papéis que a sua noiva era uma filha ilegítima - disso ele já desconfiava. No entanto, intrigou-o o sobrenome Kumad, suscitando-lhe vagas recordações. De qualquer modo, nada conseguiu lembrar a respeito de sua longa lista de aventuras amorosas. O nome “Tereza”, apagado havia muito tempo de sua memória, e o fato de Rafaela ser a filha da desditosa amante, causadora da morte de sua esposa — nem ao menos passavam em sua mente.

Sua paixão por Rafaela era cada dia mais forte, já que a jovem sabia manter o seu noivo em estado de êxtase. O conde não media esforços para agradá-la. Comprou-lhe uma aliança, mas pediu que ela a colocasse somente depois de embarcarem no trem. Além

disso, deu-lhe também dinheiro para comprar roupa de viagem. Quanto ao enxoval, isso seria resolvido em Paris.

Tudo foi feito com uma rapidez incrível e, quatro dias depois do anúncio do noivado, Rafaela partia para Berlim em companhia da senhora Lung, onde, dali a três dias, a elas se juntaria o conde.

Rafaela não cabia em si de felicidade e orgulho. Finalmente todos os seus desejos se realizariam! Mais alguns dias e ela se tornaria uma condessa, enquanto a sua formosura a faria destacar-se, em todo o seu brilho, no meio da sociedade. O tratamento aduloso com que a obsequiava sua acompanhante antecipava-lhe o gozo de todas as honrarias, das quais seria cercada.

Para se livrar de Hugo nos quatro dias que precediam a sua partida, Rafaela inventou a mentira singela de visitar o avô.

— Vou ver a boa Josefma e o avô, e tentarei fazer algo para garantir a minha herança. O velho bandido deve ter muito dinheiro; a casa também deve valer algo — e eu sou sua neta. Ele que reconheça diante de todos o nosso parentesco! Isso bastará para que seja declarado o meu direito à herança, ainda que ele morra sem deixar testamento. Graças a Deus, ele não poderá levar o dinheiro para o túmulo!

Hugo achou as suas intenções bastante naturais. Jamais Rafaela lhe pareceu tão encantadora, tão bondosa e atenciosa com ele. Tomado pelo arroubo do momento, esquecendo de todas as suas dúvidas, o pintor atraiu a jovem para seus braços e propôs-lhe tornar-se sua esposa. Ele não notou aquela expressão de mordacidade e sarcasmo, que fulgira por debaixo das sobrancelhas inclinadas de Rafaela.

— Quando eu voltar da viagem, retribuirei o seu amor e tudo que você me fez - balbuciou ela.

Desvencilhando-se de seus braços, a jovem fitou o artista com um olhar meigo e cheio de promessas, interpretado por ele como um consentimento.

No dia seguinte, Rafaela estava sentada na cabine de primeira classe, transformada em uma viajante rica e elegante. Tirando do pequeno saco de viagem a aliança do conde, ela ciciou para si, colocando-a no dedo:

— Imagino a surpresa do bom Hugo, de Josefma e do meu ilustre avô, quando souberem que eu me tornei condessa.

A viagem foi como um sonho encantador. O conde juntou-se às damas em Berlim antes do esperado e todos partiram para Paris. Adrian Petrovitch e suas acompanhantes hospedaram-se em um hotel caro e cada um iniciou seus preparativos para o casamento. Rafaela e a senhora Lung percorriam as lojas na compra do enxoval; o conde, nesse ínterim, conseguiu falar com o padre e encontrou seus amigos. Ele resolveu viajar para a Itália e passar o tempo restante das férias às margens do Lago Maggiore.

O casamento realizou-se de manhã, sem pompa, apenas presenciado pelas devidas testemunhas. A noiva estava maravilhosa em seu vestido de seda, de véu na cabeça. Ela quase ficou tonta, quando após o ritual foi cumprimentada, pela primeira vez, como condessa. Quanto ao conde, este se encontrava extasiado. Depois de almoçarem alegremente, os recém-casados partiram para a Itália. Rafaela não parava de admirar sua aliança a fulgir-lhe na falange, que convertia a acrobata Cobra Capela em condessa Argunova.

Em sua nova vida, iniciada na elegante vila nas margens do Lago Maggiore, Rafaela sentia-se infinitamente feliz. Pela primeira vez em sua existência, gozava daquela paz que apenas lhe poderíam proporcionar a riqueza e o conforto, sem medo de perdê-los, com todas as vantagens de uma posição social distinta.

A beleza de Rafaela era alvo da admiração geral, mas os recém-casados levavam uma vida isolada e evitavam amizades. Ainda assim, o conde não ficava entediado, pois a jovem consorte prodigalizava-lhe uma gratidão tão apaixonada e um amor tao meigo e profundo, que ele, simultaneamente, ficava seduzido e lisonjeado.

Entretanto, o conde era um pândego assaz experiente e maduro para nadar infinitamente no mar da felicidade. Nos momentos de tranquilidade, assaltava-o o desejo de conhecer melhor o passado da esposa. Apesar da indiscutível educação dela, seu olhar conhecedor captava diversos pecadinhos em suas maneiras; algo tênue e escapadiço nela parecia-lhe não se coadunar com sua estranha natureza no plano social. Toda vez que ele inquiria Rafaela sobre sua infância, seu rosto se anuviava e ela se esquivava invariavelmente da resposta. Certa vez, quando o conde começou a insistir na pergunta, Rafaela respondeu, com olhos marejados:

— Ah, Adrian! Deixe-me usufruir primeiro um pouco de felicidade, antes de remontar ao passado cheio de desgraças e sofrimentos. Você sabe que eu sou um fruto de amor passageiro e, assim, duplamente órfã. Você não pode imaginar por quantos maus tratos e amarguras passam essas criaturas infelizes, marcadas pela vergonha de seu nascimento e entregues nas mãos de estranhos! Algum dia, contar-lhe-ei sobre a minha triste vida. Graças a Deus, nada tenho a esconder. Por enquanto, eu ficaria imensamente feliz em esquecer o meu passado odioso.

O conde não insistiu mais e Rafaela esforçou-se em manter o seu bom estado de espírito. Ela já urdira um pequeno drama, onde a sua infância se expunha de modo inocente; mas, antes de contá-la, precisava se convencer da discrição da senhora Valda e de Hugo, arrancando-lhes a promessa de silenciar sobre alguns aspectos que queria esconder do conde.

A lua de mel do conde foi inesperadamente interrompida por um telegrama, em que Taíssa o informava da morte da baronesa. O dever e a conveniência exigiam que o conde viajasse imediatamente a Cannes. Ele não podia levar Rafaela, já que a hora do anúncio de seu casamento não era propícia. Não que o conde quisesse poupar Taíssa apenas por amá-la, mas porque tinha esperanças de intervir na administração de seu enorme patrimônio e ocupar uma de suas casas. Com uma nova esposa, sua antiga renda era insuficiente.

O conde decidiu viajar sozinho e manter o casamento em segredo. Rafaela, até que fosse dada uma nova ordem, deveria permanecer na vila em companhia da baronesa Lung, que residia com uma parenta em Merano, de onde foi chamada por telegrama.

Adrian Petrovitch encontrou a filha terrivelmente desesperada por causa da morte da querida avó. Ainda que a catástrofe fosse previsível por causa da idade da baronesa Rodenberg, Taíssa foi atingida bem no coração. Agora ela se sentia totalmente órfã.

O encontro do pai com a filha deu-se, como sempre, com demonstrações de meiguice por parte de um, e de fria reserva — pela outra. Embora o conde manifestasse seu pesar pela morte da baronesa e discorresse elogiosamente sobre a falecida, Taíssa sentia instintivamente que aquilo eram palavras vazias, fruto das circunstâncias e que, no íntimo, o conde estava feliz com o passamento da baronesa, odiada pelo desdém que sempre nutriu por ele. Ele sabia que ela o responsabilizava pela morte prematura da filha e achava que a baronesa era a causa do relacionamento hostil que se estabelecera entre ele e Taíssa.

Agora, graças a Deus, tudo estava terminado! Ele já não mais interceptaria o olhar severo e gélido da baronesa. Taíssa, por sua vez, livre da influência, logo se confortaria com a idéia de ter uma madrasta.

Decidiu-se que o corpo da baronesa Rodenberg fosse trasladado para a Rússia e enterrado no jazigo da família. Durante essa viagem triste, o conde tentou aproximar-se da filha e criar um relacionamento de afeição sincera, mas logo se convenceu de que tal intento era inviável. No tratar cortês de Taíssa, espreitava-se a habitual reserva. De um modo geral, parecia ao conde que a filha mudara muito. Em seus trajes de luto, parecia crescida e seus modos faziam transparecer tanta firmeza e independência, que ele, antes, não havia notado.

De fato, a própria Taíssa, sem o perceber, demonstrava independência e senso de responsabilidade, que se manifestaram

em seu semblante após a morte da avó. O pai nunca tivera um papel importante em sua vida pessoal. A amargura de saber que aquele homem insensível era culpado pela morte de sua adorada mãe corroía a alma da jovem. Da mesma forma, ela tinha certeza de que a morte de sua avó era indiferente para ele, enquanto o coração dela se dilacerava de dor.

Além disso, ela estava consciente da necessidade de salvaguardar o patrimônio das ambições do pai. Assim, para uma aproximação cordial, simplesmente não havia espaço.

Sentindo-se ambos dessa maneira, chegaram ao castelo de Rodenberg. Ali, onde o menor objeto lembrava a mãe falecida, a dor de Taíssa aumentou ainda mais e o enterro abalou por completo seus nervos.

Ao longo de alguns dias, a jovem se sentiu como um doente. A impaciência do pai em voltar para a capital era tão patente, que Taíssa o percebeu.

Sua convicção de que, mesmo naqueles momentos de dor, ele só pensava em se livrar dela, fez com que ela tomasse uma decisão. Após o desjejum da tarde, pediu que o pai fosse ao antigo gabinete da avó. Ao sentar-se atrás da escrivaninha, ela disse sem preâmbulos:

— Eu gostaria de falar-lhe para resolver a questão de nosso futuro. Tive a impressão de que você quer voltar imediatamente para Petersburgo, ou viajar para o exterior para continuar o tratamento interrompido pelo trágico acontecimento. Bem, não o estou segurando!

— Você adivinhou, minha criança! Minha saúde exige que eu termine o tratamento iniciado. Estou, entretanto, preocupado com você. Deixá-la sozinha aqui não é recomendável e, ao que tudo indica, você não quer também viajar para o exterior.

— Não quero que as suas preocupações comigo atrapalhem o seu tratamento. Ficarei bem aqui com a minha fiel Vérter.

— Talvez tenha razão, uma vez que a separação será breve. Já estamos no meio de setembro e, em novembro, você irá para Petersburgo.

— Não, pai! Irei a Petersburgo somente em janeiro. Meu luto é por demais profundo para eu poder ver gente estranha e freqüentar a sociedade. Como já disse, irei a Petersburgo no início de janeiro. Até lá, peço-lhe que você efetue as reformas necessárias na minha casa na marginal Dvortsovaya, que nós ocu- pávamos quando mamãe estava viva. A casa tem cerca de vinte cômodos e você poderá ocupar a metade dela, tendo uma entrada independente. Assim não constrangeremos um ao outro.

— Oh, como eu poderia constrangê-la, minha criança! Em suas palavras, Taíssa, ainda se ouvem prevenções da baronesa. Bem, tanto faz! Não quero julgar a falecida e para provar-lhe as minhas boas intenções, farei o que me pede. Não ficará você entediada aqui sozinha nesses meses de inverno?

— Não terei tempo para me entediar. Preciso pôr meus negócios em ordem, um tanto abandonados ultimamente. Além disso, quero construir aqui um asilo para senhoras idosas paralíticas, assim como um asilo para crianças menores, em memória de minha avó.

— E você acha que o seu tutor aprovará tais gastos? - inqueriu o conde, mordendo os lábios.

Taíssa sorriu.

— O meu tutor e padrinho é tido como um homem muito caridoso e, devo dizer-lhe que, segundo os desejos da minha avó, a sua tutela é praticamente simbólica. Sem dúvida, ele tem o direito de impedir-me de fazer loucuras; na prática, porém, ele não interfere em meus gastos, pois utilizo meus próprios recursos, cujo montante conheço e dos quais posso dispor como quero. Talvez você ignore, mas, durante alguns anos, ajudei a minha avó na administração de todos os seus negócios. Marquei para o dia quinze a reunião de

todos os administradores e diretores das fábricas para examinar as contas e expedir minhas ordens.

O conde tamborilava nervosamente os dedos na mesinha ao lado. Seu olhar, quase repleto de ódio, deslizou pela figura esbelta da jovem, sentada à escrivaninha, que cortava tranquilamente o envelope de uma revista recém-chegada. Era evidente que ele fora posto de fora e que Taíssa fazia-o compreender que não necessitava de sua ajuda, nem de sua tutela e que queria administrar os seus bens sozinha. E, novamente, tudo era culpa da velha megera! Era ela que educara assim a menina. Oh, como ele a odiava mesmo enterrada!

Mas toda a sua fúria interior se traduziu apenas em um leve palor e tremor nervoso das sobrancelhas.

— Minha querida! Estou muito surpreso. Você, positivamente, deixa-me impressionado — exclamou o conde, fingindo entusiasmo. - Na sua idade, ser uma mulher de negócios, capaz de administrar tal patrimônio como o seu - é fenomenal!

— Mas, papai, eu já fiz dezenove anos!

— Com os diabos! Tenho quarenta e oito anos e, mesmo assim, sou péssimo em contas. O que acabo de saber, me livra de um verdadeiro pesadelo. Temia que você pedisse para ajudá-la no exame das contas, enquanto nem tenho paciência de verificar a contabilidade de Mikhailovo.

— Não, pai, não irei incomodá-lo com os meus assuntos - disse Taíssa, sorrindo.

— Da minha parte, não posso lhe prometer o mesmo. Tenho um pedido, ainda que não queira interferir nos negócios do senador. Agora que você me disse de sua independência, o meu pedido torna-se mais fácil.

— Meu Deus, papai, diga abertamente e esteja certo de que quero ajudá-lo.

— A questão é a seguinte, meu bem. Estão vendendo perto de Mikhailovo uma bela propriedade, em condições vantajosas. Tem uma casa maravilhosa, estufa, pomares, algum gado. Resumindo: uma propriedade rara. Se eu a pudesse adquirir, teria garantida a minha velhice. Não é que eu me incomode de ser sustentado por você, mas é que eu não queria depender do meu futuro genro. Se você pudesse me emprestar a importância necessária, eu, aos poucos, a devolvería com as receitas que viriam da propriedade.

O conde cerrou os olhos. Estava em dificuldades. A idéia de arrancar da filha algum dinheiro surgiu-lhe apenas cinco minutos antes. Ele não tinha qualquer intenção de comprar uma propriedade, nem pensara ainda em nenhuma importância.

— Preciso de setenta e cinco mil rublos — disse, finalmente.

Um silêncio instalou-se por alguns instantes. As sobrancelhas finas de Taíssa cerraram-se. A soma pareceu-lhe demasiadamente alta e, por outro lado, era-lhe difícil recusá-la ao pai em vista de seus enormes bens, multiplicados com as economias da baronesa, que jamais gastava toda a sua renda apurada e, consequentemente, adicionava-a ao capital deixado com a morte da condessa Júlia, assumindo todas as despesas com a educação e manutenção da menina. Todas essas reflexões, como um raio, perpassaram na mente da jovem e fizeram pender o prato da balança a favor do conde.

Taíssa abriu uma gaveta, tirou uma folha de papel, escreveu algumas palavras e preencheu os números. Estendendo a folha para o pai, disse:

— Entregue ao meu procurador em Petersburgo e ele lhe dará os setenta e cinco mil rublos de que necessita.

O conde permaneceu cerca de um minuto sentado, surpreendido com o desfecho da idéia. Finalmente, ergueu-se lépido, abraçou a filha, agradeceu-lhe efusivo e anunciou que partiría no dia seguinte, aguardando-a em Petersburgo no prazo marcado.

Dias depois, o conde viajava feliz da vida. A soma que conseguira livrava-o de muitas dificuldades. Por gratidão, ele silenciou sobre seu casamento e decidiu ocultar a novidade tão constrangedora de que Taíssa tinha uma madrasta, até que ela se recuperasse psicologicamente.

Enquanto ocorriam os fatos que estamos narrando, Hugo Reshberg continuava a aguardar a sua noiva, já que considerava Rafaela como tal. O arrebatamento que o fez pronunciar aquelas palavras decisivas, quase involuntariamente, há muito esmaecera. Por diversas vezes, no âmago de sua alma, insuflava se um leve arrependimento por ter se precipitado em seu ato, mas Hugo era assaz honesto para não se considerar inevitavelmente comprometido. Ele afastava energicamente qualquer arrependimento, considerando-o indigno, pois tinha a nítida consciência da estranha insanidade de amar simultaneamente duas mulheres: Taíssa - com o coração, e Rafaela - com os sentidos. Seu trabalho parecia-lhe o melhor remédio contra aquele estado de espírito. Ele se pôs a terminar com afinco o seu quadro; com a labuta não percebia o tempo passar.

No início, a ausência de Rafaela não o surpreendeu. Provavelmente ela estaria cuidando do velho Kunrad e isso exigia tempo. Mas, quando passaram mais de três semanas e a jovem não retornou ou sequer enviou uma carta, Hugo resolveu visitar a senhora Valda. Quem sabe ela tinha por aquelas regiões algum parente e recebera alguma notícia deles?

Para sua enorme frustração, o pintor soube que Valda tirou duas semanas de férias e viajou para a casa da irmã doente.

Depois de esperar inutilmente por mais doze dias, Hugo escreveu para a mãe, pedindo que esta o informasse se Rafaela ainda estava com o avô e, em caso afirmativo, para perguntar-lhe por que ela não lhe mandara nenhuma carta.

Um dia após ter escrito a carta, Hugo recebeu surpreso uma carta de Taíssa. A jovem o informava da morte da baronesa,

acrescentando que estava no castelo de Rodenberg. Ela pedia a Hugo, caso estivesse livre, visitá-la por alguns dia no castelo, pois desejava que ele pintasse alguns quadros, de cujos detalhes não queria escrever na carta.

A missiva produziu uma estranha impressão no jovem pintor. Apesar do tom amistoso e cordial do convite, ele ficou melindrado por ter sido chamado ao castelo, onde vivia uma moça sozinha, que aceitaria um homem estranho em casa, sem medo de se comprometer.

Isso dizia claramente que para ela, ele não passava de um reles operário; que a jovem não nutria um mínimo de sentimento por ele, e que a orgulhosa aristocrata, sem dúvida, não aceitava sequer a idéia de que um mísero pintor lhe erguesse os olhos e a visse como a mulher amada.

Apesar desses sentimentos amargurados, Hugo resolveu aceitar o convite. Os pedidos de uma cliente tão rica não podiam ser menosprezados, sobretudo em vista de seu iminente casamento, que impunha a necessidade de ganhar dinheiro o quanto mais possível. Para justificar diante de si mesmo o motivo que o impelia a ver Taíssa, tentou convencer-se de que o sentimento de mágoa, causado pela evidente indiferença da condessa, era ridículo; aquela viagem lhe proporcionaria a oportunidade de encontrar Taíssa e, graças à companhia desta, quebrar definitivamente os feitiços de Rafaela.

Taíssa recebeu o jovem amistosamente, excluindo, entretanto, qualquer familiaridade. Ela era tão segura de si, que até quando ficava sem a companhia de Vérter não perdia sua segurança serena. A jovem anunciou a Hugo que desejava encomendar-lhe quatro quadros; ele os podería terminar em Petersburgo. Dois deles deveríam representar a vista interna e externa do jazigo familiar, onde se achavam enterradas a sua mãe e sua avó. Depois, ele deveria pintar, em tamanho maior e a óleo, todas as fotografias, em uma das quais se via a baronesa com a neta, chegando a Cannes, e

na outra - a avó encontrada falecida na poltrona, como que dormindo.

A discussão dos detalhes da encomenda tomou todo o primeiro dia da chegada de Hugo. No dia seguinte, após o desjejum, Taíssa lembrou-se do quadro que o pintor preparava para a exposição e perguntou como estava indo.

— O quadro já está quase terminado. Uma vez que a senhora foi tão boa ao permitir conferir à vestal os seus traços, eu trouxe uma fotografia, para mostrar-lhe antes de ser exposto.

O artista trouxe a fotografia a Taíssa, esta a examinou com visível interesse.

— Acho que o quadro saiu muito bom e só me resta agradecer-lhe por ter-me idealizado tão bem — considerou ela, sorrindo.

Após um minuto de silêncio, adicionou:

— A cabeça da deusa é notável! O senhor encontrou um modelo para tal beleza perfeita ou isso é fruto de sua imaginação? Neste último caso, permita-me observar que para a deusa e, sobretudo para a vestal, protetora das virgens, o senhor escolheu uma beleza um tanto terrena.

— Copiei a cabecinha de um modelo vivo, de uma moça que sofreu muito na vida apesar de ainda ser jovem. Abandonada por sua mãe infame, ela cresceu sob a férula de estranhos; sua miséria obrigou-a a posar. Eu devia fazer a Vesta de cabelos mais claros e conferir ao seu rosto uma expressão mais austera, no entanto... deixei-me envolver emocionalmente e... - Hugo parou, levemente constrangido — esta moça é hoje minha noiva.

Pareceu a Hugo que a tez diáfana de Taíssa tornou-se ainda mais pálida; talvez isso fosse um simples efeito provocado pela luz que se filtrava através da janela gótica e por causa de seu vestido negro. Não havia ilusão, entretanto, de que o olhar da jovem deslizou pelo

artista com uma expressão fria, enquanto a sua voz soava surda e severa, quando ela observou após um breve silêncio:

— O senhor é muito corajoso! O senhor não teme o atavismo das paixões da mãe de sua futura esposa. Em seus olhos bonitos - reconheço - reflete-se tudo, menos humildade e brandura; há algo de cruel e astuto neles. Todo o seu ser parece lembrar uma serpente. Desculpe-me por assim me expressar, mas é que não consigo transmitir de outro modo a minha impressão.

Atônito, Hugo olhou rápido paraTaíssa.

— Ela mesma me contou que ainda na infância lhe deram o apelido de Cobra Capela - pronunciou ele, meditativo.

— Verdade? Significa que não sou a única a ter essa impressão. Deus queira, senhor Reshberg, que essa encantadora Cobra jamais o fira com uma picada mortífera!

A partir desse dia, Hugo notou que Taíssa se tornou menos comunicativa e menos à vontade em sua companhia; seu relacionamento tornou-se mais oficial. O pintor iniciou ardorosamente os esboços; após o término, ele decidiu visitar sua mãe por um par de dias, para revê-la e descobrir o que estava acontecendo com Rafaela.

A visita trouxe ao jovem novas inesperadas. A mãe recebeu-o com o misto de amabilidade e desconfiança com que o tratara desde a sua última visita e que deixou uma recordação meio amarga, meio desdenhosa. Quando Hugo questionou sobre Rafaela, a lavadeira esqueceu todo o respeito que lhe inspirava seu ilustre filho e despejou o verbo.

Rafaela, aquela falsa e intrigante, não mostrou sequer seu nariz por perto; entretanto, a senhora Valda, que viera visitar a sua prima padeira, contou uma história assombrosa. Rafaela, em uma crise de sonambulismo, conheceu o conde Argunov, que por ela se apaixonou tão loucamente, que a levou para o exterior e lá se casou às escondidas. Tudo isso, a administradora soube casualmente de

uma ex-garçonete do restaurante, que veio trabalhar como camareira na casa da filha da baronesa Lung. A última relatou na carta como foi o casamento e finalizou dizendo que os recém-casados tinham viajado para a Itália.

— O mais engraçado, meu querido Hugo, é que o marido de Rafaela é justamente aquele conde que foi amante daquela desprezível Tereza, surrada pela sem-vergonhice com um chicote, pela desditosa condessa, a mãe de Taíssa. Oh, Tereza ficou coberta por listras tal qual um tigre; mas a infeliz condessa morreu devido a um forte abalo nervoso. Vejo-a, como se fosse hoje, estendida na minha cama! Estava lívida feito cadáver, seu corpo tremia todo, suas mãos estavam gélidas. Meu Deus! Como era bela e que lindo vestido trajava! Não é uma vergonha o conde casar-se com a filha de sua antiga amante - de uma certa forma assassina de sua esposa?!

Josefina silenciou, sufocando-se de indignação. Ela ainda discorreu por muito tempo sobre a devassidão do conde, a bem-aventurança de Rafaela e deu suas opiniões sobre o resto. Mas Hugo já não prestava atenção. Ele estava a tal ponto perturbado, que suas idéias se embaralhavam.

Somente ao ficar sozinho, na tranquilidade da noite, conseguiu recompor sua mente. Sim, de fato era uma cobra aquela Rafaela, que até o fim manteve escondido astuciosamente seu caso com o conde, retribuindo o seu amor com um cinismo ímpar, ao aceitar a proposta de tornar-se sua esposa e prometer retribuir-lhe todo o bem a ela feito. Ao se recordar disso, um rubor de fúria cobriu a face do pintor. E esta aventureira, esta mulher de rua, o conde ousou transformar em madrasta de Taíssa! Que golpe será para a pura e orgulhosa jovem, quando ela souber da vergonhosa união do pai com a filha da cortesã, causa da morte de sua mãe!

Por alguns instantes, Hugo pensou em informar Taíssa; mas, imediatamente, descartou a idéia. Cedo ou tarde, ela descobriría a

verdade. Se, por outro lado, não viesse a descobrir sobre a origem de Rafaela - tanto melhor! O pior teria sido evitado.

Abalado, ele voltou para o castelo de Rodenberg e decidiu imediatamente partir para Petersburgo. Hugo concluiu rapidamente os seus estudos e esboços e, durante o almoço, anunciou à condessa que assuntos inadiáveis exigiam sua presença na capital.

Taíssa não o deteve e sua despedida foi bastante fria.

Ao ficar sozinha, a jovem tentou analisar o sentimento que nela provocara aquela mudança repentina no relacionamento com o pintor. Ela chegou à conclusão de que aquela sua atitude foi motivada pela notícia de seu noivado com a bela ruiva, a quem odiara. Mas esse sentimento era ridículo e indigno. Será que Reshberg nutria por ela, Taíssa, algo mais que amizade? Mas isso seria uma insolência por parte do pobre pintor, saído do povo!

Sem dúvida, ele era muito simpático e tinha grandes talentos; mas, de qualquer forma, não era um partido para ela. Mas, então, por que casar-se com Cobra, que, apesar de sua beleza, afastava as pessoas? Ela desejava para Hugo algo melhor.

Entretanto, ele amava aquela criatura antipática. Oh, como deve ser bom ser amada com aquele sentimento inebriante, cantado por poetas, e que ascende a alma acima de todas as amarguras terrenas.

Mas existe esse tipo de sentimento? Por uns instantes, diante de seu olhar inteligente, ergueu-se o belo rosto do príncipe Leonid e o seu coração acelerou; mas Taíssa afastou energicamente aquela imagem sedutora. Não era ele, de qualquer forma, capaz de um amor verdadeiro! Ele era muito parecido com o pai, que jamais amou alguém, nem sequer a sua única filha.

XII

No início de janeiro, conforme fora combinado, o conde foi buscar a filha e, na volta, instalou-a na belíssima casa, tendo preparado com antecedência, na metade dos cômodos que se destinavam a ele, um dormitório, um *boudoir* e uma pequena sala de estar para Rafaela. Todos esses quartos eram trancados à chave, de forma que Taíssa nem suspeitava deles, já que o conde não achava oportuno informar a filha sobre seu casamento e que sua esposa estava ainda no exterior. No íntimo, Adrían Petrovitch temia a tempestade que se desencadearia; assim, adiava a explicação.

Taíssa foi apresentada em algumas casas aristocráticas e, em uma delas, conheceu a baronesa Overbruck. Esta tratou Taíssa com tanto interesse e franca simpatia, que a jovem ficou agradavelmente impressionada. Logo se encetou um relacionamento de amizade entre elas e as maneiras simples e abertas da jovem baronesa, seus princípios severos e o caráter alegre e probo agradaram Taíssa.

Inicialmente, ela ficou um tanto constrangida ao saber que Kira Dmitrievna era irmã do príncipe Ardagan e esposa de um judeu batizado; mas o conde convenceu-a de que o banqueiro se distinguia por uma inesgotável caridade e era aceito nas melhores casas. Uma vez que o príncipe não se cruzava em seu caminho, parecia nunca visitar a irmã, e esta se referia a ele raramente, a jovem se tranquilizou e rendeu-se abertamente à simpatia que a atraía à baronesa.

Taíssa jamais tivera amigas ou confidentes e era demasiadamente inexperiente, apesar de todos os esforços da baronesa Rodenberg de armá-la para a vida. Kira Dmitrievna não teve muito trabalho para conquistar o coração de Taíssa. Ela sabia palrear tão bem e contar com tanta vivacidade e alegria o que acontecia na brilhante e animada alta-roda, ainda não frequentada

por Taíssa, que as horas passadas em companhia da baronesa corriam sem perceber e Taíssa esquecia por algum tempo a sua dor ainda viva.

Em um dos minutos de franqueza, Kira Dmitrievna confiou a Taíssa que, por uma fatalidade, ela foi obrigada a se casar com um homem inferior à sua posição, e que ela era infeliz no casamento. Depois confessou que seu irmão a preocupava muito por não se ter casado ainda, apesar de partidos brilhantes não lhe faltarem.

De suas palavras, Taíssa concluiu que a baronesa ignorava sobre a proposta feita pelo príncipe; por delicadeza ela não quis fazer qualquer referência ao fato. Não obstante, ela se perguntava por que aquele homem belo, sedutor e titulado ainda estava solteiro. Ela não seria a única herdeira rica que ele podería desejar por esposa.

E, se, com toda a sua ponderabilidade extremada, ela tivesse sido injusta com o príncipe? E se ele a amasse de fato e não pertencesse ao rol dos caçadores de fortunas, ainda que as circunstâncias o obrigassem a buscar haveres? O comportaniento do príncipe era uma prova de tal suposição. Ferido em seu amor-próprio, ele se afastara e evitava a todo custo se encontrar com ela. Por vezes, ele visitava o conde, sempre usando a entrada separada; jamais, porém, viera à casa de Kira Dmitrievna. Essa discrição, essa delicadeza orgulhosa, elevavam o príncipe aos olhos de Taíssa.

Sabendo que Taíssa não pretendia freqüentar seja serões, seja bailes ou teatros até tirar o luto no inverno seguinte, Kira Dmitrievna descobriu outros entretenimentos. Elas visitavam museus, exposições e concertos sérios. Finalmente, a baronesa convenceu a jovem a participar de um bazar beneficente, organizado em prol de crianças órfãs pobres. A baronesa era membro daquela instituição de caridade e estava trabalhando energicamente na pintura de pratos, copos, lenços e leques para o bazar.

Taíssa deixou-se persuadir, pois o evento era beneficente e não qualquer distração social, imprópria a seu luto. Ela se filiou à instituição, doou algumas centenas de rublos, uma infinidade de

quinquilharias e pintou três quadros para as crianças pobres. Além disso, aceitou participar na venda do bazar, tal como o fariam outros membros do comitê.

O pavilhão onde Taíssa e Kira Dmitrievna deveríam vender os objetos estava ricamente decorado com flores e belos tecidos. As damas, em companhia de alguns homens, ocuparam seus lugares, decididas a apurar o máximo de dinheiro para os necessitados.

Para tal ocasião, Taíssa despojou-se de seu traje de luto e vestiu-se de branco. O vestido de linho e um leve chapéu com penas de marabu caíam incrivelmente bem à sua beleza delicada e diáfana.

Foi ali que ela viu, como que casualmente, o príncipe Leonid, no afã de vender, no pavilhão vizinho, champanhe, confeitos e flores.

O príncipe aproximou-se para cumprimentar a irmã e Taíssa, que, ao vê-lo, ruborizou intensamente. O príncipe, aparentemente, nada notara. Discreto e cortês, interessou-se por sua saúde e expressou-lhe o pesar pelo passamento da baronesa, retirando-se imediatamente.

Muita gente manifestou o desejo de ser apresentada à mademoiselle Argunova e a seu pai. Principalmente os jovens e garbosos cavalheiros, que já haviam descoberto que, no mercado de casamentos, aparecera um dote daquele tamanho; todos se esforçavam em agradar à jovem.

Taíssa, todavia, não deu a menor atenção a eles. Seu olhar se dirigia involuntariamente ao pavilhão vizinho, lugar em que se vendiam o champanhe e as flores, e onde estava parado o príncipe, assediado sem tréguas por uma multidão de damas e moças. Queriam umas torná-lo seu amante, outras o desejavam para marido. E ainda que não fossem muito ricas, possuíam uma renda significativa e pertenciam às melhores famílias. Mas o príncipe, frente a todos aqueles anseios matrimoniais, embutira-se em sua prudência discreta. Ele tinha um enorme apetite e não queria sacrificar a liberdade por pouco. Ansiava por um patrimônio como o

de Taíssa. Mas isso era ignorado por ela, que considerava todas aquelas moças empoleiradas suficientemente ricas para serem eleitas pelo príncipe. Se ele a nenhuma estava elegendo, seria porque, talvez, ele a amasse!

E como sempre se acredita naquilo que se quer acreditar, Taíssa convenceu-se de que fora injusta com ele.

Apesar de ter um certo interesse por Hugo, este se extinguira pela convicção de que ele amava outra; assim, a imagem do príncipe, agora, subjugava-a cada vez mais. Seu desejo instintivo de amor e de felicidade reacendiam em sua memória as palavras ardentes do príncipe, seu olhar ígneo e sua voz sedutora. A discrição no trato com ela e a frieza com que tratava as outras mulheres enfraqueceram todas as suas precauções. E mesmo que Taíssa ainda não amasse o príncipe, aquele outro sentimento, talvez mais perigoso, despertara-se nela durante o bazar.

Taíssa jamais encontrou Leonid Dmitrievitch em companhia de outras mulheres. No meio daquela multidão coquete e provocante, a figura imponente do príncipe adquiria uma relevância totalmente inusitada. Os brios e o amor-próprio de Taíssa foram feridos, ela desconhecia, porém, que aquilo eram ciúmes. Esse sentimento agudo e opressor tomou conta de Taíssa, quando ela viu o príncipe caminhar pela alameda, segurando a mão de uma belíssima mulher, cujos olhos expressivos não deixavam qualquer dúvida quanto aos seus sentimentos. A mulher lhe contava algo, animada, enquanto ele a ouvia com um sorriso meio cansado, meio entediado. Com certo arrependimento repentino, Taíssa perguntou-se por que o havia recusado. Alguém podería ser melhor que ele?

Kira Dmitrievna observava prazerosa o que se passava no rosto enérgico da jovem e novas esperanças invadiram seu coração. Esquecemos de mencionar que a pobre baronesa sofreu um grande revés: a velha finlandesa, que tanto lhe ajudara em seu assunto pessoal, já tinha falecido e, apesar das buscas intensas, ela não conseguiu achar qualquer outra feiticeira com os mesmos poderes.

Ao notar que Taíssa observava com o olhar sombrio o príncipe e sua dama, a baronesa inclinou-se e ciciou fingindo contrariedade:

— Meu Deus! Como essa nojenta de Zóia Ivanova não desgruda de Leonid! Odeio-a por seu descaramento. Ainda que ela seja a única herdeira de seu tio milionário, tremo só de pensar que meu irmão caia em suas redes.

— Mas se o príncipe gosta dela, quem poderá impedir que eles se casem? — considerou Taíssa.

— Gosta dela?

Kira Dmitrievna soltou uma sonora gargalhada.

— Não, disso não tenho medo. O que me assusta e que ela mesma lhe faça proposta de casamento e ele vai ficar sem jeito de recusá-la. Aliás, talvez até ele recuse, pois ultimameme Leonid mudou muito e estou suspeitando de que atrás disso há uma paixão mal sucedida. Mas com quem? Não tenho a menor noção.

— O príncipe sempre esconde os seus sentimentos? - balbuciou Taíssa, corada e meio sem jeito.

— Normalmente, não; mas desta vez, sim. Estou desconfiada de que a sua eleita não possui bens, pois ele vive dizendo que quer ganhar na loteria, maldizendo sua pobreza.

A conversa foi interrompida por um comprador; em seguida, aproximou-se Leonid Dmitrievitch e ofereceu cortesmente a Taíssa um pequeno buquê de violetas. Esta, afogueada, acolchetou-o à blusa. Iniciou-se uma conversa sobre os resultados do bazar. Kira Dmitrievna mostrou ao irmão um relógio, fixado no flanco de um cachorrinho de porcelana, tirando toda hora a língua para fora, abanando o rabo. O príncipe riu e comprou o relógio sem pechinchar. Depois, voltou ao seu pavilhão.

— Deus me perdoe! Parece que ele quer se corrigir. Pagou pelo relógio cinquenta rublos e nem me pediu o dinheiro emprestado -

sussurrou, rindo, Kira Dmitrievna, escondendo o rosto atrás do leque.

Mais tarde, ao voltarem para casa, a baronesa confiou à jovem que já fazia três meses que ela não via o seu irmão beber e que, no dia de seu aniversário, ele a presenteara com um maravilhoso vaso de flores. Quando, então, ela lhe perguntou se toda aquela generosidade não era um sinal de sua iminente morte, ele riu e disse que estava criando juízo.

A baronesa ria feito louca; o coração cândido de 'Taíssa palpitava forte, pois pensava no poder benéfico do amor que ela inspirava no príncipe.

Duas semanas depois do bazar beneficente, o pai repentinamente anunciou à filha que tinha de viajar a negócios para o exterior, devendo sua ausência durar pelo menos duas semanas.

Taíssa surpreendeu-se pelo fato de ter seu pai negócios fora do país. Como, todavia, seu relacionamento com ele havia melhorado, ela pediu-lhe para adiar a viagem até que sua fiel Verter voltasse das pequenas férias. O conde anuiu de pronto.

No dia seguinte, Taíssa esperou inutilmente pelo pai para o desjejum da tarde. Uma vez que a jovem ia sair e precisava de um endereço que ele lhe prometera fornecer, decidiu pegá-lo pessoalmente em sua escrivaninha, onde ele o deixara, conforme havia dito. Ela quis aproveitar o momento para levar um livro que acabara de ler.

Os apartamentos do conde eram totalmente isolados dos quartos de Taíssa e ambas as metades comunicavam-se por um longo corredor, iluminado por uma enorme janela veneziana.

O mordomo informou-lhe que seu pai ainda não havia chegado e indicou-lhe o seu gabinete. Taíssa esteve apenas uma vez na parte que cabia ao pai, justamente no dia de sua chegada, assim, ela tinha dificuldade em orientar-se.

A jovem deitou o livro sobre a mesa e começou a procurar o endereço. Sem achá-lo sobre a escrivaninha, abriu uma pasta e viu um envelope endereçado como carta. Maquinalmente, sem pensar em nada, olhou para o endereço e estremeceu. Estava escrito: “À condessa Rafaela Argunova”.

O que significava tudo aquilo? Quem era essa tal de condessa Argunova, da qual ela jamais ouvira falar e com a qual se correspondia seu pai? A carta principiava com as palavras: “Minha adorada Rafaela”.

Taíssa ruborizou-se, pegou a carta e leu o seguinte:

“Entendo sua impaciência de juntar-se a mim e ocupar na sociedade o lugar que lhe pertence. Você pergunta por que eu mantenho em segredo o nosso casamento? O luto da minha filha cerra-me a boca. Ela preserva tão ciosamente a lembrança da mãe, que consideraria a notícia de nossa união como uma ofensa mortal a seus sentimentos de filha. Ela é muito inexperiente para entender que, após um luto de doze anos, meu coração exige seus direitos”.

Sem ler o resto, Taíssa atirou a carta sobre a escrivaninha; lívida feito um cadáver, deixou-se cair na cadeira.

— Doze anos de orgias e regabofes - eis o luto com que você honrava a lembrança da minha pobre mae! E para coroar suas condolências, você se uniu nesse matrimônio secreto, ser desprezível e cruel! — balbuciava ela, tremendo toda.

Essa sua consorte desconhecida, que ele tão ciosamente esconde, devia ser uma aventureira, pois, se fosse uma mulher de seu círculo, teria apresentado abertamente. E essa frequentadora de bodegas, terei de aceitar como madrasta, suportá-la sob o mesmo teto e conviver com ela diariamente.

Um gemido parecido com um grito reprimido soltou-se dos lábios de Taíssa. Desde a época em que ainda menina, ela ouvira a avó atirar no rosto do pai sua acusação de assassínio, jamais em sua alma tempestuara tal revolta.

Aos poucos, todo o caos de seus sentimentos se concentrou numa só idéia: ceder lugar àquela forasteira e abandonar a casa odiosa. Mas para onde iria? Fugir para o exterior ou viver sozinha em uma de suas propriedades? Mas deixar assim a casa paterna seria um escândalo público, e ficar ali ela não queria. Para o cúmulo do infortúnio, não tinha alguém com quem pudesse se aconselhar. Até a sua fiel Vérter estava ausente. Não obstante, era necessário tomar uma decisão antes do retorno do pai.

De súbito, ela se lembrou de Kira Dmitrievna. Ela era tão experiente em todas as questões da vida e prodigalizava- lhe tanta amizade, talvez.... ela lhe aconselhasse como proceder.

Kira Dmitrievna encontrava-se em casa, conversando com o irmão, quando lhe anunciaram a chegada de Taíssa. O príncipe retirou-se imediatamente para o gabinete em anexo e baixou o reposteiro.

— Esperarei lá - disse ele. — Espero que a mademoiselle Argunova não demore, depois nós continuaremos a conversa.

— Meu Deus, Taíssa Adrianovna, o que há com a senhora? Está tão pálida e abatida que me assusta. Aconteceu algo com seu pai? - prorrompeu a baronesa ao ver Taíssa.

Kira Dmitrievna levou a jovem até o sofá e acrescentou:

— A senhora está tremendo toda, minha querida. Diga-me o que aconteceu! Seu aspecto me deixa muito assustada.

— Estou bem. Vim para cá, Kira Dmitrievna, para lhe pedir um conselho em uma questão muito importante - disse Taíssa, apertando nervosamente as mãos da baronesa.

— Sem dúvida, jamais lhe negaria um conselho. Mas, antes de mais nada, sente-se e acalme-se! Cheire estes sais! Agora, conte-me o que aconteceu!

— Acabei de saber que o meu pai se casou com uma aventureira, escondida em algum lugar perto de Milão. Ele deve estar planejando trazê-la para cá. A senhora deve compreender que eu não posso viver sob o mesmo teto com uma pessoa assim. Mas como e para onde poderia ir, fazendo um mínimo de escândalo? Gostaria de que a senhora me ajudasse.

A baronesa soltou um grito de assombro.

— O conde está casado sem que ninguém disso suspeite?

— Isso apenas prova que ele possui motivos sérios para esconder sua ilustre consorte - sustentou, com deboche, Taíssa.

— Concordo. Acho natural que a senhora se indigne contra essa crueldade de seu pai. Mas, minha querida Taíssa Adrianovna, antes de tomar qualquer decisão, precisamos analisar tudo de cabeça fria. Fazer um escândalo é fácil, mas as consequências, às vezes, podem ser irreparáveis - objetou Kira Dmitrievna, balançando a cabeça.

— Não posso viver sob o mesmo teto com essa mulher, oriunda da ralé! Só o nome dela já é uma ofensa à memória da minha infortunada mãe — gritou Taíssa com os lábios trêmulos.

— Não fique tão nervosa, minha pobre menina! Entendo-a e concordo. Apenas o meu apreço pela senhora me obriga a expor-lhe a situação claramente, para que a senhora possa resolver a questão sensatamente.

— Agradeço, querida baronesa! A senhora tem razão! Minha cabeça está zonza e não consigo pensar direito - disse a jovem, desabando em pranto.

— Primeiro, o mal está feito; se a senhora abandonar a casa com estardalhaço, ficará numa situação enganosa. Uma jovem de dezenove anos não pode morar sozinha e receber visitas. Ficar trancafiada em uma propriedade erma, significa condenar-se à vida encarcerada, enquanto a aventureira ficará se divertindo e debochando da senhora. Segundo, não é recomendável confiar a todos um escândalo de família. O barulho que levantará essa história fará com que toda essa gente ociosa comece a remexer o passado da mulher que leva o seu sobrenome. Quanto mais obscura for a sua origem, quanto mais tempestuoso for seu passado, tanto mais enlameada ficará sua família, para o enorme gáudio de pessoas invejosas e mal-intencionadas. Quanto mais eu penso, mais me convenço de que por mais duro que seja o sacrifício, a senhora deve ficar calada e, pelo menos aparentemente, aceitar a esposa do seu pai - seu único protetor. A senhora não poderá abandoná-lo sem se comprometer pessoalmente.

— Não posso fazer isso, Kira Dmitrievna! Estender a mão para essa pessoa e tratá-la com deferência — isso eslá acima de minhas forças!

— Meu Deus, Taíssa Adrianovna, a senhora é ingênua feito criança. Quem falou da deferência, doçura ou amizade? Graças a Deus, seu patrimônio permite-lhe uma independência completa, de forma que toda a questão se resume em cortesia banal que salvaguardará a compostura e fechará a boca das pessoas. A sociedade, minha amiga, é repleta de falsidades, compromissos, e de toda uma espécie de hipocrisia, que exigem um decoro social. Todos veem e sabem disso, mas se calam, pois cada um tem seus segredinhos familiares. A senhora procederá da mesma forma que todos. Existe um meio honesto e digno de sair dessa situação difícil... é a senhora se casar. O oficial de guarda cavalariana, o conde Derenfield e o tenente Linev estão louquinhos pela senhora. Escolha um deles. Seria o mais razoável. Agora vou lhe trazer umas gotas de calmante. Seu estado me deixa com dor no coração.

A baronesa beijou Taíssa e saiu. As forças da jovem se exauriram; os nervos tensos enfraqueceram. Enterrando a cabeça na almofada do sofá, ela prorrompeu em pranto convulsivo.

O príncipe ouviu consternado a denúncia de Taíssa.

— Era só o que faltava! Esse velho pândego casa-se feito Romeu. Diabos, quem será ela? Será uma judia com muito dinheiro? Ultimamente ele tem sido generoso, deu-me até oitocentos rublos, sem piscar - pensou o príncipe, levantando-se da cadeira e olhando por entre o reposteiro abaixado.

Subitamente, as últimas palavras da irmã deram um novo rumo aos seus pensamentos. Como ele não pensara antes: aquele minuto de desespero lhe proporcionava uma oportunidade inesperada? De fato, o casamento era o único meio de sair daquela situação embaraçosa. Isso libertava Taíssa da tutela do pai e da companhia da odiosa madrasta.

Como pretendente, ele possuía tantas chances quanto um outro, senão mais. Além do mais, o episódio o favorecia.

— Que seja! - balbuciou ele.

O tapete grosso abafava seus passos. A jovem nem notou, quando o príncipe se aproximou e ajoelhou-se ao seu lado. Só no momento em que ele beijou a sua mãozinha, ela estremeceu e endireitou-se.

— Príncipe! O senhor está aqui?! - murmurou ela.

— Sim! Casualmente ouvi uma parte de sua conversa e fiquei indignado com o ato imperdoável de seu pai. Eu queria ir embora para não encontrá-la, mas ao vê-la chorando, meu coração não aguentou e eis-me aqui a seus pés, apesar do ferimento que a senhora causou ao meu amor e orgulho.

O príncipe silenciou por uns instantes. A perturbação embargava-lhe a voz. Estava terrivelmente pálido. Seu olhar ardia e a voz tremia de emoção contida.

— Desculpe-me, se eu o magoei — ciciou Taíssa, tremendo com todo o corpo.

— Sim, fiquei muito magoado, pois a senhora imputou-me os sentimentos mais infames. Jurei evitá-la, mas não resisti às suas lágrimas. O que não daria para secar seus olhos! Somente poderei fazer uma coisa: oferecer-lhe de novo o meu amor e o nome. Acredite, Taíssa, o que eu lhe digo agora é uma prova suprema de amor, ainda que isso possa trazer-me novas mágoas. Bem, tanto faz! Não posso vê-la em tal desespero e dor, sem dizer-lhe que a amo mais que a vida e, para torná-la feliz, romperei com o meu passado vazio e leviano. Confie em mim e torne-se o gênio bom de minha vida.

Lívida e trêmula, ouvia Taíssa aquelas palavras. A voz e o olhar do experiente conquistador de corações femininos agiam poderosamente sobre os seus nervos abalados e seu coração

alrontado. Jamais ela sentira tanta necessidade de ser amada como naquela hora. E por que duvidar do amor de um homem tão sedutor, que tantas noivas ricas ansiavam por possuir, sendo ela a eleita? Ele dizia a verdade. Somente o casamento a libertaria do pai e da mulher odiosa. Sob efeito de sentimentos variados, agitando-lhe a alma, Taíssa nem sequer se perguntou se o amava. Ela só pensava: ele me ama. Abaixando-se ao príncipe, a jovem murmurou:

— Oh, como gostaria de acreditar no senhor!

O príncipe interpretou esses dizeres como consentimento. Ele a atraiu rapidamente para si e beijou-a ardentemente nos lábios.

— Nunca duvide de mim, Taíssa! A senhora é minha vida e felicidade. Tenho certeza de que jamais se arrependerá deste momento. Se, porventura, tiver ainda alguma desconfiança, distribua seu ouro para os pobres e aceite o que eu tenho! Não ficarei menos feliz por isso.

Taíssa sorriu por entre as lágrimas.

— Ao me tornar sua esposa, renuncio a todas as desconfianças. Acredito em seu amor, Leonid Dmitrievitch, e espero que o senhor jamais me obrigue a lamentar ter-lhe confiado a minha vida.

— Juro-lhe isso! *E* agora, minha querida, enxugue as lágrimas. Diante da senhora se estende um porvir de felicidade e farei todo o possível para assegurar que ele seja sem nuvens.

Kira Dmitrievna já havia retornado cerca de alguns minutos atrás com um copo e um frasco com calmante; estava, porém, receosa de atrapalhar a explicação decisiva com a intromissão. Ao ver seu irmão levantando-se dos joelhos, sentar-se no sofá e abraçar Taíssa, ela, feliz e sorrindo, apareceu no umbral da porta.

— Parece-me que as gotas que eu trouxe são totalmente desnecessárias. O amor é o melhor calmante! — exclamou ela, alegre.

*

Depositando sobre a mesa o copo e o frasco de valeriana, ela beijou impetuosamente Taíssa e o irmão e felicitou-os sem parar de repetir:

— Meu Deus! Como estou feliz! Poderia eu ainda hoje de manhã imaginar que Taíssa se tornaria minha querida irmazinha; um ser que eu amo e respeito mais que tudo na vida?!

Quando a primeira emoção amainou um pouco, entabulou-se uma conversa animada. Kira Dmitrievna insistiu que o irmão e Taíssa ficassem para almoçar.

— Meu marido hoje está acompanhando engenheiros. Abriremos uma garrafa de champanhe pelo noivado.

Após o almoço, todos passaram ao boudoir, onde se discutiu o futuro. Decidiu-se que o casamento se realizaria depois da Páscoa. Tratou-se, depois, qual seria o comportamento em relação à esposa do conde. Aos poucos, o irmão e a irmã conseguiram abrandar a ira e a teimosia de Taíssa e convencê-la a dizer ao conde que ela se recusava a ver sua madrasta até o dia do casamento, mas que concordava que ele a apresentasse à sociedade após a cerimônia, e que a essa poderia comparecer - o que seria uma forma de aceitar a nova condessa pela família.

— Que assim seja! — disse Taíssa. - Agora que estou mais calma e entendo que um escândalo não levaria a nada, a não ser provocar conversas tolas e maldosas. Amanhã mesmo eu me explicarei com meu pai e colocarei as minhas condições.

Após o chá, Taíssa foi para casa. Ela se sentia alquebrada por causa de todas as emoções vividas, de forma que se alegrou muito ao ver sua velha governanta, que retornara antes do dia esperado.

Despindo-se rapidamente, dispensou a camareira e, ao ficar sozinha com Vérter, relatou-lhe os acontecimentos do dia.

A governanta ficou aturdida. O casamento com o conde surpreendeu-a e o noivado de sua ex-pupila enchia seu coração de maus pressentimentps.

— Será que você não se precipitou, querida Taíssa? Sem duvida è até possível que o príncipe a ame. Você é bonita, boa e digna de amor. Mas os homens de seu círculo são inconstantes e o fato de ele ser amigo do seu pai já é um ponto contra ele.

— Ele pareceu-me sincero. Além disso, diversos fatores me fazem crer que ele me ama de verdade. Aliás, todos os homens que eu tive oportunidade de conhecer são amigos do meu pai. E claro, tudo aconteceu tão rápido, que eu não pude analisar as coisas friamente. Talvez seja minha sina, a cuja mercê fiquei de repente, malgrado todas as precauções. Aliás, desistir agora já é tarde: dei minha palavra! E o que eu poderia ganhar com a desistência? Teria de viver com meu pai e obedecer a uma criatura infame, já que tudo que é honesto, belo e puro não é do gosto dele. A prova disso é a minha pobre mãe.

Ao ficar a sós, Taíssa entregou-se a longas reflexões. Ela estava mais calma, mas uma angústia indefinida de perda da liberdade oprimia-lhe o coração. Os feitiços do príncipe enfraqueciam, quando ela se ausentava. Seus medos e dúvidas foram avolumando-se e parecia que sua avó não lhe aprovava a decisão precipitada. Exausta e irritada com os pensamentos contraditórios, Taíssa pôs-se a rezar, pedindo a Deus por auxílio e proteção. Sob o efeito desse arrebatamento ardoroso, a tranquilidade retornou.

— O importante é que nós nos amamos! O resto está nas mãos de Deus. O futuro mostrará o que eu logrei hoje: o infortúnio ou a felicidade - tentava se conformar Taíssa, deitando-se para dormir.

Logo um sono vigoroso cerrou as pálpebras de Taíssa.

Depois de ter acompanhado Taíssa até a carruagem, o príncipe decidiu procurar pelo futuro sogro e pô-lo a par dos acontecimentos. Ele estava também ansioso em conhecer os detalhes do seu misterioso casamento.

O príncipe conhecia bem os hábitos de Adrian Petrovitch, assim, concluiu que procurá-lo em casa seria uma total perda de tempo. O

conde deveria estar no Teatro Francês, na casa de sua nova amante Labo, ou no clube.

No teatro, Leonid Dmitrievitch soube que o conde saíra para jantar no Hotel de France, com Labo, uma moça que fazia pequenos papéis. Foi lá que ele os encontrou. O príncipe ria interiormente daquele velho pândego, que mal acabara de casar-se, já decorava com os chifres a linda cabeça de sua consorte ausente.

O príncipe cumprimentou o amigo como se nada houvesse acontecido e gracejou com a bela atriz. Eles palrearam animadamente até a acompanhante do conde dizer-lhes que precisava voltar ao teatro.

— Terei de me apresentar no último ato, mal tenho tempo de me vestir — disse ela, olhando para o relógio. — Esperem por mim, senhores. Voltarei logo e trarei comigo Marion — acrescentou ela, lançando um olhar malicioso em direção ao príncipe.

Ao se verem sozinhos, Leonid Dmitrievitch ficou acometido por um rompante de tanto júbilo, que o conde olhou para ele surpreso e perguntou o motivo daquela exaltação.

— São os seus mistérios, Adrian Petrovitch! Primeiro o senhor se casa às ocultas e depois posa de cavalheiro amável, sem medo de ser pego em flagrante pela esposa.

Um rubor escuro espalhou-se rapidamente pelo rosto do conde.

— Quem lhe falou disso? — inquiriu ele, com cenho carregado.

— Taíssa Adrianovna.

— Minha filha?! — alarmou-se ele, empalidecendo tão rápido quanto havia corado. Como ela poderia descobrir?

— Isso eu não sei. Ela foi à casa de minha irmã, terrivelmente passada. Aliás, o senhor mesmo deve imaginar qual foi a surpresa dela ao saber que tinha uma madrasta. Devo tninlia felicidade ao seu casamento. Vim anunciai lhe que eu me tornarei seu genro.

— O senhor fala por charadas, Leonid Dmitrievitch! Não entendo como uma coisa tem a ver com outra... Pelo que me consta, Taíssa não mudou sua opinião quanto ao senhor.

— Posso afiançar-lhe que nós nos beijamos já como noivos. Um acaso me levou à casa da minha irmã, justamente na hora em que Taíssa estava desesperada para encontrar uma solução para o problema gerado por seu matrimônio secreto. Tentei confortá-la e suas lágrimas realmente me emocionaram. Depois, eu não me contive e reiterei a minha proposta e, como ela sempre nutriu por mim uma grande simpatia, então... meu querido sogro, o senhor pode me abraçar e felicitar.

— Deixe-me abraçá-lo, meu menino! Fico feliz com essa união e felicito-o de todo o coração. Vamos abrir uma garrafa de champanhe para comemorarmos o noivado. Só uma coisa me preocupa: a fúria infantil de Taíssa. Eu gostaria de ter um bom relacionamento com ela.

— Esperemos que tudo se arranje. Já usei, a seu favor, toda a influência que me propicia a minha nova condição. Taíssa prometeu evitar qualquer escândalo. Se o senhor estiver de acordo, sua esposa poderá ir ao nosso casamento; depois, o senhor a apresentará à sociedade.

O rosto preocupado do conde desanuviou-se.

— Que notícia auspiciosa! Isso facilita as coisas; hoje mesmo informarei Rafaela.

— Que nome poético! Se não for uma indiscrição da minha parte, poderia me dar alguns detalhes sobre a idade, a aparência e a posição social, ou melhor, sobre a ascendência da condessa Rafaela?

— O senhor é muito curioso, meu caro genro! Direi apenas que me invejará, quando encontrar a minha consorte; ela *é* vinte anos mais nova que eu e não há quem não se apaixone por uma mulher tão atraente.

— Diabos! Agora o senhor me deixou intrigado. Proporcionar felicidade a uma mulher assim não é tarefa fácil. Não poderia eu, meu caro sogro, ajudá-lo a carregar o peso das funções de Himeneu?{20}

— Nem pense nisso! Sou ciumento feito um turco e, além disso, tratarei que nada atrapalhe a felicidade da minha filha. Bem, o champanhe chegou! Brindemos!

O fim do jantar, profusamente regado por champanhe, passou-se à discussão dos últimos acontecimentos. O conde aconselhou seu futuro genro a ser cauteloso e evitar tudo que pudesse provocar os ciúmes de Taíssa.

— Nessa questão ela é tão intolerante como a mãe, somado o fato de ser mais independente, graças à educação da velha megera. Taíssa é capaz de desistir no último instante, basta que note alguma perfídia. Assim, muito juízo! Seu caso com Marion deve ser terminado o mais rápido possível. Deixe-a para depois do casamento!

Não querendo que as atrizes os encontrassem no restaurante, os ilustres amigos foram para casa.

Apesar de tudo, a iminente explicação com Taíssa era motivo de preocupação do conde. Ao voltar para casa, ele encontrou sobre a escrivaninha a sua carta, nervosamente amassada, e o livro deixado sobre a mesa. Então, por alguma razão, ela havia passado em seu gabinete e encontrado a carta! Que ela correra para a casa de Kira e consumara o noivado com o príncipe era uma prova de seu desespero. De fato, palavras amargas eram esperadas. De qualquer forma, tudo se resolvera melhor do que o esperado.

Na manhã seguinte, com o coração pesado e bastante acabrunhado, o conde dirigiu-se aos aposentos da filha. Ela estava no *boudoir.* Em vez do traje de luto, Taíssa estava de vestido branco. Parada em pé junto à mesa, ela retirava flores do cesto. Um pequeno buquê de lírios e narcisos estava acolchetado em seu

vestido. Ao ouvir os passos do pai, ela nem sequer esboçou um movimento; seu rosto, porém, anuviou-se e os cílios finos cerraram-se.

— Bom dia, Taíssa! - saudou o conde.

Sem obter resposta, ele acrescentou:

— Preciso lhe falar de um assunto muito importante. Você tem tempo para ouvir-me?

— E claro, se o assunto é “importante” - fez Taíssa, acentuando a palavra “importante”. -Talvez o dinheiro que eu lhe tenha dado não seja suficiente para apagar o passado de sua nova esposa?

O conde enrubesceu. Seu olhar irado deslizou frio e hostil pela figura da jovem.

— Não vim falar de questões financeiras, mas do meu casamento. Não quero saber como você descobriu o que eu julgava ainda inoportuno participar-lhe; mas deixe-me preveni-la: você não tem direito de enlamear uma criatura inocente. O passado da minha esposa não precisa ser dourado e o dinheiro que você me deu eu posso devolver agora, pois está intacto.

— O que eu dou, nunca pego de volta. Tanto o passado, como o presente e o futuro de sua nova esposa pouco me importam e podemos esquecer do assunto — concluiu Taíssa com expressão de evidente desprezo.

Por alguns instantes reinou o silêncio. Com uma indiferença gélida, a moça prosseguiu:

— Tenho uma notícia que deverá deixá-lo muito feliz, libertando-o definitivamente de todas as obrigações quanto a mim: logo me casarei com o príncipe Ardagan. Após a cerimônia, iremos a Rodenberg. Cedendo ao desejo do meu noivo, avesso ao barulho que poderia ser causado por uma ruptura total de nosso relacionamento, eu concordei que a sua esposa vá ao meu casamento. Aproveitando essa oportunidade impar, você poderá

introduzi-la na sociedade, sem criar conversas indesejáveis. Se você quiser deixar para si e para a sua família os apartamentos que atualmente ocupa, não tenho nada contra. A porta para o corredor que une os nossos aposentos pode ser trancada para sempre. Que não digam que sua filha é intratável! Aliás, se você se sentir constrangido nesta casa, não vou segurá-lo.

O conde compreendeu pelo olhar sombrio e hostil da filha que, apesar de ter se preservado uma certa cortesia, entre eles ocorrera uma ruptura definitiva e que Taíssa jamais lhe perdoaria as ofensas à memória de sua mãe. Tal desfecho de suas aventuras era-lhe extremamente desagradável já sob o aspecto da simples questão monetária. Assim, por exemplo, só a parte da casa ocupada por ele, constituía-lhe uma economia de quatro mil rublos por ano. Continuar vivendo em um clima de inimizade era desagradável; mudar - ele não tinha a menor intenção.

Depois de dizer que ele só queria salvar as aparências da decência social, o conde observou a contragosto, ainda que sem ódio:

— O tom com que você me trata é tanto estranho como indigno. Você se põe na qualidade de árbitro de uma união que eu tenho direito de concluir, a qual você deveria tratar com mais tolerância. Fiquei solteiro por doze anos, carregando o luto em memória de sua mãe. Por fim, o meu coração..

— Luto em memória da minha mãe?! - interrompeu Taíssa, rindo com sarcasmo.

Ela queria dizer: “Velando sua memória nos braços dc mulheres depravadas, em todos os cabarés!” Mas conteve-se a tempo e propôs:

— Não vamos falar desse luto! Acredite, eu nunca tive intenção de exigir-lhe que você a chorasse por mais tempo.

— Você nada tem com isso. Quanto ao seu comportamento comigo, considero-o indigno! - gritou o conde enfurecido.

— Nesse caso, você exige muito. Fiz muitas concessões para preservar a honra da família, contudo não pretendo representar uma comédia, prodigalizando-lhe meiguice filial depois do acontecido, ou tratar por “querida mamãe” a aventureira que você galardoou com o título de condessa Argunova. Bem, está chegando o meu noivo! Acho que foi dito tudo.

— Oh, claro! E dito de forma bem clara — gritou, fora de si, o conde. - Creio que você poderá prescindir até da minha bênção de pai, da minha ida ao casamento e de tudo o mais. Fique com o seu noivo! Hoje mesmo deixarei esta casa...

A fúria não o deixou prosseguir.

Pálida e com o olhar flamejante, Taíssa deu um passo em sua direção.

— Não tenho pretensões ao seu amor paternal, que nunca tive, mas exijo que aos olhos dos outros o senhor desempenhe o papel de pai até a data do meu matrimônio. Eu fiz uma concessão bem maior aos preconceitos mundanos ao concordar que uma mulher de passado obscuro, com quem o senhor fez questão de se casar, comparecesse ao meu casamento como uma igual.

A chegada do conde interrompeu a tempo aquela altercação. Como Leonid Dmitrievitch parecia não ter percebido aquela atmosfera carregada, seu amor e a felicidade a brilharem nos olhos obrigaram Taíssa a acalmar-se e recompor-se; o conde também teve tempo de se dominar. Ele tocou a campainha e pediu que servissem o desjejum. Em seguida, fingindo satisfação, ele convidou os seus queridos filhos para irem ao refeitório. Apenas esquecera de felicitar o seu futuro genro, pois, oficialmente, ele o via depois do noivado pela primeira vez.

O desjejum transcorreu bastante silencioso. O conde, a custo, continha o ódio que tempestuava em sua alma. Apesar de todos os seus esforços, a conversa interrompia-se a toda hora. Taíssa comia

calada; somente o príncipe parecia estar com o melhor dos humores.

Após o desjejum, o conde retirou-se sob o pretexto de precisar conversar seriamente com o seu procurador de negócios; os noivos passaram à pequena sala de estar. O príncipe fez a jovem sentar-se no sofá, beijou-lhe a mão e disse em tom meigo:

— Estou vendo que a explicação não foi fácil. Mas, minha querida, não é sensato ficar nervosa com algo que não se pode consertar.

— Não consegui dominar a minha indignação. Imagine só que o meu preclaro pai teve a ousadia de se ofender por eu não ter acolhido bem seu casamento secreto e não ter demonstrado minha simpatia por sua misteriosa consorte, que ele, sem dúvida, achou em Salpêtrière{21}. Ele chegou ao ponto de ameaçar ir embora desta casa. Eu tive de fazê-lo entender que simplesmente toleraria a presença da aventureira, e que ele deveria representar o papel de pai nesta casa até que eu me casasse.

As faces de Taíssa ardiam; suas finas narinas tremiam de fúria.

O príncipe tentou acalmá-la com palavras meigas; depois ajuntou:

— Desaprovo a atitude de seu pai, já que antes ele deveria acertar o seu próprio futuro, Taíssa. O que mais me surpreende no conde é que, pelo que me consta, ele não queria casar-se de novo; ele se escusava de todas as formas para não assumir qualquer compromisso com mulheres ricas. Sem dúvida, ele foi dominado por uma paixão intensa; isso é humano e deve ser levado em conta. Só o fato de ter escondido essa união é uma prova de que ele tinha consciência de não estar agindo corretamente, receando ofendê-la ou magoá-la. É preciso ser justa e tolerante, minha querida Taíssa, e, antes de tudo, tentar saber o que aconteceu. Talvez essa mulher não seja tão má como a senhora supõe.

— Ah, não tente justificar essa aventureira que enredou um velho!

O príncipe desfechou uma gargalhada.

— Adrian Petrovitch só *é* velho aos nossos olhos, cara Taíssa; para todos os demais, ele é um homem bem conservado, na flor da idade, que pode ainda vir a ser amado. Quanto à sua esposa, ele me disse que ela tem dezoito anos e é bem educada. Por isso não creio que ela seja uma aventureira, nem tão pervertida como a senhora a julga. Aliás, a senhora não depende em nada dela. Se ela conseguir dar juízo a Adrian Petrovitch e fazê-lo gostar de uma vida no lar - tanto melhor!

— Nem tanto! E pouco provável coroar-se de êxito uma tentativa em que minha mãe pereceu — observou Taíssa, suspirando.

XIII

O tempo que adveio a seguir transcorreu animadamente. Sem que o desejasse, Taíssa teve de conhecer a parentada de seu futuro marido. Uma vez que muitas festas eram realizadas em homenagem ao noivado, o conde, por sua vez, fazia grandes recepções. Suas relações com a filha continuavam tensas; mas, por todos os lugares em que se exigia o bom-tom, ele a tratava bem e, nas recepções, fazia o papel de anfitrião com a empáfia inerente a ele. O relacionamento de Taíssa com seu noivo tornava-se cada vez mais terno e confiante.

O príncipe tentava agradar sinceramente à jovem e ganhar a sua confiança. Ele passava com ela dias inteiros, tocava piano e cantava o quanto ela desejasse, e parecia adivinhar todos os seus anseios.

Justiça seja feita, tudo lhe custava menos esforços do que ele imaginava. A personalidade encantadora de Taíssa, sua mente desenvolvida e aquele encanto que irradiava de sua candura virginal, agiam positivamente sobre os nervos cansados de Leonid Dmitrievitch. Ele se sentia bem naquela atmosfera de paz e harmonia e nutria por sua encantadora noiva uma afeiçao mais profunda e mais sincera, do que as paixões tempestivas que até então excitavam o seu coração inconstante.

Algumas semanas antes do casamento, quando eles estavam a sós, Taíssa pediu ao noivo para dizer-lhe abertamente sobre a situação de suas finanças.

— Não pense, Leonid, que quero lhe pedir um relatório de seu passado ou julgar suas loucuras cometidas antes do nosso noivado. Absolutamente! Eu quero que o passado seja totalmente riscado, antes de iniciarmos uma vida nova - acrescentou ela, ao notar um intenso rubor, cobrindo-lhe as faces.

— É verdade! Tenho algumas dívidas a serem liquidadas; mas, agora, que tomei juízo, isso será fácil - considerou ele com uma leve hesitação na voz.

— Eu sei. Kira já fez alusão a isso. Eu gostaria de que o senhor sacudisse de si toda a lama que o une ao passado. Peço-lhe falar com o meu procurador amanhã. Ele já está avisado e liquidará todas as suas dívidas, que tanto o preocupam.

O príncipe protestou energicamente, recusando-se a aceitar aquilo. Taíssa insistiu. Finalmente, ela se curvou para ele e, fitando-o nos olhos com um olhar bondoso e apaixonado, murmurou:

— Entre nós não pode haver nem segredos nem falsa vergonha, sugerida pelo orgulho. Na minha opinião, o ouro foi inventado para tirar as pessoas das dificuldades. Assim, vamos usá-lo com esse objetivo. Quando se ama, o resto não tem importância.

O príncipe atraiu-a, então, aos seus braços e aceitou, reconhecido, a ajuda tão generosa.

O jovem sentia-se felicíssimo. Suas dívidas estavam pagas e, diante dele, descortinava-se um porvir desanuviado, prometendo-lhe luxo principesco, do qual ele tanto gostava, e fazia voltar à sua antiga família aquele brilho ao qual ele fazia jus. Por fim, sua esposa, dadivada pelo destino, era tão bela e boa. Tudo isso era uma razão para ele decidir fazê-la o mais feliz possível.

Taíssa anunciou a intenção de passar o verão na vila onde morrera a mãe e não no castelo de Rodenherg. Vérter já se deslocara para lá com intenção de receber os recém—casados, que mais tarde, em agosto, viajariam para o exterior, já que o príncipe, alegando doença, obteve uma licença de seis meses.

Kira Dmitrievna prometeu visitar os jovens cônjuges. O príncipe convidou alguns de seus amigos para o visitarem no desterro, pois gostava de muita companhia.

Na véspera do casamento, veio Rafaela. O conde foi recebê-la na estação e a trouxe para casa. Almoçariam e jantaram sozinhos, uma vez que Taíssa se recusou, categoricamente, a ver a madrasta até o momento de todos irem à igreja. Ademais, ela queria passar os seus últimos dias de vida de solteira em isolamento e orações.

No decorrer do dia, Taíssa ficou ocupada com os últimos preparativos e a supervisão da arrumação das malas. Esta atividade afastou os seus pensamentos de uma estranha inquietação, que, aos poucos, foi tomando conta dela. Ela rezou diante do retrato da mãe, mas a paz não retornava. Ao contrário, jamais sentira tanta angústia e desânimo na vida. Inutilmente tentou se convencer de que era preciso resistir àquele estado nervoso infundável. O futuro lhe descortinava só a felicidade. Ela amava o seu noivo e estava convicta de seu amor.

Ambos eram jovens, cheios de saúde, e tudo na vida lhes sorria. Nada, porém, ajudava: os maus pressentimentos foram assenhoreando-se. A jovem ficava vagando pela casa como uma alma penada.

O pressentimento de uma desgraça pairava sobre ela, sem deixá-la por um momento.

Exausta e com o coração opresso, Taíssa deitou-se para dormir, sem conseguir conciliar o sono. Ela se rcvitou a noite inteira; pensamentos sombrios e sinistros assaltavam na. Só conseguiu adormecer de madrugada, ainda assim, o pesadelo não parou de persegui-la.

Taíssa via-se na sala de estar da vila, onde jazia o corpo da mãe. Subitamente, apareceu uma cobra. Esta rastejou até Taíssa, fitando-a com um olbar paralisante. A jovem sentia os anéis flexíveis do réptil envolverem-na e asfixiarem-na; uma voz trêmula e surda ciciava nesse ínterim:

— Entregue-me tudo que você tem! Não a soltarei enquanto tudo que lhe for caro não me pertencer!

Taíssa sentiu a picada letal cravejar o seu coração e a cobra sugar-lhe a vida; seu corpo foi decompondo-se e tomando o aspecto de uma rede avermelhada que a entrelaçava por todos os lados. Rapidamente, mudando de forma e de cor, a rede assumiu o aspecto de uma nuvem negra, que se precipitou para baixo e a esmagou.

Ao acordar no dia seguinte, Taíssa olhou para o relógio - já era meio-dia. Ela se levantou, sua cabeça estava pesada e algo lhe oprimia o coração. A lembrança do sonho ruim não a largava.

— O que estou sentindo desde ontem não é sinal de coisa boa. São presságios da alma tentando prevenir uma pessoa cega sobre a tempestade que se junta acima de sua cabeça - murmurou ela, afundando-se na poltrona em seu *boudoir,* e lançando um olhar sombrio para o vestido de noiva, sobre o sofá, o véu e grinalda que repousavam na mesa, numa caixa aberta.

Perto de duas horas, passou o seu pai e tentou convencê-la a receber imediatamente a esposa.

— Seria melhor vocês se conhecerem sem testemunhas estranhas. Apresentá-la na igreja seria ridículo e não salvaria as aparências mais elementares — repetia o conde, furioso e ultrajado.

Mas Taíssa estava demasiadamente nervosa e irritada para prontificar-se a atender ao pedido revoltante do pai.

— Pelo amor de Deus, dcixe-me em paz nesse dia tao importante. Não estou com disposição de ver ninguém. Nada tenho a falar com essa mulher e seria melhor nos conhecermos na igreja. Mas, já que o senhor não vê a hora de me causar esse desgosto, leve-a à sala de estar antes de eu ir à igreja, lá nós poderemos trocar mesuras como em qualquer outro lugar - considerou a jovem com irritação palpável. O conde se retirou visivelmente contente por ter alcançado o objetivo.

A cerimônia deveria se realizar às seis horas e, às oito e meia, os recém-casados viajariam para a vila perto de Riga.

Kira Dmitrievna, sendo madrinha de casamento, viera mais cedo para ajudar a vestir a noiva. O aspecto abatido de Taíssa surpreendeu-a.

— O que há com você? Está com péssimo aspecto! - disse ela, beijando a jovem.

— Nem eu sei o que há comigo. Desde ontem estou muito ansiosa e com maus pressentimentos, tanto que não sei, positivamente, o que fazer. Passei a noite tendo pesadelos. Isso tudo não é um bom sinal — ajuntou Taíssa com os olhos cheios de lágrimas.

— Que loucura! São apenas os seus nervos, abalados com muitas emoções. Você é muito sensível!

— E não é para ficar nervosa em um dia desses? - balbuciou ela.

— Sem dúvida, seu nervosismo é bem natural. Nesse dia, decide-se o nosso destino feminino. Se você está nervosa assim, casando com um homem jovem e belo, que a adora e lhe é igual pela descendência, imagine então como eu me senti ao me casar, por necessidade, com um velhaco imundo! - Uma chama sombria fulgiu em seus olhos e sua voz tremia levemente, quando ela prosseguiu: - Depender de alguém que se ama e fácil. Agora, ter de suportar a autoridade de um judeu odioso e esperar até que lhe apraza comprar um vestido ou chapéu — isso *é* difícil! Se eu soubesse que seria assim, preferiría ficar solteira. Você não corre esse risco de humilhação! Criança feliz! E rica e decide tudo sozinha.

— Minha pobre Kira! Como é dura a sua sina! Jamais eu a entendi como agora — disse Taíssa, beijando meigamente sua futura cunhada.

A chegada da camareira e do cabeleireiro pôs um termo àquela conversa. Com o arrebatamento a ela inerente, a baronesa pôs-se a cuidar exclusivamente da toalete da noiva.

Quando a noiva ficou pronta, Kira a examinou com ar de contentamento.

— Você está encantadora; se Leonid Dmitrievitch a vir agora, perderá o último juízo — observou ela alegremente, arrumando as pregas do véu.

De fato, o vestido branco de seda e o longo véu caíam extraordinariamente bem em Taíssa e harmonizavam-se com sua beleza aristocrática.

— Você ainda não viu a sua madrasta? — perguntou Kira, acolchetando ao cinto um buquê de flores.

— Graças a Deus não tive esse prazer! Meu pai, todavia, com a delicadeza que lhe é característica, arrancou de mim, essa manhã, a promessa de conhecer a aventureira antes da ida à igreja. Provavelmente, ela já está na sala — disse Taíssa em tom de desdém.

— Morro de curiosidade em ver a sereia que conseguiu capturar uma raposa tão esperta como Adrian Petrovitch — gracejou Kira Dmitrievna.

— Desse mal não morro! Ela deve ser bem diferente da minha mãe, linda como um anjo.

Nesse instante a camareira anunciou que o chofer já tinha chegado. Taíssa pegou as luvas e, em companhia da baronesa, dirigiu-se à sala de estar, onde já se encontravam alguns parentes, o conde e Rafaela.

A jovem trajava um vestido de cetim de cot verde, matizada de prata, com remates em gaze esverdeada. Um pente, decorado com brilhantes e esmeraldas, prendia os cabelos ruivos. Seu rosto fino, de brancura incrível, estava mais pálido do que de costume; em seus enormes olhos, de pupilas esverdeadas, brilhava uma expressão difícil de ser descrita.

O conde devorava-a com os olhos. Era a primeira vez que ele a via em um vestido de festa, salientando em relevo a sua beleza estonteante.

Ao ver Rafaela, Taíssa e a baronesa estacaram, como que pregadas ao chão. O olhar de Kira Dmitrievna quedou-se maravilhado a tal ponto naquela fada, que nem notou Taíssa estremecer e murmurar involuntariamente:

— Cobra Capela!

A jovem reconheceu o modelo da deusa no quadro de Reshberg. Então, era aquela mulher, pela qual estava apaixonado o pintor e que a considerava sua noiva, mas que se casara com o seu pai. Agora ela entendia a escolha dele. Aquele invólucro sedutor mexia com os sentidos, ainda que, em seu bojo, conseguia-se espreitar uma alma devassa e deteriorada.

Ao ver a filha, o conde aproximou-se rapidamente e, pegando-a pela mão, declarou:

— Permita-me, Taíssa, apresentar-lhe a minha esposa! Se você for equânime, não me condenará por ter casado com ela, malgrado todos os preconceitos e as circunstâncias.

Sem dizer uma palavra, Taíssa deixou-se ser levada até Rafaela. Esta deu alguns passos em sua direção e, com um gesto tímido e suplicante estendeu a mão a Taíssa, murmurando nervosamente:

— Não fique zangada comigo! Que o meu amor por seu pai sirva-lhe de justificativa! Seja minha irmã e protetora nesse grande mundo desconhecido, para onde o destino me atirou! Sou jovem e sozinha. Eu me dirijo ao seu coração. A senhora - dizem — é tão boa e magnânima!

Taíssa levantou os olhos surpresa. Aquelas palavras humildes, aquele seu apelo à magnanimidade, desarmaram-na. Suplicando tolerá-la na qualidade de uma irmã e dando a entender que nem lhe passava pela mente fazer o papel de madrasta, Rafaela agiu com

muito tato e mexeu com a benevolência da jovem. Ao perceber que os olhares de todos estavam pregados curiosos nelas, Taíssa fez uma mesura, beijou Rafaela e respondeu em voz tão baixa quanto possível, para que ninguém mais pudesse ouvir-lhe as palavras:

— Faça do meu pai um homem ajuizado, um bom pai e marido amado, e eu não terei nada contra a senhora! E, sobretudo, seja sempre digna do nome e do título que a senhora carrega!

Em seguida, voltando as costas, ela pegou o buquê estendido pelo chofer, que anunciou estar o noivo já esperando na igreja.

O conde aproximou-se dela, abraçou-a e beijou-a na testa.

— Que Deus a abençoe e lhe dê a felicidade que você tanto merece! — disse emocionado. — Que a alma de sua santa mãe se una à minha bênção nessa hora solene, quando a nossa filha amada dá um passo tão importante em sua vida! Você, minha filha, perdoe-me por tudo e olvide o passado! Não quero me justificar, pois sou um homem cheio de fraquezas.

A menção da mãe fez estremecer o coração de Taíssa e, temporariamente, eliminou o obstáculo que se interpunha entre ela e o pai. Sim, ela era a filha deles e a sua mãe, apesar de tudo, amava o marido! Teria ela o direito de ser mais severa que a falecida?

Os olhos marejados do conde e o palpitar acelerado do coração de Taíssa aplacaram toda a amargura que enchia a sua alma. Ela achou que, da imundície moral que envolvia e sufocava o seu pai, jorrou um dos sentimentos humanos mais puros: o amor paterno, e que aquele arrebatamento redimia muitos de seus erros. A jovem abraçou o pai e o beijou emocionada.

O conde apertou-a nervosamente ao peito. Talvez naquele instante ele sentisse todos os delitos de sua leviandade, com que impelia a filha a uma união, de felicidade duvidosa, com um pândego sem qualquer princípio, causando milhares de sofrimentos àquela idealista pura, fiel ao coração. Talvez este pai indigno tivesse pressentido que, a partir daquele momento, a desafortunada Taíssa

iniciaria uma dura provação e que a maior parte da culpa seria dele. De qualquer modo, seu coração foi premido por um sentimento agudo, jamais antes experimentado, e duas lágrimas cálidas rolaram pela sua barba.

Mas não havia tempo para se entregar àqueles sentimentos. Taíssa foi envolvida em uma capa e, cinco minutos depois, estava acomodada na carruagem, ao lado de Kira.

— Oh, Deus! Agora não me surpreendo como essa ruiva virou a cabeça de seu pai! — exclamou a baronesa, tão logo a carruagem começou a andar. — Em toda a minha vida jamais encontrei uma beleza tão fascinante! Em seus olhos há algo de demoníaco. Ela se parece com a própria medusa. Esperemos, pelo menos, que ela ame o seu pai, pois nenhuma vida familiar ficará intacta se ela resolver virar a cabeça de outros maridos.

Taíssa ouvia distraída. Ela pensava em Hugo. O pobre pintor lora preterido por título e posição brilhante. Ele, com certeza, estava sofrendo muito, pois devia amar intensamente aquela criatura sedutora, que, pessoalmente, não lhe era simpática. Taíssa sentu uma enorme pena daquele jovem digno e simpático.

Quando Rafaela entrou na igreja e ocupou o seu lugar, a cerimônia religiosa já havia começado e os nubentes estavam em pé, empunhando velas acesas. A jovem olhou curiosa para o noivo e estremeceu. Jamais ela vira um homem tão belo e impressionante.

Quanto mais ela olhava para ele, mais acelerava o seu coração. Oh, por que não o encontrara antes?! Do contrário, seu marido seria ele e não aquele pândego de segunda mão, que poderia ser seu pai. E agora, diante de seus olhos, ele se casava com outra, com essa tal de Taíssa, odiada com todas as forças da alma pela sua origem, pelo seu colossal patrimônio e também pelo fato de haver lhe tomado o homem que lhe incutia uma louca paixão.

Nesse minuto, em Rafaela despertou a natureza de sua mãe — a cortesã desavergonhada. Um leve rubor cobriu-lhe as faces sempre pálidas; seus olhos faiscaram.

— Ele há de me pertencer! Eu o quero e saberei arrancá-lo dessa idiota, que não me é rival nem em beleza, nem em inteligência.

Rafaela ficou aguardando, com impaciência febril, o fim da cerimônia, que lhe parecia infindável. Ela queria que o príncipe a visse em todo o esplendor de sua beleza e isso absorvia a tal ponto a sua atenção, que ela nem sequer notava os olhares, ora invejosos, ora surpresos ou admirados, lançados por homens e mulheres a sua volta.

Finalmente terminou. Todos cercaram os recém-casados e começaram os cumprimentos. O conde apresentou à esposa o genro.

Por alguns instantes, os olhos negros do príncipe detiveram-se com admiração indisfarçada sobre Rafaela. Ele curvou-se em mesura e levou aos lábios a mão da jovem. Com esse contato, um arrepio percorreu todos os membros de Rafaela; ela baixou os olhos para ocultar, sob os longos cílios, seu olhar flamejante, que poderia revelar muito cedo os seus sentimentos.

Mas Leonid Dmitrievitch já dera as costas e oferecera a mão à esposa. Esta, cercada pela multidão de convidados, nem notara que o seu marido e a madrasta tinham se conhecido.

Aliás, mesmo que ela tivesse presenciado o encontro, jamais lhe viria à mente desconfiar de Rafaela. Poderia ela intuir naquela jovem criatura aquele mar de cinismo, que, a despeito de seu dever de gratidão ao homem que a tirara da imundície, ansiava em ter por amante o marido da enteada? E tudo quase no momento em que ele jurava diante do altar a sua fidelidade a outra!

Diremos, a título de justificar a probidade do príncipe, que nada disso passou em sua cabeça. Apesar de sua leviandade e libertinagem, frutos da educação e maus exemplos, ele ainda se

encontrava sob os efeitos do êxtase promovido pela cerimônia majestosa, para pensar na sedução da esposa do sogro, ainda que sua beleza o tivesse fascinado. Leonid Dmitrievitch sentia-se muito feliz. O matrimônio com a jovem rica livrava-o para sempre de todas as preocupações materiais, enquanto os encantos e a beleza virginal da consorte, naquele dia, conquistaram definitivamente os seus sentimentos. Assim, ele não via a hora de juntar-se a Tiaissa, não dando a mínima atenção a Rafaela.

As pessoas mais íntimas foram para a casa dos recém-esposados. Ali, todos tomaram champanhe e mais uma vez felicitaram os jovens. Quando o príncipe beijou Taíssa, cedendo aos apelos, Rafaela sentiu-se tomada por um ciúme tão selvagem, que sua respiração sustou e os olhos assumiram aquela expressão que lhe conferia uma estranha semelhança com uma cobra irritada. Por sorte, ninguém a estava observando.

Tão logo os convidados saíram, Rafaela alegou estar com dor de cabeça e foi para o quarto. Ela se sentia descartada. Some-se o fato de que aquela ternura apaixonada, dispensada pelo príncipe à sua jovem esposa, causava-lhe um ciúme furioso, dilícil de ocultar. Taíssa foi ao quarto para trocar o pesado vestido de noiva por um traje de viagem. O príncipe foi também trocar a farda de gala. Enquanto ele se trocava, chegou Adrian Ptrovitch,

— Provavelmente não nos encontraremos antes do inverno - observou o conde. - O senhor viajará para o exterior através de Dinaburgo, sem passar pela capital.

— Devo estar aqui de volta dentro de seis semanas, pois tenho um compromisso inadiável. Já que passarei em Petersburgo cinco ou seis dias, vou visitá-lo em Peterhof{22}.

— Será uma visita bem-vinda. Imagino que você queira refrescar-se da atmosfera das obrigações conjugais e sacudir as correntes de Himeneu - gracejou Adrian Petrovitch, dando uma piscadela,

— Estaremos em plena lua-de-mel! Garanto-lhe que virei a negócios; não tenho a menor intenção de sair me divertindo. Amo sinceramente Taíssa. Ela é uma criatura encantadora e, cada dia que passa, mais me apaixono por ela. Jurei fazê-la feliz no que depender de mim. E por que, diabos, não sermos felizes? Somos jovens, gozamos de boa saúde, o futuro nos sorri; Kira, de qualquer forma, está arrumada e as minhas dívidas estão pagas. Espero não contraí-las mais no futuro, pois já cometí muitas besteiras na vida. É claro, não posso garantir que, de tempos em tempos, não faça pequenas infrações em nosso contrato matrimonial, mas tudo isso é bobagem e, sabe-se lá, quando isso vai acontecer.

— Oh, o inferno está cheio de boas intenções! - debochou o conde.

— O senhor está julgando por si mesmo, incorrigível Adrian Petrovitch. Casado com a bela condessa Rafaela, como pode perder tempo com Labo? Com sua encantadora esposa aqui, não terá mais tempo de pensar em bobagens.

O conde torceu o bigode.

— Agora você entende por que me casei tom Rafaela? Fiz tudo para possuí-la. Há momentos, todavia, que para mim ela *é* um mistério impossível de ser desvendado.

— O senhor está aludindo ao passado da condessa? Chega desses pensamentos soturnos! Até o sol tem manchas. Uma criatura encantadora como ela, tendo atravessado tanta miséria, certamente viveu muitos perigos. A condição atual a resguardará de semelhantes vicissitudes e só tenho de felicitá-lo por essa aquisição.

Depois de o príncipe trocar-se, os homens passaram para a sala de estar, para onde, quase simultaneamente, adentrou Taíssa em seus trajes de viagem. Estava com Kira que, como o conde, queria acompanhá-los até a estação.

A viagem correu sem quaisquer contratempos. A inquietação e os maus pressentimentos de Taíssa desapareceram, cedendo lugar à

serena felicidade. Seu marido era tão meigo e amoroso e cercou-a com tanta atenção, que a jovem praticamente se esqueceu de suas preocupações anteriores. Já descia a noite, quando se aproximaram da vila. Ali vivia e falecera a mãe de Taíssa. A casa estava toda iluminada, desenhando-se em linhas ígneas no fundo escuro do firmamento.

— É a minha fiel Vérter, que nos preparou uma solene recepção - observou a princesa, assomando-se à janela da carruagem. Olhe, Leonid! Aquela janela na ala esquerda, ladeada de lâmpadas, é a janela do quarto de minha mãe. Eu o conservo do jeito que estava, quando era viva. Espero que sua alma vele por nossa felicidade — acrescentou ela, emocionada.

Junto à entrada iluminada, decorada com grinaldas e plantas exóticas, postava-se o administrador, diante dos criados, levando na bandeja os tradicionais pão e sal{23}. Ao lado encontrava-se Verter, empunhando um gigantesco buquê, e o padre do povoado, segurando um ícone, com o qual abençoou os jovens consortes assim que eles saíram da carruagem.

Em um salão espaçoso, foi celebrada uma missa de ação de graças, após a qual toda a criadagem rendeu os seus cumprimentos. Mais tarde, os jovens tomaram o chá e depois jantaram em companhia de Verter e do velho sacerdote, padre Platão, que conhecia Taíssa desde criança, foi seu professor de catequese e pai espiritual. O padre distraiu os presentes, contando diversos episódios da infância da jovem, de modo que o jantar passou animado.

Despedindo-se do padre Platão, Taíssa entregou-lhe uma substanciosa importância para os pobres da paróquia e presenteou-o com um belo crucifixo de ouro.

— Espero que o senhor ainda nos ajude por longo tempo na educação de nossas crianças — declarou em tom prazenteiro o príncipe, apertando a mão do padre.

Na manhã seguinte, Taíssa foi visitar, em companhia do marido, o túmulo da mãe, pois o príncipe ainda não tinha estado lá.

A capela tumular do castelo de Rodenberg era uma construção maciça de forma gótica, aumentada e decorada por um dos últimos proprietários. Ao lado de dois velhos jazigos, já fechados, fora escavado um bonito salão subterrâneo, que podia ser iluminado com lâmpadas. Ali se encontravam sete ou oito mausoléus, entre os quais, pela riqueza de ornamentação e profusão de flores frescas, sobressaíam-se dois: o da baronesa Rodenberg e o da condessa. O mausoléu da condessa Júlia representava um leito de mármore preto, sobre o qual repousava, feito adormecida, uma estátua de mármore branco, obra maravilhosamente trabalhada que, pela semelhança da pose, lembrava o mausoléu da rainha Luísa da Prússia. Durante a sua permanência em Rodenberg, Taíssa vinha diariamente ao túmulo da mãe para orar. Agora, ela e o príncipe vieram depositar, sobre o túmulo, uma coroa de flores.

A partir daquele dia, iniciou-se para os jovens consortes uma vida tranquila e alegre. Eles faziam longos passeios, montados a cavalo, ou de cabriolé; visitavam os vizinhos ou os recepcionavam em casa; as noites eram consagradas à leitura ou à música.

A despeito do esperado, o príncipe se surpreendeu por não ficar entediado. Ele sentia um bem-estar indiscritível naquela vida nova, cheia de conforto e luxo principesco, sem sombra de qualquer preocupação ou ameaças de um credor insistente. Ademais, ele se afeiçoara a Taíssa, arrebatado por um encantamento jamais sentido na intimidade com uma mulher realmente pura e honesta, que o amava e prodigalizava-lhe o amor de forma contida e delicada, o que para ele era uma novidade.

As seis semanas voaram rapidamente, como que em um sonho. Tédio e aversão assaltavam o príncipe só em pensar na necessidade de ir a Petersburgo para resolver um assunto inadiável. No início, ele quis adiar a viagem; depois sugeriu que Taíssa o acompanhasse. Mas a jovem não tinha qualquer intenção de

encontrar a madrasta e ser convidada para pernoitar em Peterhof- o que seria inevitável, uma vez que o pai não perdería a oportunidade para tentar aproximá-la da esposa, buscando estreitar seus laços de amizade — a que Taíssa era avessa. Ela sentia uma antipatia irreprimível por aquela ruiva de olhos verdes, que Reshberg chamava de Cobra Capela.

Por esta razão, Taíssa declinou do convite em acompanhar o príncipe. Pediu-lhe simplesmente para não demorar muito tempo — o que ele prometeu fazer. O príncipe tinha as melhores intenções, pois a tristeza da jovem esposa e as suas lamentações de não poder ir com ele deixaram-no profndarnente sensibilizado.

XIV

O conde com a esposa se instalaram numa bela datcha na parte velha de Peterhof. Como o conde ia diariamente a Petersburgo, Rafaela dispunha de muito tempo livre, porém ela pouco desfrutava de sua liberdade. Só um pensamento, só um sentimento preenchia seu ser - era o príncipe Ardagan, que insuflara na alma de Rafaela uma louca paixão. Esse sentimento descomedido a atingira feito um raio e tomou conta de todo o seu ser, atiçando em sua alma os seus piores instintos, até então dormentes. As circunstâncias faziam-na fingir e fazer de conta que amava o marido; ela era muito habilidosa para representar esse papel. Nas horas de solidão, entretanto, proporcionadas pela ausência do conde, ela arquitetava planos de conquistar o príncipe, cuja vinda à capital se presumia ocorrer no outono. Sua intenção era a de que Taíssa a convidasse junto com o marido para sua casa. Perseguindo tal finalidade, Rafaela ficou amiga de Kira e, durante uma conversa franca, confiou à baronesa estar sofrendo pelo esfriamento das relações entre o pai e a filha, motivado por seu casamento. Ela queria tanto conquistar o coração de Taíssa e reintroduzir a paz e o amor em sua nova família!

Acreditava Kira Dmitrievna nas louváve pretensões de Rafaela e em seu amor à enteada? Possivelmente, nao! Ainda assim, os reais motivos a baronesa ignorava, se bem que intuía que estabelecido um bom relacionamento com *Taíssa,* Rafaela podia solidificar sua posição na sociedade, assegurar para si uma ajuda monetária da enteada e, por fim, ser aceita em todas as recepções que, sem dúvida, seriam dadas na hospitaleira casa do príncipe.

Todos esses motivos, Kira achava bem naturais e, uma vez que Rafaela soube granjear a disposição da baronesa com sua habitual humildade dissimulada e aduladora, esta última pôs-se a cuidar

pessoalmente da aproximação desejada, para o que, no início de suas cartas, ela sempre elogiava os encantos, a bondade e a inteligência da nova condessa.

“Taíssa, você não está agindo correto ao afastar tão rispidamente essa jovem encantadora, de alma e corpo impecáveis. Sua única culpa é ser de origem plebéia. O ato de seu pai é natural e perdoável a todo o homem que venha a conhecer a condessa. Todos estranham que você nutra uma hostilidade implacável por ela. Para pôr um termo a todas essas conversas, você deveria convidar o conde com a esposa para passarem alguns dias no castelo. Tenho certeza de que, se você conhecesse melhor Rafaela, você a amaria.”

Taíssa não gostava de todas aquelas alusões de Kira e suas tentativas de se intrometer em um assunto que não era de sua alçada. Para tentar mostrar seu desagrado às indiscrições de Kira, Taíssa jamais tocou nesse assunto em suas cartas para ela.

A baronesa não falou diretamente para a sua*protegé* dos resultados negativos de suas tentativas, mas Rafaela adivinhava-os por diversos pequenos fatos e seus ciúmes selvagens cm relação a Taíssa aumentavam cada vez mais.

Rafaela jurou que, na primeira oportunidade, ela se vin garia de Taíssa e, como primeiro passo dessa vingança, decidiu roubar o coração de seu marido.

Pode-se imaginar o júbilo de Rafaela quando, em um belo dia, o conde voltou de Petersburgo em companhia do genro, sem a esposa.

Ela mal se conteve em tratar o príncipe com um recato amistoso. Uma intensa alegria transbordava de seu coração, ao ver o homem que queria possuir ardentemente na ausência de sua rival. Exaltando-se por dentro, ouviu o conde contar como o príncipe viera falar com ele no ministério, quando, então, arrancou-lhe a promessa

de almoçar e pernoitar na datcha durante a sua permanência em Petersburgo.

O jantar e a noite passaram animados. Rafaela estava tão amável e feliz, sabia tão bem conferir à conversa um rumo inesperado e original, que Leonid Dmitrievitch ficou fascinado e, no íntimo, congratulava-se por ter aceito o convite do sogro. Sem dúvida, a madrasta era uma mulher encantadora e Taíssa não estava correta ao lhe nutrir prevenções.

Na manhã seguinte, os homens foram para Petersburgo; mas, na hora do almoço, o príncipe voltou sozinho. Logo após sua chegada, veio um telegrama do conde, no qual ele informava estar retido por negócios, retornando só no trem das dez.

Rafaela e o príncipe almoçaram sozinhos. Não estando mais constrangida pela presença do marido, a jovem lançou mão de todo seu coquetismo, suficiente para excitar o interesse daquele pândego que era Leonid Dmitrievitch.

Depois do almoço, saíram para passear e foram ouvir uma banda militar que tocava perto do palácio. Rafaela vestia um traje simples, mas elegante, bem calculado para fazer sobressair, com maior relevo possível, a brancura do seu corpo e a tonalidade ruiva de seus cabelos maravilhosos.

O príncipe rendia-se cada vez mais aos feitiços de sua acompanhante. Por aqueles olhares incendidos toda hora lançados a ele, e por seus cumprimentos, Rafaela sentiu que seus esforços não foram inúteis e que, na alma do príncipe, preservara-se ainda muita coisa do passado, para deixar de não ceder à perfídia.

Ao voltarem para casa, Rafaela colocou um simples vestido de casa, dividiu os cabelos em duas tranças grossas e acolchetou à cintura um buquê de jasmim. Naquele traje airoso e com aquele penteado de menina, ela parecia uma moça de internato em férias; a máscara da inocência, contudo, sendo inusitada, era ainda mais perigosa.

Como eles deveríam esperar pelo conde para a janta e o chá, Rafaela levou sua visita para o terraço e ofereceu-se para lhe cantar algo.

— Não sou tão boa nisso como o senhor e a condessa, mas — segundo alguns — não canto mal canções populares e ciganas.

Realmente, durante a sua carreira artística Rafaela desenvolveu muitos talentos. O palhaço espanhol, com quem ela aprendeu a sua língua, ensinou-a a cantar, tocando o bandolim. Não raras vezes, mademoiselle Capela arrancara ruidosos aplausos, cantando no palco e vestida de espanhola. Nos longos meses de miséria e diversas aventuras em Berlim, Rafaela ganhava o pão de cada dia, interpretando cançonetas picantes e árias napolitanas.

Jamais ela cantara com tanta vibração e expressividade diante do numeroso público, como fazia, agora, diante de um único ouvinte deslumbrado, cujo olhar incandescente e respiração ofegante eram a prova de que ele se encontrava sob os seus feitiços poderosos.

Sim, de fato, de todo o seu ser parecia emanar um encanto diabólico. As melodias interpretadas respiravam de paixão oriental e algo inflamável e inebriante, feito haxixe, agia sobre os sentidos e os nervos. A própria Rafaela parecia ter se transformado. As faces habitualmente pálidas ficaram tosadas; os olhos esverdeados lançavam chamas, enquanto as madeixas acobreadas, qual uma auréola, emolduravam sua cabeça. Naquele momento, ela encarnava a própria luxúria. Inebriado, ele foi-se inclinando em sua direção, devorando-a com os olhos, quando, de chofre, uma voz alegre exclamou: “Bravo! Bravo”! - quebrando o encantamento.

O príncipe estremeceu e endireitou-se. Rafaela interrompeu imediatamente o canto, como que despertada de um sonho, e o seu olhar, cheio de ódio, escorreu em direção ao insolente que ousara aparecer inoportunamente.

Mas o conde nada viu e nada notou, continuando a gritar alto “bravo” e a bater palmas. Em seguida, deu um beijo na esposa e no

príncipe e ordenou que servissem o jantar, o mais rápido possível, pois estava faminto feito lobo.

— Não *é* verdade, Leonid Dmitrievitch, que a minha esposa canta muito bem? — perguntou o conde, que estava no melhor de seus humores.

Ele se sentou no sofá ao lado de Rafaela; esta, com uma graciosidade lânguida, deitou a cabecinha em seu ombro.

— Fascinante! Não sei como agradecer à condessa pelo que fez.

— Bajulador! - fez Rafaela, sorrindo e levantando-se do sofá, pois, nesse instante, anunciaram que o jantar estava servido.

Após jantarem, todos foram conversar no terraço; a jovem condessa estava calada, parecia cansada e queixou-se de dor de cabeça.

— De novo essa lua cheia me deixa irritada e doente — disse, olhando para o planeta noturno, que, como um disco de prata, brilhava no firmamento escuro.

Pouco depois, Rafaela despediu-se e foi embora.

— O luar afeta a condessa? - perguntou o príncipe.

— Infelizmente, sim! Ela é sonâmbula. Justamente por causa dessa circunstância foi que eu a conheci. Hoje eu vivo sobressaltado, com medo que ela trepe no telhado, pois, desde o nosso casamento, essas crises se repetiram por duas vezes. Felizmente eu estava por perto; a criadagem está avisada de não tocar nem chamá-la, caso ela saia em incursões aéreas.

— Interessante como a moléstia dela propiciou-lhe conhecê-la! - considerou o príncipe.

Ele ardia de vontade de saber mais sobre o passado de Rafaela e como ela viera a conhecer o conde — circunstâncias que, tanto o conde como a sua esposa, obstinavam-se a não revelar, sem falar

de Kira, que, malgrado suas tentativas, também não conseguiu descobrir.

— Sim, eu a vi casualmente em uma de suas crises de sonambulismo. Meu Deus! Como ela estava divina! Aliás, a minha Rafaela é perigosa mesmo em vigília. Ela é fogo que incendeia o coração de qualquer homem; não aquele peixe morto de Taíssa. Você, como um especialista, há de concordar comigo.

O príncipe nada respondeu. Ele ainda se encontrava sob o efeito daquela noite e sentia em relação ao conde algo como inveja. Por fim, alegando cansaço, o príncipe também se retirou.

A datcha ocupada pelo conde era construída em estilo italiano, com numerosos terraços e uma balaustrada que se estendia ao longo do prédio e onde, em alguns pontos, abriam-se balcões. A casa se encontrava sobre um elevado alicerce, de modo que a balaustrada ficava bastante acima do chão.

O príncipe ocupava dois quartos no segundo andar, um rios quais dava para o balcão.

Já que ele não tinha a menor intenção de dormir e a noite estava maravilhosa, escancarou a porta do balcão, acendeu um cigarro e, ao sentar na balaustrada, começou a relembrar o dia. Seria desnecessário dizer que todos os seus pensamenios estavam concentrados em Rafaela. A lembrança dos estranhos olhares incendidos que o fitavam com as pupilas esverdeadas, quando ela interpretava as canções ciganas, provocantes e lascivas, perseguia-o, fazendo o seu coração acelerar e borbulhar o sangue. Ao mesmo tempo, ele se esforçava em penetrar no mistério que envolvia aquela criatura fascinante. Do jeito que ela cantava, não poderia ter aprendido aquilo nem em um conservatório, nem em restaurantes de hotéis. Aquele frenesi tresloucado e lascivo, com que respirava cada nota de sua canção, lembrava-lhe as cantoras de rua ou de cafés, vistas no exterior.

De súbito, ele estremeceu, esquecendo de suas indagações. Seu olhar pensativamente errante pelo jardim ficou repentinamente pregado em uma figura de branco, que parecia estar deslizando pela balaustrada a se estender ao longo da fachada em frente, onde, pelo que lhe constava, eram os aposentos do conde.

— Meu Deus! E Rafaela em sua crise de sonambulismo! — balbuciou ele, inclinando-se avidamente para a frente, para não perder de vista a figura de branco que se movia em passadas lentas e automáticas. Se ela prosseguisse por aquele caminho, passaria por ele.

Eis que, ao sair da sombra dos arbustos, o luar iluminou-lhe o espectro fantástico. Rafaela vestia apenas uma longa e larga camisola de seda de gola aberta, orlada de rendas. A camisola era fechada por uma fivela de brilhantes, fulgindo estranhamente entre os vagalhões de rendas. Os cabelos soltos envolviam a jovem qual uma capa dourada.

Com os braços estendidos para a frente e os olhos cerrados, Rafaela aproximava-se do príncipe; este mal ousava respirar, devorando-a com os olhos. Um calor percorreu as veias do jovem; ele foi dominado pela vontade de agarrar e apertar aquela criatura espectral, que parecia urdida de ar e luz, e beijar seus purpúreos lábios semi-abertos a sorrirem, como se o olhar interior da sonâmbula contemplasse uma visão alegre e lasciva.

Eis a jovem emparelhada com o príncipe e suas madeixas ruivas tocando as mãos do homem. Cedendo ao impulso irresistível, ele abraçou-a incitado, ergueu-a feito uma criança e murmurou em voz baixa e lânguida:

— Rafaela!

A jovem estremeceu, abriu os olhos e pregou um olhar surpreso no príncipe inclinado. Não obstante, ela não esboçou qualquer movimento, permanecendo calmamente em seus braços, como se o estado de sonambulismo ainda lhe paralisasse os membros.

Súbito, ela se endireitou e uma labareda de paixão fulgiu em seus olhos.

— Eu o amo! Faça com que nós possamos ir à sua casa, onde nos veremos com mais frequência - ciciou, com a voz trêmula.

Cingindo o pescoço do príncipe com os braços, beijou-o ardentemente nos lábios. Ligeira e ágil feito lagartixa, ela trepou sobre a balaustrada, saltou para o jardim e, tal qual um espectro, sumiu na sombra das árvores.

Leonid Dmitrievitch permanecia em pé como que atordoado. Seu coração batia forte; o sangue fervia nas veias. Apesar de sua despretensão, o rápido e inesperado triunfo sobre o sogro lisonjeava-lhe o amor-próprio, e a perspectiva de um caso com mulher tão encantadora inebriava seus sentidos.

O príncipe simplesmente não compreendia toda a imundície de tal relação. A decadência dos costumes, aliada ao cinismo, atrofiou a tal ponto qualquer senso moral ou princípio de dever e honra na alma daquele homem — não de todo mau —, a quem o duplo adultério a ser perpetrado lhe parecia sem importância — uma distração passageira imperdível, já que lhe caíra do céu.

Assim, sem a menor dor de consciência, Leonid Dmitrievitch pôs-se a arquitetar um plano que fizesse Taíssa convidar o seu pai com a esposa, cuja visita lhe acenava muitos deleites. Indubitavelmente, ele haveria de ter muita paciência e habilidade para vencer a resistência da princesa, mas ela era tão boa e o amava tanto, que acabaria por ceder.

No dia seguinte, Rafaela não saiu para o desjejum, alegando uma forte enxaqueca. O príncipe pediu ao conde transmitir à condessa os seus respeitos. Ele viajaria para casa no dia seguinte e tinha ainda muitos assuntos para resolver, de maneira que não voltaria mais para Peterhof. Nesse dia, Leonid Dmitrievitch almoçou na casa da irmã. Após o almoço, eles se retiraram ao gabinete da baronesa

para conversarem. Enoch Danilovitch recebia a visita de alguns de seus correligionários.

Kira informou-se do irmão sobre sua vida conjugal; o príncipe assegurou-lhe estar muito feliz, afeiçoando-se cada vez mais a Taíssa, devido ao seu caráter dócil e encantador, à sua mente evoluída e coração amoroso. Mudando habilmente o rumo da conversa para Rafaela, ele perguntou à irmã se ela conhecia algo de seu passado, de como o conde veio a conhecê-la e qual era a sua opinião geral sobre a condessa, uma pessoa totalmente incógnita.

— Sei muito pouco. Da mesma forma como ela sabe se esquivar de respostas diretas, sabe também se adaptar às novas condições de vida. Tenho certeza, Leonid, que o enigma que a cerca esconde uma existência de mil aventuras e uma origem bem humilde, talvez vergonhosa. Ela contou-me ser uma órfã. Ela atribui seu conhecimento de muitas línguas a diversas viagens para o exterior com um velho parente enfermo, mas essas explicações não dizem absolutamente nada, senão que a tornam ainda mais suspeita. Ela *é* demasiadamente experiente para a sua idade. Com sensatez que me deixa impressionada, consegue manter à distância decente muitos de seus adoradores atrevidos e, com isso, ela granjeou a completa confiança de Adrian Petrovitch. Ao mesmo tempo, revela uma incrível tolerância com o marido, que tem cometido alguns pecados, já que o conde é incorrigível. Posso dizer que Rafaela é uma mulher notável. Na minha opinião, ela merece felicidade e sua origem deve ser esquecida e perdoada.

— Eu compartilho de sua opinião e sinto sinceramente por Taíssa ser tão intransigente, a ponto de não querer nem ouvir falar sobre qualquer aproximação - lamentou-se o príncipe, com vistas a conseguir uma aliada inconsciente, para uma pequena intriga cujos objetivos ele não queria confessar.

O príncipe equivocava-se redondamente, imaginando que Rafaela, como a maioria esmagadora de outras mulheres,

desempenharia um papel passageiro em sua vida. Pelo contrário, aquela criatura astuta e enérgica, em cuja alma ele desencadeou uma paixão tão violenta, sonhava em tê-lo por muito tempo, senão para sempre.

Com que expedientes astuciosos alcançaria esse objetivo, aparentemente difícil, ela ainda não sabia; mas, com a persistência de uma índole despudorada, certamente lograria os intentos, tirando de Taíssa o que possuía: o marido e até os bens. Rafaela intuía a necessidade de ser rica para usufruir a posse do príncipe e nem por um minuto duvidava de que um acaso viria ajudá-la em seus propósitos.

Ao voltar para casa e, novamente, rendendo-se à influência pura e harmônica do amor de Taíssa, o príncipe arrefeceu-se de seu abrasamento por Rafaela. Ele se sentia extraordinariamente bem no ambiente rico e tranqüilo, sem que alguém lhe perturbasse a dignidade principesca. As numerosas humilhações sofridas por parte dos credores, rudes e ávidos, e as milhares de ofensas ao seu orgulho ainda estavam frescas em sua memória, de modo que ele nutria uma profunda gratidão à sua jovem esposa que o livrara para sempre de todas as pequenas preocupações e restituíra o devido brilho à sua ilustre nobreza.

O príncipe era assaz equânime e crédulo para não reconhecer o quanto a Providência lhe fora sorridente, pois o seu casamento não fora um compromisso tão vexatório como a união de Kira, que, por necessidade, a despeito dos preconceitos e com relutância compreensiva, entregou-se àquele judeu nojento.

O príncipe se perguntava por que Rafaela não amava o conde, ainda bastante belo para fruir do amor de uma mulher? No entanto, essa mulher infame, antes sequiosa por um partido semelhante, era-lhe indiferente e tão ingrata ou devassa, que logo no primeiros encontros se inflamou de paixão por outro.

Por mais que fosse lisonjeiro para o amor-próprio do príncipe aquela conquista, ela o surpreendia e ele começou a suspeitar de

que o sonambulismo de Rafaela, conduzindo-a sempre muito a propósito ao homem desejado, só poderia ser uma farsa.

Com base em todas essas considerações, o príncipe não insistiu para que Taíssa convidasse o seu pai; ele falava muito pouco de Rafaela e só superficíalmente mencionou sua ida a Peterhof. Apenas uma vez, quando Taíssa se referiu à condessa por ela ter provavelmente enfeitiçado Kira, pois, em todas as suas cartas, esta insistia para que convidasse Rafaela, o príncipe observou:

— Talvez a minha irmã tenha razão, querida. O fato de convidar a nada obriga e seria uma mera atenção a seu pai. Não há nada de mais em que a condessa passe aqui duas semanas, pois, pelo que sei, ela se comporta bem e as suas maneiras são bastante decentes; a própria Kira sustenta que nada há que desabone Rafaela.

Apesar de todos os argumentos e persuasões da cunhada, Taíssa permanecia surda e inflexível. Só de pensar em convidar a madrasta e ter de aguentar a sua presença sob o mesmo teto sentia uma aversão insuportável.

Mas o destino não estava do lado de Taíssa. Certa tarde, ela soube pelo pai que na datcha houve um incêndio, causando tantos danos, que ele era obrigado a mudar-se para a cidade.

As causas do incêndio permaneciam inexplicadas. Se fora uma vela esquecida na toalete, ou se alguém jogou um fósforo aceso — ninguém sabia de nada; o fogo pegou as rendas que decoravam a toalete e, em seguida, as chamas tomaram conta de outros quartos.

Depois desse episódio, Taíssa julgou por bem convidar o pai para descansar em sua casa por duas ou três semanas. A contragosto, ela lhe escreveu uma carta convidando-o. O conde respondeu com um telegrama dizendo aceitar prazerosamente o convite e prometendo vir com a esposa dali a oito ou dez dias. No dia seguinte ao recebimento do telegrama, Taíssa saiu com o marido para andai a cavalo e, casualmente, foram parar perto da casa onde

vivia o velho Kunrad. Quando eles iam passando pela rua emoldurada por casinholas pobres, um homem sentado num banco levantou-se e fez uma mesura respeitosa. A jovem, surpresa, reconheceu nele Hugo Reshberg.

Taíssa parou imediatamente o cavalo e estendeu amistosamente a mão ao jovem pintor. Perguntado pelo príncipe de como ele foi parar naquele ninho de coruja, Hugo respondeu que a sua mãe estava muito doente e ele viera visitá-la.

— E onde o senhor está morando? — interessou-se a princesa.

— Aqui, na casa da minha mãe - respondeu Hugo.

— Se sua mãe ficar melhor, passe alguns dias em nossa casa. Tenho certeza de que a princesa terá muito prazer em recebê-lo. Ela está profundamente agradecida por suas aulas; por minha vez, eu gostaria de lhe encomendar um trabalho disse Leonid Dmitrievitch.

Hugo corou, agradeceu e desculpou-se por não ter ainda entregue os quadros que lhe encomendara a princesa no outono passado. Ele explicou que a conclusão dos quadros foi atrapalhada por diversas circunstâncias e afazeres com a exposição do seu quadro da “Vestal”.

— Justamente, eu gostaria de lhe pedir para fazer uma cópia da “Vestal”. Minha querida Taíssa saiu tão bem no quadro! - disse o príncipe. - Vá amanhã almoçar lá em casa e nós discutiremos os detalhes. Quero mostrar-lhe também uma velha moldura de prata que gostaria de aproveitar para que o senhor pinte o nosso retrato, que pretendo dar de presente para Kira - concluiu o príncipe, estendendo a mão ao pintor.

Hugo agradeceu e prometeu ir. Amargura e tristeza oprimiam-lhe o coração, mas ele não tinha algum motivo justificável para declinar daquele convite amável.

No dia seguinte, Hugo encontrou Taíssa sozinha no terraço. O príncipe saíra em visita e ainda não retornara.

Após trocarem algumas frases sem importância, em que a jovem o certificava de sua vontade de tê-lo por convidado, dando-lhe à disposição uma bela oficina isolada, onde ele podia trabalhar sem ser incomodado, Taíssa ajuntou:

— Estou feliz em poder conversar com o senhor sem testemunhas, pois quero participar-lhe uma circunstância talvez muito desagradável. O senhor sabe que sua ex-noiva, chamada pelo senhor de Cobra Capela, casou-se com o meu pai? Ambos virão logo para cá. Responda-me sinceramente se esse encontro não lhe será muito desagradável? Certifico-o de que tanto o meu marido como o meu pai nada conhecem de seu antigo relacionamento com ela.

— Agradeço-lhe, princesa, por seu aviso atencioso, mas não temo um encontro com a condessa Argunova. É verdade, eu, como artista, fiquei algum tempo seduzido por sua beleza e, movido por este sentimento e pela pena que me inspirava aquela jovem solitária, devido à sua profissão sujeita a toda sorte de vicissitudes, pedi-a em casamento. Naquele tempo, ao que tudo indica, o caso de Rafaela com o conde ainda não estava bem definido, já que aceitou a minha proposta. Mais tarde, ela idealizou toda uma história para ocultar sua viagem para o exterior, onde - como eu soube logo depois — se casou com o conde. Esse ato de hipocrisia deixou-me enojado e meus sentimentos em relação a ela logo arrefeceram. Hoje reconheço ter cedido impensadamente àquele arrebatamento dos sentimentos e sei que, por objeto de um amor sincero e duradouro, necessita-se algo mais puro e ideal, do que essa perigosa Circe{24} por quem agora sinto indiferença.

— O senhor tem razão! Ela é jovem e tão hipócrita! Está claro que ela tudo sacrificou só para se tornar uma condessa. Mas diga-me, por favor, quem é ela? Um mistério estranho envolve a sua origem e, nesses casos, normalmcntc o enigma esconde algo podre.

— Conheço muito pouco sobre a origem da condessa - alegou o pintor. — Ela me contou que era órfã e não linha lembranças da

infância: os detalhes de sua vida me são desconhecidos. Naquele tempo, eu de nada desconfiava. Conheci-a por intermédio de um amigo pintor, que a recomendou como modelo.

Só por pena e amor a Taíssa, Hugo afirmava nada saber do passado de Rafaela. Sua língua travava-se em pronunciar à mulher orgulhosa: “Seu pai deu-lhe por madrasta uma ex-acrobata e dançarina do cabo, de passado obscuro e agitado. Para culminar o ultraje, ele casou-se com a filha de sua ex-amante, aquela que foi a causa da morte de sua mãe”.

Não, era melhor que ela não soubesse isso!

A chegada do príncipe pôs um termo àquela conversação. Com um misto de tristeza e ciúme, Hugo observava o quanto, aparentemente, Taíssa amava o marido. Pobre criança! Ela não sabia que ele se casara por sua riqueza. Felizmente, ela não sabia da conversa de seu digníssimo pai com o não menos digníssimo marido, e que Hugo, casualmente, testemunhara à noite, na primeira visita do príncipe ao castelo de Rodenberg.

Todavia, desde o dia em que Hugo se instalou na datcha, sua prevenção contra o príncipe diminuiu drasticamente. Este último, não vendo no pintor um rival, prodigalizou-lhe suas amabilidades. A simplicidade do príncipe, despojado de orgulho, seu gosto pela arte séria, conquistaram a simpatia do pintor. Ademais, o príncipe era bom e carinhoso com Taíssa, que parecia feliz, de modo que Hugo se convenceu de que a bondade da jovem, aliada à sua beleza, subjugaram o coração do consorte leviano.

Na realidade, Leonid Dmitrievitch convidou o pintor com segundas intenções. A vinda aguardada de Rafaela reavivou a lembrança do seu beijo inebriante e de sua beleza sedutora. Era claro para ele que, com o seu temperamento voluptuoso revelado durante a incursão noturna, ela renovaria a sua investida e uma relação passageira com ela seria inevitável. Aliás, o príncipe nem sequer pensava em deixar escapar essa oportunidade, pois, para ele, isso seria tolice. Tampouco queria se indispor com a sua esposa e,

assim, achou por bem assegurar-lhe um entretenimento agradável. Taíssa adorava a pintura e gostava de conversar com Reshberg. E como, além de tudo isso, Kira também queria vir, Taíssa ficaria bastante ocupada para dar-lhe atenção, ainda mais por não ter a menor suspeita de nada.

XV

O tempo corria alegre. Taíssa se preparava para receber as visitas. Diariamente, todos passeavam juntos. O príncipe continuou a tratar o pintor como a um velho amigo e o levava em seus passeios, deforma que o jovem não encontrava tempo suficiente para terminar os quadros de Taíssa, encomendados um ano antes.

Certa manhã, uma semana depois da chegada do pintor, chegou um telegrama anunciando que o conde viria no trem das cinco.

Aguardando pelos convidados, o príncipe, sua esposa e Hugo ficaram sentados no terraço. Quando a carruagem dobrou a alameda, Taíssa sentiu-se novamente tomada pela mesma angústia e inquietação que a atormentaram antes do casamento. Parecia-lhe que aquela carruagem trazia para sua casa o próprio infortúnio, cujo bafejar só ela percebia.

Quando a carruagem parou junto à entrada, o rosto de Taíssa, rosado e viçoso, tornou-se pálido; seu olhar enuviado deteve-se em Rafaela — positivamente encantadora em seu vestido de viagem, cinza metálico, e chapéu prelo de palha.

O príncipe saiu para receber as visitas. Ele abraçou o sogro e ofereceu a mão a Rafaela. Enquanto eles subiam ao terraço, o conde adiantou-se rápido a todos, abraçou fortemente a filha e sussurrou-lhe no ouvido:

— Obrigado, minha querida! Aprecio-lhe a generosidade e o convite delicado.

Nesse ínterim, ao terraço adentrou Rafaela, encontrando-se de frente com Hugo, que se levantou e lhe fez uma mesura respeitosa. Uma onda de sangue afluiu ao coração da condessa. Um palor

cadavérico cobriu-lhe o rosto; seus olhos esverdeados ficaram negros de nervosismo. Com um esforço terrível, ela se recompôs e inclinou-se em mesura para o pintor, apresentado pelo príncipe como a alguém que lhe era estranho. Duas pessoas, todavia, notaram a sua inquietação: Taíssa, que conhecia os motivos, e Leonid Dmitrievitch, que ficou intrigado.

— Humm! Parece que a condessa conhece Reshberg e não está muito feliz em encontrá-lo aqui - pensou ele. - Seu olhar está severo e hostil; ela parece assustada. A história está tomando um rumo; preciso vigiá-los e, quem sabe, alguns mistérios se desvendem.

Rafaela fez menção de abraçar Taíssa, mas a princesa estendeu a mão com uma reverência tão fria, que excluía qualquer familiaridade.

Após uma breve conversa, Taíssa propôs-se a levar Rafaela aos aposentos que lhe foram destinados, para que esta pudesse trocar o traje; a condessa anuiu com um sorriso amável.

Os quartos compunham-se de um dormitório, um *boudoire* dois banheiros: para ela e o marido. Ao *boudoir,* anexava-se um grande balcão, do qual uma elegante escada levava para o jardim.

Enquanto a camareira lhe preparava um vestido, Rafaela debruçou-se sobre o peitoril da janela.

Diante dela, estendia-se um enorme jardim. Em uma das áreas estava construída uma grande piscina de pedra, no meio da qual parecia brincarem tritão{25} e náiade{26}, golfando porções de água que se decompunham em filetes, brilhando ao sol. Por entre os grupos de árvores, entreviam-se estátuas de mármore branco. Ali, à esquerda, divisavam-se as colunas e a balaustrada de um enorme terraço decorado por plantas exóticas.

Toda essa paisagem parecia à jovem estranhamente familiar. Sim, ela já vira esse terraço com sua enorme escadaria, ladeada por grandes vasos japoneses, assim como aquela estátua de Flora, empunhando um buquê de flores. Mas quando? Rafaela passou a

mão pela testa, tentando reavivar as lembranças. Em um átimo, das profundezas do passado, avolumou-se a casa do avô, onde tivera uma infância abandonada e infeliz. Afluiu-lhe à mente a vinda da mãe com o banqueiro, depois — aquele sonho fugaz de uma época boa: seus ricos vestidos, uma boneca maravilhosa e a governanta.

Oh, agora ela se lembrava de tudo! Justamcnte com aquela governanta, ela viera a essa casa, onde brincou com uma menina de vestido branco, por quem, já naquela época, nutria ódio e inveja violentos. Aquela menina era Taíssa. E ela, a neta de Kunrad, uma reles acrobata, tornou-se agora a madrasta daquela mesma Taíssa, que a recebia na sua própria casa como uma parenta próxima! Espere só! Essa afortunada, cuja riqueza aviltante a irritava, ainda iria pagar caro pela arrogância e frieza com que a tratara.

Um sorriso de orgulho prazenteiro e maldade vagava nos lábios de Rafaela e, diante do seu olhar mental, continuavam a desenrolar-se os quadros evocados do passado.

Subitamente, de suas lembranças assomou-se uma cena terrível. Os gritos e o barulho de louça quebrada chegavam aos seus ouvidos. Ela viu a mãe deitada no chão, toda coberta de listras sangrentas, enquanto um homem se retirava rapidamente, carregando nos braços uma amazona desfalecida.

Rafaela estremeceu e passou pela testa suada a mão levemente trêmula. Oh, Deus! Aquele homem era o conde e o seu atual marido! E, então, ela se havia casado com o ex-amante de sua mãe!

Sua perturbação, aliás, não durou muito. O que ela tinha a ver com aquele episódio desagradável, que não mudava praticamente nada? Ela tinha outras preocupações: algo mais sério e importante do que aquelas bobagens.

Rafaela trocou-se rapidamente, cingiu desleixada seus cabelos ruivos com uma fita azul e desceu à sala de jantar, onde todos a esperavam para se sentarem à mesa.

Quando Rafaela se convenceu de que Hugo continuava a tratá-la com discrição indiferente de uma pessoa estranha e que, aparentemente, ao menos naquela hora, não tinha intenções de revelar sua antiga relação com ela, seu desembaraço restabeleceu-se e ela pôs-se a palrear alegremente, dirigindo-se até para o pintor, como se o visse pela primeira vez.

Taíssa, assistindo a tudo, impressionou-se pela empáfia com que a jovem tratava o homem a quem traíra vergonhosamente.

O conde, exausto pela viagem, recolheu-se cedo; em seguida, despediram-se todos os outros, pois Taíssa não tinha a menor vontade de ficar conversando sozinha com Rafaela. Hugo havia se retirado antes.

O jovem artista estava nervoso e irritado. O encontro com Rafaela embaraçou-o. Ele não a amava mais e, no íntimo, até desprezava aquela criatura pérfida, incapaz de ter um sentimento verdadeiro; mas, aos sentidos do pintor, ela sempre produzia o efeito de um vinlio fino e excitante, atingindo sua cabeça e inebriando-o momentaneamente, .se é que se pode dizer assim.

Nessa noite, ele estava simplesmente abismado. Rafaela já não era uma pobretona qualquer que se contentaria com esmolas. Não! Somente agora, o luxo e a elegância faziam jus à sua beleza demoníaca; quanto ao coquetismo... bem, este era a sua melhor arma! Ela se tornara, de fato, digna de seu perigoso apelido: Cobra Capela.

Hugo ocupava, no piso térreo da casa, dois cômodos: um dormitório e uma oficina contígua ao pequeno terraço, que saía para uma parte isolada do jardim.

A noite estava maravilhosa. A inquietação interior do pintor tirou-lhe a vontade de dormir. Hugo saiu para o terraço, apoiou os cotovelos sobre a balaustrada e se entregou a tal ponto em sua divagações, que não ouviu nem o farífalhar do vestido de seda, nem o crepitar da areia sob as passadas rápidas e leves; ele só

estremeceu e empertigou-se, quando alguém se ajoelhou a seus pés, uma mão quente agarrou-lhe a sua, e uma voz trêmula e abafada sussurrou:

— Hugo! Meu amigo e companheiro de infância! Perdoe-me!

Diante do pintor estava Rafaela de penhoar de seda rosa, orlado de renda. A luz da lâmpada da oficina iluminava o seu pálido rostinho encantador e os olhos esverdeados erguidos em súplica para ele.

— Então é a senhora, madame?! Levante-se, pelo amor de Deus! O que pensarão se a virem nessa pose? — exclamou Hugo, fazendo a jovem levantar-se. - Era seu direito fazer o que quisesse. Nada a atava a mim. Sou eu o responsável por aquela loucura de ter acreditado em seu amor. Eu a entendo e perdoo. Diante da escolha entre um pintor pobre, que poderia olerecer-lhe apenas amor e vontade de trabalhar, e um aristocrata rico, cujo nome a senhora carrega, não se pode hesitar - o último merece um amor bem diferenciado.

Um desdém mal contido soava na voz do pintor; seu olhar era frio e hostil.

— Suas palavras, Hugo, são cruéis. Elas encerram um julgamento severo de meu ato. Você está certo! Eu me deixei seduzir pela riqueza e título. Mas de que insídias eu fui vítima! A senhora Valda, provavelmente subornada pelo conde, não me deixou em paz até eu acabar cedendo.

— Não precisa se afligir por minha causa, condessa! Dou-lhe razão e a perdoo. Desfrute de sua vida, desde que a sua vinda para cá não tenha outros objetivos - não sem ironia observou o jovem pintor.

Rafaela, porém, não percebera o tom.

— Não, Hugo, além de vir pedir o seu perdão, queria suplicar-lhe para não revelar o meu passado a esses aristocratas arrogantes.

Caso contrário, o que será de mim, já que eles mal me conseguem suportar? Oh, jamais imaginei ver tantos espinhos nas rosas que eu sonhara! Por outro lado, eu sei que você é bom e indulgente e não quererá- se vingar do meu ato.

— Acalme-se, Rafaela! Não tenho a menor intenção de me vingar e criar-lhe dissabores nessa casa hospitaleira. Entretanto, devo preveni-la: não deixe chegar aos ouvidos da condessa que a senhora é a filha de Tereza Kunrad, ex-amante de seu atual marido, a causa da morte da condessa Júlia.

Rafaela empalideceu mortalmente. Ela não imaginava que Hugo poderia conhecer aquela circunstância.

— O conde foi amante da minha mãe? — balbuciou.

— Sim, um dos amantes. Aliás, o estilo dela de amor livre, a senhora deve conhecer. Acho bom que essa circunstância jamais seja conhecida por sua nova família.

Rafaela ficou calada e cobriu o rosto com as mãos. Subitamente, ela cingiu com os braços o pescoço — o na face e murmurou:

— Agradeço.

A seguir, feito um espectro, ela desapareceu na alameda escura.

Perturbado, o jovem ficou estático no lugar. Ele ainda sentia na face o contato árduo dos lábios de Rafaela. Seu coração palpitava acelerado. Aquele feitiço que a jovem produzia sobre os seus sentimentos ressuscitou novamente; o amor-próprio sussurrava-lhe que talvez, apesar de tudo, Rafaela o amasse, casando-se com o conde apenas seduzida pelo título e riqueza. Aparentemente, aquela união não lhe proporcionara a felicidade almejada. O desnível social devia ser medonho.

Todas essas reflexões amoleceram o pintor. Sua raiva e desdém esvaneceram, fazendo-o esquecer, perigosamente, de que Rafaela ainda era Cobra.

A partir daquele dia, Rafaela deu início, hábil e insistemtemente, a um jogo duplo, buscando dois objetivos: evitar qualquer desconfiança por parte de Taíssa e provocar os ciúmes do príncipe. Seus flertes com o pintor eram abertos; com o príncipe — furtivamente. No entanto, ela não se deixou ser possuída por qualquer dos dois. Era assaz experiente e cuidadosa para iniciar um caso com Hugo; quanto a Leonid Dmitrievitch, aborrecia-a o fato de ele se esforçar em agradar a esposa ao invés de encetar uma relação com ela. Essa inesperada resistência passiva excitava ainda mais a sua tresloucada paixão pelo príncipe e um ódio mortal por Taíssa, seu principal obstáculo.

Mas os obstáculos incitavam ainda mais a pertinácia de Rafaela. Toda sua astúcia, inteligência e habilidade ardilosa foram postas em ação. Nas longas horas em que a jovem fingia estar lendo, na verdade, ia estudando novos planos, tanto mais que a todos os seus sentimentos foi se acrescentando mais um: a aversão ao conde. Por mais que ele fosse um homem bem conservado, os efeitos da existência tempestuosamente vivida davam-se a conhecer, e o envelhecimento começou a mostrar suas garras. Adrian Petrovitch tornara-se um déspota irritante, cujos caprichos e mau humor entediavam sobremaneira a jovem.

Rafaela jamais amou o conde; pode-se dizer que lhe eram desconhecidos tais sentimentos como “afeição” e “gratidão”. Ela aspirava às paixões, homenagens, luxo desmedido e prazeres, inéditos e empolgantes. Todos esses anseios ficaram reprimidos, enquanto era pobre e da ralé, sem ter experimentado o verdadeiro luxo e as vantagens de uma condição privilegiada. Agora, tudo alcançado, sua simples posse perdera aquela importância. O título de condessa e uma vida honesta e luxuosa já não mais a contentavam. Sua inveja de Taíssa assumia proporções ainda mais violentas, do que a ânsia de possuir as carruagens, o guarda-roupa luxuoso e os títulos. Seu desejo era: tirar da jovem princesa o marido e os enormes bens.

A consecução de seus planos era estorvada pelo conde, que, só por isso, já lhe era odioso. Tornava-se, para Rafaela, cada vez mais difícil cumprir as suas obrigações maritais, pois o amor do conde a repugnava, conquanto os seus caprichos a deixavam irritada. E eis que no cérebro insidioso da jovem começou a amadurecer o desejo de se livrar do conde, uma pessoa que já lhe era inútil. Mas como alcançar tal objetivo? Ela estava totalmente sozinha e, nesse mundo novo, não tinha em quem confiar.

Se o príncipe fosse uma pessoa diferente e sentisse a mesma paixão que ela, ele poderia ajudá-la a se livrar do conde e, depois, de Taíssa, para que a coroa de princesa fosse depositada em sua cabeça ruiva. Mas ele era medroso, incapaz de atos radicais, e vivia rastejando aos pés da esposa.

Em um desses devaneios, lembrou-se de repente de seu avô. Sim, ele poderia ser seu aliado; bastava ser muito cuidadosa e recompensá-lo bem.

No dia seguinte, Rafaela saiu para passear a cavalo em companhia de um cavaleiro. Ela queria achar o caminho mais curto para o povoado. Que o caminho não era longo, disso ela se lembrava, pois fizera o percurso a pé, de casa ao castelo, com a governanta.

A jovem logo chegou ao local onde passara sua triste infância. A visão das velhas casinholas, cobertas de musgo, e grupos de crianças descalças e maltrapilhas brincando na rua poeirenta, despertou-lhe uma série de lembranças e o seu coração se encheu de ódio furioso em relação à mãe e ao avô.

Passando ao lado da casa onde ela viveu e que continuava como antigamente cercada por tábuas de madeira, viu o avô. O velho estava sentado num banco e fumava um cachimbo. Fisicamente, pouco mudara; apenas seus trajes estavam ainda mais surrados e sujos. Kunrad não deu a menor atenção para a elegante amazona que o medira com um olhar frio e perscrutador. Rafaela logo com o primeiro olhar se convenceu de que aquele homem seria um aliado

ideal. Nos olhos esverdeados e piscos do velho agiota fulgia tanta crueldade, misto de astúcia, que não havia qualquer dúvida de que ele não hesitaria diante de nada e saberia orientar a neta em seu primeiro delito.

Após alguns dias, apresentou-se a Rafaela uma bela oportunidade de visitar o velho Kunrad.

O príncipe com a esposa foram para um batismo na propriedade vizinha; Adrian Petrovitch viajou para Riga e prometeu retornar não antes do último trem, enquanto Hugo saiu para visitar um velho pintor amigo. Dessa forma, a jovem se encontrava totalmente sozinha. Quando anoiteceu, Rafaela sob o pretexto de fazer um passeio desceu ao parque. Ela trajava um vestido preto, seus ombros estavam cobertos com uma capa e a cabeça — cingida por um lenço rendado. Tão logo o castelo se perdeu de vista, ela, a passadas largas, dirigiu-se ao portãozinho que dava em uma trilha ao povoado.

À medida que avançava, reconstituía na mente a topografia local e foi cortando o caminho. Depois de cruzar um terreno baldio, contornou as hortas, evitando principalmente a rua, e saiu em frente da casa do avô.

A porta estava fechada. Rafaela tocou a campainha. Ouviu-se o tilintar do velho sino. Logo depois a porta foi aberta por uma velha e esquálida criada, que perguntou surpresa o que a jovem desejava.

— Preciso conversar com o senhor Kunrad. Dê-lhe esta carta - disse a condessa, estendendo à criada um envelope em que havia um cartão com a seguinte inscrição: “Avô, preciso falar-lhe imediatamente. Rafaela”.

Junto à carta, ela adicionou um rublo; a criada, feliz com o regalo imperial, lépida, o tanto quanto lhe permitiam as velhas pernas, correu para atender o pedido da visitante generosa.

Assim que a velha desapareceu no interior da casa, Rafaela foi atrás. Com leveza de gazela, ela galgou a escada semi-escura e

deteve-se na antiga sala de estar de sua mãe. Ali, escarafunchando-se silenciosamente em um canto escuro, começou a espreitar Kunrad através da porta semi-aberta; à luz de uma pequena lâmpada, ele estava sentado diante do jantar, composto de batata fria e um pedaço de arenque. O agiota lia um velho jornal sujo, de edição velha, que comprara no taberneiro.

A criada entregou-lhe a carta e anunciou que era esperado embaixo por uma senhora elegante.

O agiota colocou os óculos e abriu o envelope. Quando leu a mensagem, uma expressão de evidente contrariedade congelou-lhe a tez enrugada: o que quer de mim essa neta, que parece ter caído do céu? Não recebê-la seria uma afronta.

— Diga àquela madame que eu estou esperando aqui — disse ele.

— Não é necessário! Já estou aqui e aceitarei o seu amável convite para conversarmos — interrompeu Ralada, surgiu do no limiar da porta. — E a senhora pode sair! Se precisarmos, será chamada — acrescentou ela, dirigindo-se à criada.

Esta desapareceu de imediato.

Sobreveio o silêncio. Kunrad ao menos tentou disfarçar o aborrecimento que lhe causava ver sua neta. Com o olhar sombrio e desconfiado, ele pôs-se a observar a figura esbelta da jovem, vestida de preto. O que ela queria dele? Com certeza, toda aquela história do brilhante casamento era, como ele já imaginava, uma balela. No mínimo seu amante devia tê-la largado. De jeito nenhum iria permitir que se aproveitassem dele! Ela é bastante bonita e poderia achar um outro amante; só com a aliança, a fulgir-lhe no dedo, ela apuraria um bom dinheiro.

Rafaela, por sua vez, observava a mudança que se processava na fisionomia do velho. Sua falta de afeto pouco lhe importava. Graças a Deus, ela ainda escapou de abraços e do contato com o

seu roupão ensebado. Seu amor por ela havia de despertar, assim que ele soubesse da recompensa que o aguardava.

— Vamos ao seu gabinete! Não quero que a criada nos ouça — propôs Rafaela, após algum silêncio.

Sem dizer nada, Kunrad levantou-se, pegou a lâmpada e dirigiu-se à sua toca no fim do longo corredor.

Ao adentrar o quarto, ele trancou a porta e disse sem quaisquer preâmbulos:

— Pode falar, Rafa! De onde você apareceu e o que quer de mim? Ainda que eu esteja feliz em vê-la bonita e saudável, devo prevenir que a minha pobreza extremada não me permite prestar-lhe qualquer ajuda. Se você não tem aonde ir, posso oferecer-lhe hospitalidade por duas ou três noites e nem pense em mais.

Rafaela soltou uma gargalhada de escárnio.

— Acalme-se, vovô! Não vim para morar em sua casa. Será que não sobrou nada daqueles duzentos rublos pelos quais você me vendeu ao circo de Trembellini? E eu que achava que você os guardaria para mim!

Um olhar mordaz fulgiu sob as densas e grisalhas sobrancelhas do agiota.

— E as dívidas que tive de contrair para manter e educá- la? Isso você não conta? Em onze anos, uma soma tão irrisória acaba rápido. Nada posso fazer por você, já que eu mesmo quase passo fome.

Nesse momento, ele reparou, sob o lenço rendado, um broche com rubis, um pesado bracelete no pulso e dois solitários que decoravam os lóbulos de Rafaela.

— Hi-hi-hi! Que palhaçada! Carrega um verdadeiro patrimônio no corpo e pede ao pobre avô míseros duzentos rublos. Estou vendo, Rafa, que você deu sorte na vida e deve ter um amante rico e

generoso. Você parece estar zangada comigo por eu ter lhe arrumado um lugar no circo; no entanto, essa foi a melhor solução para vencer na vida, principalmente para uma moça tão bonita como você.

— E muita impertinência de sua parte contar com a minha gratidão pela vida de cão a que você me condenou, ao entregar-me à trupe de acrobatas. Você fez da minha infância um verdadeiro inferno e eu recebi mais pancadas do que pão. Mas basta falar do passado! Não vim para contar os meus sofrimentos. De qualquer forma, você não deve estar arrependido do que fez e, se pudesse, vender-me-ia de novo. Vim pedir-lhe um conselho sobre algo muito importante, que exige muita discrição.

— Como você confiaria um segredo a quem julga tão mal? — debochou o velho.

— E porque pagarei pelo seu silêncio e conselho; eu sei que o ouro é uma chave que abre e fecha o seu coração e o discernimento — devolveu Rafaela, acentuando cada palavra.- Assim, não tenho medo de revelar-lhe que me tonei condessa Argunova e estou hospedada no castelo de Rodenberg, na casa da minha enteada, a princesa Ardagan.

— Não acredito! - exclamou Kunrad. - Você se casou com o conde Argunov, ex-amante de sua mãe e pai da pequena Taíssa, que a avó educou no castelo Rodenberg? Você pode ficar orgulhosa de sua sorte, minha querida Rafa. Sua mãe, sem dúvida, a invejaria. Do fundo de minha alma, felicito-a por ter alcançado uma posição tão elevada. Deixe-me admirá-la!

O velho agitou-se pelo quarto, pegou um velho candelabro de bronze e acendeu alguns tocos de vela.

— Pare com isso, vovô! Não tenho tempo para você ficar me admirando. Preciso voltar para casa antes que alguém note a minha ausência. O conde é muito ciumento. Tenho ainda muito a contar-lhe.

— Hi-hi-hi! Como não ter ciúmes dessa Vênus! Mas fale, meu tesouro! Sou todo ouvidos. Seu velho e pobre avô fará tudo para ajudá-la.

Rafaela tirou do bolso um pacote com notas bancárias que o velho Kunrad agarrou avidamente.

Em seguida, explicando ao avô abertamente toda a situação, a jovem acrescentou:

— Adrian não é muito rico. Ademais, ele é um dissipador inveterado. Se ele morrer, pouco me sobrará. Já o príncipe, em caso da morte de Taíssa, herdará uma fortuna. Quero tornar-me uma princesa e ser esposa do homem que amo. Não consigo, todavia, achar uma forma de levar a cabo um plano tão perigoso. Se você me ajudar a alcançar os meus objetivos, vovô, eu lhe assegurarei a velhice e você viverá sem lhe faltar nada. Só que as nossas relações devem permanecer em segredo, pois o meu passado é ignorado por todos. Taíssa jamais deverá saber que eu sou a filha da mulher que foi a causa da morte da mãe dela.

Kunrad anuiu com um sinal de cabeça, mas nada respondeu. Estalando nervosamente os dedos, ele, pelo visto, entregara-se a divagações profundas. Após um longo período de silêncio, que Rafaela não ousou quebrar, o velho agiota endireitou-se. O rosto, irradiando inteligência, parecia rejuvenescido e, nos olhos, brilhava algo maligno e cruel. Inclinando-se para Rafaela, ele sussurrou-lhe no ouvido:

— Nada é impossível nessa vida, basta ter determinação e não recuar diante das dificuldades.

Um vivo rubor cobriu as faces da jovem; sem hesitar, ela assegurou:

— Tenho muita determinação e diante de nada recuarei.

— Nesse caso, você alcançará o objetivo. A princesa tem fdhos?

— Não, ela é casada apenas há quatro meses, mas está grávida.

— Ah! Isso vem a calhar! A gravidez e o parto são situações de perigo na vida de uma mulher. Agora, eis o que eu penso de tudo isso: primeiro você precisa ficar livre do marido. Enquanto ele viver, sempre será um empecilho para sua felicidade e riqueza. Da princesa cuidaremos depois, quando o conde for afastado.

— Ele terá de ser eliminado de modo que as suspeitas não recaiam sobre mim - interrompeu Rafaela.

— Sem dúvida. Acho que eu conheço alguém que pode arrumar tudo, contanto que seja bem recompensado.

— É claro, eu o recompensarei devidamente! De onde é essa pessoa?

— Posso chamá-lo a qualquer tempo. Ele é amante de sua mãe - um homem estranho, mas dotado de força diabólica. Não sei se *é* um judeu espanhol ou um cigano. Além de ser malabarista e prestidigitador, ele lida com o hipnotismo - ciência que está muito na moda. Ele pratica experiências com a hipnose nas feiras, utilizando-a em proveito próprio. Ele faz o diabo das vítimas que lhe caírem em seu poder. Pode facilmente sugerir ao conde cometer o suicídio. Com *isso,* você ficará livre sem levantar suspeitas.

— Sua idéia é excelente, vovô! Você não poderia chamá-lo para cá? Eu gostaria de falar com ele. Não sei quanto tempo ainda ficaremos por aqui.

— Pagando as suas despesas com a viagem, ele poderá estar aqui dentro de alguns dias. Aliás, você poderá aproveitar a oportunidade para se encontrar com a sua mãe. Ela envelheceu bastante e está muito acabada.

— Não, não! Pelo amor de Deus, poupe-me desse encontro! Ela já se esqueceu da minha existência há muito tempo e é melhor não lhe lembrar disso. É mais conveniente ela ficar longe daqui até eu levar a cabo meus intentos. Que ela morra de inveja! É capaz até de me prejudicar. Tudo que se refere ao meu passado deve ser para sempre enterrado. O príncipe é muilo inconstante e já houve

mulheres de passado mais tumultuoso que o meu, tornando-se princesas, sem que a ascendência obscura assustasse ou detivesse os nobres pretendentes. Para que arriscar e melindrar os brios aristocráticos do príncipe. Ele vai se casar com a viúva do conde Argunov — e nada mais. Chame o seu hipnotizador, mas sem a minha querida mãezinha. Se você precisar comunicar-se comigo, pendure, como se quisesse secar, aquele lenço listrado que está na cadeira. Farei passeios frequentes por esses lados e, assim que perceber o sinal, virei para cá. Agora, adeus! Já deveria estar em casa há muito tempo.

A jovem fez um sinal de despedida e saiu do quarto.

Kunrad foi acompanhá-la e a levou até aquela trilha sombreada pela qual chegara. Ele lhe forneceu uma chave da porta para que ela pudesse entrar na casa sem passar pela rua e evitar olhares indesejáveis.

Meia hora depois, a condessa já se enconirava no castelo. Sua ausência não fora notada por ninguém.

XVI

O tempo que sobreveio foi passado no castelo mais em família, pois Taíssa frequentemente não passava bem devido ao estado de gravidez. Kira não veio, apesar da promessa. O médico lhe havia prescrito banhos de mar e ela estava se preparando para viajar para Truvil. A baronesa convidou o irmão e a cunhada para acompanhá-la na viagem com o intuito de distraí-los um pouco, antes que o estado da princesa a obrigasse a um repouso absoluto.

Contra todas as expectativas, Taíssa, normalmente uma pessoa caseira, aceitou o convite. Decidiu-se que os jovens cônjuges iriam logo a seguir. Taíssa ofereceu o castelo ao conde e à sua esposa para passarem o tempo que fosse necessário. A mesma proposta foi feita a Hugo, para que ele concluísse sem pressa as encomendas e, ao mesmo tempo, pudesse visitar a mãe, que ainda não se recuperara totalmente da doença.

O jovem pintor acedeu agradecido ao convite. Ele estava profundamente reconhecido a Taíssa pela sua inestimável atenção de suprir a pobre mulher com vinho e outras iguarias.

O conde também aceitou ficar até meados de agosto. Antes da partida da filha, ele resolveu viajar por uma semana a Petersburgo.

Externamente Rafaela permanecia calma, feliz e, como sempre, alegre, espirituosa e ingenuamente coquete; mas, no fundo da alma, ela mal continha a raiva, pois o seu caso com o príncipe não desandava como ela queria. As circunstâncias obrigavam-no a tomar certas precauções para evitar levantar suspeitas na esposa. Para punir Leonid Dmitrievitch por ser pusilânime (assim ela denominava seu comportamento) e provocar sua ciumeira, Rafaela se utilizava de Hugo. Por vezes, seus intentos vingavam e, com pequenas insinuações, ela mexia com o orgulho do príncipe e o deixava colérico. O seu principal objetivo, porém, ela não conseguia alcançar, já que toda a cólera de Leonid Dmitrievitch não se refletia nos que o cercavam e, no que diz respeito à consorte, ele

permanecia sempre amável e meigo, frustrando as expectativas de Rafaela.

Todos esses contratempos e aquela reserva inesperada por parte do homem desejado, que permanecia fiel à outra, levaram a fúria de Rafaela ao clímax. A personalidade do príncipe atraía a sua natureza lasciva, patente no primeiro encontro com ele. Mas as razões daquela paixão tempestuosa não eram uma aleição genuína, senão um misto de volúpia e ciúme de Taíssa. Para Rafaela seria o prazer supremo seduzir-lhe o marido, roubar seu coração e rir da rival.

O príncipe sabia perfeitamente da paixão inspirada por ele, nada tinha contra aproveitar-se dela e colocar chifres em seu querido sogro; o que ele temia era indispor-se com a esposa. Ele gostava de Rafaela e ansiava possuí-la, contanto que isso fosse sem qualquer risco e no momento oportuno.

Por fim, essa oportunidade apareceu, como normalmentc acontece na vida.

O conde viajara para Petersburgo três dias ames; Taíssa fora se despedir de uma senhora de idade, amiga da baronesa Rodenberg. Como aquela senhora estava doente e vivia longe, a jovem não retornaria antes da meia-noite e, talvez, até pernoitaria na casa dela.

Rafaela, alegando estar indisposta, não saiu do quarto. Taíssa, ao visitá-la, encontrou-a deitada no sofá. Sua cabeça estava atada e ela, pelo visto, sofria muito. A princesa aconselhou-a a tomar um banho e deitar-se na cama.

O príncipe também ficou em casa, pois precisava escrever algumas cartas de negócio, verificar as contas e supervisionar o empacotamento das coisas, já que eles viajariam em breve.

Leonid Dmitrievitch estava trabalhando na escrivaninha, ou melhor, roía a ponta da pena, pensando em Rafaela, que não via desde o dia anterior, quando, positivamente, ela o tirou da paciência por seus flertes com o pintor. Subitamente, ele viu a condessa

passando ao lado da janela. Sem olhar para o príncipe, ela atirou-lhe sobre a escrivaninha uma rosa vermelha e, depois, foi em direção à alameda escura, onde desapareceu feito uma sombra branca, pois já estava escurecendo.

Sem a menor hesitação, o príncipe pulou pela janela para o jardim e correu atrás de Rafaela. Ninguém poderia atrapalhar-lhes o encontro naquele dia. A criadagem estava ocupada e Hugo fora visitar a mãe. Ou seja: a liberdade era total. Era preciso aproveitar a ocasião, tanto mais que a rosa significava um convite.

A silhueta alva de Rafaela, tal qual um espectro sedutor, deslizava diante dele. A jovem se dirigia para o fundo do jardim e logo alcançou uma pequena lagoa, no centro da qual se erguia o pavilhão chinês. Grandes arbustos de lilases, jasmins e rosas cercavam a construção.

Rafaela atravessou a ponte e desapareceu no interior do pavilhão. Dois minutos depois, nele adentrava o príncipe, trancando a porta à chave. O ambiente estava praticamente escuro, pois, além do entardecer do dia, os arbustos densos cobriam as janelas.

O pavilhão chinês era unva criarão de Adrian Petrovitch. Ele o construiu nos primeiros anos de sua vida conjugal com o apoio da esposa, feliz em executa aquela inocente fantasia do marido. Internamente o pavilhão consistia de dois cômodos: uma sala de estar e uma de jantar minúscula. As paredes da sala de estar, assim como todos os móveis, eram revestidos por tecido amarelo de seda com desenhos em estilo chinês.

Apesar de estar escuro, a figura branca de Rafaela sobressaía-se nitidamente. O príncipe, sem hesitar, atirou-se em direção à jovem e abraçou-a impetuoso. Esta não resistiu e respondeu apaixonadamente aos seus beijos.

— Maldita escuridão! Mal consigo enxergá-la, minha deusa - balbuciou impaciente o príncipe. — Nao podemos acender ao

menos uma vela para eu ler em seus olhos que não estou sonhando e que você realmente me ama?

— Espere um pouco! - disse Rafaela, desvencilhando se dos braços do príncipe.

Em seguida, levando o seu amante até o espelho, ela acrescentou:

— Aqui está uma caixa de fósforos. Fique aqui e espere até eu baixar as cortinas. Depois você pode acender a vela.

A jovem desceu as pesadas cortinas de seda, destinadas a proteger do sol o estofamento dos móveis.

— Agora pode acender! Ninguém nos verá aqui.

Um minuto depois, diante do espelho ardiam oito velas, inundando de luz a figura esbelta de Rafaela, vestida num largo penhoar de musselina, cingido na cintura por um cinto prateado. Com um gesto rápido, ela tirou o pente que prendia os cabelos e a massa sedosa, feito uma capa dourada, escorregou abaixo dos joelhos.

Um rubor febricitante cobriu suas faces sempre pálidas e um sorriso sensual entreabriu seus lábios purpíireos.

O príncipe contemplava-a como enfeitiçado. Naquele instante, ele esqueceu-se de tudo: da esposa, da cautela, dos remorsos. Ele só via aquela mulher, olhos vorazes e beleza demoníaca, atirar-se em seus braços, ignizando todos os sentimentos impuros.

— Oh, por que eu o encontrei tão tarde! - murmurava Rafaela.

— Para um amor verdadeiro não existe tempo - improvisou Leonid Dmitrievitch, beijando os cabelos perfumados da jovem.

— Mas quantos obstáculos existem nos separando! Como gatunos, ficaremos ocultando de nossos carcereiros esse minuto de felicidade.

— Um minuto de genuína bem-aventurança vale mais que a eternidade da felicidade serena.

— Sim, mas esse minuto passa e deixa um vazio que não pode ser preenchido. Quando se ama como eu, Leonid, a separação é a morte - considerou Rafaela, abraçando o príncipe apaixonadamente.

— Assim seja! Que a separação seja a morte, mas o reencontro é uma ressurreição! Esse é o destino de todas as paixões grandiosas que se encontram frente aos obstáculos; mas, por outro lado, elas proporcionam aqueles minutos de felicidade indescritível, quando desaparecem o céu e a terra, o passado e o futuro, e só permanece o presente jubiloso. Quem poderia compreender o valor dessa bem-aventurança, se não houvesse para a comparação uma união legalizada e moralista, com seu suave peso do dever e tranquilidade tediosa da posse por toda uma vida? Taíssa tem sido minha por quatro meses e sei que sempre me pertencerá. E daí? Com suas virtudes pudicas e imaculadas, ela jamais insuflaria em mim essa tempestade de paixão, capaz de me arrebatar à voragem que só você consegue provocar. Temos um obstáculo pela frente. Viva o adultério, com seus medos, perigos e, até, delitos! Feito um elemento desenfreado, ele assenhora-se do homem, sacode-o até as raízes e o faz esquecer toda a trivialidade da união legalizada, repleta de virtudes monótonas e dever tedioso, que torna o sangue pesado feito xarope. Ao menos não veem as nossas esposas, que têm o privilégio de carregar os nossos nomes, aquela partícula da paixão que nós entregamos às nossas amantes.

Todo o cinismo insolente do pândego sem princípios, divertindo-se com o duplo adultério considerado como seu direito inalienável, ouvia-se em suas palavras, as quais, todavia, não produziam qualquer efeito sobre Rafaela. Apesar de todas as vantagens do amor livre, descritas pelo príncipe, ela queria-o por marido, e a sua firme decisão de colocar no pescoço de Leonid Dmitrievitch a forca de Himeneu não se enfraquecera.

Inebriada pelo prazer de usufruir o fruto proibido e pelo duplo triunfo, pois tirava o marido da rival e traía o seu, que apenas lhe inspirava nojo, ela se entregou à paixão esquecendo já não ser nem acrobata nem a intérprete das cançonetas nas espeluncas de Berlim, pôs em ação toda a sua sedução dc cortesã, para a qual o amor é uma arte.

Uma hora depois, o príncipe voltou ao seu quarto. Quando se acalmou a excitação provocada pela hábil sedutora, ele, com uma surpresa sincera se perguntava: onde o conde conseguira arrumar aquela jovem encantadora e perigosa, que, apesar da idade, devia ter vivido uma vida de muitas aventuras? Como resultado de todas as suas divagações, ele disse a si mesmo:

— Graças a Deus, estarei viajando e ficarei sob a boa e suave influência do amor casto da minha querida Taíssa! Caso contrário, essa perigosa sereia me virará definitivamente a cabeça e eu, sem conseguir me controlar, acabarei cometendo loucuras. Não quero magoar a maravilhosa esposa que lenho. Tomara que ela jamais saiba dessa minha quebra de contrato conjugal! Essa é a primeira traição de verdade nesses quatro meses, já que os fugazes namoricos com a filha do jardineiro e com a professora da condessa Libron não contam.

Com um sorriso de satisfação e agradavelmente convencido de sua incomum virtude, o príncipe deitou-se no sofá, acendeu um cigarro e começou a ler uma revista, aguardando a chegada da esposa.

A princesa retornou antes da hora prevista. Estava alegre e despreocupada, sem suspeitar do que ocorrera em sua ausência. Nada, no rosto pálido do marido, revelava que ele passara tão bem o tempo. Ele estava ainda mais meigo e atencioso que de costume e a jovem atribuiu ingenuamente o seu olhar febricitante ao amor ardente nutrido por ela. Pobre Taíssa! Ela nem sequer desconfiava que o seu amor puro e discreto, aliado à dignidade pudica que a distinguia da coquete, funcionava como uma ducha fria sobre o

marido, paralisava os seus ímpetos e transformava o seu sangue em xarope denso.

Os dias restantes, antecedentes à viagem dos jovens cônjuges, não trouxeram nada de notável. Entre Rafaela e o príncipe reinava, como sempre, uma cortesia reservada. Toda a sua atenção e faceirice o príncipe consagrava exclusivamente à esposa. Somente quando percebia a numerosidade de desvelos com que Leonid Dmitrievitch cercava Taíssa, um sorriso fugidio e mordaz surgia nos lábios de Rafaela. Intimamente ela estava furiosa, devorada por ciúmes selvagens. Entretanto, esses sentimentos tempestivos não impediram que ela lograsse um pequeno estratagema, cujo objetivo era subtrair dinheiro de Taíssa para cobrir os gastos com o plano satânico, arquitetado com a ajuda de seu digníssimo avô.

Tendo esperado por uma ocasião oportuna, Rafaela, lacrimosa e fingindo arrependimento, confessou a Taíssa haver contraído uma dívida substancial com o joalheiro, a costureira e outros fornecedores, pois o incêndio na datcha acabou com uma parte do seu guarda-roupa e o conde lhe recusou um sub-sídio suplementar, necessitando, aparentemente, do dinheiro para outros gastos misteriosos. Como prova da infidelidade do conde, ela mostrou uma carta assaz comprometedora que achara ao bisbilhotar na escrivaninha do marido, quando ele esquecera a chave.

De boa índole e, em sua felicidade, pródiga com todos, Taíssa largou uma risada e consolou Rafaela. Além de dois mil rublos para o pagamento das dívidas, ela lhe deu a mesma importância para gastos imprevistos. Pobre criança! Como ela iria suspeitar que entregava às mãos da assassina um pagamento pelo homicídio e pela terrível provação iminente?

Após a partida do príncipe com a esposa, a vida no castelo tornou-se mais monótona. Ninguém visitava a casa, pois a origem obscura da nova condessa Argunova mantinha afastada a nobreza local, muito melindrosa e, em grande parte, unida por laços de amizade ou parentesco afastado com os Rodenberg.

O conde viajava frequentemente. Por mais sedutora que fosse Rafaela, o velho pândego incorrigível, acostumado a mudar de amantes, já arrumara alguns pequenos casos em Riga.

A raiva, o tédio e os ciúmes dilaceravam Rafaela. Ela estava também ansiosa pelas notícias do avô. Por mais que passeasse a cavalo ou a pé naquela região do povoado — nada do lenço listrado na janela do agiota.

O tédio e o ócio forçado eram insuportáveis para o caráter enérgico de Rafaela, comumente objeto de adoração. Ela decidiu então eleger Hugo Reshberg para suas distrações. Fazê-lo apaixonar-se perdidamente por ela e viver uma intriga amorosa, cujas dimensões dependeriam das circunstâncias e de seus caprichos, era, no mínimo, um passatempo divertido. Ela gostava de relacionamentos proibidos e compartilhava do gosto do príncipe por emoções de um encontro secreto, tonto mais se era adúltero. Hugo era um jovem bem apessoado. Tinha uma índole aberta e incorruptível. Compensava, enfim, despejar sobre ele uma corrente de sentimentos vulcânicos, sem meios de se extravasarem.

Assim, toda vez que o conde se ausentava, ela visitava a oficina do pintor. No início, Hugo tratou-a com reserva. Rafaela, todavia, não pertencia ao rol das mulheres que podiam ficar embaraçadas com isso. Ao ficarem a sós, a jovem mantinha, invariavelmente, o tom de uma amiga de infância; confiava-lhe as decepções da vida conjugal e contava-lhe as infidelidades do conde, desde o primeiro ano das núpcias, o que já era sinal de muitas humilhações futuras.

Ela deu a entender, habilmente, estar arrependida amargamente por ter sacrificado o verdadeiro amor e a felicidade por causa da riqueza.

Hugo era um homem. A idéia de que ele era amado lisonjeava o seu amor-próprio. A perigosa beleza de Rafaela foi reconquistando-o e ele, sem notar, enredava-se cada vez mais.

A condessa tinha um interesse vivo pelo trabalho de seu ex-colega de infância. Certa tarde, folheando o álbum dos estudos, ela viu um esboço interessante. Estava representado o cavaleiro *Luzignan,* flagrando sua esposa, a fada Melusina, no momento em que ela tomava o seu verdadeiro aspecto: metade mulher, metade serpente.

Rafaela fez o pintor contar-lhe a lenda que o inspirara e, após uma breve reflexão, exclamou:

— Sabe, Hugo? Você não quer aproveitar esse motivo para pintar um grande quadro? Eu posarei de Melusina; o conde o comprará com toda a certeza. Dizem que eu pareço com uma serpente. Eu mesma escolherei o traje. De acordo?

O jovem, já subjugado por seus feitiços, respondeu que ficaria honrado em atender-lhe o pedido.

No mesmo dia, na hora do almoço, Rafaela anunciou rindo ao marido que Reshberg desejava pintá-la em forma de Melusina. O conde deu seu consentimento sem hesitar. Ele queria que algo preenchesse o tempo dela; não enxergava no pintor um rival seu. Ademais, a ocupação de Rafaela vinha em uma hora oportuna por causa de uma relação que ele tinha cm Ríga.

No dia seguinte, Adrian Petrovitch viajou de manha, alegando um compromisso de negócios; sua volta não se previa antes do almoço. Rafaela foi à oficina do pintor, envolta numa capa negra com capuz.

— Olhe, senhor Reshberg, estou bem assim!? - perguntou ela em voz baixa, já que não longe dali trabalhava o jardineiro. Dizendo isso, ela tirou a capa do corpo. Hugo ficou extasiado: o traje da condessa era maravilhoso. Compunha-se de um corpete justo, executado de escamas de peixe, reverberando ora tonalidade verde, ora dourada, fazendo salientar as curvas esbeltas da jovem. Uma saia longa e justa, qual cauda, fora feita de um tecido de seda verde e brilhante. Os cabelos soltos encimavam-se por um chapéu no

estilo Maria Stuart. O chapéu era reunido de pedras, imitando esmeraldas e brilhantes.

Naquelas vestes, a beleza de Rafaela era algo de extraordinário e demoníaco. Tal deveria ser o monstro: metade mulher, metade peixe, de que falava a lenda. Nos olhos esmeraldinos da condessa, fitando o artista, fulgia o poder terrífico do perigoso réptil.

— Meu Deus! Como a senhora está bela, Cobra Melusina! E a própria encarnação da criatura quimérica, saída do sorvedouro para enlouquecer todos os mortais - exclamou o pintor, trêmulo de excitação.

Sorrindo provocante, Rafaela inclinou-se para ele e ciciou:

— Vesti-me assim só para você, seu ingrato! Você é muito mau comigo. Não consigo obter o seu perdão.

Ao sentir na face o contato deleitável dos cabelos ruivos e a respiração da sereia, Hugo descontrolou-se. Todo o sangue, feito uma corrente abrasante, afluiu-lhe ao cérebro e, esquecendo-se de que ela era a esposa do conde, premeu a em seus braços e cobriu-a de beijos ardentes. Rafaela não opôs resistência. Ela adorava os arroubos desenfreados e a reconquista do homem, a quem já traíra, divertia-a.

O jovem pintor, porém, recompôs-se. Afastando a mulher sedutora, enxugou a testa suada e balbuciou:

— Por que você está me tentando? Quer fazer de mim um homem infame, envolvendo nos braços a mulher que pertence a outro? Oh, Rafaela! Por que você me enganou e subtraiu a felicidade de possuí-la sem remorsos?

— Quero me redimir diante de você — retrucou a condessa, com sorriso lascivo.

Desde aquele dia, o jogo de Rafaela tomou rumos mais ousados. Divertia-a muito aquela paixão do artista de alma simples, nobre e

íntegra, expressa de modo diferente da do conde - um homem leviano e desafetado.

A jovem não percebia, entretanto, que os sentimentos por ela desencadeados irrefletidamente adquiriam uma forma e dimensões que ultrapassavam os limites que ela queria dar. Ademais, Rafaela estava assaz preocupada por outras coisas, para notar o que estava acontecendo com Hugo: na janela do avô aparecera o sinal combinado e a jovem so pensava em encontrar, o mais breve possível, o velho Kunrad.

XVII

A riqueza e a alta posição social da neta impressionaram o velho Kunrad. Os planos perversos de Rafaela prenunciavam que ele poderiu lucrar um bom dinheiro, de modo que, sem perder tempo, escreveu uma carta ao hipnotizador, cujos serviços queria oferecer a Rafaela.

Para que o leitor entenda como o agiota conheceu aquele indivíduo, é necessário voltar um pouco para trás.

Cerca de um ano e meio antes, à casa de Kunrad veio um homem com uma carta de sua filha. O desconhecido se apresentou como Dom César Diogo Morales - amigo e procurador de Tereza, enviado por ela para se informar se o seu pai ainda vivia. Se estivesse vivo, deveria entregar-lhe a carta; caso contrário, iniciar-se-iam os trâmites legais para eleger Tereza como sua herdeira.

Na carta, Tereza Informava ter sofrido muitos infortunios, ainda que seus negócios não fossem tão mal, em vista de possuir um restaurante nos arredores de Viena, e que seu pai seria bem-vindo, caso desejasse visitá-la.

O agiota declinou do convite, alegando estar velho e sem dinheiro para viajar. Ele assegurou estar preservando ciosamente o imóvel da filha, pedindo, porém, para ficar morando nele até o fim dos dias, que não iria demorar. Kunrad ofereceu a casa a Dom César para descansar por alguns dias. A despeito de qualquer expectativa, os dois homens deram-se bem e ficaram amigos. Ambos tinham um passado obscuro. O espanhol jactou-se a Kunrad dispor de um poder novo, que subjugava a vontade de terceiros; para provar, hipnotizou um comerciante, amigo do agiota, induzindo-o a presentear Kunrad com uma libra de tabaco de primeira - o que de fato aconteceu, para grande assombro do último.

Desde então, o novo amigo era visto por Kunrad como um grande mago.

No momento em que Rafaela lhe pediu ajuda, lembrou-se de Dom César e, no dia seguinte, escreveu-lhe para vir o mais rápido possível.

O espanhol entendeu imediatamente que o velho agiota não o chamaria por tolices. Infelizmente, naqueles dias, Dom César não possuía recursos para viajar, pois era um jogador inveterado e tinha gostos dissipadores, conquanto Tereza, tal qual o pai, fosse sovina. Aliás, ainda que ela não o fosse, Dom César foi proibido por Kunrad de pedir dinheiro para não levantar qualquer suspeita da viagem pretendida.

Após alguns dias de muitas reflexões, o espanhol aproveitou-se de uma festa dada no restaurante de Tereza e surrupiou da amada um broche e dois braceletes, com os quais sumiu, não se soube aonde.

Tereza ficou possessa, mas não se atreveu a investigar o sumiço. Não convinha por causa da polícia, assaz curiosa. Ademais, ela tinha certeza de que seu amante retornaria. Durante o seu relacionamento de cinco anos, não era a primeira vez que ele desaparecia com alguma jóia sua. Que ele fosse à casa do pai - isso nem lhe passou pela mente.

O passado de Dom César foi cheio de aventuras. filho de um rico comerciante de Toledo e uma judia, teve uma boa educação e, mais tarde, recebeu uma pequena herança após a morte do pai. Mas, por ser um jogador e amante da vida dissoluta, ele dissipou rapidamente todo o seu patrimônio. Apartir de então, começou a levar uma vida de aventureiro. Foi toureador, cantor e tocador de bandolim, e empresário de uma trupe de cães treinados, entre outras coisas.

Arrolado em uma suspeita de homicídio, foi solto por falta de provas. Dom César deixou a Espanha e vagou por toda a Europa, fazendo de tudo. Quando em certa ocasião ele descobriu que tinha

um dom natural para hipnotismo, juntou-se a um circo e começou a fazer sessões de hipnose pelas cidades provincianas.

Em Viena, conheceu casualmente Tereza, que acabara de abrir um negócio; tornou-se seu amante e mudou para a casa dela. Dom César era um homem belo, trinta e oito anos, alto e esbelto, com traços do rosto bronzeo regulares, cabelos negros ondulados e olhos ígneos escuros. Quando queria, suas maneiras eram elegantes; faltavam-lhe trajes decentes para se tornar um verdadeiro cavalheiro.

Kunrad já começara a se inquietar com a demora, quando Dom César apareceu e foi recebido de braços abertos.

Revigorados por uma refeição, os digníssimos amigos conversaram longamente.

— Posso fazer o que lhe pede a neta, contanto que eu conheça todos os coadjuvantes e ache o momento certo de agir - disse Dom César, após um minuto de reflexão.

— A condessa não poderá introduzi-lo em seu círculo. Se entendi bem, é isso que você quer! - observou Kunrad, meio alarmado.

— E a maneira mais eficaz para dar certo. Você bem sabe: a tarefa não é fácil. Cuidarei de tudo, basta algum dinheiro. Estou com os documentos de um infeliz, morto em uma luta com um toureador, acusado de ter trapaceado no jogo. O episódio aconteceu no hotel de minha madrinha, num subúrbio de Toledo. O pobre homem morreu à noite. Para evitar um inquérito policial, muito desagradável - você sabe -, a madrinha me pediu para que eu a ajudasse a esconder o corpo. Eu concordei, é claro. Era preciso preservar o bom nome do hotel. Assim, nós o enterramos em um lugar ermo. Examinando o defunto, encontrei documentos em seu bolso e descobri que ele era um tal de marquês César Gonzales. A semelhança dos nomes de batismo deixou-me surpreso e eu fiquei com os documentos. O meu título de marquês Gonzales abre-me as portas da alta-roda; posso ser apresentado à condessa e frequentar

sua casa. Desde que ela me prova com dinheiro suficiente para o meu guarda-roupa, garanta-me uma subsistência decente e assine uma nota promissória pelos futuros serviços, farei todo o necessário para ela alcançar seus objetivos.

— Oh, fique tranquilo! Rafaela o recompensará generosamente, basta ajudá-la a tomar os bens da princesa Taíssa.

Dois dias depois, à noitinha, os homens estavam sentados no quarto de Kunrad, aguardando impacientes a chegada da condessa. Subitamente, eles entreouviram a porta no corredor abrir-se cuidadosamente; ouviu-se o farfalhar do vestido de seda e, no limiar da porta, surgiu Rafaela. Estava toda de preto. No fundo escuro do capuz virado para trás, a brancura do rosto e os cabelos ruivos ressaltavam à vista.

O espanhol estava sentado à sombra. A condessa não notou seu olhar surpreso, cheio de admiração. Quando Kunrad os apresentou um ao outro, Dom César fez uma mesura; seu rosto exprimia tão-somente uma circunspeção respeitosa. A jovem, por sua vez, mediu-o interessada. Ela estava certa de encontrar algum aventureiro de baixa categoria; aquele homem bem apessoado, todavia, que se lhe curvara respeitosamente, poderia ser aceito em estabelecimentos finos, todos se sen taram. Rafaela indagou se o avô já lhe explicara tudo.

— Perfeitamente, condessa, estou certo de poder atendê-la. Inúmeras experiências de hipnose provam seu sucesso. Permita-me expor-lhe o meu plano de ação e, é claro, a senhora poderá fazer as devidas sugestões.

— Confio no senhor, mas gostaria de saber como pretende eliminar essas duas pessoas odiosas.

— Basta sugestionar o conde de praticar o suicídio, tão logo se apresente uma oportunidade de conhecê-lo e entabular uma ligação magnética. Quanto à princesa, a questão é mais difícil e perigosa. Creio ter encontrado uma maneira satisfatória, se a senhora a

aceitar. Graças aos poderes de que disponho, posso fazer com que uma pessoa seja acometida de loucura. A pessoa de que falamos está grávida — o que é uma circunstância adequada para justificar uma disfunção nervosa, sem provocar suspeitas. O golpe decisivo culminará com o parto. A insanidade da esposa servirá de motivo para o marido assumir a administração dos bens herdados pela criança, ainda que ela viva. O coração dele ficará à mercê da senhora. Da minha parte, farei o que depender de mim para sugestioná-lo a fazer tudo aquilo que a senhora queira. A partir do momento em que ficar comprovado que a loucura da princesa é incurável (se ela não morrer antes de esgotamento — o que é mais provável), o marido dela poderá requerer o desquite e, como a senhora, condessa, é protestante, nada a impedirá de se casar com ele.

— Eu quero que ela morra! — disse Rafaela, que ouvia com olhar fulgurante a exposição do plano de seu cúmplice.

Na voz da jovem soava uma crueldade tão gélida e, em seu olhar lia-se uma resolução tão nefasta, que o espanhol, que não se intimidava fácil, não conseguiu conter um arrepio desagradável e apressou-se em dizer:

— Se a senhora ordenar, ela morre.

As condições restantes daquele conchavo foram rapidamente acertadas. Rafaela, já se sentindo a dona do enorme patrimônio da rival, revelou-se generosa. Ela deu a Dom César dois mil rublos de adiantamento e assinou uma nota promissória de dez mil rublos, para ser descontada no dia seguinte ao enterro de Taíssa, ainda que tais termos não constassem no texto da obrigação.

Caso o marquês fosse a Petersburgo no mesmo trem que o conde e a condessa, esta fingiria que eles se conheceram na Itália, para facilitar a apresentação.

Rafaela não via a hora de voltar para Petersburgo. Sua impaciência devia-se não só ao fato de ela querer apresentar o

marido a Dom César, mas por estar sua aventura com Hugo começando a ficar inconveniente. Para ela, o pintor era uma distração, uma possibilidade de representar um espetáculo de paixão, em que ela era um ídolo ao qual se suplica a misericórdia. Não era sua intenção ser misericordiosa com o pintor. Ele deveria permanecer seu joguete, seu escravo, e jamais um amante. Mas como até a pessoa mais arguta desse mundo não pode prever o rumo dos acontecimentos, Rafaela calculara mal o seu coquetismo. A paixão de Hugo parecia ter transformado o seu caráter. O jovem simples, tímido, razoável e até um pouco frio, passou a ser nervoso, exigente e assaz ousado, de modo que Rafaela receava tratá-lo mal e, ainda que a contragosto, entregou-se a ele.

Aparentemente, Hugo se acalmou e ficou mais dócil; a condessa, porém, decidiu livrar-se dele na primeira oportunidade. Esse era um dos motivos de sua pressa. Ela esperava que uma separação forçada, por conta de terem de viver em cidades diferentes, debilitaria a violenta paixão que ela lhe inspirara. Ademais, Hugo teria de permanecer por algumas semanas no castelo para terminar o pedido de Taíssa. A principal causa na demora da conclusão daquele trabalho era o quadro Melusina, do qual o conde gostou tanto, que anunciou que o compraria assim que estivesse pronto.

Dez dias após a visita do avô, Rafada e o conde partiam do castelo. O último não estava muito feliz com a saída tão apressada, pois a sua aventura amorosa em Riga ainda não o entediara.

Em uma das estações, Rafaela, passeando com o conde pela plataforma ferroviária, encontrou Dom César. Este, de traje elegante, tinha o aspecto de um verdadeiro aristocrata.

A condessa, com um sorriso amável, retribuiu-lhe a mesura.

— Quem é ele? — perguntou Adrian Petrovitch.

— Meu Deus! Será que você não reconhece o marquês Gonzales, que conhecemos em Bellagio, na casa da condessa Miranda?

— Não, positivamente não me lembro dele! Aliás, a casa da condessa recebe tanta gente que não é surpresa não me lembrar.

Quando, então, o falso marques deles se aproximou, o conde o recebeu como a uma pessoa conhecida e entabularam conversa. Dom César verificou-se ser um interlocutor interessante; Adrian Petrovitch ofereceu-lhe um lugar no cupê e convidou-o a visitá-los em casa, quando estivesse em Petersburgo.

Aos poucos, Dom César tornou-se uma visita freqente e benquista na casa dos Argunov. No dia em que ele curou Rafaela da enxaqueca e o conde de uma forte dor de dente, o último anunciou a todos que o marquês era um hipnotizador magnífico e o apresentou em diversas casas.

Depois dessa experiência, Dom César comunicou à cúmplice que o conde se sujeitava facilmente às sugestões hipnóticas e, assim que chegasse a hora, começaria a sugerir-lhe a idéia de se matar.

Tudo ia às mil maravilhas e a condessa estaria bem satisfeita, se não a oprimisse, qual pesadelo, o amor intempestivo de Hugo. Ela maldizia a sua fantasia insana, sem poder, todavia, romper em definitivo com o jovem, duplamente perigoso naquele estado incontido e conhecedor de seu passado.

O pintor viera a Petersburgo deprimido e extenuado. Em sua alma honesta, a paixão lutava contra os remorsos por seu comportamento ingrato; mas, como isso sempre acontecia, bastava ver Rafaela e todos esses remorsos eram esquecidos, e pensava tão-somente em saciar o amor exacerbado com as dificuldades.

Era difícil para os jovens se encontrarem na cidade, ainda mais que Rafaela não se esforçava para tanto - sua mente estava ocupada com outras coisas. Hugo insistia em vê-la. Rafaela, então, decidiu livrar-se dele, ao menos por algum tempo. Se nada adiantasse, poderia recorrer aos poderes de Dom César, para que o seu fã ficasse menos inconveniente.

Para o primeiro encontro, Rafaela viera visivelmente preocupada com algo; Hugo percebeu isso e perguntou alarmado se não havia acontecido algo de grave.

— Sim, meu bom amigo, estou preocupada. Temo que o conde suspeite de algo. Minha última ausência foi notada, vim hoje só para preveni-lo. O conde é ciumento e desconfiado, como qualquer marido velho tendo uma esposa jovem e bonita. Eu quero evitar um escândalo. Ainda que o meu coração sangre, vim dizer-lhe que devemos nos separar por algum tempo. Como não posso viver muito tempo longe de você, pensei no seguinte. Vá imediatamente à Itália - Florença ou Nápoles, e fique esperando por mim! Mande suas cartas para meu avô, ele vai entregá-las a mim. Isso facilita as coisas, tanto mais que o velho pretende passar algumas semanas em Petersburgo. Sua primeira carta envie para a “posta restante”. Meu avô passará no correio para pegá-la. Enquanto isso, eu vou fingir um esgotamento nervoso e fazer com que o médico me mande descansar no sul; tenho certeza de que o conde me deixará viajar sozinha. Eu vou até você e nós passaremos algumas semanas maravilhosas, gozando de amor e liberdade, sem risco nenhum e longe de olhares ciumentos e indesejáveis,

Hugo ouvia-a desconsolado. Ele dava razão a Rafaela, pois, se descobertos, um escândalo seria inevitável e fatal para a condessa, já mal suportada por sua nova família. Sem presumir a hipocrisia e a perfídia de sua amada, Hugo considerou, por hem, preservar a reputação da jovem, por mais que a separação lhe fosse dura.

Cingindo ardentemente Rafaela ao peito, Hugo murmurou:

— Se *é* para o seu bem, eu partirei. Só não sei como viverei sem você. Você me arrebatou o coração, Rafaela! Sua imagem persegue-me dia e noite; só de pensar em não poder chamá-la minha diante de todos, roubar cada beijo seu e cada carícia, dilacera e enlouquece-me. Jure, minha adorada, que você não vai esquecer seu pobre desterrado e virá me ver logo. Sei que não posso expô-la ao perigo, mas a separação para mim é a morte.

Rafaela riu e afagou os cabelos densos do amante.

— Seu ciumento! São Tomé, o incrédulo! Como ousa duvidar de mim? Irei tão logo consiga escapar do velho tirano, dando-me ele dinheiro para a viagem. Como hei de preferir um velho e nojento pândego a um belo jovem como você?

Rafaela ludibriou tão habilmente Hugo, que este prometeu viajar em uma semana e teve de se despedir imediatamente dela.

Ela voltou para casa com o coração aliviado.

— Graças a Deus! Finalmente consegui expulsar daqui esse idiota. Que ali ele arrefeça seus sentimentos assaz ardentes! - pensou ela, ajeitando-se no sofá.

Pegou um livro e, alguns minutos mais tarde, já havia esquecido da existência do pobre Hugo.

No dia primeiro de outubro, Taíssa e o marido voltaram a Petersburgo. Apesar da gravidez, a condessa parecia mais bonita e feliz. Entre ela e o conde reinava, aparentemente, uma concórdia total.

Ao encontrar Rafaela, uma chama fugidia brilhou nos olhos negros de Leonid Dmitrievitch. Ele recordou-se da noite no pavilhão chinês. Ao interceptar o olhar do príncipe, Rafaela corou levemente. A despeito daquela prova de não ter esquecido nada, o príncipe não forçou uma reaproximação e fechou-se em reserva.

O tempo passava animado. As idas aos teatros e serões na casa de Kira, de Taíssa e de outros amigos, que retornaram do exterior ou de suas datchas, seguiam-se ininterruptamente. Graças à proteção do conde, o marquês Gonzales era recebido por toda a parte e tornara-se uma *persona grata* em todos os salões. Ele não era apenas um interlocutor agradável, de educação esmerada, mas conquistou o coração de todos com o seu talento de magnetizador. O falso marquês curava as damas da enxaqueca, das dores de dente, de taquicardia, e fazia experiências hipnóticas interessantes;

ninguém melhor do que ele conseguia adivinhar os pensamentos alheios. Resumindo: sem a presença do amável marquês, não se passava nenhum serão decente.

Apesar de inúmeros entretenimentos e de uma multidão de admiradores, Rafaela não parecia satisfeita. Ela estava furiosa e surpresa com a estranha frieza do príncipe. Será que ela já não era tão bela? Ou Taíssa o subjugara a tal ponto? Ou o coração do príncipe estava apático, já que o seu capricho fora realizado e, aos seus olhos, uma mulher como ela já não tinha nenhum valor? Fosse qual fosse o motivo, uma coisa era certa: nos olhos de Leonid Dmitrievitch não faiscava a mesma paixão por ela. Quando o seu olhar escorregava indiferentemente por Rafaela, esta se enchia de angústia e ódio, pois, à medida que arrefeciam os sentimentos do príncipe, a paixao da mulher incitava-se cada vez mais.

Por outro lado, as suas expectativas de que a paixao de Hugo se aplacasse em Florença não se realizaram. O adorador inconveniente bombardeava-a com cartas, lidas e mais tarde queimadas na lareira. E ela tinha de responder-lhe, dar promessas enganosas, reiterar-lhe o amor e inventar toda uma sorte de mentiras, com medo de que ele aparecesse um belo dia para embaraçá-la.

Toda essa correspondência passava pelas mãos de Kunrad. O velho se instalou temporariamente em Petersburgo e morava atrás de Moskovskaya Zastava{27}, em uma mansarda que só ele poderia encontrar. As incertezas de Rafaela eram tantas, que ela não punha em execução o seu projeto de se livrar do conde. Isso não teria sentido, enquanto ela naão tivesse certeza do amor do príncipe. Financeiramente, a viuvez apenas prejudicaria, sem contar a perseguição de Hugo, que só pensava em seu desquite, em fugir para a América e em outras tolices semelhantes.

Só uma coisa estava dando certo: Taíssa começou a sofrer desmaios, estranhas dores de cabeça e perda rápida de memória, depois que o espanhol, atendendo às ordens de Rafaela, lançou

mão de seus poderes. A princesa enfraquecia, cansava-se fácil e parecia extinguir-se. Sem encontrar uma causa plausível para sua condição doentia, os médicos atribuíam aquilo à gravidez.

Era início de dezembro. Certa noite, Rafaela estava sentada na biblioteca. O conde, como de hábito, não se encontrava em casa. Ele fora almoçar com um dos amigos e deveria voltar tarde.

A jovem almoçara sozinha e depois foi ao quarto, expedindo ordens de não ser incomodada. Para se livrar dos pensamentos tenebrosos, foi à biblioteca, pegou um livro e sentou-se na saleta contígua, apreciada sobremaneira por seus móveis baixos e incrivelmente confortáveis.

Estava, porém, demais nervosa para ler. Percorrendo distraidamente com os olhos algumas páginas, afastou o livro, jogou a cabeça no espaldar do sofá e entregou-se aos pensamentos. O ódio, a fúria e os ciúmes devoravam-na. Seus últimos flertes com o príncipe, levemente correspondidos, animaram-na um pouco. Mas era só; ele continuava a ficar embutido em sua habitual indiferença. Naquela manhã, ela o encontrara no quarto de Taíssa e esperava que ele lhe fizesse algum sinal depois de ela ter mencionado estar se sentindo mal e dizer que ficaria a noite inteira sozinha. O príncipe, todavia, parecia não ter entendido aquela alusão.

E impossível descrever o que se passava na alma impetuosa e indisciplinada de Rafaela. A idéia de que alguém poderia resistir a ela, por quem suspiravam tantos homens, e de que ela não passara de um simples brinquedo descartável, de uma noite, para aquele homem a quem amava perdidamente, deixava-a possessa. Naquela hora, o seu amor estranhamente beirava o ódio. Subitamente, estremeceu e endireitou-se. Junto à entrada da biblioteca, ouviu-se a voz sonora do príncipe, perguntando se o conde estava em casa.

— O conde não está, Alteza; a condessa encontra-se no *boudoir.*

— Não, não! Não incomode a condessa! Eu esperarei na biblioteca. Se Adrian Petrovitch não chegar em uma hora, diga-lhe

para passar em minha casa. Preciso falar com ele ainda hoje.

Rafaela desligou a luz com a rapidez de um raio e, antes que o príncipe pudesse abrir o reposteiro que toldava a entrada para a biblioteca, o pequeno gabinete envolveu se na escuridão. Mas, do lugar onde ela estava, podia ver tudo o que acomtecia no cômodo contíguo.

O príncipe sentou-se junto à mesa redonda no meio da sala atravancada de revistas. Ele acendeu um cigano e, cantarolando uma canção da moda, começou a folhear uma revista ilustrada.

Todo o corpo de Rafaela tremia com fúria contida. Ele não queria incomodá-la! Consequentemente, não queria vê-la e, despreocupado, ali estava cantarolando como se nunca lhe tivesse jurado amor.

Ela levantou-se silenciosamente do sofá e, feito uma lagartixa, esgueirou-se até a porta; escondida nas pregas do reposteiro, fitou o olhar no príncipe.

Jamais ele lhe parecera tão sedutor como naquele minuto, naquela pose desleixada. O ódio e a paixão nela se alternavam e, finalmente, fundiram-se em uma única vontade de lançar-se sobre o príncipe e sufocá-lo com aquelas mãozinhas trêmulas. Sua respiração sustou-se e um arfar soltou-se de seu peito contraído.

Leonid Dmitrievitch ouviu o ruído e voltou-se rapidamente em sua direção. Um arrepio nervoso percorreu o seu corpo estremecido. Por trás do reposteiro, avultava-se o busto de Rafaela, curvado para frente, tez pálida, emoldurada por cabelos ruivos. Seus olhos verdes cintilavam como os de um gato. Seu corpo esguio e curvado lembravam involuntariamente uma pantera prestes a dar o bote mortal. Ao mesmo tempo, a beleza estranha e demoníaca da jovem cativavam-no.

— A senhora está aqui, condessa? — balbuciou embaraçado.

— Sim! Mas fique tranquilo, não quero incomoda-lo

Rafaela queria passar direto, mas o príncipe deteve a, segurando-a pela mão. Ele intuía que, em sua alma, se processava uma luta renhida entre rancor e paixão; era demasiadamente estroina e libertino para deixar escapar uma oportunidade de requestar aquela jovem sedutora, mas que não lhe inspirava amor.

Com um movimento rápido e ousado, cingiu Rafaela pelos quadris e a beijou no rosto.

— Por que você fala assim, querida?

— Porque suas juras de amor são tudo mentira e cinismo. Não se evita alguém que se ama — retrucou a jovem.

Entretanto, ela não opôs resistência à investida do príncipe e recostou a cabeça em seu ombro.

— Sua ciumenta! Poderia eu esquecer aquela noite no pavilhão chinês? — murmurou ele, beijando a condessa. — Entenda: as circunstâncias me obrigam a ser cuidadoso; quando é possível, como agora, eu não desperdiço o momento.

Rafaela, porém, não estava inclinada a se render às palavras banais e aos beijos desprovidos daquela paixão com que respiravam cada olhar e cada carícia de Hugo; nem era a sua intenção usufruir de um fugaz minuto de amor sem perspectivas.

— Você me ama? - inquiriu ela, empertigando-se e fitando-o com olhar incendido.

— Sim, eu a adoro! - respondeu o príncipe, tentando puxá-la para si.

Rafaela afastou-o.

— Não, não! Não preciso das palavras jogadas ao vento que você diz a todas as suas mulheres, a cada brinquedo seu de fantasia passageira. Quero saber se você me ama realmente e é capaz de sacrificar tudo por mim, como eu faria por você, se fosse preciso.

Esse anúncio teve o efeito de uma ducha fria. Apesar da beleza de Rafaela, ele jamais pensou em sacrificar-se por amor a ela.

— Que tolices são essas, minha querida? Para que lauto barulho por nada? Até parece que essa foi a sua primeira infidelidade - disse ele rindo -; só noviças de convento chegam a tanto. Amemo-nos enquanto não estivermos fartos um rio outro; gozemos do presente, sem envenenar o futuro e ter de lamentar o passado irreparável. Amamo-nos e pertencemos um ao outro e isso ninguém nos tira. Estamos como que atados a margens opostas de um rio, e só podemos nos encontrar no meio dele. Assim, minha querida, naveguemos ao sabor do vento, sem perturbar a paz das pessoas inocentes que merecem, se não a nossa fidelidade, ao menos a nossa gratidão.

— E isso você chama de amor? - ciciou Rafaela.

— Sim, eu a amo, odeio, porém escândalos nada acrescentam. Eu não posso esquecer de que você é esposa de meu sogro, nem quero que Taíssa tenha motivos para zangar-se comigo, sobretudo em seu estado. Se você quiser aceitar o meu amor, aceite-o nessas condições; caso contrário, por mais que me seja difícil, eu devo renunciar a você.

O tom da voz do príncipe era tão decidido, que a condessa não pôde duvidar que ele manifestava a sua convicção interna; ao mesmo tempo, suas palavras eram prova de que ela lhe subjugava apenas os sentidos, enquanto o coração calava. Que diferença da emoção que soava na voz de Hugo, em cada carícia e em suas cartas exaltadas e desesperantes! Nelas, em cada palavra tremulava uma paixão genuína e extasiada, transbordando o ser.

Parecia a Rafaela sufocar-se. Seus tímpanos zumbiam, ela cerrou os olhos. Talvez nem tenha sentido o príncipe atraí-la novamente aos braços e cobri-la de beijos ardentes. Um ver dadeiro furacão agitava-se em sua mente e o coração fervilhava de ódio a Taíssa e de sede de vingança.

“Espere só! Se minha beleza não bastar para conquista lo, usarei os poderes invisíveis de Dom César. Derrotado, você me pagará por tudo isso. Eu o farei passar por todas as agonias do ciúme e você rastejará aos meus pés, suplicando por amor.”

Alheio aos projetos cruéis que povoavam a mente da jovem, o príncipe prodigalizava carícias, fruindo do aprazimento momentâneo.

De súbito, ouviu-se fracamente o som da campainha elétrica. Leonid Dmitrievitch nada ouviu, mas Rafaela endireitou-se lépida, afastou com força o príncipe e, sem dizer uma palavra, desapareceu do quarto. O príncipe ficou aturdido no início e, balançando a cabeça, retornou à biblioteca, sentando-se à mesa.

— É o próprio demônio, capaz de seduzir até um homem santo! Mas quanto amor e queixas! Com os diabos! Espero que ela não me venha com casamento — resmungou ele.

Nesse ínterim, no quarto contíguo, ouviu-se a voz do conde — o que explicava a fuga repentina da condessa; ele não pôde deixar de rir, por dentro, dessa cautela feminina.

Quando Adrian Petrovitch entrou, o príncipe estava compenetrado na leitura de uma revista.

— Você ainda está aqui? Disseram-me que Taíssa foi se deitar - disse o conde, cumprimentando jovialmente o genro. - Você viu Rafaela?

— Não, não vi! Segundo disseram, ela não estava passando bem.

— Estou achando-a muito nervosa e irritada ultimamente. Espero que ela não venha com a tolice de me recompensar com um herdeiro — observou o conde, rindo.

— Entendo, Adrian Petrovitch.

— Não aspiro a deixar descendentes e temo que a maternidade prejudique a beleza de Rafaela. Com Taíssa é diferente! Ela precisa

de um herdeiro para tomar conta de seus milhões e continuar com a linhagem principesca. Mas basta de brincadeiras! O que você me queria dizer?

Eles passaram a falar de negócios.

No dia posterior àquela noite agitada, Dom César veio à casa da condessa numa visita matinal. Esta recebeu-o no *boutloir* e passou a conversar com ele em espanhol - idioma que ninguém conhecia na casa.

— Dom César! — disse ela sem quaisquer rodeios - quero que o senhor cumpra uma parte do nosso acordo.

— Estou às sua ordens, condessa.

— Peço-lhe que utilize todo o seu poder para sugerir ao príncipe, meu enteado, uma paixão tão louca por mim, que ele perca o tino e a cautela, e torne-se em minhas mãos um brinquedo obediente.

As faces do aventureiro cobriram-se de um leve palor. Por mais rápido que ele tivesse ocultado o seu olhar atrás das grossas sobrancelhas, Rafaela notou uma chama estranha que fulgira em suas pupilas escuras.

Subitamente, uma suspeita alojou-se na mente da jovem. Como ele se atrevia a ter ciúmes? Podia aquele miserável, vivendo às suas expensas, ousar erguer-lhe os olhos?

— Espero que as minhas ordens sejam claras. Eu cumpri a parte do meu acordo e propiciei-lhe as condições favoráveis para que o senhor pudesse agir. Agora cumpra a sua parte!

Na voz de Rafaela soava uma ameaça velada.

— Não me estou recusando a cumprir as minhas obrigações, condessa — respondeu friamente o aventureiro, erguendo-se e despedindo-se dela.

A suspeita de que Dom César nutria por ela uma paixão não a deixava mais em paz. Tal circunstância inesperada poderia atrapalhar todos os seus planos. Por uns instantes, pensou até em livrar-se do espanhol; porém o risco era grande, por tratar-se de uma pessoa tão perigosa. Ademais, ela precisava de seus préstimos para se livrar do marido e de Taíssa.

Após muitas reflexões, Rafaela decidiu conversar com o avô, cujos conselhos práticos e certeiros já tivera a oportunidade de avaliar.

Saiu de casa a pé, sob o pretexto de dar um passeio; depois contratou um cocheiro para levá-la à casa afastada do velho agiota.

Kunrad estava sozinho. Ele ouviu atentamente a neta.

— Suspeitei que ele estava apaixonado, assim que vim para cá. Não há nada de surpreendente nisso, pois você é uma mulher muito atraente.

— Esse pobretão! Esse cão miserável! — resmungou com desdém Rafaela.

— Há-há-há! Os jovens pobretões gostam de coisas boas, tal qual os condes velhos. Só que, meu tesouro, um homem como Dom César não pode ser simplesmente enxotado. Ele é perigoso, e muito. Sabe demais. Você tem de aprender a lidar com ele, encobrir sua indignação e ganhar-lhe a confiança. Para não deixá-la totalmente dependente dele, vou lhe dar uma coisa que poderá lhe servir no futuro.

O velho abriu um escrínio com uma chave que guardava pendurada no pescoço, e tirou um pequeno frasco com um líquido incolor.

— Não sei se você sabe, mas, na minha juventude, trabalhei por algum tempo em uma farmácia. Este frasco, bem como alguns outros não menos eficazes, guardo como lembrança daquela época. Se você quiser se desfazer de seu marido sem envolver outras

pessoas, ponha na bebida, seja chá, leite ou vinho - tanto faz — três gotas do líquido. A pessoa terá uma crise cardíaca com todos os sintomas de aneurisma. Se você quiser acabar com ela definitivamente, coloque cinco gotas.

Lívida, Rafaela guardou, com a mão trêmula, o frasco no bolso.

— Obrigada, vovô! Não esquecerei do que faz por mim. Quanto a Dom César, seguirei o seu conselho.

— Sim, sim, não se deve pisar na cauda de uma cobra.

Ao se despedir, a condessa enfiou na mão do avô um pequeno envelope contendo notas bancárias, imediatamente guardadas no bolso do agiota, visivelmente reconhecido.

Desde o encontro na biblioteca, o amor do príncipe parecia ter reacendido. Ele buscava a companhia de Rafaela, era amável com ela e jurava-lhe seu amor intenso.

— Se você me encontrasse desimpedida, teria me desposado? — perguntou ela certa vez.

— Ah! Se você fosse livre, eu teria sacrificado tudo para readquirir a liberdade e depositar a seus pés o meu coração e o nome! — exclamou Leonid Dmitrievitch com exaltação forçada.

Na verdade, as doces palavras eram um expediente para lisonjear a jovem condessa. Felizmente, o conde gozava de perfeita saúde e ainda levaria muito tempo para deixá-la viúva!

Rafaela, por sua vez, raciocinava:

“Deixe estar! Ficarei livre e logo cobrarei sua promessa.”

Naquela noite, o conde tomou as primeiras gotas de veneno no chá. Sobreveio uma indisposição generalizada e uma debilidade que foi aumentando. Os médicos constataram uma insuficiência da atividade cardíaca, prescreveram-lhe repouso completo e vida regrada.

Dom César aumentou a frequência de suas visitas, fazendo passes magnéticos no conde, após os quais este assegurava sempre sentir grandes alívios.

Rafaela continuou a tratar bem o pseudo marquês. Ela mostrou-se reconhecida pelo amor prodigalizado pelo príncipe, dando a Dom César uma bela quantia em dinheiro.

Em meados de janeiro, seria festejado o aniversário da condessa. O marido perguntou o que ela queria ganhar de presente. Agraciando-o com um beijo carinhoso, assegurou que já tinha muita coisa, mas que, se a casa fosse maior, ela gostaria de dar um baile à fantasia.

Ainda que o conde não estivesse bem de saúde e sentisse um enorme cansaço, ele prometeu atender ao desejo da esposa. A seu pedido, Taíssa ofereceu os seus próprios recintos, o que era fácil e cômodo, uma vez que ambas as casas eram contíguas.

A intriga com o príncipe estava no clímax, mas para a indescritível decepção de Rafaela, a doença do conde e uma vida fechada tornavam os encontros muito difíceis. Essas circunstâncias acabaram por enfurecê-la, de modo que ela resolveu acabar com o marido no dia do baile à fantasia. Na agitação da festa, seria fácil envenenar o conde sem levantar suspeitas.

Para o baile, Rafaela vestiría o traje de Melusina, que lhe caía tão bem. De manhã, ao felicitar a esposa, o conde presenteou-a com um lindo colar de ouro, em forma de serpente.

Vestindo-se para o baile, a condessa estava nervosa, já que aquele seria o seu primeiro homicídio e a aproximação do momento decisivo deixava-a tensa. Ainda assim, não pensava em desistir do intento funesto; sua preocupação era conseguir fazer com que o conde tomasse o líquido mortal. Se ele não o fizesse na hora do baile, ela lhe daria as gotas mais tarde, para que ele fosse encontrado morto na manhã seguinte.

Trêmula, Rafaela escondeu o frasco atrás do cinto, para tê-lo sempre à mão. Precavidamente, ela transferira a quantidade necessária de veneno para um frasco menor, para não ter que contar as gotas.

No salão luxuoso, iluminado profusamente e decorado com plantas raras, reuniu-se uma multidão animada, alegre e engalanada. A heroína da festa, em seu traje original, produziu uma enorme sensação e admiração geral. O conde, vestido em um traje de fidalgo veneziano, estava exultante. Ele aproveitou um momento para beijar Rafaela no ombro e murmurar-lhe no ouvido:

— Você está querendo deixar-me louco!

Dom César também se encontrava no baile. Ede estava fantasiado de toureiro. Alegre e encantador como de costume, ele passeava entre os convidados, sem perder de vista a anfitriã da casa. Mas Rafaela estava demasiado ocupada para pensar nele ou notar-lhe o olhar maldoso, acompanhando todos os seus movimentos.

Nesse dia, o conde se sentia pior que ultimamente; não obstante, dominou o seu mal-estar para não estragar a festa. Rafaela viu-o tomando alguns goles de vinho, deixando o copo no console, aparentemente com a intenção de bebericá-lo vez ou outra para se fortalecer. O cômodo onde ficava o console era anexo ao salão. A profusão de plantas e flores transformara aquele ambiente em um abrigo odorífico.

A condessa aproveitou o momento em que o quarto ficou sem gente. Fingindo procurar o leque, aproximou-se do console escondido por dois pés de loureiro e verteu o veneno no vinho.

Ninguém prestara atenção a Rafaela, com exceção de Dom César, cujo olhar cintilante não a perdia de vista. Quando o espanhol viu que ela se afastou do console e escondeu algo atrás da cinta, um sorriso sagaz escorregou-lhe pelos lábios. Ele

misturou-se na multidão e concentrou toda a sua atenção em Adrian Petrovitch, que conversava com um general.

Pouco depois, Dom César viu o conde aproximar-se do console e tomar quase todo o resto do vinho.

Rafaela também observou todos os movimentos do conde. Um palor cadavérico alastrou-se pelo seu rosto. O príncipe, que dançava com ela, notou isso. Ao ve-la fechar os olhos e tremer toda, levou-a ao gabinete e fez com que se sentasse no sofá.

— Vou lhe trazer um copo de água. Faz mal dançar muito nesse calor. Sente-se mal?

— Sim, estou um pouco zonza — respondeu a condessa, enxugando a testa suada.

Passados alguns minutos, Leonid Dmitrievitch retornou, trazendo um copo de água e um frasco de sais, mas a condessa já estava melhor. Ela agradeceu rindo, deu alguns goles para refrescar-se e anunciou que lhe bastavam dez minutos de descanso para recuperar as forças e dançar até a madrugada.

Nesse instante, entraram alguns convidados. Entabulou-se uma conversa subitamente interrompida por barulho e gritos no salão.

— Meu Deus! O que aconteceu? — gritou Rafaela, levantando-se do sofá.

Ela estava pálida feito um cadáver.

Nesse instante, no umbral da porta, surgiu visivelmente abalado Dom César.

— O conde está passando mal! — disse ele.

Rafaela soltou um grito e quis correr para o salão, mas as suas pernas tremiam e ela teve de se agarrar na poltrona. O príncipe amparou-a.

— Acalme-se! É uma crise de Adrian Petrovitch. Tenho certeza de que não é nada sério. Mas vamos! Segure-se no meu braço!

Num dos cantos do salão estava reunido um grupo numeroso de pessoas. Ao verem o príncipe, todos abriram caminho. Então eles viram o conde, deitado imóvel no sofá. Sua cabeça pendia para trás, o rosto e as extremidades dos dedos estavam azulados e nos traços pálidos congelara-se uma expressão de sofrimento.

Rafaela parecia pregada ao chão. Ela havia confiado demais em seus nervos. Os objetos saltitavam diante de seus olhos, os ouvidos zumbiam. Parecia à jovem que diante de seus pés se abrira um abismo; perdeu os sentidos.

O príncipe, ajudado por outros homens, levou Ralada para o seu quarto e a confiaram aos cuidados da camareira. Ao mesmo tempo, o conde foi carregado ao gabinete e deitado no sofá.

Os médicos já tinham sido chamados, ainda que todos soubessem que a presença deles seria desnecessária. Os convidados, respeitando a dor familiar, apressaram-se em deixar a casa.

O alarde na casa foi ouvido por Taíssa, que lia em seu gabinete. Ela se levantou e olhou pela janela. Ao ver as carruagens deixando a casa, surpreendeu-se ainda mais. Tomada de mau pressentimento, correu ao vestiário para mandar uma das criadas saber o motivo da agitação.

O vestiário estava vazio. Então, ela ouviu alguém gritar no corredor anexo:

— Ele está morto!

Sua respiração ficou presa; ela recostou-se momentaneamente na estante. Quem está morto? Seria o pai que já há algumas semanas não estava bem de saúde? Suas relações com ela não eram das melhores, mas, ultimamente, ficando o conde mais em

casa, na jovem mulher foi despertando o afeto filial, e a idéia de que ele poderia morrer de repente a deixava desesperada.

Esquecendo-se de que se encontrava de penhoar e de que seu penteado estava arrumado para dormir, a princesa, quase correndo, atravessou os quartos e adentrou o salão, onde ainda se encontravam alguns convidados retardatários.

— O que aconteceu? Onde está o meu pai? - gritou Taíssa, puxando a mão da primeira pessoa encontrada.

— O conde estava passando mal e foi levado ao gabinete. Mas, por favor, acalme-se, princesa! — disse um jovem, amigo do conde, tentando segurá-la.

Mas Taíssa arrancou a mão e correu para os aposentos do pai. No gabinete estavam somente o médico, o principe e alguns amigos íntimos.

O médico acabara de examinar o corpo. Ele se endireitou e anunciou:

— O conde morreu de infarto - o que já era esperado.

Uma dor terrível comprimiu o coração de Taíssa. Tudo o que ela censurava nele estava esquecido e, naquele instante, apenas se lembrava dos bons momentos e provas de amor paterno. Com um grito surdo, atirou-se em direção ao sofá, caiu de joelhos e, beijando a mão gelada do morto, repetia com um pranto convulso:

— Papai! Papai! Meu pobre papai!

O príncipe, que estava de costas para a porta e não notara a chegada da esposa, virou-se rapidamente. Vendo-a tão abalada, correu para ela e tentou levantá-la.

— Taíssa! Minha querida! Pense em seu estado! Você deve se cuidar por nosso filho; nada podemos fazer agora por seu pobre pai!

Taíssa deixou-se convencer finalmente e o príncipe a levou ao seu *boudoir,* prometendo que ela veria o pai assim que o corpo fosse depositado no caixão.

— Onde está Rafaela? - perguntou Taíssa.

— Ao ver Adrian Petrovitch daquele jeito, ela desmaiou. Nós a levamos ao seu quarto, onde está sendo cuidada pela criada. Que pena Kira ter adoecido; sua presença é tão necessária nessa hora! - lamentou-se o príncipe.

— Quem poderia prever essa desgraça?! - murmurou Taíssa, desfazendo-se em pranto.

— Ao contrário, o estado de Adrian Petrovitch já pressagiava o que iria acontecer; nós é que fomos cegos. Mas eis a nossa fiel Verter! Ela cuidará de você. Se você gosta um pouco de mim e de nosso filho, tente superar isso à maneira cristã - disse o príncipe, beijando a esposa. - Eu devo voltar para dar as devidas ordens. A condessa está muito abalada e ainda é inexperiente para cuidar de todos esses detalhes.

— Sim, sim, vá! Quão breve foi a felicidade da pobre Rafaela! Agora o meu pai se uniu à minha pobre mãe. Cmo será o reencontro deles?

— Um anjo como a sua mãe só poderia perdoar as fraquezas terrenas — considerou o príncipe, saindo do quarto.

Depois de expedir as devidas ordens, Leonid Dmitrievitch foi ao quarto de Rafaela. Esta já estava recomposta, sentada sozinha em seu *boudoir.* Seu extravagante traje deu lugar a um vestido preto que destacava sobremaneira a palidez da jovem.

O príncipe explicou-lhe as determinações feitas. Subitamente, a condessa cingiu-lhe o pescoço com os braços e beijou-o apaixonadamente nos lábios. Foi como uma ducha fria; parecia inoportuno e repugnante para ele trocar beijos a alguns passos apenas do corpo que ainda nao esfriara, e daquele homem a quem

ele considerava um amigo e pai, cuja confiança traíra tão vergonhosamente. O fato de Rafaela não encontrar naquele minuto uma lágrima sequer para o marido que a arrancara de sua obscura e miserável existência, favorecendo a com opulência e posição nobre, tornava-a odiosa.

Com a contrariedade que lhe inspirava aquela atitude, o príncipe afastou a jovem e balbuciou em voz trêmula:

— Nao é hora, condessa, de zombar do homem a quem a senhora deve tanto, e de quem me envergonho de ter abusado de sua confiança.

Sem dizer mais nada, o príncipe deu as costas e saiu do quarto.

Um rubor intenso cobriu as faces de Rafaela; suas feições contraíram-se com ódio colérico, digno do apelido de “Cobra Capela”.

— Espere só! — balbuciou ela, crispando os punhos. No dia em que você for meu, pagará por isso, entre outras coisas.

XVIII

Na manhã seguinte ao dia do enterro, Dom César fez a Rafaela uma visita de condolências. Ainda que a jovem a ninguém quisesse receber, abriu uma exceção ao espanhol, pretextando curar uma insuportável dor de cabeça. Eles não seriam incomodados por ninguém, pois Taíssa adoecera após muitas emoções e não se levantava da cama; o príncipe estava trabalhando.

Rafaela manifestou ao vigarista o desejo de ver viúvo o príncipe.

— O senhor não teve qualquer trabalho com o conde, já que o próprio destino se encarregou dele. Aguardo suas providências para cumprir a segunda parte do acordo — disse ela em espanhol — idioma utilizado sempre que falava com Dom César.

Um sorriso enigmático percorreu o rosto bronzeo do aventureiro.

— Para que toda essa pressa, condessa? A senhora mal acabou de se tornar viúva.

— Creio que isso não seja de sua conta! O nosso acordo é claro: eu pago e o senhor executa - insistiu Rafaela, franzindo o cenho.

— Perfeitamente, condessa, estou às suas ordens! Devo lhe dizer, entretanto, que eu odeio assassinatos. Veneno e punhal são coisas perigosas. Cumprirei o seu desejo, mas sem sujar as mãos com sangue e, com alguma paciência, alcançaremos o mesmo objetivo.

A menção da palavra “veneno” fez a condessa empalidecer; ela mediu o espanhol com um olhar flamejante e perserutador, mas nada pôde ler em seu rosto impassível.

— Não lhe exijo uma morte violenta. Apenas quero que ele fique viúvo, e, como o senhor fará isso, não me diz respeito.

— Está certo, condessa! A senhora não teria um retrato dela?

Sem dizer nada, Rafaela tirou do álbum uma foto de Taíssa e a estendeu a Dom César. Este a colocou no bolso, despediu-se e saiu do quarto.

O pseudo marquês ocupava um apartamento pequeno, mas confortável, composto de três quartos. Na noite do mesmo dia, ele dispensou o criado, alegando precisar escrever algumas cartas, e disse-lhe que não precisava voltar antes de uma hora da madrugada.

Assim que Dom César se viu sozinho, trancou-se na pequena sala de estar e baixou os estores e as cortinas. Em seguida, fixou o retrato de Taíssa na mesa entre duas velas acesas.

Para ficar mais à vontade, Dom César tirou a roupa de cima. Erguendo as mãos sobre o retrato, firmou, no rosto de Taíssa, o seu olhar flâmeo.

Aos poucos, uma palidez cadavérica foi-se espalhando pelo rosto do espanhol. As veias da testa e das têmporas intumesceram, as mãos enregelaram-se, os olhos adquiriram uma expressão tosca e imóvel. Sua respiração acelerou-se; como que inconsciente, ele balbuciava palavras incompreensíveis.

Subitamente, as velas apagaram-se, como se alguém as tivesse soprado. Deu-se então um espetáculo estranho. As costas, a cabeça e os dedos de Dom César cintilaram de luz vermelha fosfórica. De seu corpo parecia emanar uma névoa azulada, indo adensar-se sobre a superfície do retrato e a rodopiar vertiginosamente, feito uma esfera, adquirindo uma coloração sanguínea que se foi desfazendo em faíscas.

Quanto tempo durou esse fenômeno - é difícil dizer; subitamente, tudo se apagou e desapareceu. Os braços de Dom César caíram inânimes, ele cambaleou e tombou no chão, feito uma massa inerte.

Enquanto isso, Taíssa, com aparência desconsolada, estava em seu *boudoir* em companhia de Kira, Rafaela e Vérter. De chofre, a condessa soltou um grito, premeu a cabeça com as mãos e desfaleceu.

Quando Taíssa conseguiu abrir os olhos, após longos esforços feitos por parte dos presentes, aparentemente já não reconhecia ninguém. O seu olhar vagava perdido e ela dizia palavras incompreensíveis.

Os médicos não puderam explicar a causa daquele mal. Todos os esforços em tentar fazê-la voltar a si se verificaram inúteis. No terceiro dia, Taíssa deu à luz um menino.

Apesar de ter nascido prematuro, ele estava são; sua mãe, porém, continuava delirando e sua vida estava por um fio. O príncipe desesperava-se. Foram chamadas as maiores celebridades da classe médica. Após dois dias de luta desesperada, a vida, aparentemente, levou vantagem. A febre cessou, mas a razão não voltava. A princesa continuava sem reconhecer ninguém, nem o marido; não perguntava do filho, nem tinha a menor consciência do que estava acontecendo.

Durante aquele período de luto e das tentativas infrutíferas de trazer de volta a razão da pobre jovem, Rafaela passou a cuidar do pequeno Anatoly, cercando-o de verdadeiros mimos maternos. Ela supervisionava a ama-de-leite, só deixava a criança para ficar ao lado da enferma, e soube, naquela hora difícil, conquistar o reconhecimento de todos, inclusive vencer as últimas prevenções de Verter.

Tendo-se afeiçoado extremamente ao filho, seu retrato vivo, o príncipe sentia-se grato a Rafaela. Às vezes, ele se surpreendia pensando em como aquela coquete podia ter muda do tanto. Ela passava horas inteiras junto à cama de Taíssa; para melhor cuidar do menino, sua abnegação chegou a ponto de ela transferir o berço dele para seu quarto.

Das longas conversas com Verter, que a tratava com menos desconfiança, Rafaela veio a descobrir que Taíssa, ainda na gravidez, fizera um testamento, segundo o qual, em caso de sua morte, ela designava o marido como tutor da futura criança, e investia-o como curador do patrimônio. Se o filho viesse a falecer, o príncipe herdaria a metade de todos os bens; a outra metade deveria ser dividida entre os parentes e instituições de caridade.

Essa descoberta fez com que Rafaela redobrasse os desvelos pelo pequeno Anatoly, embora a sua própria situação financeira a livrasse de quaisquer preocupações, já que o conde lhe deixara cerca de oitenta mil rublos, uma bela propriedade e uma pensão de três mil rublos por ano. Ficaram-lhe também os excelentes móveis, prata e brilhantes, dos quais Taíssa havia renunciado em favor da madrasta — o que, por sua vez, constituía um capital não menos significativo.

No fim de maio, os médicos recomendaram que a enferma fosse levada para a propriedade rural, onde vivera antes, na esperança de que o ar fresco e o ambiente doméstico pudessem agir favoravelmente sobre a doença de Taíssa, que a nenhum tratamento cedia e parecia desenganada.

Desolado, o príncipe levou a esposa, sua fiel Vérier e uma Irmã de caridade ao castelo de Rodcnbcrg.

Seu trabalho exigia que ele ficasse em Petersburgo, mas decidiu visitar Taíssa a cada duas oti três semanas.

Como Leonid Dmitrievitch não queria separar-se do filho e sua mãe não sabia da existência dele, Anatoly permaneceu sob os cuidados de Rafaela.

Passaram-se cerca de dois meses. Taíssa piorava a cada dia; o príncipe retornava das visitas cada vez mais desesperançado e abatido. Os médicos estavam desiludidos quanto à sua recuperação e previam o fim iminente da condessa, que não resistiría até o outono.

Apesar de sofrer pela esposa, o príncipe foi-se afeiçoando a Rafaela nas suas visitas para ver o filho. Com habilidade e astúcia a ela pertinentes, a condessa valia-se do pequerrucho para subjugar o pai, incapaz de conter a emoção, ao ver o amor e cuidados que Rafaela prodigalizava a seu filho, que sorria e estendia as mãozinhas para a mãe adotiva.

Assim, tudo ia a mil maravilhas e Rafaela poderia se considerar afortunada, se uma coisa não lhe causasse muita apreensão: Hugo parou de lhe dar notícias. No início, ela pesou a hipótese de que o jovem artista tivesse cometido, em sua exaltação, algum ato insano e comprometedor; mas, como nada aconteceu, ela achou que, talvez, ele estivesse morto — o que a deixou mais tranqüilizada.

Fica compreensível, assim, a sua decepção, quando, em um belo dia, entregaram-lhe o cartão de visita de Hugo Reshberg, pedindo ser recebido para demonstrar sua estima.

Mais uma vez, era necessário representar uma comédia. Rafaela recepcionou o jovem, fingindo alegria pelo reencontro, e de uma maneira que só a ele fosse compreendido o sentido oculto de suas palavras. Ela narrou ao pintor os acontecimentos trágicos: a morte do conde, a insanidade de Taíssa e o fardo de ter que educar o filho do príncipe. Todas aquelas obrigações, infortúnios e cuidados lhe tomavam todo o tempo.

Hugo ficou abalado ao saber da má ventura de Taíssa. Por sua vez, ele contou que contraíra tifo e que quase morrera; depois, tratou-se por seis meses em Sorrento.

— Fiquei tão ruim, fraco e magro, que não quis aparecer por aqui - disse ele, fitando amorosamente os olhos de Rafaela.

Passado um minuto de silêncio, ele acrescentou em tom significativo:

— Agora que você *é* viúva, tudo muda para nós.

A condessa premeu-lhe a mão e ciciou, fitando-o com olhar doce:

— Assim que terminar o meu luto, conversaremos sobre o nosso futuro.

A jovem não queria frustrar suas expectativas, tanto mais que ele ainda poderia ser útil para incitar os ciúmes do príncipe. De qualquer forma, sua exacerbação, suas queixas e ciúmes deveriam ser evitados.

No início de julho, o príncipe voltou de Riga totalmente deprimido. Ao visitar Rafaela no dia seguinte, ele contou que Taíssa derretia feito vela de cera e que o médico não lhe dava mais de três ou quatro meses de vida.

A condessa baixou entristecida a cabeça, enxugou uma lágrima fingida e, apertando contra si Anatoly, sentado no colo, murmurou com a voz embargada:

— Pobrezinho do pequerrucho! Como é duro perder a mãe dessa forma!

O príncipe tomou a mão de Rafaela e levou-a aos lábios.

— Ainda bem que Deus lhe deu uma mãe adotiva tão maravilhosa!

Um rubor vivo cobriu a tez pálida da condessa.

— Queria ser para sempre, pois me afeiçoei tanto ao pequenino, como se ele fosse meu. Leonid Dmitrievitch, se Taíssa morrer, vou sair de Petersburgo. Não aguento mais oscomentários maldosos acerca de suas visitas, e que dirá, caso o senhor fique viúvo! Já me basta meu ato criminoso, movido pela paixão incontrolável, que me fez trair o pobre Adrian. Não quero agora desonrar publicamente o seu nome - acresceu ela, em voz baixa. — Se o senhor me confiar Anatoly, eu cuidarei dele como se fosse meu filho.

O príncipe ouviu-a calado, depois pegou na mão dela e disse:

— Eu compreendo e respeito seus sentimentos, Rafaela. Permita-me lhe dizer apenas que, se for da vontade de Deus que Taíssa nos

deixe, não poderei dar à criança uma mãe melhor que a senhora. Passado o período do luto, que será imposto por exigências do coração e respeito, tentarei eliminar os impedimentos que resultam do nosso parentesco. Sua religião não impõe restrições e nada impedirá que fiquemos unidos por toda a vida. Tenho certeza de que a alma de Taíssa aprovará a minha escolha.

E o príncipe novamente beijou a mão de Rafaela.

Pálida e trêmula, Rafaela comprimiu as mãos contra o peito e fechou os olhos. O excesso de felicidade privou-a, naquele minuto, do dom da fala. Arrebatado pelo momento mágico, o príncipe inclinou-se, beijou a jovem nos lábios semi-abertos em sorriso de felicidade e saiu do quarto.

Silenciados os seus passos ao longe, Rafaela chamou a ama-de-leite, passou-lhe às mãos a criança e trancou-se no dormitório. Ela queria ficar sozinha para dar vazão à intensa felicidade e ao regozijo exultante.

Enfim a palavra decisiva fora pronunciada! O objetivo almejado fora alcançado. Ela não só soube seduzir aquele homem com os feitiços de sua beleza, mas também ser reconhecida e respeitada por seu amor a Anatoly, como uma mãe. Ela era duplamente vencedora!

Aquela série de delitos, culminando com suas intrigas diabólicas, nem sequer afluíam à sua memória. Ela se esqueceu do assassinato do conde, do fim triste de Taíssa, que lhe desobstruiría o lugar almejado. Ela só via o porvir brilhante e: a coroa de princesa, as colossais riquezas, o marido amado e a criança tomada da rival.

Quando as primeiras excitações se amainaram, Ralacla pôs-se a arquitetar planos para o futuro. Faltava-lhe livrar-se de dois sujeitos impertinentes: Dom César e Hugo.

Quanto ao último, não precisava ter pressa. Ele podia viver da esperança e aguardar. Se mais tarde ele ficasse inconveniente, bem

que poderia sofrer um infarto, como o conde. Com o auxílio do avô, isso seria fácil. Um crime a mais, já não a assustava.

O mais importante era livrar-se de Dom César, cujos serviços se tornaram dispensáveis. Teria de pagá-lo bem e obrigá-lo a viajar para o exterior. Em uma palavra: ele deveria desaparecer do caminho da futura princesa Argunova.

Após refletir muito, decidiu que a explicação decisiva com Dom César deveria ser realizada na casa do avô; para tanto, precisava encontrá-lo antes e aconselhar-se com ele.

O agiota ouviu a neta com visível contentamento e a felicitou com o auspicioso porvir descortinando-se. Em seguida, acrescentou:

— Você tem razão, é hora de se livrar do vigarista. Você não deve poupar dinheiro. Também acho que você deve se encontrar com ele aqui, longe de ouvidos indiscretos. Mas é arriscado ficar sozinha com ele. Estou com o pressentimento de que esse patife está armando alguma coisa. Por garantia, direi para ele que preciso sair, mas depois me escondo no armário embutido do quarto ao lado. De lá, poderei observar vocês dois e, se for o caso, acudi-la.

— Está bem, vovô! Agradeço-lhe a sugestão, ainda que não acredite que Dom César ouse fazer algo. Gostaria de despedir-me dele amigavelmente.

No dia marcado, Rafaela saiu de casa sozinha, alugou uma carruagem e ordenou ao cocheiro levá-la ao lugar indicado. Um pouco antes de chegar à casa onde vivia Kunrad, ela pediu para parar, saiu da carruagem e ordenou que a aguardasse. Tinha escolhido um dia oportuno para ausentar-se. O príncipe havia viajado a Riga, informado por carta de que a saúde deTaíssa piorara repentinamente; Kira estava em Chuvalovo e, devido à sua gravidez, saía pouco de casa. A condessa, uma vez ou outra, hospedava-se por cinco ou seis dias na casa de Kira.

Naquele dia, Rafaela deixou a criança com a baronesa Kira, viajou pretextando negócios e prometendo voltar no dia seguinte.

Depois de tocar a campainha da casa onde morava Kunrad, abriu-lhe a porta Dom César. Ele ajudou Rafaela a tirar a manta e ofereceu-lhe uma cadeira de palha.

— A senhora desejava me ver, condessa? Estou às suas ordens - disse Dom César, lançando um olhar incendido para a jovem.

Pela primeira vez, não escondia a sua atração por Rafaela; esta interceptou o olhar devorador e mal se conteve de indignação.

— Onde está o meu avô? - perguntou ela, olhando em volta.

— Foi tratar de um assunto, mas deve voltar logo.

— Bem, tanto faz! Então, vamos ao que interessa! Queria vê-lo, Dom César, para agradecer-lhe a ajuda prestada e acertar com o senhor. Como sinal de meu agradecimento e satisfação, estou disposta a pagar-lhe o dobro do combinado. O senhor receberá a soma integralmente nesses dias. Deixe-me também dar-lhe um conselho, para evitar problemas no futuro.

— Oh, condessa! Que conselho dita a sua amizade por mim?

— Deixe Petersburgo! Sua invariável sorte no baralho — dizem até que o senhor hipnotiza as cartas - começa a levantar suspeitas. Ouvi coisas desagradáveis a esse respeito. De qual quer forma, isso pode acabar mal. Não se esqueça de que o senhor usa o nome e o título de outra pessoa. Um inquérito policial pode revelar coisas indesejáveis e trazer inúmeras consequências. Acredite-me! É perigoso envolver-se com a polícia; saia da Rússia! Com o dinheiro que eu lhe darei, o senhor poderá viver bem em qualquer lugar.

O espanhol ouviu Rafaela sem interromper, mirando-a com olhar flamejante. Quando ela terminou, por alguns instantes sobreveio um silêncio. Dom César tamborilou com os dedos na mesa e disse com ironia indisfarçável:

— Eu aprecio, condessa, o seu conselho. Permita-me, da mesma forma, aconselhá-la também a deixar Petersburgo. A mudança do

clima e do ambiente lhe será tão salutar quanto a mim, pois o seu passado teme tanto a luz como o meu, se não mais.

— O senhor perdeu o juízo ou está bêbado para dizer tais insolências! - bradou Rafaela, empalidecendo de fúria.

— Nenhuma das duas coisas, condessa. Apenas, conheço há algum tempo uma pessoa - Leonardo Trembellini —, seu antigo mestre nas arte de... sonambulismo, ou como rastejar do picadeiro diretamente ao aposento nupcial do príncipe. Oh, o bom Leonardo é assaz linguarudo depois de um copo de vinho! Além disso, em sua trupe trabalha um tal de Rupert Knopp, intérprete de canções tirolesas. Ele afirma ter sido seu colega em Berlim e rememora fascinado como a senhora dançava cancã. Não menos interessantes são suas narrativas das aventuras amorosas da senhora. Tenho certeza de que se todo esse passado turbulento aflorar à tona, a minha bela Cobra Capela ficará mal aos olhos do príncipe e de toda a sua ilustre família!

Lívida feito um cadáver, Rafaela tremia toda e procurava algo com a mão para apoiar-se e não cair da cadeira.

— O senhor diz isso para extorquir mais dinheiro? - balbuciou ela em voz rouca.

— Absolutamente, não posso negar que eu preferiria o patrimônio do conde; em troca disso, ofereço-lhe o título de marquesa para tê-la em pagamento de meus serviços. Sim, Rafaela, eu a adoro com toda a paixão de um filho do sol abrasante da Espanha, sob o qual nasci e jamais a cederei a quem quer que seja. Se o príncipe revelar intenções de desposá-la, acabará como Taíssa. Em caso de sua recusa, eu não só desmascararei o seu passado, como a entregarei à justiça pela morte do seu marido. Eu guardei o vinho que ficou no copo do conde. Uma análise química do líquido, juntamente com a exumação do corpo, inevitavelmente a levarão à Sibéria ou a Sakhalin, em companhia de seu avô, o qual, tenho certeza, teme não menos que eu envolver-se com a polícia. Agora escolha: eu ou o tribunal do distrito!

A condessa ficou calada. Ela sentia-se sufocar; um suor frio cobriu todo o seu corpo. Dominada por uma tontura repentina, cerrou os olhos e apoiou-se na mesa. Por alguns instantes, sentiu que o coração ia estourar: no momento em que os seus projetos ambiciosos estavam praticamente atingidos, eis que surge, em seu caminho, uma víbora perigosa, prestes a aplicar-lhe um bote fatal e lançá-la ao precipício. A situação era tão inesperada e terrífica, que ela perdeu sua presença de espírito e, por uns instantes, a capacidade de raciocinar.

Um abraço impetuoso e o contato dos lábios incandescentes de Dom César, premendo a sua boca, fizeram Rafaela voltar a si. Ela se endireitou e estremeceu de asco ao interceptar o olhar do espanhol, fulgindo de paixão animal. Com um esforço desesperado, a jovem tentou desvencilhar-se inutilmente de seus braços férreos. Subitamente, atrás do espanhol surgiu Kunrad, empunhando um longo punhal finlandês. Seu rosto rugoso, desfigurado pela fúria, era asqueroso; seus pequenos olhos esverdeados e os lábios cerrados conferi am-lhe uma estranha semelhança com um tigre.

Descalço, silencioso feito sombra, deslizava ele pelo chão e, com um golpe violento, cravou a faca nas costas do espanhol. Dom César esticou os braços e, sem soltar qualquer ruído, tombou ao chão, salpicando de sangue o vestido e as mãos de Rafaela.

— Esse canalha recebeu o merecido e não vai mais prejudicar ninguém - rugiu Kunrad, virando e examinando o corpo imóvel. — Devo ter-lhe atingido o coração. Vamos jogá-lo rapidamente no porão. Ajude-me a levantar o alçapão!

Rafaela obedeceu, tremendo feito vara verde.

O agiota empurrou o corpo exânime para um pequeno porão úmido, construído sob o piso e fechou o alçapão.

— Hi-hi-hi! Saldei sua dívida com uma boa economia. Agora, meu bem, pegue aquele pano molhado e tire as manchas de sangue, enquanto não secaram. Eu lavarei o chão. E mais fácil agora, pois o

sangue está fresco. Depois descanse e se acalme! Assim que o seu vestido secar, você deve sair daqui.

Rafaela lavou cuidadosamente as mãos e tirou as manchas de sangue do vestido. Aos poucos, ela se acalmou. Parecia-lhe ter escapado de um perigo mortal; suspirou fundo e disse:

— Não sei como agradecer-lhe, vovô, pelo que fez. Jamais esquecerei disso e, como uma prova da minha gratidão, vou recompensá-lo bem. Agora, o que vamos fazer se alguém encontrar aqui o corpo desse patife?

— Quem virá procurá-lo aqui? — replicou Kunrad, sacudindo os ombros. Ninguém o viu chegar. O prédio é isolado e, pela vizinhança, não há casas residenciais. O velho Emeliano trabalha o dia inteiro e volta para casa bêbado. Ele mora sonho em uma casinhola do outro lado do pátio; vem para cá a cada três dias para trazer água e um feixe de lenha. Agora ele já nem precisará vir mais, pois irei por um mês a Riga e levarei a chave comigo. Quando eu voltar, jogarei no porão um saco de cal virgem para acabar de vez com o cadáver. Fique tranquila, minha princezinha! Coloque a sua manta e vá! Está na hora de você voltar para casa.

Dessa vez eles se despediram bem mais amigos do que em outras vezes. Rafaela retornou para casa e sua ausência não foi notada.

Naquela noite, Rafaela dormiu tão bem como havia muito tempo não dormia. A última ameaça em seu caminho fora eliminada.

Passou-se um mês do último acontecimento. Rafaela continuava morando ora na cidade, ora em Chuvalovo. Sua alma regozijava-se de felicidade, pois o príncipe era cada vez mais carinhoso, já se considerava como seu noivo e nutria uma profunda gratidão por sua dedicação a Anatoly, contando com cinco meses e meio, e cada dia mais bonito e engraçado.

Taíssa estava mal; Rafaela, de minuto a minuto, aguardava a notícia de sua morte. Assim, causou-lhe bastante surpresa, quando,

certa manhã, chegou Verter e anunciou que inesperadamente a razão voltara a Taíssa e que ela queria ver o marido e o filho. A ex-governanta insistiu para que o príncipe, devido à fraqueza da enferma, fosse até ela imediatamente.

Leonid Dmitrievitch decidiu viajar, naquela mesma tarde, com o filho e a ama-de-leite. No início, Rafaela expressou a vontade de ir junto, mas Verter deu a entender que Taíssa não desejava vê-la, e o próprio príncipe conseguiu demovê-la do intento. Apesar de ser leviano e dissoluto, não ficaria bem para ele aparecer na presença da moribunda em companhia de uma mulher que ele se afoitou em chamar de noiva, antes que a tampa do caixão da esposa baixasse. A condessa não insistiu. Ela estava exultante com a aproximação do desfecho. Não a preocupava a aparente recuperação de Taíssa. Sabia perfeitamente que os desatinados sempre recuperavam a razão imediatamente antes da morte.

Dois dias depois da partida do príncipe, Rafaela estava em sua casa na cidade, sentada no *boudoir,* quando lhe ent regaram uma carta trazida por um mensageiro.

Rafaela abriu-a indiferente; porém, à medida que a lia, o rosto empalidecia, a respiração sustava-se e ela sentia, no cérebro, uma dor lancinante que parecia enlouquecê-la.

A carta tinha o seguinte teor:

“Condessa!

“Malgrado seus esforços em acabar comigo, escapei da armadilha que a senhora me armou em cumplicidade com seu ilustre avô. Estou vivo, consequentemente, acima de sua cabeça paira a espada de Dâmocles e, à lista de seus crimes, acrescentou-se o atentado à minha morte.

“O meu silêncio dependerá da senhora mesma. Quero receber a importância combinada, acrescida de dez mil rublos (espero que a sua pele custe tanto!), só então irei embora para o exterior, esperando não a ver nunca mais, já que o seu torpe ato me curou

da minha paixão insana. Trate de entregar, amanhã cedo, o dinheiro ao meu mensageiro, que a esperará na catedral de Kazan. Ele irá portar na lapela uma rosa vermelha. Quando a senhora se aproximar dele, ele dirá a senha “Sibéria”. A senhora lhe entregará o dinheiro e tudo estará terminado”.

Impossível descrever os sentimentos que se apoderaram de Rafaela ao ler aquela carta. A idéia de que o perigoso cúmplice, do qual ela pensava se achar livre para sempre, ainda estava vivo, tendo-se tornado seu inimigo declarado, quase a deixou doida. Mas o mal estava feito. A jovem sabia da necessidade de atender às exigências daquele homem perigoso que, a qualquer hora, poderia acabar com ela e Kunrad.

No dia seguinte, após arrumar a quantia pedida, tremendo de ódio, foi levar o pacote ao local combinado.

Rafaela vestia um traje preto; um véu da mesma cor cobria-lhe o rosto. Seu coração enregelou todo ao reconhecer no mensageiro de Dom César o seu antigo colega - um velho palhaço da trupe de Trembellini. Este parecia não a ter reconhecido e a jovem, após entregar o pacote, saiu rapidamente da catedral.

Quando a fúria inicial e os primeiros temores amainaram, Rafaela retornou à sua costumeira empáfia. Aparentemente, Dom César tinha suas razões de não denunciá-la e suas ameaças não passavam de uma hábil chantagem. Ele iria embora com seu espólio e se calaria até extorqui-la novamente. Era necessário aconselhar-se com o avô e achar um meio de fechar a boca do espanhol para sempre.

Era certo que Dom César não empreenderia nada contra ela, pelo menos naquela hora. Taíssa estava morrendo ou, talvez, já estivesse morta, de modo que nada ameaçava o seu casamento com o príncipe, e esta última circunstância a recompensaria generosamente dos prejuízos monetários.

Rafaela tranqüilizou-se com essas deduções reconfortantes e viajou para passar alguns dias na casa de Kira. Sem dúvida, seria para lá que seguiría o telegrama anunciando a morte de Taíssa.

XIX

Para explicar o que acabamos de descrever, devemos voltar à pessoa de Dom César, ou seja, àquele instante em que Kunrad atirou para baixo o seu corpo inânime no porão.

Ainda que gravemente ferido, o espanhol não morreu, perdendo temporariamente os sentidos. Se a mão do agiota fosse tão forte como antes, seu fim seria instantâneo; a velhice, todavia, enfraqueceu-a. O punhal passou rente ao coração, atingindo apenas um pulmão.

Rafaela já tinha ido embora para casa e Kunrad estava na Estação Báltica, quando o espanhol abriu os olhos. Fraco e sedento, soltou um gemido rouco de dor intensa. Em volta, tudo era escuridão; o ar úmido e viciado apontava que ele se encontrava em um porão.

Dom César não era só uma pessoa fisicamente forte, como dono de um caráter extremamente enérgico. Dominando a lancinante dor que lhe causava cada movimento, tirou do bolso uma caixa de fósforos, sempre carregada, e acendeu um palito. Foi então que ele analisou o ambiente. Em um dos cantos, havia um saco de batatas, um monte de legumes e, no canto oposto, jazia um pote com pepinos curtidos. O ferido arrastou-se com dificuldade até o pote e tomou avidamenie a salmoura dos pepinos.

O espanhol se sentiu revigorado; recobrando ânimo, pôs-se de joelhos, depois conseguiu se levantar e acendeu o segundo fósforo, à luz do qual se convenceu de que poderia facilmente alcançar o alçapão com as mãos. Era preciso levantá-lo, se não quisesse apodrecer naquele buraco. Por alguns segundos, apoiou-se na parede, pois ficara meio zonzo. Temendo um novo desmaio, Dom César fez um esforço desesperado, levantou e atirou para trás o

tampo, que caiu com estrondo. Felizmente, Kunrad, certo de sua morte, não colocara em cima do alçapão nenhum peso. Entrementes, a derradeira força causou um novo desfalecimento, ainda que mais breve do que o primeiro. Ao voltar a si, Dom César agarrou-se na borda do vão e, com enorme energia, conseguiu sair do porão, tombando imediatamente; de sua boca, jorrava um filete de sangue. Após uma hora de descanso, ele acendeu uma lâmpada encontrada na mesa, pegou uma toalha pendurada na parede e, molhando-a no balde deixado por Kunrad junto da porta, atou o ferimento.

Isso o aliviou um pouco. O risco de ser acometido por febre e delírios era grande; para salvar-se e vingar-se depois, deveria abandonar imediatamente aquela casa maldita.

A muito custo, quase caindo a cada passo, Dom César conseguiu chegar até o armário, onde, como ele já sabia, o agiota guardava vinho e conhaque. O armário trancado foi habilmente aberto pelo aventureiro com um canivete. Um copo cheio de vinho revigorou-lhe as forças. Sem se esquecer de sua capa, deixada por Kunrad no armário, Dom César abriu do mesmo modo a porta de entrada e saiu para a rua. O velho Emeliano, dormindo bêbado na sua cama, jamais imaginaria o drama que se desenrolava em sua casa.

Para a sorte de Dom César, ele conseguiu encontrar um cocheiro livre por perto - coisa bastante rara naquela região. O aventureiro mandou seguir diretamente para o hospital. Registrando-se sob o nome de Diego Morales, artista do circo de Trembellini, alegou ter sofrido uma inleliz fatalidade. Depois de medicado, ele ditou um telegrama ao enfermeiro, participando o acontecido ao senhor Leonardo, em um jargão só a este compreensível; pedia-lhe que o visitasse dali a três semanas. Sua expectativa era recuperar-se até lá, já que o ferimento não era mortal e sua debilidade era resultante da perda de sangue.

A noite, seu estado febril seguiu-se de delírios, que seriam até comprometedores, se alguém soubesse espanhol.

O ferimento cicatrizou-se antes do esperado e, graças à natureza forte, após duas semanas Dom César conseguia se levantar, ainda que estivesse muito fraco e torturado por uma tosse seca, às vezes com sangue.

Dom César era por demais esperto para não entender o significado daqueles sintomas. Aproveitando uma oportunidade, pediu ao médico para dar-lhe uma opinião sincera sobre o seu estado de saúde.

— Sou um homem e não temo a morte; gostaria de saber a verdade para deixar em dia os meus negócios terrenos.

— O senhor quer saber a verdade? - perguntou o médico em tom sério. — Nesse caso, devo dizer-lhe que o seu pulmão esquerdo está danificado e que a sua vida está seriamente comprometida. Não posso calcular o tempo que lhe resta, mas sugiro que o senhor vá, o mais rápido possível, para um lugar de clima quente.

Dom César agradeceu ao médico. Deitado no leito, ele refletia sobre o que fazer. Morrer no florescer dos anos, enchia o seu coração de fúria, assim como de sede incontrolável de vingança.

— Você me pagará caro por isso, Cobra Capela! Hei do arrancar sua língua venenosa com essa máscara hipócrita - rezingava ele, crispando os punhos.

No dia seguinte àquela conversa, veio Trembellini. Os homens tiveram um longo colóquio que encheu de satisfação o coração do velho mestre de Rafaela. À noite, passou um velho amigo do espanhol - o palhaço do circo. Ele prontificou-se em pegar um pacote que uma dama lhe entregaria na catedral de Kazan.

Ao receber o dinheiro, Dom César murmurou sarcasticamente entre dentes:

— É com este dinheiro que vou acabar com você, criatura desprezível!

Após escrever uma longa carta, endereçada ao príncipe, e que levou dois dias para executar, Dom César viajou para Riga.

Para evitar comentários que poderiam ser motivados pelo seu desaparecimento da hospedagem, enviou para a administradora um bilhete em que informava ter viajado a negócios e pedindo para não se preocupar.

***

Vérter ficou imensamente surpresa ao lhe entregarem o cartão de visita do marquês Gonzales, pedindo recebê-lo imediatamente. Sua surpresa, entretanto, deu lugar ao assombro, no instante em que ela pousou o olhar naquele homem, outrora bonito e forte.

— Meu Deus! O que lhe aconteceu, marquês? O senhor parece ter saído de um túmulo! — exclamou ela, apertando-lhe a mão.

— Ao contrário, estou indo para lá - amargurou-se Dom César. — Como está a pobre princesa?

— Sofrendo; não ata nem desata. Já não suporto mais seus sofrimentos — disse a fiel governanta, enxugando as lágrimas que lhe anuviavam os olhos.

— Vim ver Taíssa Adrianovna. Tenho muita pena dela. Com sua permissão, tentarei curá-la com um novo método.

— Vamos, vamos, marquês! Os médicos asseguram que a pobre Taíssa está desenganada. Já nem lhe dispensam qualquer tratamento, esperando seu fim de uma hora para outra. Deus lhe ajude a salvá-la com os poderes que o senhor possui!

Verter levou o pseudo marquês até um pequeno terraço de vidro; a enferma, rodeada de almofadas, encontrava-se meio deitada no sofá — para ficar o máximo possível ao ar fresco, ambiente mais propício por sugestão dos médicos.

Ao ver sua vítima, Dom César estacou estremecido. Taíssa estava irreconhecível. Sua magreza era terrível; parecia não haver sequer

uma gota de sangue em suas veias. Os olhos imóveis careciam de expressão e, se não fosse por um leve tremor nervoso das mãos, ela poderia ser tomada por um cadáver.

— A senhora poderia nos deixar a sós? Preciso ficar sozinho para poder me concentrar melhor, ainda mais que estou tão fraco — pediu ele em voz baixa.

A governanta fez um sinal de consentimento com a cabeça e foi para o quarto vizinho. Ela não nutria qualquer esperança; o que poderia fazer aquele homem padecente? Mas a esperança é a última que morre!

Assim que Dom César se viu sozinho, postou-se diante da enferma e fitou-lhe o olhar, concentrando toda a sua força de vontade. Da enorme tensão dispensada, suas veias intumesceram. Um pequeno acesso de tosse fê-lo espargir algumas gotas de sangue, colorindo os lábios; sem dar atenção a isso, fez alguns passes. Taíssa estremeceu, abriu os olhos e os seus membros adquiriram uma imobilidade cataléptica.

Dom César premeu forte seu dedo contra a testa da jovem, na altura das sobrancelhas, e balbuciou em tom imperativo:

— Eu lhe devolvo a memória e a razão! Você acordará com saúde, irá se alimentar e dormir bem, e as forças lhe retornarão. Você viverá e será feliz.

Seguidos mais alguns passes, os membros de Taíssa tornaram-se flexíveis; um rubor leve tingiu suas faces pálidas e uma respiração calma e profunda logo demonstrou que ela tinha adormecido.

— Agradeço-lhe, Deus, por ter me dado forças para reparar o meu crime! - murmurou ele, retirando-se do terraço.

— Não a incomodem, ela está dormindo — disse ele a Verter, quando esta se aproximou vacilante.

O esforço despendido fê-lo suar em bicas. A tosse seca sacudia-lhe o corpo; sufocando-se, deixou-se cair na cadeira. O lenço,

levado aos lábios, coloriu-se de sangue.

Meia hora depois, Dom César levantou-se e retornou ao terraço.

— Vamos! Mas não se mostre à doente! - disse para Vérter.

Taíssa continuava dormindo. Dom César fez mais alguns passes e pronunciou imperativo:

— Acorde!

A jovem estremeceu, espreguiçou-se e abriu os olhos.

— A senhora me reconhece, princesa? - perguntou o magnetizador.

— Claro que sim, marquês! Por que não deveria reconhecê-lo? — surpreendeu-se Taíssa.

Depois, olhando em volta, acrescentou assustada:

— Por que estou aqui? O que isso significa? Chamem Leonid!

— Nesse momento, o príncipe não se encontra em casa. A senhora ficou muito doente, mas, com o auxílio de Deus, logo se recuperará e tudo dará certo. Agora ouça o meu conselho: durma, alimente-se bem e não faça perguntas — disse Dom César.

A boa Verter já não aguentava permanecer como uma testemunha muda. Ela se aproximou da jovem e, chorando de alegria, abraçou-a.

Taíssa soergueu-se com a ajuda de Verter e, estendendo a mão ao espanhol, disse em tom alarmado:

— A julgar pela minha fraqueza, começo a entender o quanto eu estava doente. A sensação que tenho é de acordar de um sono estranho e profundo. Pelo visto, devo a minha recuperação graças ao senhor. Como posso agradecer-lhe?

— A senhora não me deve qualquer agradecimento, princesa. Salvando-a, cumpri com a minha obrigação - disse o espanhol, com

os olhos túrbidos.

— O senhor também não me parece estar bem! — observou Taíssa, enternecida.

— O que eu tenho, já me sentenciou à morte. Se a senhora vier a saber que não estou mais nesse mundo, reze por minha alma pecaminosa. Agora basta de conversa! Durma!

Taíssa cerrou os olhos obediente e, passados dois minutos, uma respiração calma e regular dava sinal de que dormia um sono reparador. Dom César e Vérter foram ao quarto anexo.

— A princesa está a salvo! Ela viverá e se recuperará logo. Eu preciso ir imediatamente.

— Como? O senhor não quer descansar por uns dois dias conosco?

— Não posso. Posteriormente, a senhora irá compreender o porquê. Permita-me lhe dar alguns conselhos e é bom que eles sejam seguidos. Escreva para o príncipe, ou melhor, vá pessoalmente buscá-lo com o filho, mas não diga que a princesa está recuperada. Ao contrário, dê a entender que ela está mal, ainda que a razão lhe tenha voltado, e que ela deseja ver o marido e o filho. Cuide para não trazer Rafaela; sua presença aqui poderá ser prejudicial. Quando retornar, tome a criança aos seus cuidados; é melhor livrá-la da influência da atual tutora. Por fim, entregue, por favor, esta carta ao príncipe, mas só quando ele estiver aqui. Guarde-a bem, pois é um documento muito importante. E agora, adeus!

— Vou mandar atrelar os cavalos para o senhor.

— Agradeço, mas a minha carruagem me espera embaixo.

Alguma coisa na fala de Dom César, o seu tom sério talvez, deixou Verter inquieta; uma vaga mas terrificante suspeita se lhe assomou quanto a Rafaela, de quem nunca gostara, nutrindo-lhe uma desconfiança instintiva.

Durante alguns dias, Taíssa, literalmente, só comia e bebia. O organismo depauperado parecia insaciável. Assim, certa manhã, sentindo-se bastante forte, ela quis saber de sua fiel governanta o que lhe acontecera. A última narrou a Taíssa, com as devidas precauções, a história de seu mal, descreveu-lhe o sofrimento do príncipe, o seu amor pelo filho, do qual não quis se separar. A princesa, chorando de alegria e comoção, expressou a vontade de ver o quanto antes possível o marido e o filho. Taíssa quis telegrafar para Petersburgo; Verter, entretanto, prontificou-se a buscar pessoalmente a criança, que não confiaria a mais ninguém. Ela, porém, absteve-se de falar à princesa sobre as suas suspeitas, tampouco da conversa estranha de Dom César.

Deprimido, o príncipe aproximava-se da propriedade. Durante a viagem, Verter comentou que, a seu ver, a princesa tinha melhorado um pouco, pelo fato de ter-lhe voltado a razão, ainda que não tivesse certeza da real situação de seu estado, uma vez que o médico não vinha mais ao castelo, desenganado da cura de Taíssa. Ela falou também do marquês Gonzales, responsável pela melhora da princesa, que lhe disse para chamar o príncipe com o filho, e não comentar mais nada além daquela recuperação dela.

A melhora repentina da saúde da esposa, de cuja iminente perda ele estava conformado, perturbou o príncipe. Todos os seus projetos de uma nova vida com Rafaela estavam desmoronando, colocando-o em uma situação extremamente enganosa em relação às duas mulheres, se é que Taíssa sairia viva.

Pobre mulher! É claro que Leonid Dmitrievitch não desejava a sua morte. Ele se sentia feliz perto dela e a amava sinceramente. Mas será que algum dia ela iria se recuperar daquele terrível padecimento? Duas imagens contrastantes assomaram-se em sua mente: o cadáver meio vivo e de olhar mortiço de Taíssa, tal como ele a vira na última vez, e a figura cheia de vida de Rafaela.

O príncipe suspirou e passou a mão pela fronte, como que tentando afugentar pensamentos penosos. A despeito de tudo, ele

estava decidido a fazer todo o possível para tornar a esposa feliz, se ela saísse viva.

Em sua última visita, o castelo com suas janelas estores abaixados, mergulhado em silêncio lúgiubre, produziu-lhe uma péssima impressão. Agora tudo parecia diferente. Suas janelas em toda a fachada estavam escancaradas, o balcão estava decorado por flores e, no pequeno terraço, a prataria e o cristal guarneciam a mesa de refeições, rodeada pela criadagem azafamada. Tudo testemunhava que a jovem ama despertara do pesadelo que lhe agrilhoara a alma.

O príncipe desceu da carruagem e, com passadas meio impacientes, acompanhou a ama-de-leite e Verter, carregando seu filho em meio a rendas. Já no terraço, Leonid Dmitrievitch estacou atônito. Taíssa, de pé diante dele, parecia tão encantadora como antes. Um leve rubor tingia suas faces emagrecidas; seus olhos serenos, repletos de amor e felicidade infinita, fitavam o marido.

— Taíssa! Minha adorada! Como estou feliz em vê la boa! — exclamou o príncipe, cingindo a esposa nos braços.

Percebendo seu esgotamento físico por causa da emoção, o príncipe a fez sentar no sofá. Tomando de Vérter o filho, ele o colocou no colo da mãe, dizendo:

— Você ainda não viu o nosso Anatoly. Olhe que beleza de menino!

— Ele é seu retrato vivo! - observou Taíssa, cobrindo a criança de beijos.

Quando as emoções iniciais serenaram, o príncipe falou da incrível devoção de Rafaela cuidando de Anatoly. Ele já não se lamentava por seus esponsais frustrados. A proximidade de Taíssa lhe devolvia aquela paz harmônica, que regia a sua vida afetiva com ela.

— O quanto fui injusta com a pobre Rafaela! — lamentou-se ela. - Corrigirei o meu erro; serei para ela uma verdadeira irmã. Ela me ajudará a educar Anatoly.

Extenuada com as emoções vividas nesse dia, a princesa deitou-se cedo, mas, até que o sono profundo não lhe cerrasse os olhos, seu olhar não se despregou do filho, dormindo no berço ao lado de sua cama.

Assim que Vérter se convenceu de que Taíssa estava dormindo, ela pegou a carta de Dom César e a levou ao príncipe, sentado na sala de estar.

— O que poderia me escrever o marquês? — surpreendeu-se Leonid Dmitrievitch, pesando na mão um pequeno pacote.

— O marquês me disse que era um documento importante.

— Neste caso, ele deve estar pedindo um empréstimo - gracejou Leonid Dmitrievitch. — Ele não poderia ter escolhido uma oportunidade melhor! Eu lhe daria o seu peso em ouro por ter curado Taíssa.

Quando a governanta saiu discretamente, o príncipe abriu a carta e leu o seguinte:

“Príncipe! As páginas desta carta contêm a confissão de um moribundo, cujos dias estão contados. Escrevo, em parte, para aliviar a consciência e, em parte, para me vingar.

“Antes de mais nada, não sou nenhum marquês Gonzales, senão um pobre aventureiro, dotado pela natureza de um poder nefasto, chamado de hipnotismo. Chamou-me para cá o agiota Kunrad, avô de Rafaela, para realizar um trabalho escuso. Mas, antes, gostaria de fazer um relato sobre Rafaela, filha ilegítima da minha amasiada, a cortesã Tereza, ex-amante do conde Argunov.

“Tereza foi justamente a mulher responsável pela morte da primeira esposa do conde”.

Seguia-se, então, uma descrição detalhada da vida de Rafaela com os acrobatas e as suas aventuras escandalosas em Berlim. O espanhol ironizava que, para aquela hábil dançarina de cabo, as façanhas de sonambulismo eram coisa dc criança. Não foi à toa que os seus colegas de circo deram àquela criatura perigosa o apelido de “Cobra Capela”, cuja picada era mortal. Narrava-se depois a intriga diabólica, cujo objetivo era conquistar o coração e a mão do príncipe, por quem Rafaela estava perdidamente apaixonada.

Em seus propósitos maiores, ela nem sequer hesitou em matar o marido, envenenando-o pessoalmente.

Como prova daquilo, Dom César deixava com a carta um pequeno frasco com o vinho que sobrara no copo do conde, preservado para constituir a evidência material do crime.

Livre do conde, Rafaela exigiu que ele, usando de poderes hipnóticos, turvasse a mente da princesa, levando-a à morte, para tomar-lhe o lugar.

“Movido por cobiça e penúria, cumpri suas ordens - prosseguia Dom César -, ainda que parcialmente, dominado que fiquei pela paixão insana a Cobra, querendo-a para niim.Com esse objetivo, concentrei toda a minha força para evitar que o senhor se apaixonasse por ela. Mas Deus puniu-me pelos pecados. O poder que eu exercia sobre os outros, não pude reverter em proveito próprio. Todos os meus esforços em sugerir a Rafaela um amor por mim se mostraram infrutíferos; eu não consegui subjugá-la à minha vontade. Foram vãs as tentativas de conquistar aquela criatura estranha, aparentemente dócil, mas mais resistente que o aço. Estava derrotado”.

Descrevia-se, em seguida, a armadilha em que ele foi pego, os nomes e os endereços deTrembellini e Rupert Knopp — testemunhas do passado turbulento de Cobra.

“Tenho certeza de que essa serpente não mais morderá alguém” - assim finalizava o espanhol a sua longa confissão.

Pálido, aniquilado, banhado por suor frio, o príncipe terminou a leitura da terrível carta, revelando-lhe aquilo de que ele escapara.

Agora ele compreendia perfeitamente a química da luxúria, exalada por aquela flor do sorvedouro, alçada inopinadamente à luz do dia pelo conde. Por esse ato inconsequente, ele pagou com a vida. Seria também o fim de Taíssa, se não fosse a-sede de vingança do magnetizador. E se ele a houvesse desposado? Sem dúvida, o pequenino Anatoly também teria a mesma sorte da morte lenta e estranha, como a do avô.

Um arrepio gelado percorreu a espinha de Leonid Dmitrievitch. Ele se persignou e agradeceu a Deus por Ele tê-lo salvo daquele espírito do mal.

Com a mão trêmula, levantou o frasco que caíra no chão e o trancou junto com a carta na gaveta da mesa. Andando nervosamente pelo quarto, perguntava-se o que fazer. Como proceder com aquela viúva perigosa, legada do conde? A proximidade daquela serpente, pronta para dar o bote, significava um risco para a esposa e o filho; entregá-la às mãos da justiça — significava expor ao escândalo público toda a família e as suas próprias faltas.

Após pesar tudo, o príncipe resolveu abrir-se comTaíssa. Que ela decidisse a sorte da madrasta!

Sua intenção inicial era dar mais algum tempo para conversar com a esposa, até que ela ficasse mais forte. Mas transportada pela felicidade, tal qual pelo elixir da vida, a jovem recuperava-se a olhos vistos e tão forte e saudável, que, já no dia seguinte, ele não conseguiu conter a sofreguidão que o oprimia, e contou, com as devidas omissões, todos os fatos. O descobrimento da verdadeira causa da morte do pai foi um choque; só no dia seguinte, a jovem se acalmou o bastante para discutir com o marido o que eles fariam com Rafaela.

— Eu, particularmente, não pretendo denunciar os crimes daquela mulher, já que toda imundície virá à tona com a investigação, envolvendo o meu pai e o nome carregado pela minha desditosa mãe - disse Taíssa enxugando as lágrimas. - A condenação a trabalhos forçados da desprezível víbora não pode ressuscitar meu pai; de que adianta uma simples vingança? Tremo só de pensar em testemunhar nesse processo vergonhoso. Não haveria como obrigá-la a deixar defmitivamente a Rússia? Receio que ela trame algo contra nós.

— Creio que podemos obrigá-la a desaparecer daqui e tomar certas medidas que a desestimulem a nos fazer mal - observou o príncipe.

— Nesse caso, readquira dela a casa que pertencia ao meu pai. Quero-a como recordação. Pegue a importância necessária com o meu procurador.

— Está bem! Que seja assim como você quer! Amanhã eu parto para resolver tudo. Assim que eu tiver a certeza de que a víbora foi para o exterior, venho buscá-la com nosso filho e voltaremos para Petersburgo. Não descansarei, enquanto vocês ficarem longe de mim.

XX

Quando o príncipe chegou a Petersburgo, soube que Rafaela havia voltado de Chuvalovo algumas horas antes. Leonid Dmitrievitch decidiu vê-la imediatamente.

“Que tamanho de vela devo acender a esse pândego por ter ele me resgatado de sua ilustre esposa?” pensou ele, cruzando o corredor que unia os seus aposentos com os do conde falecido.

Rafaela estava em seu boudoir, bela e faceira, examinando as compras que acabara de fazer. Com a entrada do príncipe, a jovem correu para ele de braços abertos e perguntou, em tom preocupado:

— Como está a saude de Taíssa?

De súbito, ela parou empalidecida. Leonid Dmitrievitch parecia não ter notado os braços estendidos e a media com olhar sombrio e cintilante, cheio de desprezo.

Mas Rafaela não se embaraçava fácil.

— O que significa o seu comportamento e sua cara de poucos amigos? - inquiriu ela, franzindo soberbamente o cenho.

— Significa, condessa, que o seu falso marquês me mandou uma carta, denunciando todos os seus delitos — respondeu o príncipe, trancando ambas as portas do boudoir.

Rafaela ficou branca e recostou-se na mesa para não cair. Sua cabeça girava e parecia que aos seus pés se abrira um precipício insondável.

— Oh, vejo que a minha descoberta causou mais abalo aos seus nervos do que a própria morte de seu infeliz marido, que, desgraçadamente, tirou-a da sarjeta. Mulher decaída! Assassina!

Tentou matar uma mulher inocente para ocupar-lhe o lugar, atrevendo-se a fazer parte de uma família nobre e macular seu nome com delitos criminosos. Graças a Deus, sua máscara foi arrancada e a senhora está prestes a ser condenada a trabalhos forçados. Entregá-la-ei à justiça; compreende? Não me faltam provas para tanto.

Lívida, lábios azulados, sacudida por tremor nervoso, ouvia Rafaela as palavras cruéis e sarcásticas do príncipe, cujo rosto revelava todo o horror e o nojo que lhe sugeria a criminosa. Aos seus olhos, ela não passava de um réptil, chutado para a lama de onde saíra.

A condessa ouvia sem se mover ou dizer qualquer palavra. O seu olhar imóvel e anuviado parecia ter-se pregado no príncipe. Devido à intensa tempestade que se desencadeara em sua alma, Rafaela parecia petrificada. Ela se sentia uma utilidade atirada na lama, e tudo isso no momento glorioso em que julgava ter conquistado o seu homem e a riqueza. Jamais ela odiara tanto Leonid Dmitrievitch como naquele momento, quando o seu olhar, as suas palavras, ou seja - tudo evidenciava que o seu poder sobre ele estava irremediavelmente perdido. Em um esgar rouco — meio gemido, meio esconjuro -, ela se deixou cair na cadeira próxima e agarrou a cabeça com as mãos.

Cerca de um minuto, o príncipe ficou olhando calado para ela. Mesmo naquela hora, Rafaela estava bela — de uma beleza marmórea da Níobe{28} viva, um tanto estranha. Na pequena boca purpúrea, repousava utna expressão de sofrimento e desespero inexprimível. Mas o príncipe já se havia curado de seu enlevo.

— Recomponha-se! Ainda não terminamos; o que eu tenho a lhe dizer provavelmente será de seu agrado — disse Leonid Dmitrievitch, aproximando-se de Rafaela. - Para sua sorte, a senhora carrega legalmente o nome do conde. Infelizmente é impossível submetê-la ao merecido castigo, sem tornar pública uma infinidade de atos e delitos vis com que a senhora cobriu o nome

dos Argunov, revelando sua origem obscura e passado dissoluto. Por respeito à memória do pai morto, a minha esposa — sua segunda vítima — e eu decidimos nos calar, desde que a senhora não torne a aparecer na arena da sociedade, e, depois que deixar a Rússia, não cruze o nosso caminho. Para que a miséria não a obrigue a matar e roubar, nós lhe deixamos todo o patrimônio do conde, inclusive a casa, que a minha esposa comprará da senhora. Amanhã a senhora assina o contrato e recebe o dinheiro. Depois, terá um prazo de dois dias para pôr os negócios em ordem e fazer as malas. E assim, espero não vê-la nunca mais.

A medida que o príncipe falava, Rafaela se endireitava, como que renascendo para uma vida nova. Continuaria livre e rica; todos se calariam de seus crimes! Nem tudo estava perdido. Os mais ardilosos planos de vingança e novas intrigas fervilhavam em sua alma imoral. Somente uma coisa, em sua excitação, ela não levou em conta, ou seja: a de que seus pensamentos se espelhavam tão claramente em seu rosto, que o príncipe lhes entendeu o sentido.

— Está bem, eu concordo em desaparecer daqui para sempre - apressou-se a dizer a jovem.

Leonid Dmitrievitch sorriu sarcástico.

— Não depende da senhora concordar ou não com alguma coisa. Deve simplesmente obedecer as minhas ordens e abençoar sua vítima generosa, que a deixa ir embora, antes que os seus braceletes de ouro, ataviando as mãos delicadas, sejam substituídos por braceletes de ferro. Tratando-se de uma pessoa perigosa e sem escrúpulos como a senhora, tenho de tomar certas precauções. A senhora terá de assinai uma confissão completa de seus crimes, cujo texto eu ditarei. Esse documento, assim como as outras provas, ficarão guardados em lugar seguro. Uma pessoa de nossa confiança acionará a polícia, se alguém da família tiver morte súbita ou misteriosa, ficar estranhamente adoecido ou se, em nossa casa, acontecer algo de anormal. Assim, queira se sentar e escrever a confissão que eu quero. Eis a pena e o papel!

A exigência de assinar a confissão, que lhe iria restringir significativamente os apetites sanguinários e a deixariam à mercê do príncipe, deixou Rafaela possessa de fúria. Uma névoa sanguinolenta turvou seus olhos; dos lábios, emergiu uma espuma amarela. Ela queria falar, mas lhe faltava o ar. Sem conseguir se controlar mais, ela pôs se a rasgar a gola do vestido; seu aspecto, digno do apelido de “Cobra Capela”, causava calafrios. O príncipe, porém, nao tinha a intenção de esperar pelo desfecho da cena. Rispidamente, preveniu-a de que se ela não escrevesse a confissão de imediato, ele passaria o caso para a justiça, por mais que isso fosse duro para Taíssa.

A ameaça teve efeito. Tremendo feito vara verde, rosto pálido, salpicado de manchas vermelhas, Rafaela pegou a pena e pôs-se a escrever o que lhe ditava o príncipe, confessando ter envenenado o marido e ter contratado o falso marquês Gonzales para matar Taíssa. Depois de assinado o papel, o conde o leu e guardou no bolso do uniforme.

— Só lhe falta agora arrumar as coisas; amanhã, às três horas da tarde, esteja no cartório de Mikhailov. Lá, a senhora assinará o contrato de venda da propriedade Adrianovka e receberá o dinheiro. Depois, só lhe restará despedir-se da Rússia. Sua representação no papel de uma dama de alta- roda deixou a inebriada. Seja mais cuidadosa no exterior!

Sem dignar a jovem nem sequer com um olhar, Leonid Dmitrievitch deu as costas e saiu.

Uma verdadeira crise de cólera apoderou-se de Rafaela assim que ela ficou sozinha. Ela rolava pelo chão, arrancava os cabelos, mordia os móveis; só a perda dos sentidos pôs um termo àquele desvario.

Felizmente para Rafaela, ninguém da criadagem se atrevería a entrar no boudoir, salvo a arrumadeira, que ficara em Chuvalovo.

Quando Rafaela recuperou os sentidos, sua cabeça estava vazia e ela se sentia alquebrada. A muito custo, a jovem conseguiu chegar até a poltrona perto da janela, para tentar juntar as idéias. Junto ao portão do prédio, ela viu parar um cabriolé, do qual saíram dois homens, em quem reconheceu Trembellini e Rupert Knopp. Os dois entraram na casa. Rafaela, inutilmente, alimentou as expectativas de que eles fossem sair rápido. Mas, aparentemente, foram recebidos pelo príncipe.

Rafaela não se enganara. Leonid Dmitrievitch recebeu cordialmente os dois artistas. Estes disseram terem sido enviados por Dom César para relatarem o que sabiam do passado de Rafaela Kunrad, apelidada de “Cobra Capela”, agora conhecida como condessa Argunova.

O príncipe ouviu, pediu-lhes para escrever o depoimento, recompensou-os generosamente e dispensou-os. Ambos pareciam ter ficado muito satisfeitos, assegurando que se fosse necessário testemunhariam contra Rafaela.

A visão de seus antigos companheiros enfureceu Rafaela. Desejos mais insólitos fervilhavam em sua mente. Ela queria se enforcar, atirar-se no rio ou pela janela; mas a sede de vingança era maior. Foi então que ela se lembrou do avô. Ele saberia aconselhá-la naquela hora crítica. O velho, provavelmente, estaria em Petersburgo, pois informado da sobrevivência do espanhol prometera, na carta, voltar logo.

Rafaela lavou o rosto, arrumou o penteado e trocou de roupa. Na rua, ela contratou um cocheiro para levá-la ao avô.

Kunrad estava em casa. Ele parecia estar aguardando por ela e ouviu calmamente sua narração dos últimos acontecimentos. Vendo toda aquela exacerbação de Rafaela, ele disse, sacudindo os ombros:

— Imaginava-a mais forte, Rafa! Tão logo eu soube que o maldito espanhol escapara, avaliei o perigo e tomei as necessárias

medidas. Vendi a casa e todos os meus bens; estou pronto a deixar esse lugar desgraçado nem que seja agora. Aliás, a culpa foi minha. Eu devia ter-lhe aplicado mais golpes com o punhal, mas como ele me pareceu morto, não quis sujar o chão de sangue. Esqueci-me de que podia tê-lo asfixiado com as mãos.

— Que pena, vovô! Se você tivesse asfixiado aquela víbora, não estaríamos perdidos.

— Perdidos? Ora, você deve estar delirando; perdidos com a sua beleza e patrimônio! Com seu nome e título, você arranja fácil um outro marido — um príncipe. O mundo é grande, você poderá morar onde quiser. Se aquele idiota quer que você parta, vá o mais rápido que puder, antes que ele se arrependa! Vou lhe dar o endereço de um homem que lhe comprará todos os haveres. Não se esqueça de levar os brilhantes!

— Você tem razão, vovô! Hoje mesmo tentarei vender tudo. Amanhã vou tirar o passaporte estrangeiro e viajarei para Viena. Vou ver minha mãe, descansarei por lá e depois decidirei o que fazer.

— Excelente idéia! Vou com você; avise-me do horário do trem!

No dia seguinte, Rafaela vendeu para um judeu todos os haveres do conde: cavalos, carruagens, móveis, praia, obras de arte, entre outras coisas. Recebeu o dinheiro à vista. Ficou combinado que o comprador retiraria os bens adquiridos três dias mais tarde.

Rafaela se preparava para buscar o passaporte e depois passar no notário, quando lhe entregaram um envelope do príncipe, já com o passaporte pronto.

A jovem amassou furiosa o envelope e o atirou para um canto. Que impaciência sua de livrar-se dela, patenteando que ela não passara de uma diversão passageira! Oh, como ela o odiava! A vingança seria doce!

Rafaela passou a noite em seu boudoir. Naquele silêncio e solidão, agitando-se no quarto feito um tigre enjaulado, a exasperação do revés consumia-a sobremaneira. A fúria e o desespero por ter perdido a posição ilustre e o amor do príncipe maceravam-lhe o coração. Um amor simplesmente não correspondido seria bem melhor do que o modo com que ele a tratava.

O que ela construíra para si desmoronou; era necessário recomeçar tudo de novo. Seus desígnios criminosos deram em nada; desmoralizada e humilhada, de pés e mãos atados, ela seria banida. Taíssa estava viva e recuperada (esta informação ela recebera de um dos criados do príncipe), fruindo da ventura de possuir o homem que ela, Rafaela, amava. Ou seja: Taíssa saiu-se vitoriosa e, em seu júbilo arrogante, dava-lhe de esmola a liberdade, não por interesse dela, Rafaela, mas para salvaguardar a reputação dos Argunov.

Com um gemido rouco, Rafaela se atirou no sofá e cobriu o rosto com as mãos. Só de pensar no triunfo de Taíssa, na felicidade escapando, um verdadeiro furor revolvia-se na alma indisciplinada e concupiscente da jovem. Das profundezas lúgubres daquele coração, foram assomando-se todos os gênios malévolos do ódio, vingança e desprezo pelas leis divinas e humanas, sussurrando conselhos pérfidos à sua aprendiz obediente.

Quando, finalmente, Rafaela se empertigou altiva, em seu rosto lia-se uma decisão diabólica e firme. Com o olhar flamejante, sentou-se à escrivaninha e escreveu unia longa carta a Taíssa, descrevendo minuciosamente o seu relacionamento íntimo com o príncipe. Cada palavra era meticulosamente calculada para ferir os ciúmes, o amor próprio e a dignidade de esposa. A carta finalizava com os dizeres de que, quando Taíssa a recebesse, o príncipe já estaria morto e, quanto à forma da morte, ela só saberia no dia do enterro.

Após selar e endereçar a missiva, Rafaela foi ao vestíbulo e colocou-a sobre a mesinha de correspondência; todas as cartas seriam levadas ao correio na manhã do dia seguinte. Essa prática foi introduzida pelo conde, que escrevia praticamente todas as noites.

Ato contínuo, a condessa foi ao antigo gabinete do marido, onde pegou um estilete italiano. Escondendo-o nas dobras do vestido, Rafaela atravessou rapidamente o corredor que levava à parte dos aposentos de Taíssa. Cega de ódio, ciúmes e fúria incontrolável, ela decidira matar o príncipe, mesmo se arriscando, só para não deixá-lo para Taíssa.

Rafaela sabia que o príncipe tinha retornado às dez horas e depois não saiu mais. Eram cerca de três horas da madrugada e o príncipe, provavelmente, estaria dormindo; sua morte só seria notada de manhã.

Porém ela estava enganada. Sua cama vazia nem sequer estava amassada. Pela porta entreaberta do gabinete, a condessa viu o príncipe sentado de roupão à escrivaninha, escrevendo algo. A luz do abajur rosa realçava suas madeixas negras e o perfil fino e soberbo.

Rafaela estacou estremecida. Por alguns instantes, a paixão e ódio se enfrentaram, mas este último triunfou. O perigo de acabar nas mãos da justiça por um novo homicídio, e perder tudo, perdia sua relevância, dado o ódio violento que lhe enchia o coração.

— Antes morrer com ele do que deixá-lo à rival odiosa!

Taíssa haveria de arrepender-se por ter ficado boa e chorar as lágrimas da viuvez por ter frustrado seus planos. Ainda que ela sacrificasse a sua própria vida, valeria a sua vingança. Ela não deixaria a Taíssa nada além de seu título de princesa, conspurcado pela certeza de que, apesar de sua beleza, origem e posses, o príncipe entregou-se a ela, Rafaela, tornando-se seu noivo com a rival ainda viva.

Como uma lagartixa, Rafaela deslizou em direção da escrivaninha e ergueu o estilete. Mas o ouvido aguçado de Leonid Dmitrievitch captou o farfalhar do vestido de seda. Ele se virou surpreso e mal teve tempo de desviar o corpo para trás na tentativa de evitar o golpe mortal. Não obstante, o estilete pegou seu ombro. Ao mesmo tempo, o príncipe agarrou firmemente a mão da jovem que, debatendo-se feito pantera, tentava atingi-lo novamente, revelando uma força insuspeitada para aquela criatura frágil e delicada.

Apesar de ferido, Leonid Dmitrievitch levou vantagem. Finda uma luta de cerca de dois minutos, ele arrancou o estilete de Rafaela, derrubou-a no chão e segurou-a deitada no tapete.

— Desprezível! O que eu lhe fiz para você tentar me matar? Bem, a minha paciência se esgotou! Que a justiça apare suas garras e lhe arranque as presas, sua víbora maldita!

Segurando Rafaela com uma mão, ele procurou pelo interruptor de luz.

— Por que eu quero matá-lo? É porque o amo perdidamente, mas o destino voltou-se contra mim - gritou Rafaela, em voz rouca.

Os seus lábios tremiam e o corpo se sacudia.

— Todos se curvaram à minha beleza! - prosseguiu ela. — Somente você é ingrato e insensível. Passei por todos os obstáculos só para pertencer-lhe legalmente. Dê-me o estilete! Eu o cravarei no meu peito e colocarei um termo à minha existência arruinada e humilhada.

Sua voz cortou-se; ela caiu no tapete, fechou o rosto com as mãos e desfez-se em pranto convulso.

Perplexo e embaraçado, esquecendo do ferimento, o príncipe mirou aquela criatura perigosamente sedutora, jazendo aos seus pés. O horror e a piedade nele se enfrentavam. Era o amor, inspirado por ele, que induzira para o ato insano aquele ser selvagem e luxurioso, que crescera fustigado pelos açoites, à mercê

das tentações e perigos que espreitam a juventude e a beleza! Aquela mulher criminosa mal completara vinte anos!

Após um silêncio oprimente, o príncipe guardou o estilete na gaveta da escrivaninha e, aproximando-se da jovem, fê-la levantar-se.

— Volte a si, Rafaela, e não ponha tudo a perder! disse ele, sem raiva. — Não posso condena-la, pois você pecou por amor a mim. Perdoo o seu ato. Ninguém saberá o que aconteceu esta noite. Vá embora daqui, conforme foi combinado. Você ainda é uma criança e já está na iminência de ser condenada a trabalhos forçados. Logo você se esquecerá de mim e começará uma vida nova. Tente melhorar e se redimir com um arrependimento sincero. Caso contrário, seus crimes deixarão um rastro de sangue e você será alcançada pela ira da Nêmesis{29} divina. A Providência já lhe provou que sabe salvaguardar os inocentes.

Rafaela ouvia-o com expressão de desespero lúgubre no rosto. Subitamente, ela se pôs de joelhos e, com um gesto impetuoso, abraçou-se ao príncipe e balbuciou em voz entrecortada:

— Mate-me, Leonid, com a mesma arma que ousei erguer contra você. A morte redimirá meus pecados; vinda de sua mão, ela será branda e agradável.

Rafaela jogou a cabeça para trás; seus cabelos, que se desprenderam durante a luta, emolduraram em auréola dourada seu rosto pálido, apenas animado por olhos esverdeados, a arderem em chama febricitante e fitando o príncipe com uma expressão de desespero indescritível.

— Acabemos com essa cena, Rafaela! Ela é cruel e dispensável - disse em tom cansado Leonid Dmitrievitch. - Você sabe perfeitamente que eu não posso matá-la, da mesma forma como não posso amá-la. Entre nós está Taíssa e o espectro de seu marido. Se você realmente me ama, vá embora sem escândalos, por respeito ao nome que carrega. Eu a perdoo em memória

daquelas horas em que você me pertenceu e que eu a amei, ainda que com sentimento impuro, mas amei. Não me obrigue a tomar outras providências! Vá, e que Deus a ajude a merecer o perdão dos céus!

Rafaela nada respondeu. Por cerca de um minuto, ainda permaneceu de joelhos, recostando a cabeça no príncipe. Em seguida, agarrou a mão dele e a premeu contra seus lábios incandescentes. Pondo-se rapidamente de pé, saiu correndo do quarto.

Leonid Dmitrievitch ficou algum tempo imóvel e pensativo, depois trancou a porta e só então reparou que seu braço estava sangrando. Ao tirar o roupão, verificou um ferimento longo, mas não profundo, estendendo-se do ombro ao braço.

O príncipe aplicou uma compressa fria no ferimento e mandou o mordomo chamar um cirurgião conhecido que morava na vizinhança.

O médico veio imediatamente e fez um curativo; o ferimento não era perigoso, pois o corte limitou-se à carne, sem atingir nenhum osso. Ele assegurou ao príncipe que o corte cicatrizaria em alguns dias; surpreendeu-se de ver como o paciente pôde ter-se arranhado tanto.

— Fui mordido por uma cobra - pilheriou Leonid Dmitrievitch, rindo.

De manhá veio Kira; ela estava preocupada com Rafaela pelo fato de que a jovem saíra por algumas horas e, em dois dias, ainda não voltara. Ela encontrou o irmão de tipóia e quase desfaleceu de horror, quando soube de toda a verdade.

No dia seguinte, mal o médico deixou a casa do príncipe, após lhe fazer um novo curativo, a este entregaram o cartão de Hugo Reshberg, que suplicava ao príncipe conceder-lhe alguns minutos. Leonid Dmitrievitch gostava do jovem pintor e o respeitava. Achando que Hugo tivesse algum pedido importante, o príncipe ordenou que

ele fosse levado a seu gabinete. O aspecto perturbado de Hugo confirmava aquela suposição. Qual não foi a surpresa do príncipe, quando soube que o jovem viera só para perguntar o motivo da repentina saída da condessa e da venda de todos os seus móveis, que, naquele minuto, estavam sendo carregados.

— Terá o senhor algum motivo para se interessar pelos assuntos da condessa? Seja sincero e esteja certo da minha discrição! - disse o príncipe, após um minuto de reflexão.

— Sim, tenho! Ela é minha noiva e prometeu casar-se comigo, assim que terminasse o prazo do luto — respondeu Hugo, nervoso.

“Eis mais uma vítima daquela megera! Mas, por que ela daria falsas esperanças a esse pobre jovem?” pensou Leonid Dmitrievitch.

Estendendo a mão ao pintor, ele acrescentou:

— Sente-se, meu amigo, e procure ouvir calmamente o que acho seja meu dever confiar-lhe, ainda que isso seja um segredo de família. Talvez a minha sinceridade possa lhe ajudar a esquecer a mulher fatal, que se permitiu um jogo tão cruel e leviano com o senhor.

Em palavras resumidas, mas nada omitindo, o príncipe contou ao pintor a terrível intriga de Rafaela, que quase dera certo. Falou ao jovem da paixão dela por ele, principal causa de todos os seus delitos.

— O senhor pode se felicitar por ter escapado daquela coquete. Apesar de sua beleza, ela é uma criatura pérfida, cruel e perigosa - uma verdadeira Cobra Capela, cuja picada é mortífera — concluiu Leonid Dmitrievitch.

Hugo ouvia sem interromper o príncipe. Ele estava pálido feito um pano branco; ao redor de seus olhos formaram-se círculos escuros, seus lábios tremiam. Mal o príncipe terminou de falar, Hugo pendeu a cabeça desfalecido.

Quando Hugo voltou a si, o príncipe, imensamente preocupado, tentou confortá-lo e o convidou a passar alguns dias no castelo de Rodenberg, para se recuperar do terrível golpe, em um ambiente de amigos.

Hugo agradeceu, mas declinou do convite. Voltando apressado para casa, mergulhou em pensamentos tristes. Seu semblante anteriormente alegre e franco adquiriu uma imobilidade estranha; nos seus lábios, repousava uma severa prega de amargura. Cerrando os punhos, resmungou:

— Então é assim! Não passei para você de um simples brinquedo e passatempo?! Ou apenas lhe servi para um propósito desconhecido e ignóbil! E você acha que pode me descartar a qualquer hora? Não, Cobra Capela, retribuirei sua picada com a picada! Hei de achá-la e você pagará caro por brincar com os meus sentimentos.

Três dias depois, ainda um pouco debilitado por causa do ferimento, o príncipe viajou para o castelo de Rodenberg, impaciente que estava para ver a esposa e o filho. Ele não avisou Taíssa de sua ida, querendo fazer uma surpresa. Qual não foi a sua estupefação ao presenciar dois criados carregando malas no interior da carruagem atrelada. O príncipe informou-se com o criado qual o motivo daquilo e soube que a princesa estava de saída para Petersburgo. Cismado, ele apressou-se em entrar. Teria Taíssa sabido de seu ferimento?

Mal Leonid Dmitrievitcb pôs os pés na primeira sala de estar, viu saindo do quarto anexo Verter e Taíssa, pálida e nervosa. Ao topar com o príncipe, a governanta soltou um ai e recuou, como que assombrada por um fantasma; Taíssa perdeu os sentidos.

Assustado, sem entender nada, Leonid Dmitrievitch deitou a esposa no sofá. Enquanto as criadas a faziam voltar a si, Verter, já mais calma, contou ao príncipe que um dia antes viera uma carta de Rafaela, dizendo, entre numerosas injúrias, que, quando esta fosse lida por Taíssa, o seu marido já não estaria vivo.

Essa última perfídia de Rafaela excedia todos os limites e desencadeou em Leonid Dmitrievitcb um verdadeiro acesso de fúria.

Quando Taíssa se recuperou, abraçou-se ao marido e sussurrou:

— Graças a Deus, você está vivo! Só um monstro em forma de gente poderia urdir uma vingança assim!

— Sim, querida! Como você vê, estou são e salvo, apesar do atentado ter existido. Parece que para culminar o ato ignóbil ela lhe escreveu uma carta caluniosa. Você pode me mostrá-la?

Fúria e vergonha assaltavam o príncipe, ao percorrer as linhas que narravam suas aventuras com a condessa.

— Juro-lhe, Taíssa: isso é mentira e calúnia! Oh, maldita Cobra! Se soubesse, não teria dado liberdade a ela! - gritou ele, tremendo de ódio.

A princesa fitou-o com olhar enuviado e melancólico e balançou a cabeça.

— Vamos esquecer de tudo, já que Deus, em sua misericórdia, conservou-nos salvos. E você, Leonid, não se justifique e, sobretudo, não minta! Apaguei o passado e não quero que você me faça um relatório dele. O importante é que você está vivo e temos de pensar no futuro. Ademais, temos um filho por quem, por amor, devem ser esquecidas todas as desavenças e amarguras.

Taíssa sorriu melancolicamente e acrescentou, repousando a cabeça no ombro do marido:

— Não quero ser tão severa com você, como foi a minha mãe com o meu pai. Você, por sua vez, não será tão leviano como ele. Está bem?

Emocionado e meio constrangido, Leonid Dmitrievitch apertou Taíssa ao peito, cobriu-a de beijos e jurou fidelidade eterna.

Esperemos também nós, junto com Taíssa, que ele mantenha a palavra!

***

Rafaela viajou alquebrada por seus acessos de fúria e emoções vividas. Na fronteira, por ela esperava o velho Kunrad. Ambos iriam a Viena, pois a jovem não quis mudar seus planos. Seu desejo era exibir-se à mãe como condessa Argunova, consorte legal daquele conde Argunov, seu ex-amante, a quem não soube segurar. Ela não sabia do concubinato de Dom César com a mãe.

Durante a viagem, o lenimento de Rafaela era imaginar a fúria de Taíssa e a cena turbulenta em consequência de sua carta. Ela chegou até a pensar na hipótese da separação definitiva do casal.

Rafaela ignorava o fato de que sua carta tinha chegado atrasada. A azáfama da criadagem, provocada por causa de sua partida, da venda dos móveis, do ferimento do príncipe e outros acontecimentos misteriosos, foi tão grande que os criados se esqueceram por completo da carta e a mandaram só alguns dias depois.

Tereza Kunrad vivia em um dos subúrbios de Viena em uma grande casa ajardinada. Uma enorme placa anunciava que ali se localizava um restaurante: “Momentos Alegres”. O restaurante, porém, não passava de um cabaré de má fama, servindo de abrigo a mulheres mundanas. A própria Tereza estava gorda e envelhecida, mantendo-se rosada graças aos cosméticos.

Naqueles dias, Tereza estava longe de seus bons humores: Dom César voltara alguns dias antes com uma aparência tão doentia, que ela julgou por bem chamar um médico, cujo parecer foi o de que os dias do enfermo estavam contados. Apesar do ódio que ela tinha pelas escapadas do amante e pelo frequente roubo de suas jóias, penalizou-a o estado dele. Seu coração amoleceu por definitivo, quando Dom César a brindou com uma bela soma em dinheiro e narrou as aventuras da filha. O sucesso de Rafaela excitou, na alma

da velha cortesã, mais ódio do que alegria. Ela sentiu um profundo desprezo pelos crimes da filha e, intimamente, enaltecia-se por nunca se ter envolvido com satanás.

A vinda inesperada de nossos viajantes causou a Tereza mais estranheza do que júbilo. Ainda assim, ela recebeu o pai com uma expressão de afabilidade oficial. O velho, conforme suas próprias palavras, trouxera consigo todas as suas posses. Ele estava tão idoso e caquético que, sem dúvida, não faria esperar muito pela herança.

Ela beijou Rafaela simulando alegria maternal; no íntimo, a vinda da filha era motivo de inveja e ódio.

Com que intuito teria vindo? Deixe estar, ela e o seu queridinho papai teriam uma bela surpresa ao se virem frente a frente com sua vítima, que acabou tirando a desforra, obrigando a ilustre condessa a fugir do palco de suas atividades. Que tolice deixarem escapar essa criminosa!

Os três encetaram uma conversa, fingindo afeição recíproca; Tereza se ausentou para dar ordens para o jantar. Rafaela foi dar uma volta pela casa e jardim. A jovem estava pensativa. O reencontro com a mãe foi frustrante. Ela a achou muito vulgar e desleixada com a aparência. Até as suas maneiras eram indecentes.

Na lembrança, a jovem tinha de Tereza uma imagem diferente. Ela até cogitara em fazer da mãe uma parceira, o que se afigurava chique para uma viúva jovem e nobre. Mas, ao reencontrar a sua genitora, abandonou os planos e decidiu deixar, o mais rápido possível, aquela parentalha comprometedora.

Rafaela ficou andando placidamente pelas trilhas de um pequeno jardim isolado; do lado oposto, um grupo de pessoas jogava, ruidosamente, boliche. De chofre, ela estremeceu e parou petrificada. No interior de um pequeno terraço, toldado por tecido

listrado, ela viu afundado na poltrona o seu inimigo mortal - Dom César.

A visão daquele patife, que a desmoralizou e fez ruir no nascedouro o seu glorioso porvir, desencadeou-lhe uma cólera incontrolável. Não lhe assaltou a mente qualquer sentimento de pena por aquele homem, provavelmente estertorando em consequência do ferimento recebido do velho Kunrad. Ela queria matá-lo de novo.

Em dois pulos, Rafaela viu-se no terraço e assomou-se diante do espanhol, não menos perplexo em encontrá-la ali.

— Maldito! Maldito! Então foi aqui que você veio para dar seu último suspiro, seu calhorda! - sibilou ela, com o olhar flamejante e de punhos cerrados. - Seu pobretão ingrato! Eu o vesti como gente e paguei os seus serviços a peso de ouro. E você me retribuiu o bem, traindo-me? E por quê? Porque eu não quis seu amor asqueroso. Como se atreveu, cão miserável, a levantar os olhos para a condessa Argunova?

Sua voz se entrecortou e ela, positivamente, sufocava de ódio.

A chuva de ofensas transfigurou o rosto do espanhol; tentando dominar-se, ele riu roucamente e disse:

— Acalme-se, ilustre condessa! A raiva fará mal à cútis de seu rosto e em nada mudará sua condição vexatória de ser posta na rua pelo príncipe. Há-há-há! Vagabunda de cabaré! Acrobata! Dançarina de cabo! Sonâmbula! Você era boa para mim e ruim para o príncipe.

Todo o corpo esbelto e airoso de Rafaela tremia febricitante pelo violento acesso de cólera. Atirando-se sobre Dom César, seus dedos delgados, mas fortes feito tenazes, agarraram o pescoço do espanhol. Espumando pela boca, ela gritou em voz surda e entrecortada:

— Você ainda ousa rir? Chegou a minha vez. Sinta só como me agrada o seu amor! Morra, serpente! Eu o asfixiarei com estas mãos

que você diz adorar. Antes, porém, devolva-me o dinheiro! Eu o paguei para me servir e ficar calado e não para você soltar a língua e me trair.

Já estando por demais debilitado, Dom César sufocava sob as mãos férreas a asfixiar-lhe a garganta, tentando desvencilhar-se inutilmente. Sem dúvida, Rafaela teria perpetrado suas ameaças se, naquele instante, não tivesse aparecido Tereza em companhia de Kunrad no terraço.

Tereza ouviu as últimas palavras da filha e, feito uma fúria, lançou-se sobre ela.

— Vagabunda! Assassina! — gritou ela em voz penetrante. — Como ousa fazer isso na minha casa? Você quer me envolver com a polícia e desacreditar a minha instituição?

Tereza agarrou Rafaela e tentou desgrudá-la de Dom César. Mas, como esta não soltava a sua vítima e o espanhol já começava a rouquejar, Tereza segurou a filha pelos cabelos.

— Ah, você quer matar o meu amante e lhe tirar o dinheiro ganho honestamente!

A condessa virou-se rápida.

— Ganho honestamente? Não, ele não o mereceu, ele me traiu e tentou me impingir o seu amor asqueroso!

— Como você se atreve a dizer isso, sua caluniadora desavergonhada? Foi você, vagabunda, que tentou seduzi-lo e, quando ele quis resistir, você tentou matá-lo - rugia Tereza, sufocando-se de ódio.

Rafaela soltou uma sonora gargalhada.

— Eu, a condessa Argunova, noiva do príncipe Ardagan, é que tentei seduzir esse vagabundo, esse pobretão!? Nenhuma culpa tenho se ele me preferiu a uma velha, empanada de maquiagem e obesa como você!

Mal Rafaela teve tempo de pronunciar as últimas palavras e sentiu uma forte bofetada na face. Fora de si por causa dessa humilhação, a jovem lançou-se sobre a mãe. Iniciou-se uma verdadeira batalha. As maldições choviam de parte a parte. Deus sabe como teria acabado aquela cena repugnante de agressividade vulgar de ambas as megeras, se o velho Kunrad não interferisse.

Com uma força que ninguém poderia nele supor, o velho separou as mulheres, bradando colérico:

— Vocês estão loucas? Por que criar um escândalo por causa desse cão desprezível, que a qualquer minuto virará um defunto? Você, Rafaela, parece pedir por trabalhos forçados na Sibéria. E você, Tereza, melhor seria não revolver o passado! Ah, tomara que esse canalha não venha a querer morrer agora! Isso seria deveras desagradável! — vociferou ele.

Em seguida, pegando da mesa um copo com água, o velho correu até o espanhol, estendido no chão, semi-inconsciente. O sangue jorrava-lhe do canto da boca.

Enquanto ele cuidava de Dom César, as duas fúrias retomavam o fôlego, trocando palavrões.

— Bem, agora acho que ele aguenta mais uns dois ou três dias - disse Kunrad ao ver que, aos poucos, o espanhol começava a voltar a si. — Depois, o diabo lhe carregue a alma! Se ele não tivesse estragado tudo, a nossa pequena Rafaela seria uma rica princesa.

Kunrad e Rafaela deixaram o terraço; Tereza levou o espanhol ao quarto, endereçando à filha os mais diversos impropérios.

Rafaela, furibunda com o acontecido, não quis ficar nem mais um momento na casa da mãe. Mudou-se imediatamente para um hotel e, no dia seguinte, viajou para a Itália.

Kunrad ficou na casa da filha. Ele se sentia ali mais à vontade do que junto de sua neta com ares de aristocrata. Quanto a Dom

César, este morreu dois dias depois de uma nova hemorragia na garganta.

Epílogo

Passaram-se três anos desde os acontecimentos descritos no capítulo anterior. Era um dia maravilhoso em Palermo. Diante do portal da magnífica igreja de São Domênico, perfilavam-se elegantes carruagens; uma enorme multidão juntara-se, aguardando a saída dos recém-casados, já que àquela hora, no interior da igreja, celebrava-se o casamento de um rico aristocrata siciliano, príncipe Scipião M., com uma jovem viúva, incrivelmente bonita.

Entre os curiosos que se apinhavam no pátio estava um homem ainda jovem, magro, e aparentemente mal de saúde. Seus trajes, negligentemente vestidos, eram limpos; os cabelos e a barba apresentavam-se desgrenhados. O brilho febril de seus olhos e um tremor nervoso dos lábios apontavam a sua excitação interior, para a qual, aliás, ninguém dava a mínima atenção.

Era difícil reconhecer naquele homem doente o famoso pintor Hugo Reshberg, outrora bonito e elegante, querido e respeitado por aqueles que o conheciam por seu talento e caráter maravilhoso. Entretanto, era ele. Três anos foram bastante para fazer dele uma pessoa doente, sem esperanças, como costumava dizer Taíssa, que, juntamente com o marido, tentava inutilmente fazê-lo esquecer-se da paixão fatídica e orientá-lo no caminho do trabalho, que poderia proporcionar-lhe algum descanso.

Nada, no entanto, ajudava. Para aquele organismo jovem, a picada da Cobra Capela fora, sem dúvida, mortífera. Seu desejo de reencontrar aquela que o humilhara cruelmente, tirando-lhe a paz e destruindo a sua felicidade, tornou-se tão obsessivo que Hugo era incapaz de qualquer atividade regular.

Revelando uma incrível persistência, sacrificando suas economias em viagens sem fim, ele procurava por Rafaela, sem conseguir

achá-la em nenhum lugar. Graças a algumas pistas de sua mãe, descobriu o endereço de Tereza Kunrad em Viena e, por ela, soube que o velho agiota morrera alguns meses depois da mudança para a Áustria. Quanto à canalha de sua filha, Tereza certificou-o de que ignorava seu paradeiro.

Ainda que debilitado e doente, Hugo não perdia, porém, a presença de espírito e continuava energicamente a busca. Ele apenas se tornava cada vez mais sombrio e sua excitação nervosa aumentava.

Finalmente, um acaso colocou-o repentinamente em sua pista. Na época, ele estava em Roma. Vagando pelos jardins da vila Médici, encontrou um grupo de pessoas passeando, que palreavam animadamente sem lhe dar atenção. Hugo também mal as dignara com um olhar, quando o nome Argunova repentinamente pronunciado o fez estacar e apurar os ouvidos.

Uma das damas contou ter conhecido, reecentemente em Nápoles, a bela condessa Argunova, vinda ao exterior após a morte do marido. A condessa disse-lhe estar morando em Palermo, noiva do príncipe M., de casamento já marcado.

No mesmo dia Hugo viajou para a Sicília. A idéia de que Rafaela, finalmente, fosse lograr incólume o seu objetivo de se tornar princesa, fazia o pintor tremer de indignação e ódio.

Hugo estava em Palermo fazia dois dias. Não lhe foi difícil obter as informações que faltavam. Ele até viu de relance a condessa passando de carruagem com o noivo. Hugo, agora, estava no pátio da igreja. Seus olhos esbugalhados não se desgrudavam da porta; um sorriso de escárnio vagava por seus lábios ao ouvir os sons do canto e do órgão vindos da igreja.

Subitamente a multidão se agitou. Da igreja, foram saindo algumas pessoas. Atrás, surgiram os recém-casados. Ele era um homem bem apessoado, de uns quarenta anos; ao seu lado, Rafaela caminhava bela qual um sonho, em seu vestido de rendas

caríssimas, com rosas brancas nos cabelos ruivos. Orgulho e triunfo cintilavam em seus olhos esverdeados.

Hugo ergueu o braço. Ninguém notou que ele empunhava uma pequena pistola, semelhante a um brinquedo. Subitamente, ouviu-se uma voz rouca e penetrante:

— Morra, sua cobra, que me humilhou tanto! Que as suas mordidas não prejudiquem mais ninguém!

Nesse instante, ouviu-se um tiro. Rafaela, com os olhos arregalados e imotos, estendeu as mãos para frente e caiu no piso de pedra. Pelo seu vestido alvo, escorria um filete de sangue.

Formou-se uma enorme confusão. Todos se lançaram sobre o assassino. Este não opôs qualquer resistência. Seu olhar, ardendo de ódio, pregara-se na sua vítima. Quando esta foi levada, ele estava inconsciente.

Hugo não negou o seu crime. Julgado mentalmente insano por seu comportamento estranho, foi internado em um hospício. Lá, algumas semanas depois, uma tuberculose galopante levou-o ao túmulo.

Rafaela só resistiu até a noite, ainda que conseguissem retirar a bala. Quem compreenderia a sua fúria e desespero, ao assomar à sua mente a consciência de ter criado a arma, cujo tiro saiu pela culatra, atingindo-a no clímax de seu sucesso?

Hoje ela descansa em Nápoles, no Campo Santo Nuovo, atendendo ao seu desejo expresso em tom de gracejo: o de desfrutar, na morte, da vista maravilhosa para a Campania, Vesúvio e toda a paisagem napolitana.

O marido ergueu-lhe um majestoso mausoléu de mármore branco, guarnecido com seu busto, em cuja base uma inscrição descrevia o seu fim trágico e prodigalizava suas virtudes. Os passantes admiravam aquela linda cabecinha e inconformavam-se com sua morte trágica e prematura pela mão de um insano, sem

suspeitarem de que, sob aquela lápide enganosa, jazia a perigosa Cobra Capela, punida pela Nêmesis celeste.

ISBN 85-86474-29-0

9 788586 474293

LÚMEN EDITORIAL

Fim

Súmula

Contracapa

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

Epílogo

{1} Espécie de sopa russa com repolho azedo.

{2} Alusão ao principal personagem da comédia “O Avarento”, de Molière. - N. T.

{3} De russo: pirojók - sing. Espécie de pastel assado no forno, normalmente com recheio de carne ou repolho.

{4} Região a sudoeste de Riga, que desde 1795 pertencia ao Império Russo; foi anexada à Letônia, em 1920. N. T.

{5} Divindade infernal. - N. T.

{6} Antiga Tbilisse, capital da Geórgia. - N. T.

{7} Região a oeste da Ucrânia. - N. T.

{8} Alusão às najas, que, quando excitadas, dilatam a pele do pescoço, formando uma espécie de capuz. - N. T.

{9} Mitol. gr.: Monstro de 100 olhos, 50 dos quais estavam sempre aten¬tos. E o símbolo da vigilância. — N. T.

{10} Antigo nome de Tallinn, capital da Kstônia. N, T

{11} Alusão a Marcus Porcius Cato, político romano que professava o estoicismo. - N. T.

{12} Nome dado às sacerdotisas de Vesta, que conservavam o fogo sagrado da deusa e eram obrigadas a manter a castidade, N. T .

{13} Provável alusão ao poema “O Demônio” (1841), de Mikhail Iurievitch Lermontov - poeta e escritor russo do século passado. - N. T.

{14} (14) Ópera de Rubinstein (1871), baseada no poema de Lermonrov. - N. T

{15} Casa de campo, na Rússia. N.T.

{16} Designação que os judeus dão aos indivíduos ou povos não judeus. - N. T.

{17} De judaico, reunião, encontro. - N. T.

{18} Capital do Azerbaijão, grande produtor de petróleo. - N. T.

{19} Cidade na margem do golfo da Finlândia. - N. T.

{20} Mitol. gr.: Divindade que presidia ao casamento e núpcias N. T.

{21} Hospital parisiense destinado a indigentes, mulheres de má famaa e mulheres condenadas à prisão. - N. T.

{22} Antigamente um subúrbio litorâneo de Petersburgo, atualmente chamado de Petrodvorets. - N. T.

{23} Pela tradição russa, o oferecimento de pão e sal na bandeja indica bos-vindas. - N. T.

{24} Na Odisséia de Homero, Círce é uma feiticeira que transforma seus companheiros em porcos. - N. T.

{25} Mitol. gr.: Deus marítimo, filho de Netuno e Anfitriic. N.T.

{26} Divindade mitológica inferior que presidia aos rios e às fotes; a ninfa dos rios e das fontes. - N. T.

{27} Bairro longínquo de Petersburgo; literalmenre: Posto FRONTEIRIÇO de Moscou - N. T.

{28} Mitol. gr.: Filha deTântalo e de Pélops, transformada por sua grande de tristeza em rochedo. — N. T.

{29} Mitol. gr.: Filha de Erebo e da Noite, deusa grega da vingança e da justiça implacável e punitiva. - N. T.

Table of Contents

Contracapa
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
Epílogo